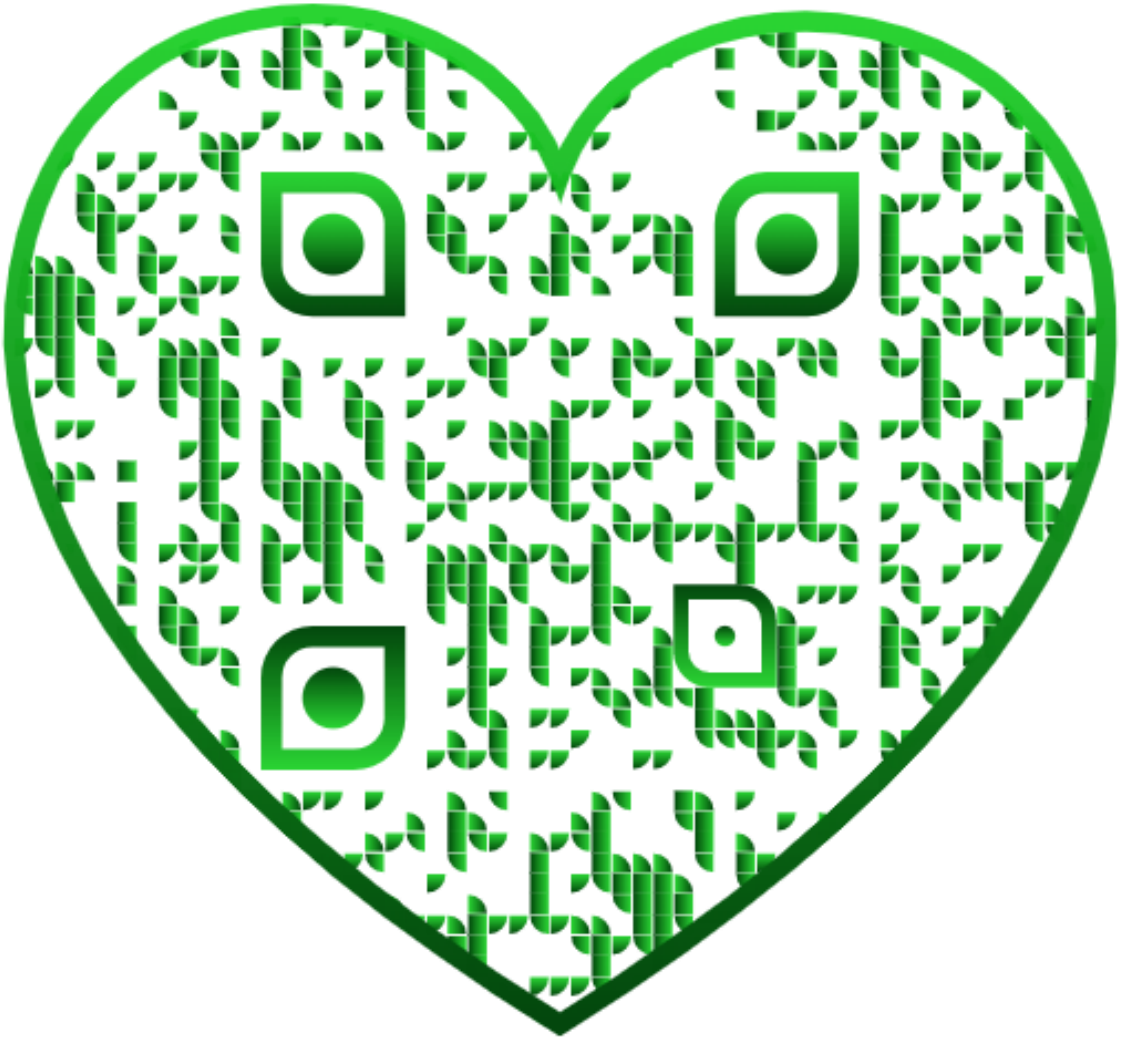
J. O. BROOK & L. B. BROOK

Juilliard

A ARTE DO AMOR



J. O. Brook & L. B. Brook

Julliard
A arte do amor

Copyright©

Copyright © J. O. Brook & L. B. Brook
Selo de entretenimento da Editora DreamBooks

Direção Editorial – João Ribeiro
Revisão - Ivna Oliveira
Arte e Capa – Murillo Magalhães
Diagramação – Emilly Amite

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Ficha Catalográfica feita pela Editora)

Brook, J.O.L.B.
Julliard – A arte do amor / J.O. Brook – L.B. Brook/ 1º ed. – São Paulo:
DreamBooks – 2018
1. Literatura Brasileira 2. Romance I

CDD B861.2
CDU 821.133.2 (90)

Índice Catálogo Sistemático
1.Literatura Brasileira B861.2

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processo xerográficos, incluindo ainda o uso da internet ou por PDF, sem permissão expressa da Editora DreamBooks ou pelos autores da obra (Lei 9,610 de 19/02/1998).

PERIGOSAS NACIONAIS

Esta é uma obra de ficção, nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação dos autores. Qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos desta edição reservados pela editora e autores.

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos e dedicatória

Obrigado Deus!

Este livro foi uma viagem dolorosa de escrever, o tema é complicado de abordar quando já vivemos a angustia de uma doença que mata milhões todos os dias que é o câncer, depois foi exorcizar a morte da minha mãe (João Ribeiro e sogra da Lidia), ele foi escrito quando a perda de alguém que amamos ainda é uma ferida aberta que teima em sangrar dia após dia, quando pensamos que estamos bem um simples comentário ou gesto faz lembrar quem partiu e aí a dor volta a machucar, então a primeira dedicatória deste romance vai para Rosa Carvalho, uma mulher guerreira, lutadora, mãe dedicada e uma mulher que dedicou a sua vida a servir e ajudar o próximo, deixou isso como exemplo de vida, sempre tinha uma palavra amiga e um ombro

para emprestar a quem precisava, partiu e deixou muita saudade, então a primeira dedicatória e agradecimento é para ela, onde estiver sei que está sorrindo e feliz cuidando de mim (João Ribeiro) e da nora que tanto amava.

Depois queremos dedicar este livro a todos que sofrem ou sofreram com essa doença do câncer, seja que tipo, e também as famílias e amigos que compartilham desse sofrimento, dessa guerra e desafio diário, sim, acreditem não é fácil receber um diagnóstico informando que vai começar uma luta em que a morte é a tua companheira e a incerteza o teu travesseiro, dedicamos este livro a quem lutou e venceu, a quem lutou e simplesmente partiu depois de uma grande luta, as famílias e amigos que perderam alguém nessa batalha, entendo o sofrimento porque um dia ouvi também que a minha mãe tinha essa doença maldita, entendo o sofrimento e a luta de quem padece com o mal e de quem padece ao lado lutando contra esse mal, então desejo que este romance, ele traga de alguma forma um conforto, uma esperança, um sorriso nem que seja em forma de uma lagrima ou

simplesmente um arrepio no corpo dizendo “Seja qual for o resultado final, eu venci”.

Agradecemos o carinho da família e amigos, das betas deste romance que choraram e se emocionaram, de todos que de alguma forma ajudaram a inspirar os personagens que vão encontrar aqui, Julie, Gabriel, Ema, Liza, Christopher, Carl, Thomaz são inspirados em milhares de pessoas espalhadas pelo mundo, obrigado a inspiração de Deus que nos ajudou a colocar uma mensagem de esperança e força nestas páginas.

O nosso muito obrigado, com carinho!

J.O. Brook e L.B. Brook

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

“Quando fazemos planos, acabamos perdendo o ‘agora’ porque estamos focados no ‘amanhã’.”

Julie Garrow.

Prólogo

— Obrigado!

O pedaço de mármore preto e frio continha letras douradas que diziam: “Julie Garrow — De 1999 a 2016 — Filha adorada, pianista maravilhosa e um ser inesquecível. Gratos por poder conviver com você”. A fotografia foi uma das últimas a ser tirada no Central Park, durante o inverno, Julie estava radiante. Aquele foi também um de seus últimos momentos na cidade de Nova York. Com cuidado, Gabriel retirou a camada branca de neve que cobria a fotografia; e lá estava ela, encarando-o com um belo sorriso. Ainda era capaz de ouvir suas palavras dizendo: “Promete que vai correr atrás do seu sonho? Prometa-me!”. Como não prometer algo a uma pessoa especial como ela, em seus momentos finais de passagem na nossa vida?

Apesar de quase um ano ter se passado, Julie

ainda estava muito presente na vida de Gabriel. Os momentos que passaram juntos lhe davam ânimo para continuar lutando pelos seus sonhos. Com alguma dificuldade, ele retirou uma medalha de dentro do casaco e a colocou sobre a lápide.

— Eu consegui, Julie Garrow. Eu venci o concurso de dança e, como prometi, estou te entregando minha medalha de campeão em forma de agradecimento. Muito obrigado! — As palavras foram embargadas pelas lágrimas.

O tempo passava, mas a dor ainda era constante em seu jovem coração. As lágrimas rolavam, queimando seu rosto. Em contraste com o frio cortante, o calor do amor que ele sentia permanecia guardado dentro do peito.

— Eu dancei para você naquele palco! E sei que, onde estiver, você me viu dançando! — Ele respirou fundo e limpou as lágrimas no casaco. — Você continua me fazendo falta! Sua ausência ainda me faz sofrer... Mas, como prometi, dancei para você com a minha alma!

Afastando o excesso de neve que recobria o túmulo, ele depositou um buquê de flores ao lado

da medalha. A foto da garota bela e sorridente aumentava o aperto em seu coração. Tomando outra respiração profunda, ele continuou:

— Ninguém imaginou que eu usaria a sua composição. Mas eu queria que, de alguma forma, você estivesse presente. Quando as notas da sua melodia ecoaram pelo teatro, senti como se você estivesse ao meu lado. Foi mágico! Pude ouvir sua voz dizendo: “Força, Gabriel! Mostre o quão especial você é! ”. E eu venci. Por mim e por nós. — A respiração do rapaz ficou mais pesada.

Ele permaneceu ali, diante da foto de Julie, que parecia encará-lo de volta.

— Eu vim me despedir. Vou passar uma temporada na Europa estudando dança! Por que você partiu tão rápido? Julie, você saiu no começo da festa e se esqueceu de me ensinar uma forma de continuar me divertindo sem você... — Em uma carícia, ele deslizou os dedos sobre a imagem da moça. — Eu nunca vou esquecê-la. Sempre irei te amar! Obrigado por acreditar em mim!

Gabriel, com dificuldade, começou a se afastar, caminhando sobre a neve. Voltou a olhar para o

túmulo, em uma despedida silenciosa. Suas recordações de Julie não se resumiam àquele lugar. Ela era feita de alegria, amor, felicidade, paz e, acima de tudo, muita luz, mesmo sabendo que iria morrer. Ele foi apenas um acontecimento que não fazia parte dos planos estabelecidos para Julie Garrow, a moça que teve o dom de mudar para sempre a vida de alguém; e que continuaria sendo parte dele, mesmo sem estar presente...

Quem era Julie Garrow?

Capítulo 1

Força, Julie

O sol brilhava lá fora. O vento fazia as folhas das árvores balançarem, criando uma melodia única e especial. Sentada, Julie observava tudo atentamente. Seus dedos frágeis dedilhavam no braço da poltrona como se estivesse tocando um piano imaginário. A máquina apitava, lembrando-a do veneno que corria em suas veias. Aquele era um desconforto necessário para que ela pudesse viver mais um pouco; ou para que sua mãe tivesse mais tempo junto com ela.

Desde os cinco anos de idade, Julie travava uma guerra diária contra a leucemia. Ela já havia passado por diversas fases: perda de peso, queda de cabelo, falta de força para brincar com uma simples

boneca... Os médicos, em diversas ocasiões, chamaram Ema para falar sobre sua filha. Nesses momentos eles diziam que não havia mais nada a ser feito. Mas, sempre que isso acontecia, Julie surpreendia todos e melhorava, alimentando as esperanças de uma melhora definitiva.

Aos dezesseis anos, Julie havia passado mais tempo no hospital do que em sua própria casa. Os médicos, enfermeiros e demais funcionários passaram a ser sua família. Ela só conseguia se sentir bem de verdade quando estava sentada ao piano, dedilhando as partituras que já estavam gravadas em sua memória, pois já haviam sido tocadas vezes sem conta.

Ela tinha lindos olhos azuis, iluminados como duas gotas de oceano. Sua pele era branca e a boca rosada era emoldurada por longos cabelos cor de mel. Depois da última queda, os fios que voltaram a nascer eram fartos e ondulados. Distraída, ela olhava para a rua enquanto tocava seu piano imaginário.

— Tome um pouco de água! — Disse a enfermeira sorrindo e conferindo os aparelhos.

A voz da mulher despertou Julie de seu sonho acordado.

— Preciso mesmo? — A pergunta foi respondida pela enfermeira com uma cara feia seguida de um sorriso. — Tudo bem, eu bebo um pouco!

— Julie, você sabe que faz bem! O líquido vai te ajudar mais tarde! — Sentando-se ao lado da paciente, ela perguntou: — Qual é a melodia de hoje?

Julie sorriu porque a enfermeira percebeu que ela estava, novamente, dedilhando seu piano imaginário.

— Hoje é uma composição minha. Mas é segredo! — Ela respondeu, envergonhada pela confidência.

— Sua? Uau! Quer dizer que Julie Garrow é compositora? — A enfermeira continuou a encará-la. — E quem vai cantar? Beyoncé, Celine Dion ou Barbra Streisand[1]?

Julie riu, pois não conseguia imaginar nenhuma das cantoras colocando uma letra em sua melodia.

— Nenhuma delas. É uma música clássica! — A

expressão da enfermeira demonstrava admiração.

— Aquele tipo de música que toca em hotéis de luxo e não tem nenhuma voz? — A reação da enfermeira arrancou um novo sorriso da paciente.

— Talvez! Eu não conheço nenhum hotel que toque Mozart... — Naquele momento Julie parou para pensar. — Quero dizer... Eu nunca fui a um hotel!

A enfermeira ficou triste com o comentário. Com suavidade, ela deslizou as mãos pelo rosto de Julie, olhou em seus olhos azuis e falou:

— Acho que o nosso serviço de quarto é tão bom quanto qualquer hotel de luxo! — Ela brincou e voltou a verificar a máquina conectada à veia da paciente.

Julie olhou para o próprio braço e acompanhou o percurso do tubo que conduzia o líquido amarelado para dentro de seu corpo.

— Os hotéis de luxo servem champanhe para os hóspedes. E isso não é champanhe! — O rosto da moça se contraiu com uma onda de náusea.

Em momentos como aquele, Julie preferia ficar sozinha com seu sofrimento. Não gostava que

ninguém a visse daquela maneira, nem mesmo sua mãe. Preferia que todos se lembrassem dela com um sorriso no rosto. Mesmo sofrendo, ela se forçava a manter uma expressão alegre para que ninguém percebesse a profundidade de sua agonia.

A enfermeira saiu do quarto deixando-a sozinha. A jovem virou o rosto para a janela e voltou a observar o movimento das árvores. Duas lágrimas grossas silenciosamente escaparam de seus olhos. Já estava acostumada com tudo aquilo, mas era doloroso encarar uma nova fase do tratamento.

Ela pegou a mochila, de onde retirou uma carta. O texto dizia:

"Senhorita Julie Garrow,

Comunicamos que, após analisar o material recebido, decidimos unanimemente pela aprovação de uma bolsa de estudos integral para que possa estudar em nossa instituição.

Juilliard é uma escola que aposta em novos talentos. Assim sendo, acreditamos que estamos aptos a ajudá-la no desenvolvimento de suas habilidades. Aguardamos sua presença para o início do ano letivo.

Em anexo segue a documentação necessária para a efetivação da matrícula. Os formulários devem ser preenchidos e assinados pela pessoa responsável.

Aguardamos...”

Julie voltou a dobrar a carta. Aquele papel provocava emoções distintas. Seu coração disparava de felicidade, mas sabia que teria que enfrentar uma longa batalha para conseguir convencer a mãe a deixá-la viver aquela aventura.

“— Nem pensar, Julie! Mudar para Nova York? Quem vai cuidar de você? E o seu tratamento? ”

Conseguia ouvir a voz da mãe argumentando e se negando a dar a autorização necessária. No fundo ela sabia que aquela seria a última chance de viver seu sonho. Dentro de alguns meses ou no máximo um ano, tudo teria chegado ao final!

Por conta da leucemia ela não chegara a frequentar a escola e não pôde viver como uma criança ou adolescente normal. Nunca tivera amigas para conversar, dividir seus sonhos e desejos. Não teve a chance de se apaixonar pelo garoto mais bonito da escola e nem trocou

confidências infantis com ninguém.

Agora, tinha em suas mãos a oportunidade de viver um grande sonho e estudar, mesmo que por pouco tempo na Juilliard. Por mais difícil que fosse, conseguiria convencer a mãe a deixá-la viver como uma pessoa normal, pelo menos uma vez.

Julie respirou profundamente e foi tomada por uma onda de vômito. Por uma fração de segundo, conseguiu pegar uma sacola deixada ao seu lado para aquele propósito, conseguindo permanecer limpa.

— Eu vou para a Juilliard, nem que seja a última coisa que eu faça! — Ela disse de maneira decidida após recuperar o fôlego.

Capítulo 2

Simplesmente não!

Ema Garrow era uma mãe preocupada e qualquer pessoa que observasse seu rosto teria certeza disso. Os longos anos acompanhando a doença da filha deixaram o sofrimento impresso em sua expressão. Apesar de ainda ser jovem e bonita, seu olhar era carregado de uma tristeza que continuava presente mesmo quando se obrigava a sorrir diante da filha, em uma tentativa de ocultar a preocupação que a dominava.

A mãe havia acabado de sair de uma conversa reveladora a respeito do estado da filha. O choro havia deixado seus olhos vermelhos. Ao deixar o consultório do médico, Ema sentira a realidade desabando sobre seus ombros. Encostada à parede, dera vazão às lágrimas. Não conseguia entender por

que motivo tudo aquilo estava acontecendo em suas vidas.

Ema engravidou de Julie quando ainda estava na faculdade. O namorado a abandonou e ela assumiu a criança sozinha. As duas estavam sozinhas no mundo e cuidavam uma da outra. Mas, agora, a vida estava se desmanchando diante de seus olhos e não havia nada que pudessem fazer. “Alguns meses ou, no máximo, um ano. ”, as palavras proferidas pelo médico continuavam ecoando em seus ouvidos e, agora, precisava encarar a filha.

Sorrindo ternamente, a mulher entrou no quarto e se aproximou de Julie. Ela beijou a testa e acariciou a cabeça da moça, segurando o choro ao ver alguns fios começarem a se desprender. Era doloroso ver a filha voltar a perder os cabelos.

— O que o médico disse? — Julie perguntou, olhando para a mãe.

— É apenas uma fase, minha princesa! — Ela respondeu, desviando o olhar.

— Mãe? — A jovem parecia já saber da verdade.

— Está tudo bem, Julie! — Ema forçou um

sorriso para tranquilizar a moça. — Ele falou que esta fase do tratamento vai ser mais curta e depois...

— Depois...? — Insistiu Julie.

Ema inspirou profundamente. Ela sabia que seria “interrogada” após conversar com o médico. Desde que descobriram a doença, Julie sempre fizera questão de saber de tudo. Mas ela não estava preparada para revelar a verdade que acabara de descobrir.

— Depois você terá uma vida normal, como qualquer garota da sua idade! — A mentira parecia ser uma faca cravando-se no peito da mãe.

Ema se virou e fingiu arrumar alguma coisa no armário da filha. Ela tentava disfarçar as lágrimas que rolavam em seu rosto. Ainda não tinha forças para admitir a verdade para si mesma e, muito menos, contar tudo para Julie.

— Quer dizer que, depois dessa etapa, eu vou poder fazer o que desejar? — A alegria na voz da jovem fez o coração de Ema se apertar ainda mais.

— Anhan! — Ela tentou não denunciar as lágrimas que insistiam em rolar.

— Que bom! — Julie juntou as mãos como se

batesse palmas de felicidade. — Eu tinha esperança de ouvir isso e ter a chance de levar uma vida normal, mesmo que seja por pouco tempo!

A declaração foi um choque para Ema. Rapidamente, ela limpou as lágrimas e se voltou para a filha.

— Vida normal? Por pouco tempo? O que você quer dizer com isso? — A mãe questionou.

— Mãe, eu tenho dezesseis anos e não vivi nada! Então, mesmo que seja por pouco tempo, eu quero VIVER! Meu aniversário é daqui a alguns meses... — Julie segurava a carta da Juilliard, apertando-a com força contra o peito. — Se eu pedir um presente especial, a senhora promete me dar?

Ema sentiu a garganta fechar de emoção, pois sabia que o tempo da filha estava se esgotando. Forçando um sorriso, ela respondeu:

— Claro! — Desconfiada, Julie continuou olhando para a mãe. — Sim, eu prometo dar o que você me pedir. Apesar de ainda faltar alguns meses para o seu aniversário, mocinha!

Sorrindo e apresentando uma expressão

travessa, Julie entregou o papel amassado para a mãe. Sem saber do que se tratava, Ema assumiu uma expressão curiosa e questionadora. Quando começou a ler, seus olhos se abriram em espanto. Estava muito orgulhosa da filha. Aquela carta era a realização do sonho da garota, que sempre foi apaixonada pelo piano e pelas composições.

— Parabéns, meu amor! — Emocionada, Ema abraçou a filha.

— Eu quero ir! — Julie afirmou, ainda aninhada no abraço da mãe.

Aos poucos, a mulher soltou a jovem. Começava a compreender o real significado da carta e do pedido de sua filha.

— Como assim? — Com as mãos trêmulas, Ema se ajoelhou na frente de Julie.

— Eu quero ir para Juilliard, mãe! — Julie sorria enquanto as lágrimas de felicidade estavam prontas para rolar de seus olhos. Só precisava ouvir o “sim” deixar os lábios da mãe.

— Juilliard? Em Nova York? — Atordoada, Ema se colocou de pé e passou a caminhar pelo quarto. — Não!

Em segundos, a alegria de Julie deu lugar ao desapontamento. Balançando a cabeça, ela tentava assimilar a resposta negativa.

— A senhora prometeu que me daria o que eu pedisse... — A expressão nos olhos da jovem era frustrante.

— Simplesmente não! — Ema não conseguia pensar em outra resposta.

— Mãe, é o meu sonho! Eu quero ir e a senhora prometeu... — Julie tentava argumentar.

— Sim, mas eu prometi achando que você pediria um cachorro, um piano novo, uma viagem pequena... — A mãe estava ficando mais nervosa. — Nunca pensei que você pediria para se mudar para o outro lado do país, um lugar estranho... Toda essa mudança, com a doença?!

Ao terminar de falar, Ema se deu conta da brutalidade da realidade da filha. Ela estava sentenciada a viver apenas mais alguns meses, mas sonhava em estudar em uma das escolas de arte mais importantes do mundo. Sem conseguir se controlar, a mulher recomeçou a chorar.

— Mãe, é o meu sonho! — A jovem sorria,

tentando confortar a mãe. — Essa é a minha oportunidade de ter uma vida normal. Minha última oportunidade...

Olhando seriamente para a mãe, Julie demonstrava já saber de toda a verdade. Ainda chorando, Ema voltou a se ajoelhar diante da filha.

— Eu sempre vivi a vida que a senhora quis. Quando meu corpo não aguentava o martírio do tratamento, eu continuava suportando pela senhora. Agora eu quero fazer algo por mim. Quero tentar viver a vida como qualquer garota da minha idade, mesmo que seja apenas por alguns meses! — Julie tentava minimizar a situação. — Mãe, eu preciso aproveitar o tempo que me resta para ser feliz. E a música é o que me faz feliz. É o meu sonho! Por favor, me deixe viver o meu sonho!

Chorando e consolando uma à outra, mãe e filha se abraçaram e, por um bom tempo, permaneceram em silêncio, permitindo que as lágrimas expressassem toda a tristeza, esperança, medo e sonho que tinham em seus corações.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Uma decisão complicada

As semanas passaram rapidamente. Estava cada vez mais próxima a data marcada para que Julie se apresentasse em Nova York e começasse o novo ano letivo em Juilliard. Aos poucos, Ema aceitava a decisão da filha; havia contratado mais uma funcionária para trabalhar na sua loja, assim poderia acompanhar a filha nessa aventura. Julie, por sua vez, pesquisava tudo sobre a nova escola, a cidade e o local onde passaria morar. A única coisa que ainda a mantinha distante do seu sonho era a autorização dos médicos para que pudesse viver sua nova vida.

Naquela terça feira o dia amanheceu iluminado.

O céu limpo, de um profundo azul celeste, animava qualquer um. Julie e a mãe, ansiosas, esperavam a resposta do médico, que analisava atentamente os resultados das últimas análises. Os dedos da moça pairavam sobre suas pernas, como se dedilhasse a partitura que estava dentro da sua cabeça; sempre fazia isso quando estava nervosa. O médico respirou fundo, fato que atormentou as duas, tirou os óculos e pousou os papéis sobre a mesa.

— Julie, seus resultados estão melhores em relação aos anteriores. Isso significa que seu organismo está aceitando bem o tratamento! — Ele tentou transmitir um pouco de esperança.

— Que bom, doutor! — Respondeu Ema, mostrando ânimo em sua voz. Mas o olhar do médico fez com que ela compreendesse que, apesar das melhoras, o diagnóstico se mantinha inalterado.

O silêncio tomou conta da sala. Julie respirou fundo e sorriu diante do constrangimento dos dois. Ela passou a mão pelos cabelos loiros e uma mecha se desprendeu.

— Como sempre, o meu corpo está aceitando o tratamento! — Colocou os cabelos na mesa e olhou

para os dois. — O cabelo volta a cair, eu vomito, passo mal e vivo esperando uma nova droga que consiga prolongar a minha vida ou atrasar a minha morte...

As palavras eram mais duras por partirem de uma moça tão jovem. O médico e a mãe se entreolharam. Não sabiam o que dizer. Então, Julie prosseguiu:

— Doutor, eu fui aceita na Juilliard, em Nova York, para estudar música. Dentro de alguns dias, eu me mudarei para lá. — Podiam perceber o tom decidido na voz da jovem.

— Você não pode! — Devolveu o médico, um tanto alterado diante da informação. — Precisa continuar o tratamento...

— Que tratamento? Eu tenho dezesseis anos. Há mais de dez venho me submetendo a todos os tipos de tratamento que existem! — Ela olhou da mãe para o médico. — Alguma vez me perguntaram se eu quero continuar? Ainda assim, ao longo desses tenebrosos anos, eu aceitei tudo. A cada infecção, a cada reação do meu corpo, eu imagino: “É dessa vez que morro e o sofrimento acaba”, mas sempre

se trata de apenas mais um ciclo do meu sofrimento.

— Querida... — A mãe tentou argumentar, atordoada por ouvir o que se passava no coração da filha.

O médico, ainda sem palavras, encarava Julie. Ele sabia que a moça sofria bastante e há muitos anos, por isso aceitou o seu desabafo em silêncio.

— Eu sempre aceitei tudo sem reclamar. Mas agora eu sei, assim como vocês sabem... — Emocionada, ela olhou para os dois. — Que é uma questão de tempo e de mais sofrimento. Por isso, Doutor, deixe-me viver ao menos uma vez. Eu acho que tenho esse direito! Pelo menos uma vez.

— Julie, aceitar isso é reduzir o seu tempo de vida! — O médico estava emocionado com as palavras da paciente.

— Prefiro viver o meu sonho por apenas um dia, do que passar meses me sentindo triste por nunca ter vivido de verdade! — Julie limpou as lágrimas que, naquele momento, rolavam por seu rosto e questionou: — O que eu posso fazer para ir para Nova York?

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensativo, o homem juntou as mãos e, emocionado com tudo o que tinha escutado, remexeu nos papeis e se voltou para o computador, como se pesquisasse algo sobre o assunto. Ema e a filha olharam uma para outra sem saber o que estava acontecendo. O médico pegou o telefone e, após digitar um número, aguardou ser atendido.

— Bom dia. Eu preciso falar com Monroe. Doutor Carl Monroe! — Do outro lado, questionaram quem ele era. — Diga que é o Doutor James Sullivan. Ele sabe de quem se trata.

Silenciosas e sem entender nada, as mulheres aguardavam o desenrolar dos acontecimentos. Nesse momento, o médico foi atendido.

— Olá, Carl. Como está? É verdade, já faz um bom tempo! Preciso da sua ajuda com uma de minhas pacientes. Ela está de mudança para Nova York, para estudar na Juilliard, e sofre de um caso raro de leucemia. — As palavras do médico fizeram Julie sorrir. Feliz, ela olhou para a mãe. — Ela precisa continuar o tratamento e, também, receber acompanhamento médico constante. Por isso preciso da sua ajuda!

PERIGOSAS ACHERON

Do outro lado, o outro médico respondia ao pedido feito e pedia mais informações sobre o caso e a paciente.

— Sim, Carl! Vou encaminhar toda a documentação. Mas preciso ser honesto, trata-se de um caso bastante delicado. Ela vai precisar de todo o seu carinho. Peço que cuide dessa paciente como se fosse sua própria filha, pois é assim que cuido dela aqui! — Ele estava sendo sincero, afinal, cuidava de Julie desde os seus cinco anos de idade.

Ema e Julie, emocionadas, se abraçaram enquanto doutor James continuava tratando dos detalhes com seu amigo. Ao desligar, o homem respirou pausada e profundamente e, olhando para Julie, apontou o indicador para o rosto da jovem.

— Vai fazer tudo o que ele mandar? — Ela acenou afirmativamente. — Foi uma decisão difícil de tomar, mas eu não posso impedir de você realizar seu sonho e viver a sua vida. “Mesmo que seja por apenas um dia”, não foi assim que você falou?

Novamente, ela confirmou e sorriu.

— Nesse caso, eu lhe dou autorização para

viver. Mas lembre-se de que todo o cuidado com a sua saúde ainda é pouco. Nada de andar no frio, fazer loucuras e, muito menos, deixar o tratamento de lado! Promete? — O médico questionou, imprimindo um tom duro em suas palavras.

— Para viver o meu sonho? Prometo o que quiser! Além do mais, minha mãe não vai me deixar ir sozinha. Ela vai cuidar bem de mim, como tem feito todos esses anos! — A jovem brincou, encostando a cabeça no ombro da mãe.

— Aproveite essa chance de viver. Desfrute e viva tudo como se fosse o último dia. E não se esqueça de amar! — Sorrindo, o médico deu uma piscadela, denunciando a brincadeira.

— Eu já amo a música! — Disse Julie envergonhada. — Em meu coração não há lugar para mais nada. E nós sabemos que minha temporada em Nova York tem prazo de validade. Não posso me dar ao luxo de...

Julie baixou os olhos sem terminar a frase com a palavra “amar”. Ela sabia que isso era a única coisa que não poderia viver nessa vida. Porque, quando chegasse o momento de sua partida, além de sofrer,

ela provocaria o sofrimento da outra pessoa. Não podia permitir que isso acontecesse. Bastava saber que sua mãe ficaria desolada. Julie não suportaria provocar nada semelhante em outra pessoa. O amor era o único sonho que ela não queria realizar.

Capítulo 4

Uma mudança e tanto

Nova York é a típica cidade que, em nossos sonhos, tem tudo: prédios enormes, movimento caótico, carros, uma mistura de cheiros, pessoas de todos os cantos do mundo e uma magia sedutora que nos envolve. Tudo isso vai entrando pelas narinas e pelos olhos, percorrendo nosso corpo, invadindo cada poro e tomando conta da nossa vida. Sentimo-nos tão pequenos e, ao mesmo tempo, gigantes; capazes de conquistar o mundo e mudar nossa vida em uma fração de segundo.

Era assim que Julie se sentia neste exato momento, ao descer do táxi amarelo. Enquanto Ema pegava as malas, a filha estava estática, observando minuciosamente cada detalhe do

edifício à sua frente, como se desejasse guardar tudo na memória. Parecia estar em um sonho; a qualquer momento, o despertador ia tocar e ela acordaria. Mas, se fosse realmente um sonho, queria ficar mais um pouco admirando tudo aquilo. Na enorme parede de vidro à sua frente, ela podia ler: "*The Juilliard School*". As portas daquela construção davam acesso ao mundo mágico da arte; o mundo de sonhos que Julie sempre almejara e que, agora, estava prestes a adentrar.

— Que lindo! — Disse Ema ao abraçar a filha e encostá-la ao seu corpo.

— Se isso for um sonho, não me acorde! Porque é o sonho mais lindo da minha vida! — Falou Julie, mantendo o olhar fixo no prédio.

— Apenas atravesse a rua e passe através das portas. Você vai ver que não é um sonho... — Ema estava muito feliz por ver tamanha felicidade estampada nos olhos da filha. — Tem certeza de que quer ficar?

— Que pergunta é essa, mãe? Claro que quero ficar... Juilliard, aqui vou eu! — A jovem inspirou profundamente, orgulhosa por realizar seu maior

desejo.

Mãe e filha, de braços dados, pegaram as malas e atravessaram a rua. Pareciam prestes a entrar em um mundo mágico, capaz de realizar todos os sonhos e desejos.

Juilliard está localizada no coração de Nova York, perto da Broadway, onde os melhores espetáculos do mundo acontecem. É um edifício moderno, porém pequeno, se comparado às construções que o rodeiam. Em uma das laterais está a torre que acomoda os dormitórios dos alunos, conectada ao prédio principal por uma ponte. Todos esses detalhes eram absorvidos por Julie e, a cada passo, seu coração disparava como um cavalo de corrida.

Enquanto isso, Ema sentia o coração apertado. Mesmo sabendo que precisava deixar a filha viver o seu sonho, tinha medo de deixá-la sozinha. Passaria alguns dias em Nova York, mas, depois disso, precisaria voltar para sua rotina.

As duas entraram na área dos apartamentos. Passaram por portas giratórias que davam para um enorme saguão de mármore polido. Havia catracas

com seguranças e uma recepção, onde todos deveriam se identificar. As duas dirigiram-se à recepcionista, que as recebeu com um enorme sorriso. Julie lhe entregou sua identificação e a carta de admissão enviada pela escola.

— Bem-vinda, Julie Garrow! — Disse a moça, enquanto registrava seus dados no computador; olhando, em seguida, para Ema. — Durante o período de admissão permitimos a entrada dos pais, para que conheçam nossas instalações. Depois, é proibido!

Ema sorriu, feliz e apreensiva ao mesmo tempo. Mesmo por um curto período, sua filha seria independente. Seria a primeira vez que as duas ficariam separadas.

— Ainda bem que posso conhecer o espaço onde a minha filha vai ficar! — Aliviada, Ema declarou à recepcionista, entregando sua documentação para conferência.

— Sim. Permitimos esses momentos para que os pais entendam como nossa instituição é segura e organizada. Cuidamos dos nossos artistas com muito zelo! — Ela brincou, piscando um olho para

Julie.

Mãe e filha tiraram fotos para serem anexadas aos seus registros e receberam suas identificações. A recepcionista indicou o que tinham que fazer para passar pelas catracas e avisou que Julie jamais poderia deixar o local sem levar sua identidade estudantil e, finalmente, mostrou-lhes o elevador.

Puxando as enormes malas, Ema e Julie seguiram para o próximo andar. Ao saírem do elevador, se depararam com outra área de recepção, onde outra funcionária sorridente as esperava. Sua passagem foi liberada após uma rápida checagem de suas identificações.

— Sejam muito bem-vindas ao *Juilliard's Meredith Willson Residence Hall*. Eu sou Lauren, a preceptora que cuida para que tudo funcione corretamente! — Disse a mulher, sorrindo educadamente.

Lauren tinha quarenta e oito anos, cabelos acobreados curtos, olhos amendoados e um sorriso amplo; vestia uniforme azul escuro com saia e colete no mesmo tom, e camisa branca. Olhava atentamente para a prancheta com os dados dos

novos alunos para ver onde seria a acomodação de Julie.

— Interessante! — O tom de voz deixou mãe e filha intrigadas. Lauren olhou para Julie e sorriu. — Não é muito comum que alunos novos solicitem quartos particulares. Esse privilégio é, quase sempre, dos alunos veteranos!

— Eu não me importo de dividir o quarto. Seria uma ótima experiência! — A alegria de Julie era contagiante e podia ser sentida em suas palavras.

Ema tentou argumentar contra a ideia da filha, mas a jovem meneou a cabeça, indicando que a mãe deveria ficar calada.

— Sem problemas. Vamos conhecer sua moradia pelos próximos anos? — A preceptora mostrava tranquilidade e profissionalismo.

— Eu vivo um dia de cada vez. Não faço planos. Vivo cada dia como se fosse o último! — Foi a resposta de Julie.

Lauren ficou intrigada. Sentia que, de alguma forma, aquela jovem era diferente dos outros alunos.

As três mulheres visitaram todos os ambientes

do edifício: salas de convivência; refeitório, que funcionava desde a manhã até a noite; salas de estudo; salas de estar; academia; lavanderia; ala administrativa; enfermaria... Tudo ali fora construído para a comodidade dos alunos.

Em seguida, as três foram para o andar em que ficava o quarto de Julie. Lauren abriu a porta e mãe e filha foram surpreendidas. O quarto contava com uma vista magnífica da cidade; era simples e acolhedor, com cama de solteiro, guarda-roupas, cadeira e escrivaninha e um banheiro privativo.

Durante o ano, os alunos tinham a liberdade de decorar os quartos da maneira que mais lhes agradasse, mas Julie achava que estava tudo perfeito daquela forma. Tudo era simples e sem qualquer vínculo pessoal. Seu interesse foi captado pelo piano de uma das salas de estudo que visitaram, essa era sua verdadeira paixão e estava ansiosa para experimentá-lo.

Lauren deixou-as sozinhas. Os anos de experiência lhe permitiam reconhecer uma mãe preocupada com a filha. Antes de sair, tocou o braço de Ema como se dissesse: “Vai ficar tudo

bem e eu estou aqui para garantir isso! ”

Quando a porta se fechou, Ema pôde demonstrar seu nervosismo diante da nova realidade que tinha diante de si.

— Julie... — Ela disse e cobriu a própria boca, tomada de emoção.

— Mãe, está tudo bem! Estou em Nova York. Estou na Juilliard! Vou poder fazer aquilo que eu mais amo, que é estudar música todos os dias; tocar piano, ver os musicais da Broadway, andar de metrô... — Julie abraçou a mãe carinhosamente. — Deixe eu viver o meu sonho! Vai ficar tudo bem e tudo vai dar certo!

Sem dúvida, aquela era uma mudança assustadora na vida de Julie. Ela nunca saiu de casa; nunca frequentou uma escola comum. Desde pequena, passava a maior parte do tempo dentro de hospitais. Poderia ser apavorante passar a viver, sozinha, em uma das maiores cidades do mundo e estudar em uma escola de formação de artistas. Mas Ema sabia que Julie precisava disso para realizar o seu maior desejo. Essa era a única coisa que trazia um pouco de conforto ao coração da mãe

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupada.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

O novo médico

Passaram a manhã arrumando as coisas no quarto e, em seguida, dirigiram-se ao prédio central para entregar a documentação de Julie e conhecer o local em que ela estudaria. Cada novo detalhe da Juilliard dava a sensação de que um mundo novo surgia diante dos olhos da jovem. Ao perceber o brilho de felicidade nos olhos da filha, Ema teve a certeza de que tomou a decisão correta. Em um determinado momento, a mãe olhou para o relógio e, ao ver as horas, exclamou:

— Estamos atrasadas!

Julie foi arrancada de seus pensamentos e trazida de volta à dura realidade. Olhou para a mãe como se perguntasse: “Temos mesmo que ir? ”. Era como sair de um sonho perfeito e entrar no pior

pesadelo, mas a visita fazia parte do acordo para que pudesse realizar o seu sonho. Ema confirmou as reflexões da filha.

De braços dados, as duas caminharam pelos salões da Juilliard. Pegaram um táxi que, por milagre, passava vazio pela rua. Dentro de pouco tempo, as duas estavam diante do Hospital Central, onde conheceriam o médico que acompanharia Julie enquanto estivesse em Nova York.

Chegando ao quarto andar, as portas do elevador se abriram para uma agradável recepção. Foram recebidas por uma funcionária gorda e sorridente, posicionada ao lado de uma sala de espera.

— Boa tarde. Meu nome é Ema Garrow. Viemos ver o Doutor Carl Monroe! — Ela se apresentou, deixando transparecer um pouco de nervosismo.

A enfermeira verificou os dados no computador e voltou-se para mãe e filha, sorrindo para Julie.

— Você deve ser a Julie, certo? — A jovem confirmou com um aceno de cabeça. — Estávamos esperando por você!

Pegando o telefone, a funcionária fez uma

rápida ligação.

— Ela já chegou! — A enfermeira desligou, sorriu e voltou a falar: — Vocês vão virar no primeiro corredor, à direita. O doutor Monroe está esperando no consultório dois.

Ema bateu na porta, de onde surgiu a voz dizendo: “Pode entrar! ”. Um homem jovem as esperava com um enorme sorriso no rosto. Ele cumprimentou Ema e, em seguida, Julie e indicou as cadeiras para que sentassem.

— Parabéns, Julie! — A jovem assumiu uma expressão confusa. — Para conseguir ser aceita na Juilliard, você deve ser muito talentosa. Além disso, ter coragem de viver o seu sonho mesmo estando doente... Você merece receber parabéns!

— Ah, por isso! Obrigada, doutor Carl. — Ela respondeu, envergonhada pelas palavras do médico.

— Senhora Garrow, ainda bem que permitiu que sua filha realize seu sonho! — O homem tinha olhos penetrantes e envolventes.

— Pode me chamar de Ema! — Pediu a mãe da paciente.

Carl abriu o envelope que tinha recebido do

médico de Julie e mexeu nos papeis, procurando algo específico. Quando encontrou, olhou para a jovem.

— Julie, eu não vou dizer que vai ficar tudo bem. Já faz mais de dez anos que você luta contra essa doença! Meu trabalho vai ser te ajudar enquanto estiver em Nova York. O tratamento precisa ser continuado... — O médico percebeu a expressão de desagrado da paciente. — Eu imagino que não seja fácil, mas vamos lutar junto com você para conseguir vencer um dia após o outro. Aqui terá todo o apoio necessário, da mesma forma que acontecia em sua cidade.

— Doutor, vai ser o mesmo tratamento? — Questionou a mãe aflita.

— Basicamente, sim! — Olhando para as duas, o médico comentou: — Eu não gosto de enganar meus pacientes; acredito que precisam saber a verdade para que possam lutar em parceria comigo. Tudo o que existe na medicina para ajudar a Julie já foi feito, mas seu organismo já não reage ao tratamento. Quem sabe amanhã alguém descobre a cura? Temos que ter fé e sonhar!

Ouvindo um homem da ciência falando sobre sonhos e fé, Julie sorriu e teve que concordar com ele. Gostou da sinceridade do médico.

— O que vamos fazer é tentar amenizar as dores, o sofrimento e ajudá-la a viver o seu sonho por mais tempo. Essa será a nossa missão. Mas, para que possamos ajudá-la, você precisa nos ajudar. Posso contar com sua colaboração? — Questionou o médico, recebendo um aceno afirmativo da paciente. — Ótimo! Caso contrário, eu teria que te mandar de volta para casa! Julie, agora eu preciso falar com a sua mãe. Pode nos dar licença por alguns instantes?

— Posso. Mas acho que sei o que vai conversar com ela! — Sorrindo, a jovem se levantou para sair.

O médico lhe sorriu de volta e esperou a porta ser fechada. Ao encarar Ema, o sorriso deu lugar a uma expressão preocupada. Ele passou a mão pelos cabelos e deslizou-a pelo rosto, respirando fundo antes de dar a notícia.

— A senhora precisa ser forte. Os últimos exames que recebemos da Julie mostram um

agravamento severo da doença e... — Pela primeira vez, o médico teve dificuldades para falar.

Dar aquela notícia a respeito de uma jovem talentosa e com tanto a realizar na vida, era muito doloroso; mesmo para ele que, como médico, lidava diretamente com a vida e a morte. A situação se tornou ainda mais complicada depois de conhecer Julie e presenciar quão especial ela era.

— Sinto muito, senhora Garrow! Quem olha para a Julie não imagina que ela corre contra o tempo. Não há mais nada a ser feito. Só podemos garantir que ela tenha um pouco de conforto! — Nesse momento, Ema começou a chorar, demonstrando o medo que sentia de perder a filha.

O médico se levantou e sentou ao lado da mãe de sua nova paciente.

— Precisa ser forte. Por Julie e por você mesma! Faremos tudo o que pudermos para ajudar, mas não posso mentir, mesmo continuando o tratamento, talvez ela não consiga viver mais oito meses. Ela precisará ser muito cuidadosa! Uma simples gripe pode ser fatal em seu estado delicado!

— Oito meses? — Ema perguntou. Sua voz estava embargada pelo choro.

— Na melhor das hipóteses. Sinto muito! — Por mais difícil que fosse, Carl não mentiria sobre a real situação da jovem. — Ema, deixe sua filha ser feliz, nem que seja por apenas um dia! Essa atitude define uma grande mulher.

— Oito meses. Na melhor das hipóteses? É horrível saber que, a qualquer momento, posso ser obrigada a dizer adeus. Não é justo pensar que uma mãe está condenada a enterrar uma filha. Especialmente a Julie! — Ema tentou se recompor. Limpou as lágrimas e continuou: — Desde que descobrimos essa maldita doença, Julie nunca reclamou. Aceitou tudo sem dizer um “ai”. Doadores, exames, tratamentos, dores, vômitos... Ela suportou tudo e eu sei que ela está cansada. Mas eu ainda não estou preparada para perder o meu anjo.

— Eu acredito! Quando entraram, percebi a paz que ela transmite. Meu coração se partiu! — O médico estava tão emocionando quanto a mãe.

— Viver um sonho com o tempo contado não é

justo! — O tom de reclamação permeava as palavras de Ema.

— Justiça?! Sei como se sente. Em minha profissão, esta é uma palavra que não posso usar. Mas entendo sua colocação. Agora preciso colocá-la a par de todos os procedimentos que vamos realizar! — Carl precisava ser profissional e deixar de lado o emocional.

Reassumindo a posição atrás de sua mesa, ele explicou tudo o que aconteceria nos próximos meses. Revelou que a solicitação para um quarto particular na Juilliard partira dele, que pedira um favor a alguns amigos. Informou também quais seriam os cuidados necessários e como eles deveriam ser redobrados com o passar do tempo.

Para Ema, cada palavra parecia arrancar pedaços de seu próprio coração. Sentia como se facas afiadas estivessem sendo enterradas em seu peito. Se pudesse, trocaria de lugar com a filha sem pensar duas vezes. Mas, infelizmente, a vida não é como desejamos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Primeiro dia

Julie rolava de um lado para o outro na cama. Não conseguia dormir. Aquela era a primeira vez que ficava sozinha em um lugar, como uma adolescente normal. Estava acostumada a passar noites no hospital, mas aquilo era diferente.

Depois que a mãe foi embora, a jovem tomou algum tempo explorando o prédio em que moraria pela próxima temporada. Lá havia estudantes de todas as partes do país e, também, de outros países; eles conversavam animadamente. Julie sentou em uma poltrona afastada e passou a observar tudo. Para ela, aquele tipo de interação era extraordinariamente fascinante e queria absorver o máximo possível.

O refeitório funcionava até tarde e oferecia *fast*

food, bebidas quentes e geladas. Quando se aproximou para pegar um chocolate quente, Julie viu um grupo que se divertia contando as experiências vividas durante as férias de verão. Um deles ensinava passos aos amigos, que emitiam sons para ele dançar. Seu corpo bastante definido era evidenciado pela camiseta regata que mostrava seu peito. Com ombros largos e braços com os músculos bem trabalhados, ele era o centro da atenção; os olhos verdes e brilhantes acompanhados pelo cabelo rebelde e castanho completavam o conjunto.

Julie passou ao lado do grupo no exato momento em que o jovem, de pé, dançava imitando os movimentos sinuosos de uma cobra. Ele sorriu diante da expressão espantada dela e piscou um olho em sua direção, imediatamente voltando-se para os amigos.

O excesso de estímulo e informações martelava a cabeça de Julie, impedindo-a de conciliar o sono. As horas passaram e, sentada na cama, a jovem viu o dia amanhecer. Levantou e se arrumou antes de todos os outros alunos. Com cuidado, preparou o

material para o seu primeiro dia de sonho; separou também os medicamentos que precisava tomar todas as manhãs. Admirou-se no espelho. Vestia calças jeans justas, camiseta bem larga e trazia um lenço amarrado na cabeça, para disfarçar a queda de cabelo, acentuada nos últimos dias.

Chegando ao refeitório, encontrou apenas os funcionários. Uma jovem japonesa estava no fundo da sala. Aproximando-se das bandejas, Julie começou a se servir, mas foi imediatamente tomada por náuseas. Quis deixar o lugar, no entanto, conseguia ouvir a voz da mãe se repetindo: “Prometa que vai comer direitinho, ou não autorizo seus estudos!”

— Estou comendo! — Disse Julie, encarando a comida.

A jovem pegou um croissant com queijo e presunto, uma caixinha de leite, alguns *cookies* e foi sentar em uma das mesas. Todas estavam vazias, mas ela escolheu a mais escondida. Assim que se acomodou, viu o rapaz da noite anterior chegando. Ele usava calça de moletom cinza, camiseta regata preta e carregava uma bolsa

esportiva pendurada ao ombro. Ele pegou uma caixinha de suco de laranja e tomou ainda de pé.

Observando à distância, Julie pensou: “Ele é o aluno dançarino!”. Nem havia concluído o pensamento, quando o jovem se voltou, encarou-a, abriu um sorriso encantador e ofereceu-lhe uma piscadela. Envergonhada, Julie abaixou o rosto e começou a comer, mas percebeu que ele deixou o refeitório imediatamente.

Quando Julie estava terminando seu café da manhã, os alunos começaram a ocupar o refeitório. Ela deixou o local e caminhou pela passarela em direção à escola. Seu coração acelerava a cada passo; estava difícil de respirar, tamanho o nível de sua emoção.

O dia estava um pouco nublado. O céu cinzento não trazia o mesmo *glamour* do dia anterior. Mas este era um detalhe insignificante diante da felicidade que Julie sentia. A escola parecia ainda mais fascinante do que na primeira visita. Auditórios, salas de ensaio, salas e mais salas de aula; a cada passo, uma novidade. As paredes tinham imagens formadas por palavras, mas era

preciso se aproximar para descobrir tal característica. Tudo era inacreditavelmente fantástico.

Julie chegou a se beliscar para comprovar que não estava sonhando.

— É verdade! — Ela disse a si mesma ao sentir a dor.

Sorrindo, ela começou a subir as escadas. No meio do percurso, olhou para o lado, enxergando o interior de uma das salas de dança. Lá dentro, o rapaz que vira no refeitório estava sozinho, se aquecendo; fazia alongamentos em uma das barras. O moletom fora trocado por um *collant,* mais apropriado para a dança. Por alguns minutos, Julie ficou admirando-o. Ele colocou uma música para tocar no *iphone* e começou a dançar. Seus movimentos leves e coordenados revelavam um treinamento primoroso, composto por horas intermináveis.

Enquanto o admirava, os dedos de Julie dedilhavam o corrimão, tocando uma melodia que apenas ela conseguia ouvir. Os passos do dançarino casavam perfeitamente com a sua música.

Julie foi despertada por uma voz desconhecida.

— Ele é um dos melhores bailarinos aqui da escola!

A aluna que falava com ela tinha cabelos cor de fogo, vivos olhos castanhos e uma boca pequena que esboçava um pequeno sorriso.

— Oi. Eu sou Liza. Estou no meu segundo ano e você? — O tom de voz era tranquilo e doce.

— Eu sou Julie e esse é o meu primeiro ano... E o meu primeiro dia aqui na Juilliard! — A emoção por estar ali era evidenciada em seu tom de voz.

— Bem-vinda. Julie. Sei como se sente. Tudo aqui parece um sonho! Respiramos arte, vivemos arte, todos os dias e todas as horas. Eu senti o mesmo quando cheguei! — Observando a aluna nova, Liza ficou em dúvida sobre sua área de estudo. — Música ou Drama?

Surpresa com a pergunta, Julie respondeu:

— Música! Drama... Nunca! — Julie sorriu envergonhada por conta da ideia inesperada de Liza sobre ser aluna de drama.

— Olha, eu acho que faria sucesso! Essa sua timidez é essencial para uma boa atriz... Desculpa,

mas eu falo muito; talvez porque seja do drama! — Julie sorriu e voltou a observar o dançarino. — Ele é o fantástico, intenso e...

Liza observava atentamente o rapaz na sala de dança e Julie não entendia de quem ela estava falando. Até que a jovem virou o rosto da pianista.

— Ele! Gabriel Taylor! — Liza disse com um suspiro.

— Sim, ele dança muito bem! — Afirmou Julie.

— Dança? Bem, eu estou falando dele como homem e não como bailarino, mas... — A aspirante a atriz interrompeu sua fala e olhou para a pianista. — Deixa para lá! Ele faz parte de outro mundo. Vai ter aula em que sala?

Julie encolheu os ombros, pois ainda não sabia qual era a sua sala, mas não deixou de sorrir do comentário de Liza sobre o rapaz. Ela tinha razão, ele realmente era de outro mundo; um mundo no qual ela não tinha o menor interesse. Ela só tinha olhos para música, notas, partituras e piano.

Liza puxou o horário das mãos de Julie e franziu o rosto.

— Primeira aula do primeiro dia com *Snape*? Eu

lhe desejaria algo melhor! — Disse Liza já puxando Julie pela camiseta.

— *Snape*? — Questionou a pianista, assustada com o nome.

Continuando a subir as escadas, Liza riu do medo demonstrado por Julie.

— Sim. Ele é o pior professor da escola! Todos nós morremos de medo dele. Por isso lhe demos um apelido em homenagem ao personagem de *Harry Potter.* Como eu poderia descrever o *Snape?* — Liza fingiu procurar as palavras, aumentando a apreensão de Julie. — Acho que "ruim" seria a palavra mais *light* para descrevê-lo!

Agora Julie estava oficialmente com medo. Era a primeira vez que frequentava uma escola na vida e seu primeiro professor tinha a alcunha do pior mestre dos livros de *Harry Potter.* Não conseguia sequer imaginar como seria o tal homem. Ao chegarem à sala, Liza pousou a mão na maçaneta e sussurrou:

— Boa sorte! — A estudante de Drama deu as costas e começou a se afastar, mas voltou-se e articulou silenciosamente: — Vai com tudo! — E

voltou a seguir seu caminho.

Julie respirou fundo para tomar coragem de enfrentar o seu primeiro dia em Juilliard.

Do lado de fora, Ema via tudo. Observou quando a filha entrou na escola e ficou do outro lado da rua, sentindo o coração nas mãos, com receio de como seria o primeiro dia de aula da jovem. Esperava que, a qualquer momento, sua menina saísse correndo assustada da escola e precisasse dela. Por isso estava ali, a postos para qualquer eventualidade.

Capítulo 7

Tudo é novidade

A manhã foi tranquila, dentro do padrão habitual para os alunos de Juilliard. O ano letivo começava com todo o gás, pois, para moldar artistas, não se pode perder tempo. Inúmeros profissionais eram formados na escola de artes mais famosa do mundo; muitos deles eram celebridades renomadas. Ali era o lugar certo para aprender com os melhores.

Para Julie, tudo estava sendo extraordinário. Era a primeira vez que tinha a oportunidade de conviver com jovens de sua idade. E a melhor parte é que todos ali na sala de aula respiravam música; todos falavam a mesma língua e dividiam a mesma paixão.

O professor *Snape* era mesmo apavorante. Ele

começou a aula dizendo:

— Eu vou avaliar se são os melhores. Se vocês têm dúvidas de que vão conseguir ser os melhores, saiam já! Aqui eu só quero alunos que tenham um pensamento: MÚSICAAAA!

Imediatamente, os estudantes se entreolharam; o temor era patente em suas expressões. Julie, no entanto, adorou; ela entendeu que o professor, assim como ela mesma, amava a música acima de tudo.

Entre aulas e mais aulas, chegou o horário do almoço e todos os alunos se concentraram no mesmo ambiente. Quando entrou no enorme salão apinhado de gente, Julie sentiu certa aflição. Ela estava preparada para a sala de aula, mas aquele ambiente superlotado era algo totalmente diferente. Já estava decidida a sair quando uma voz conhecida soou atrás dela.

— Sobreviveu? — Brincou Liza, bastante animada.

— Sim, sobrevivi. Mas não a isto! — Respondeu Julie, olhando ao redor, nitidamente aflita.

— O ponto de encontro dos alunos é assim mesmo. Vem comigo! Está comigo, está com Deus! O que achou do *Snape*? — A atriz tentava analisar a nova amiga.

— Muito interessante... — Julie ia continuar, mas a expressão assustada de Liza fez com que ela parasse.

— Estamos falando do pior professor da escola. E você diz que o achou interessante?! Não sei de onde você vem, mas aqui ele é horrível! Entendeu? — Julie fez um aceno positivo com a cabeça.

Liza continuou puxando-a pelo braço e, quando se deu conta, estava em uma mesa, rodeada por outros estudantes que conversavam animadamente. Na ponta da mesa, Gabriel estava abraçado com um colega; os dois pareciam muito íntimos e a conversa fluía normalmente, ninguém parecia achar estranho o fato de que os dois estavam tão próximos. Apenas Julie os observava como se nunca os tivesse visto na vida.

Gabriel escolheu aquele momento para encará-la e, percebendo a perplexidade estampada em seu olhar, sorriu maliciosamente e beijou o outro rapaz

na boca, jamais desviando o olhar da pianista. Ao se dar conta de que a amiga ainda estava de pé, Liza puxou-a para se sentar.

— É, esse é Gabriel Taylor! — Liza bateu na mesa e gritou em direção aos rapazes: — Vamos parar com a cena! Temos fruta fresca na mesa; e ela não está habituada a isso. Pessoal, está é Julie e, acreditem ou não, ela amou o *Snape*.

A informação chamou a atenção de todos. Sentindo todos os olhares sobre si, Julie começou a ficar vermelha e a sentir palpitações. Ela desejou que um buraco se abrisse aos seus pés para que pudesse se esconder.

— Gostou do *Snape* e ficou admirando o meu beijo com o Thomaz... O que mais falta descobrir sobre a *Miss Perfect*[2]? — Gabriel brincou e soprou um beijo para Julie.

— Não tem mais nada para descobrir!

Sem maiores explicações, sentindo-se envergonhada e com medo da pergunta, a jovem se levantou, pronta a ir embora. Não existia mais nada que eles deveriam descobrir sobre ela. Julie estava naquele lugar para viver o seu sonho e não para ser

avaliada e provocada por ninguém. Seu segredo jamais poderia vir à tona em Juilliard.

Quando andava para fora do refeitório, notou que Liza a seguia.

— Tudo bem, Julie? Gabriel é assim mesmo. Ele adora brincar e provocar. É uma boa pessoa, mas pode ser assustador para quem não o conhece! — A ruiva sorria tranquilamente.

Olhando em direção à mesa que deixará para trás, Julie viu Gabriel encarando-a com um sorriso de provocação nos lábios. Sem parar de olhá-lo, a pianista respondeu:

— Eu estou bem. Só preciso ficar um pouco sozinha. Obrigada por ser simpática comigo, Liza!

Sem permitir que a nova amiga contra argumentasse, Julie saiu a passos largos, encaminhando-se para as salas de estudo. Ela passou sua identidade estudantil em um dos terminais de consulta e viu qual das salas estava disponível.

A sala tinha um piano de cauda preto e espaço suficiente para que uma pessoa estudasse confortavelmente. Colocando suas coisas sobre o

instrumento, Julie levantou a tampa que protegia as teclas e testou uma delas. O som forte ecoou no ambiente. Sorrindo, a jovem se sentou, respirou profundamente e sentiu um arrepio percorrendo o seu corpo. De olhos fechados, ela deu liberdade aos seus dedos que, por instinto, deslizaram pelas teclas brancas e pretas, produzindo uma melodia que lhe tranquilizou o coração.

No refeitório, Gabriel se aproximou de Liza, encostou-se à mesa e, olhando para o movimento no salão, perguntou:

— Quem é a sua nova amiga? Ela se acha! — O comentário foi um tanto mordaz.

— “Ela se acha”? Estamos falando dela ou de você? — Liza segurou o rosto do bailarino e falou: — Ela é uma jovem que está começando a viver seu momento, assim como nós. Ela é tímida, insegura, simpática, mas existe algo de especial e diferente nela...

— Como se guardasse um segredo? — Gabriel interrompeu, encarando a ruiva.

— Acho que sim! — Devolveu Liza com um sorriso.

— Viu como ela ficou quando eu perguntei o que ainda faltava descobrir sobre ela? — Gabriel assumiu uma expressão misteriosa e pensativa.

— É normal que ela fique assim no primeiro dia de aula. Ainda mais depois de ver você beijando o Thomaz daquela forma! — Liza comentou, rindo ao se lembrar da cena.

Gabriel também sorriu ao recordar o ar assustado de Julie.

— Foi engraçado ver a cara dela. Parecia que estava vendo dois extraterrestres. Mas, em seguida, ela fugiu. Essa sua "amiga" é muito estranha! — Gabriel olhava ao redor, procurando a pianista. — Para onde ela foi?

— Gabriel! — Repreendeu Liza. Ela sabia como o rapaz adorava perturbar os alunos novos. — Acho que ela foi para uma das salas de estudo do primeiro andar. Mas se comporte. Eu gostei dela!

— Prometo que vou só irritar a *Miss Perfect* um pouquinho!

Beijando o rosto da futura atriz, Gabriel deixou o refeitório para trás. Sorrindo, Liza abanou a cabeça. Ela sabia que o bailarino podia ser chato e

irritante quando queria. Ele agira da mesma forma com ela. Quando ela começou a estudar em Juilliard, precisou de um bom amigo e, com o tempo, Gabriel assumiu essa posição. Hoje, os dois eram confidentes. Ele tinha um sexto sentido para captar pessoas que precisavam de ajuda; talvez Julie fosse uma dessas pessoas.

Gabriel caminhou em direção às salas de estudo, espreitando janelas enquanto procurava a nova aluna. Finalmente encontrou-a sentada ao piano, de olhos fechados. Os cabelos loiros emolduravam um rosto angelical e ela tocava com a alma. Observando-a atentamente, o bailarino sentiu um aperto no coração; a melodia desconhecida preencheu seu corpo, prendendo-o de forma incomum. Em sua cabeça, repetia-se a pergunta:

— Quem é você, Julie?

Capítulo 8

Sozinha em Nova York

A semana passou. E a vida continuava correndo contra o tempo em uma batalha entre o bem o mal. Cada minuto e hora eram como peões de um jogo de xadrez, lutando para conquistar a vitória. Apesar disso, Julie estava verdadeiramente feliz. Em apenas uma semana de aulas, a pianista já fizera alterações em sua composição, que ganhava uma vida que a compositora já não tinha.

Depois das aulas, Julie passava algumas horas com a mãe, conversando ou passeando pela cidade. Os momentos compartilhados falando sobre as novas experiências ajudavam a esquecer da doença que consumia o corpo da jovem.

No sábado à noite, mãe e filha caminhavam pelas ruas de Nova York vendo as vitrines, luzes e pessoas. Tudo era bem diferente da cidade delas, no coração da América. Falando em coração, o de Ema estava apertado.

— Está tudo bem? — Perguntou Julie, percebendo que o silêncio entre elas estava cheio de dúvidas que pairavam no ar.

— Você me conhece melhor do que eu conheço a minha própria filha! — As duas riram, a declaração de Ema era verdadeira. — Amanhã eu volto para casa e deixo você aqui. Não sei se estou fazendo a coisa certa!

— Mãe, nós já conversamos sobre isso! Eu vou ficar bem. Prometi que vou comer direitinho, tomar os remédios e continuar o tratamento... — Julie encostou a cabeça no ombro da mãe. — Pode viajar em paz. Eu estou feliz!

— Isso eu percebi! Você está feliz como nunca esteve na vida! Acho que cometi muitos erros ao te proteger demais... — Essa era uma certeza crescente na mente de Ema.

— Eu não disse nada. Mas não esqueça de que

foi a senhora quem disse isso! Quer que eu grave para que depois não fale: “Eu nunca disse uma coisa dessas!” — Julie imitou a mãe e as duas riram da brincadeira.

Ao virarem a esquina, foram assaltadas pelo cheiro embriagante de cachorro quente. O carrinho parado na rua chamou a atenção de Julie.

— Hummm! Deu água na boca! — O comentário da pianista fez com que Ema ficasse imediatamente preocupada. — Mãeeee! É o cheiro desse cachorro quente. Vamos comer um?

— Querida, é comida de rua e... — Ema tentava argumentar quando a filha lhe dirigiu um olhar que tornou impossível dizer “não”. — Tudo bem! Eu detesto quando você me olha desse jeito!

— Anos de experiência! — Julie sorriu e bateu palmas, satisfeita por ter seu desejo atendido.

Pediram dois cachorros quentes e Julie observou atentamente cada detalhe da preparação. Queria absorver o máximo de sensações, cheiros, sabores e vivências. Assim que recebeu o enorme cachorro quente, ela mordeu-o com toda a vontade do mundo. Fechou os olhos tentando decifrar cada

sabor. Era como se estivesse provando a melhor iguaria do mundo e não um simples pedaço de pão com salsicha.

— Eu vou fazer isso muitas vezes! — A pianista falou com a boca cheia.

— Julie, nem pense nisso! — A preocupação estava clara no olhar de Ema. — Esses molhos podem fazer mal ao seu estômago.

— Esse sabor é diferente. Cachorro quente em Nova York é tudo de bom! Não pode haver coisa melhor no mundo... — A jovem se interrompeu e, por alguns segundos, pensou sobre o que acabara de dizer. — Depois da música, não existe coisa melhor no mundo!

Ema não conseguia parar de sorrir. Era muito bom ver a filha alegre com algo tão simples. Continuaram o passeio pela cidade que parecia não parar nunca. Olharam os letreiros luminosos, artistas de rua, turistas tirando fotos... Olhando para Julie, Ema sentiu uma lágrima escorrer por seu rosto, extasiada por ver o brilho de felicidade nos olhos de sua menina.

— Qual é a primeira coisa que vai fazer quando

eu for embora? — Questionou a mãe embora já soubesse a resposta.

Julie pensou e olhou para o céu.

— Fazer uma tatuagem, ir para uma balada e... — A jovem começou a rir do olhar assustado da mãe. — Não! Vou assistir ao musical “O Fantasma da Ópera”!

— Sem mim? — Ema mostrou-se ofendida.

— Sim. Você dormiria durante o primeiro ato, começaria a roncar e eu morreria de vergonha. — Concluiu a pianista.

— Eu não ronco! — Julie arregalou os olhos e, sabendo que a filha falava a verdade, Ema encerrou o assunto. — Eu respiro profundamente!

As duas estavam rindo quando, de uma hora para outra, Julie ficou séria. Seus olhos estavam fixos em um ponto específico e Ema tentou ver o que tinha chamado a atenção da filha. Do outro lado da rua, um grupo de jovens caminhava animadamente.

— O que foi? — Perguntou a mãe, surpresa com o comportamento da jovem.

— Nada! — Rapidamente Julie desviou o olhar

do grupo.

O grupo observado pela pianista era composto por alguns dos alunos da Juilliard. Entre eles, estava Gabriel, o centro das atenções; sua altura fazia com que se destacasse dos demais, assim como o sorriso perfeito e os olhos verdes, que brilhavam como um farol iluminando o caminho. A camiseta com uma enorme gola V deixava entrever a pele lisa e destacava o peito musculoso, completando o conjunto com a calça jeans cinza justa e a jaqueta de couro. O rapaz

era a mistura perfeita entre anjo e demônio.

Olhando para o outro lado da rua, Gabriel viu Julie e a mãe, cumprimentando-as com um aceno de cabeça enquanto o restante do grupo seguia em frente, atravessou a rua em direção as duas.

— Boa noite, *Miss Perfect*! — Ele disse ao aproximar-se das duas. Endereçou um sorriso à Ema e perguntou: — Conhecendo a cidade?

Julie olhou para ele, mas permaneceu calada.

— Sim! — Ema respondeu, olhando-o como se

perguntasse: “Quem é você?”, e o rapaz entendeu.

— Me desculpe. Sou Gabriel Taylor, colega da “*Miss*... — Ele estava prestes a repetir o apelido que dera à pianista, mas conseguiu se refrear a tempo. — Da Julie.

O jovem estendeu a mão para cumprimentar Ema.

— Eu sou a mãe da Julie, Ema Garrow! — Ela disse, observando o jovem atentamente.

— Muito prazer! Nós estamos indo a um barzinho, querem conhecer? — Ele estava apenas tentando ser educado.

— Não, muito obrigada. Estamos passeando! — Julie agarrou o braço da mãe e puxou-a para sair dali.

Gabriel riu da atitude da jovem e Ema estranhou o comportamento da filha.

— Ok. Bom passeio para as duas. Muito prazer, senhora Garrow! — O sorriso encantador voltou a surgir no rosto do bailarino.

Sem dar tempo para que a mãe respondesse, Julie continuou caminhando para que saíssem de perto dele o mais rápido possível. Ema não

conseguia entender os motivos da filha para reagir daquela maneira.

— Pode me explicar o que aconteceu ali? — Pediu Ema.

— Nada, mãe! — Julie disse secamente.

— Quem é ele? É um rapaz bonito... Gabriel? Interessante! — Ema comentou e olhou para trás a tempo de ver o jovem correr para se reunir ao seu grupo original. — Muito simpático e educado.

— A senhora não o conhece! Não devia se enganar pela primeira impressão! — Julie resfolegou; estava irritada por tê-lo encontrado e a resposta da mãe desagradou-a mais ainda. — É um bailarino, irritante, metido, namora um dos meninos do grupo e se acha o melhor do mundo.

— Ele é gay? — Surpresa, Ema perguntou.

— Sim, mãe, é gay! No dia em que o conheci, além de me chamar de "*Miss Perfect*", beijou o namorado na minha frente. É um sem noção mesmo! — A voz de Julie se alterou ao falar do rapaz.

— Isso é preconceito? — A mãe ainda não compreendia as atitudes da filha.

— Não, mãe. Eu apenas não gosto dele! — Respondeu a jovem irritada.

— Gay? — Ema não queria acreditar. — Ainda bem!

— Por quê? — Julie não entendeu o comentário da mãe.

Ema abraçou a filha e aproximou-a de si. Sentia um aperto no peito, pois não desejava ver Julie sofrendo por amor. Aceitava todas as novas experiências que a filha pudesse viver antes de partir, mas não conseguia imaginar a jovem apaixonada. Estava mais tranquila por ver que o comportamento estranho da pianista não escondia interesse por Gabriel, afinal, ele era gay e não representava nenhum perigo. Apenas isso tranquilizou seu coração materno.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Não quero conversar

Eram oito horas de uma manhã de domingo e Julie não conseguia dormir, embora aquele fosse o único dia em que poderia descansar. Fazia duas horas que a mãe voltara para casa; ela tinha questões a resolver antes de poder voltar a Nova York para passar mais algum tempo com a filha.

Saber que estava sozinha era uma sensação única para Julie. Horas atrás, tinha a certeza de que, se precisasse, sua mãe estaria a apenas alguns quarteirões de distância. Agora, estava por sua conta; não havia mais ninguém a quem pudesse recorrer.

Sentada na cama, ela encarava a parede branca à sua frente.

— Você não pode pensar assim! Você não está

sozinha! — Ela pensou e respirou profundamente.

Julie tomou um banho rápido e vestiu uma roupa confortável; calçou um par de *crocks* e foi para o refeitório. Os funcionários trabalhavam tranquilamente no local silencioso e a presença da pianista pegou-os de surpresa.

A jovem pegou uma bandeja e serviu-se com uma tigela de cereais, um caixinha de suco e algumas bolachas, dirigindo-se à sala de recreação. Sentou-se em frente à TV e acomodou a bandeja sobre as pernas. Entre uma colherada e outra, ia mudando de canal. Estava tão distraída que não percebeu que alguém se aproximava.

— Você se esqueceu dos comprimidos!

A voz de Gabriel fez com que Julie pulasse no sofá. Ao olhar para a bandeja ela percebeu que, realmente, se esquecera dos comprimidos. Ele ainda estava com a mesma roupa que vestia na noite anterior, então ela soube que ele estava chegando.

— Como sabe que tomo comprimidos? — Ela perguntou com uma expressão fechada.

— Ando de olho em você! — Julie se espantou

com o comentário e Gabriel riu de sua expressão. — Brincadeira. Vi você tomando os comprimidos ontem. E nunca deixamos de tomar suplementos e vitaminas.

— Ah, claro! — Ela respirou aliviada diante da resposta do bailarino. “O que mais ele poderia pensar? ”, ela imaginou, ainda com uma expressão severa.

— Boa noite!

Julie se virou para a TV e continuou comendo, como se Gabriel não estivesse sentado no braço do sofá e com os pés apoiados no assento. O jovem encarava a pianista tentando descobrir quem era, na verdade, a misteriosa Julie Garrow.

O olhar penetrante e insistente de Gabriel incomodou-a ao ponto de fazê-la parar de comer. Lentamente, Julie pousou a colher na tigela e olhou de lado para o bailarino.

— Vai ficar aí me encarando? — Ela tinha um pouco de receio do rapaz.

— Eu poderia passar horas olhando para você, tentando descobrir os seus segredos e imaginando quem você é! — Existia algo de sedutor em Julie

que o atraía como um imã.

— Vá dormir e me deixe em paz. Você deve estar cansado! — O tom de voz da pianista começou a se alterar.

Gabriel sorriu e se inclinou em direção à Julie, sussurrando em seu ouvido:

— Está preocupada comigo? Anda me observando?

A voz sedutora do bailarino fez com que Julie pulasse do sofá e se colocasse de pé. Ela se esqueceu da bandeja em seu colo e, em questão de segundos, tudo estava espalhado pelo chão.

— Olhe o que você me fez fazer! — Ela reclamou, ruborizada.

Ele mordeu os lábios achando graça do que aconteceu e levantou-se para ajudá-la com a bagunça.

— Paraaaaaa! Eu não quero conversar com você, não quero saber de você, não quero a sua ajuda... — Julie encarou-o com fúria brilhando em seus olhos e gritou: — EU NÃO QUERO NADA COM VOCÊ!

Os gritos fizeram com Gabriel levantasse as

mãos. Sorrindo, ela caminhou de costas e se afastou. Julie ficou olhando para a comida espalhada no chão e sentiu os olhos inundados de lágrimas, mas segurou o choro para não mostrar fraqueza na frente do bailarino. Ela suportou toda a dor do tratamento sem chorar, não seria um jovem idiota que faria com que ela perdesse o controle. Secando os olhos na manga da blusa, a pianista se ajoelhou e começou a limpar a sujeira à sua frente.

— Ela tem algo que me atrai e me faz provocá-la! — Com esse pensamento, Gabriel entrou em seu quarto.

Ele sorriu ao recordar a cena que presenciara há poucos minutos. Começou a tirar a roupa, deixando-a espalhada pelo quarto.

— Ela tem medo de mim, mas por qual razão? — O bailarino se perguntava.

Seus pensamentos estavam focados em Julie. Ele se sentia bem provocando a ira da garota inocente e assustada. Abrindo uma gaveta, pegou um calção de treinamento, calçou os tênis e segurou uma camiseta regata. Mordeu os lábios ao se lembrar da pianista brava, com a fúria impressa no

olhar.

Gabriel deixou o quarto e voltou à sala de recreação. Ela não estava mais lá. “Deve estar no refeitório!”, ele pensou e correu para lá sem ao menos perceber que ainda não vestira a camiseta. Lá estava ela, sentada sozinha, pensativa. Silenciosamente, ele se aproximou.

— Desculpa pela brincadeira!

Olhando para ele, Julie teve a oportunidade de admirar seu peitoral e abdômen. Os músculos eram trabalhados sem exagero; a pele lisa parecia ser suave. Qualquer mão deslizaria sobre aquela pele sem nenhuma dificuldade... Seus pensamentos foram interrompidos pelo grito de uma das funcionárias.

— Senhor Taylor! Conhece as regras e sabe que é proibido andar sem roupa nas áreas comuns!

Outra funcionária tentou fazer cara de brava, mas teve que segurar um sorriso. Aproximando-se dela, Gabriel deslizou uma das mãos pelo corpo em um movimento sensual, como faria um *stripper,* e falou:

— Eu vim assim para alegrar o seu dia! —

Mandou um beijinho para a empregada, piscou para Julie e saiu.

Quando o bailarino saiu, a mulher sorriu e olhou para Julie, que estava espantada com a atitude do rapaz.

— Esse rapaz é doido, mas é uma boa pessoa! Meu Deus, se eu tivesse a idade dele...

A funcionária saiu se abanando e rindo. Julie estava sem reação; nunca tinha ficado tão perto de um rapaz sem roupa e a imagem do corpo dele não saía de sua mente. A cor de pele, todos aqueles músculos diante do seu rosto, tão perto; a voz suave lhe pedindo desculpas... A respiração da pianista se alterou. Ela estava com raiva de Gabriel e dos próprios pensamentos. Quem ele pensava que era para atormentá-la dessa forma?

— Que raiva de você, Gabriel!

No entanto, seu coração batia diferente do que sua voz dizia. Em sua memória permanecia a imagem do sorriso sedutor e do corpo parcialmente desnudo. Julie empurrou a bandeja; perdera a fome tudo por culpa do rapaz mais irritante do mundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Noite de domingo

Depois do episódio na sala de recreação e no refeitório, o dia foi tranquilo. Julie falou com a mãe para saber como foi a viagem de volta à cidade delas; conversaram um pouco sobre o primeiro domingo da pianista sozinha. Julie não mencionou o bailarino, mas Ema percebeu que havia algo de errado com a filha; como queria atender seu pedido e lhe dar um pouco de espaço, mesmo estando preocupada, a mãe não fez questionamentos.

Julie passou quase a tarde inteira na sala de estudo, tocando piano. Além de praticar tocando partituras de compositores importantes, dedicou uma parte da tarde ao melhoramento de sua composição. Aprendera muita coisa durante a primeira semana de aulas e estava fascinada.

Quando a noite começou a cair, o estômago de Julie começou a emitir alguns ruídos, lembrando-a de que passara muito tempo sem comer. Precisava tomar seus remédios, por isso, arrumou suas coisas e deixou o piano para trás. Quando passava pela sala de convivência, ouviu gargalhadas. Poucos segundos depois, Liza saiu e encontrou com ela.

— Onde você esteve a tarde toda? — Perguntou a ruiva, encarando as partituras.

— Estudando! — Julie disse sorrindo, abraçada aos livros.

— Vou comer. Você quer vir? — A atriz puxou o braço da amiga, rumando em direção ao refeitório.

A pianista parou no meio do caminho e, um pouco sem graça, disse:

— Primeiro tenho que pegar uma coisa no meu quarto. Pode ir na frente. Eu te encontro no refeitório. — Ela não queria revelar que precisava buscar seus remédios.

— Eu vou com você! Odeio comer sozinha e assim vamos conversando... — Liza deu o braço a Julie. — Gabriel quer saber por que você não gosta

dele.

—Como assim? — A moça se surpreendeu com a observação.

— Ele veio me perguntar se eu tinha alguma ideia de por que você não gosta dele... — Liza foi interrompida.

— Ele te mandou perguntar isso? — Julie alterou o tom de voz.

— Não. Mas eu fiquei curiosa! — Liza estava sendo sincera. — Eu sei que, às vezes, o Gabriel é irritante. Mas quando ele contou o que aconteceu de manhã e falou sobre suas dúvidas... Eu fiquei curiosa! Por que motivo você não gosta dele?

— Ele me é indiferente. Nem gosto e nem desgosto. Só acho que ele acredita que o mundo gira ao seu redor! — Revelou Julie de forma sincera.

A pianista abriu a porta e as duas entraram no quarto. Parecia que ninguém morava lá. Tudo estava impecavelmente arrumado. A única exceção era um urso de pelúcia sobre a cama. A organização deixou Liza boquiaberta e a aspirante a atriz pensou: “Se ela entrar no meu quarto, morre!”

Abrindo uma das gavetas, Julie guardou as partituras. Abrindo o guarda-roupa, ela pegou alguns remédios de dentro de uma bolsinha.

— Vitaminas? — Perguntou Liza, observando atentamente.

Sem saber bem o que responder, a pianista lembrou de que Gabriel mencionara suplementos alimentares naquela manhã.

— Suplementos! Eu preciso deles. — Julie disfarçou.

Liza ficou atônita. Ela não questionou, mas, mesmo com os suplementos, a pianista tinha uma aparência cansada. As duas foram para o refeitório que, naquele horário, estava cheio. Se aproximando da amiga, a futura atriz disse:

— Pegamos as bandejas e comemos na sala de convivência!

Julie sorriu e concordou com a ideia. Ambas pegaram batata frita, *nuggets* de frango e molho, uma caixinha de gelatina e um copo de suco; então, seguiram seu caminho para fora do refeitório.

A sala de convivência estava bastante animada. Alguns alunos assistiam TV, outros jogavam cartas

e um grupo brincava sobre um tapete de *Twister*. As risadas altas partiam dos jogadores e dos observadores. Animado no meio da brincadeira que era quase um contorcionismo, estava Gabriel.

Liza levou Julie para a mesa que oferecia o melhor ponto de observação da brincadeira, que parecia ser muito divertida. Quando Gabriel viu a pianista chegando, se atrapalhou e caiu, derrubando mais dois amigos no processo. Todos riram do bailarino e a moça mordeu o lábio para não mostrar que tinha achado a cena engraçada.

— Perdeu, Gabi! Pode sair. — Ordenou um dos participantes.

O jovem fingiu estar chateado e sentou em um dos sofás que ficava diante dos jogadores. Mas, em vez de prestar atenção ao jogo, seus olhos estavam focados naquela misteriosa garota que tinha chegado à Juilliard. Julie, por sua vez, observava a brincadeira do grupo; sempre via crianças e jovens brincando, mas a mãe nunca permitirá que ela participasse por medo de que se machucasse. Ema sempre a superprotegera.

Entre um *nugget* e outro, Julie colocava um

comprimido na boca e tomava um pouco de suco. Gabriel a observava com bastante atenção. O mistério que envolvia aqueles olhos verdes o deixava cada vez mais curioso. Sua presença irritava a pianista com uma facilidade incrível, o que só contribuía para o aumento de seu interesse.

— Não vai jogar? — Gabriel perguntou encarando Julie.

A pianista não deu atenção ao bailarino e continuou atenta à brincadeira. Liza bateu no braço da amiga e comentou:

— O Gabriel te chamou! — Surpresa, Julie olhou na direção do rapaz e ele repetiu a pergunta, sorrindo.

— Não quer jogar?

Julie, que estava sorrindo dos colegas, mudou de expressão e balançou a cabeça negativamente, voltando a se concentrar na comida. Entretanto, sentia o olhar de Gabriel sobre si, e isso a incomodava.

— Já jogou? — Gabriel estava intrigado com o interesse dela pelo jogo.

Com os olhos voltados para a bandeja, ela

indicou que não. Liza, ao seu lado, também estava surpresa.

— Você nunca jogou *Twister*? — A estudante de Drama insistiu e, diante da nova negativa, perguntou: — De onde você é?

— É que no hos... — Julia quase deixou escapar que não podia brincar no hospital. — Eu não sou boa com a coordenação motora exigida para esse tipo de brincadeira.

O tom de voz indicava uma mentira banal. Na verdade, Julie não tinha amigos, a não ser os funcionários do hospital. Muitas das crianças que conhecera acabaram morrendo. Ela não frequentava a escola regular e não podia brincar na rua. Assim sendo, aquela foi a melhor desculpa que a jovem conseguiu arrumar; ao menos era melhor do que a verdade que ela tentava esconder.

Gabriel levantou do sofá e se aproximou da pianista. Estendendo a mão, ele disse:

— Vamos resolver isso agora mesmo! — Julie arregalou os olhos e ficou parada olhando para a mão diante de seu rosto.

Liza acenou com a cabeça, incentivando-a a

aceitar o convite. Julie estava em dúvida, mas ver a diversão do grupo a impulsionou a aceitar a mão que Gabriel lhe oferecia. Um dos rapazes explicou as regras da brincadeira e Julie entrou no grupo. Na vez de Gabriel, ele se posicionou nos círculos que o deixavam mais próximo da pianista; seu braço tocou o dela e os dois se entreolharam. O bailarino sorriu e Julie desviou o olhar.

A noite seguiu seu rumo, preenchida por olhares e fugas, toques e caras fechadas. De longe, Liza observava a dinâmica entre o casal, percebendo que algo diferente nascia entre Julie e Gabriel, algo que nem eles mesmos haviam notado ainda. O rapaz estava encantado com o perfil tímido da garota que fugia constantemente dele; Julie queria ficar distante dele, sem saber que isso o aproximava mais. A atriz riu, tendo a certeza de que aquela aparente rivalidade era a tradução de algo mais intenso e profundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

O fantasma da ópera

As primeiras duas semanas de aula voaram tão rápido quanto o vento. O tempo começava a esfriar. Com a mudança de temperatura, a correria dos estudos e a exigência dos professores, Julie estava se sentindo esgotada. Por conta disso, a pianista precisou visitar o médico antes do previsto. Em sua cidade natal, Ema corria para resolver todas as pendências organizacionais da loja e poder voltar para perto da filha. Apesar da situação complicada, a vida parecia seguir seu curso normal.

Em uma quarta feira, os moradores do *Juilliard's Meredith Wilson Residence Hall* receberam a relação de espetáculos cujas entradas seriam vendidas com desconto para os estudantes. A pianista estava ansiosa para ver os títulos

selecionados, afinal estava na cidade que existe um novo acontecimento artístico em quase cada esquina. Segurando o papel os olhos percorreram a lista com veracidade, ao ver que “O Fantasma da Ópera” era uma de suas opções, Julie sorriu e, rapidamente perguntou à recepcionista:

— Quando eu posso ir assistir? — A ansiedade da jovem rendeu um sorriso à funcionária.

— Hoje mesmo! Basta apresentar a carteirinha de estudante para ter direito ao desconto. — Informou a simpática recepcionista.

Os olhos de Julie brilharam. Estava em contagem regressiva para poder assistir aos espetáculos desde que Liza lhe contara que os estudantes tinham desconto em algumas das entradas.

— Quer dizer que posso ir assistir “O Fantasma da Ópera” hoje mesmo? — Ela ainda não acreditava completamente. Um aceno positivo fez com que a felicidade brilhasse no rosto da pianista.

Julie ainda teria que esperar algumas horas. Agradecendo pela informação, a jovem saiu saltitante, cantarolando uma das canções do

musical. Atrás dela, Gabriel observava tudo atentamente. Aquela jovem era estranha.

Depois de ver “O Fantasma da Ópera” mais de dez vezes, o bailarino não conseguia entender o motivo de tanta euforia. Analisando a lista, ele percebeu que um espetáculo de dança contemporânea também estava disponível. Durante a semana seria mais tranquilo, pois o número de frequentadores seria menor.

Julie não sabia se era a sua ansiedade que estava atrasando as horas ou se o relógio da vida se divertia em vê-la sofrer. Suas constantes conferidas no relógio chamaram a atenção do professor.

— Tem algum compromisso, senhorita Garrow? — Ele perguntou, encarando-a por detrás dos óculos.

— Não, eu só... — Ela se interrompeu antes de prosseguir.

— Um músico profissional precisa ter foco, atenção e, acima de tudo, empenho. Entendeu, senhorita Garrow? Com essa atitude, você não vai a lugar nenhum... NENHUMM! — Ele gritou.

— Eu não faço planos, professor! — Julie

estava vermelha, envergonhada pela reclamação e pelos olhares de todos os alunos, concentrados nela. Seu comentário fez com que a expressão do professor ficasse ainda mais fechada.

— Como uma aluna da Juilliard pode não fazer planos? Todo artista sonha. E você não faz planos? — O homem se aproximou da cadeira de Julie.

Com um aceno lateral de cabeça, a pianista reafirmou sua resposta, irritando ainda mais o professor.

— Você está no lugar errado, senhorita Garrow! — Ele gritou, não acreditando na atitude da aluna.

— O senhor sabe quanto tempo vai viver? — A pergunta direta deixou o professor sem reação. Julie continuou: — Eu não sei! E, desde pequena, aprendi a não fazer planos. Simplesmente vivo cada dia como se fosse o último. Assim aproveito tudo de bom que o momento pode me oferecer. Quando fazemos planos, acabamos perdendo o ‘agora’ porque estamos focados no ‘amanhã’.

A lógica da jovem deixou o experiente professor sem palavras. E, assim, ele deu prosseguimento à aula.

Ao fim do período de estudos, Julie saiu correndo da sala, com muita pressa de chegar ao dormitório. No caminho, encontrou com Liza.

— Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa? — A ruiva ficou preocupada com a pressa da amiga.

— Vou assistir “O Fantasma da Ópera”! Quer vir comigo? — Perguntou Julie, esperando uma resposta positiva.

— “O Fantasma da Ópera”? — Liza assumiu uma expressão fechada e recusou o convite.

Sem esperar por maiores explicações, Julie deixou a amiga se dirigiu à torre dos dormitórios. Passou rapidamente pelas catracas de segurança e apertou repetidamente o botão do elevador, como se isso fosse fazer o aparelho funcionar mais rápido. Estava tão ansiosa que não percebeu que Gabriel a observava.

Chegando ao seu andar, a pianista correu para o quarto assim que as portas de metal se abriram. Tomou um banho rápido, vestiu uma roupa mais quente e, com a mesma rapidez que chegou, saiu.

Mesmo sem poder fazer esforços excessivos, Julie correu pelas ruas de Nova York. A respiração

alterada denunciava o cansaço esperado de alguém com a saúde debilitada. Mesmo assim, ela prosseguiu de forma acelerada, desviando-se das pessoas pelo caminho. Queria ser uma das primeiras a entrar para o musical.

— Quero uma entrada para o musical! — Ela depositou a carteirinha no guichê assim que chegou a bilheteria. A respiração acelerada deixou as palavras quase incompreensíveis.

A funcionária indicou que ainda faltava mais de uma hora para o início do espetáculo, marcado para as oito da noite. Julie ficou envergonhada, mas recebeu um sorriso de encorajamento junto com o bilhete emitido.

— Pode esperar. E um bom show! — Disse a jovem empregada.

Julie agradeceu e se afastou. Ficou admirando o cartaz do musical; tirou uma *selfie* e mandou para a mãe, com a mensagem: “Indo assistir sem você! Melhor assim... Depois conto tudo! ”

O tempo foi passando, mas o entusiasmo e a ansiedade da pianista continuavam em alta. Gabriel, que iria assistir ao espetáculo de dança,

passou pelo local onde Julie estava. Ela olhava para o relógio enquanto esperava as portas serem abertas. O bailarino passou a observar a jovem à distância; ela parecia querer viver tudo intensamente, de uma forma que ele nunca tinha visto antes. Estava curioso para ver a reação da jovem quando assistisse ao musical, por isso desistiu de seus planos anteriores e foi assistir "O Fantasma da Ópera".

Julie foi uma das primeiras a entrar. Observava tudo atentamente, seus olhos percorriam a sala do teatro querendo guardar até os detalhes mais insignificantes na memória. Aquela experiência seria única e maravilhosa, disso ela estava certa. Gabriel seguiu cada passo da jovem e se sentou duas filas atrás dela.

As luzes diminuíram de intensidade, anunciando o início do espetáculo. A música começou a ecoar no amplo teatro. Logo, os bailarinos entraram em cena. Julie nem se atrevia a piscar, mantendo os olhos grudados no palco, acompanhando a dança, as músicas e atuação dos atores. Uma magia diferente invadiu seu coração. A jovem sorria,

deixando que seus dedos tocassem o piano imaginário em suas pernas. Sua respiração era comandada pelo som dos instrumentos.

Gabriel observava todos os gestos da jovem, fascinada pelo espetáculo que ele conhecia tão bem. O bailarino estava encantado com a espectadora que parecia estar vendo a construção de uma das sete maravilhas do mundo. Quando o Fantasma, em cena, descobre que a aluna ama o seu rival, Julie começou a chorar, murmurando a letra da música. Gabriel sentiu, no mesmo instante, um arrepio tão intenso como ele nunca havia experimentado antes, realmente Julie estava vivendo a cena emocionada, aquilo mexeu com ele, nunca ninguém tinha expressado aquele sentimento assistindo ao musical.

O espetáculo tocou profundamente o coração da pianista; fato que ficou patente em sua expressão facial. Ao fim da apresentação, a jovem levantou-se aplaudindo e, ao virar para trás, viu Gabriel, que não parou de observá-la nem por um segundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Volta para casa

Encostado em uma das paredes, mantendo uma das pernas dobradas, Gabriel olhava para as portas de vidro, esperando que Julie saísse do teatro. O jovem tinha uma expressão meio arrogante e meio cafajeste. Ele sorriu para a pianista que, baixando o olhar, se retirou sem dizer uma única palavra.

— Posso te acompanhar? Nós vamos para o mesmo lugar... — Disse o bailarino quando a jovem passou por ele.

Julie não respondeu, apenas deu de ombros mostrando indiferença e continuou caminhando pela calçada sem esperar pelo bailarino. Seus olhos não desgrudavam o chão; mantinha as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, enquanto os cabelos loiros balançavam ao vento.

Por um longo período, os dois caminharam lado a lado, em total silêncio. Gabriel tinha esperanças de que a garota olhasse para ele, mas ela apenas lhe acompanhava os passos. Até que ele tomou a iniciativa e falou:

— Foi o seu primeiro musical? — Ele já tinha certeza da resposta, mas queria ouvi-la dizer.

— Humhum! — Julie confirmou.

— Hoje foi a décima primeira vez que assisti. Sempre acontece algo diferente! — Ele comentou com um sorriso.

Nesse momento Julie olhou para ele. Mas quando os olhares se encontraram, ela interrompeu o contato e voltou a olhar para o chão.

— Gostou? — O bailarino insistia em puxar conversa.

— Humhum! — Ela repetiu o mesmo som de confirmação.

— Interessante! — Disse Gabriel. — Para brigar comigo, você até grita. Mas, quando podemos conversar como duas pessoas civilizadas, você só repete esse som irritante...

Apressando o passo, o bailarino começou a

tomar distância. As luzes da cidade não mais refletiam a sombra dele na calçada. Quando levantou o olhar, Julie percebeu que Gabriel havia se adiantado bastante. Um pouco envergonhada, ela falou num tom de voz mais alto:

— Sim, foi a minha primeira vez vendo um musical. E sim, também gostei! Por que você o assistiu tantas vezes? — Agora ela aguardava a reação do rapaz.

Ouvindo a pergunta, Gabriel imaginou que não poderia responder: “Vi você na entrada e fui assistir por sua causa! ” Ele riu pensando sobre como ela reagiria e rapidamente respondeu.

— É um dos meus musicais preferidos. Dois amores disputando a mesma pessoa; um deles sabe que nunca vai ser correspondido e, mesmo assim, não tem medo de demonstrar o que sente. O outro ama e luta pelo sentimento! — Gabriel sorriu com as próprias palavras. — Eu acredito em um amor diferente!

O comentário do bailarino a surpreendeu e seu pensamento ganhou voz.

— O que quer dizer com “um amor diferente”?

— Ficou envergonhada ao perceber que falara alto. — Desculpe. Eu não quero saber sobre o seu namoro com o Thomaz!

— Thomaz? Eu não o namoro! — Julie não entendeu e Gabriel, percebendo, tratou de esclarecer: — Nós já namoramos. Hoje, somos apenas bons amigos. Como a Liza!

— Você também namorou a Liza? — Gabriel não parava de surpreendê-la.

— Liza e eu apenas ficamos. Coisa de amigos carentes que se envolvem, mas não chegamos a namorar. E você? Está namorando? — A curiosidade impelia o bailarino a descobrir mais sobre a pianista.

— Não! — Julie começou a refletir sobre as respostas de Gabriel.

— No que está pensando? — O sorriso malicioso dava a entender que ele já tinha a resposta para aquela pergunta.

Meneando a cabeça, ela voltou a desviar o olhar. Mas as dúvidas sobre o bailarino continuavam pairando sobre ela. “Ele ficou com Liza e namorou o Thomaz. Como pode ser isso?”, ela continuava se

perguntando.

Aparentemente, as indagações estavam escritas em sua testa, pois Gabriel riu naquele exato momento.

— Você não entendeu nada? — Envergonhada, Julie confirmou que não entendera mesmo. — Eu gosto de pessoas. Pessoas especiais. Podem ser garotos, garotas ou outra coisa qualquer! O que me importa é a essência das pessoas, a energia que as cerca e o que elas podem acrescentar de bom na minha vida. Eu sou pansexual!

Aquela era uma palavra inteiramente nova para a pianista. Ela nunca ouvira falar de tal coisa, mas deveria ser algo muito chocante.

— Seus pais aceitam isso? — Ela quis saber, sentindo a curiosidade aumentar.

Gabriel parou de sorrir imediatamente, ficando sério e pensativo. No começo, ele queria descobrir a verdadeira Julie, mas o jogo virou; agora era ela quem queria descobrir o que havia por trás do bailarino. Ele sentia que a pianista era confiável, diferente das outras garotas da escola, então ele respondeu:

— Minha mãe morreu de câncer faz algum tempo... — O tom de voz de Gabriel mudara. Julie sentiu um aperto no peito ao ouvir o que ele tinha a dizer. — Meu pai e eu não nos damos muito bem!

Julie ficou sem graça por ter perguntado algo tão pessoal a alguém que ela mal conhecia; também percebeu a mudança no humor do bailarino.

— Desculpe. Eu não devia ter perguntado!

Automaticamente, Julie grudou os olhos no chão. Notando o desconforto da pianista, Gabriel se colocou na frente dela e levantou seu rosto colocando um dedo debaixo do queixo feminino. Olhou dentro dos olhos verdes e percebeu como eram lindos; pareciam ser os espelhos da alma de um anjo.

— Pode perguntar, Julie Garrow. Você é especial! Sinto que você é diferente de todas as garotas que já conheci. É como se eu pudesse confiar em você cegamente, com a certeza de que nunca vou me decepcionar! — As palavras do bailarino estavam carregadas de sinceridade.

O comentário mexeu com Julie e ela deu um passo para trás, querendo escapar do contato. Ela

também sentia que podia confiar nele, mas a vida dos dois era muito complicada para ser invadida de qualquer forma. Os dois eram como jardins protegidos por altos muros, escondendo segredos que não poderiam ser desvendados tão facilmente.

Assim, ambos ficaram em silêncio durante o restante do percurso. Apenas caminharam, lado a lado, pelas ruas de Nova York. Entraram no prédio residencial ainda sem falar nada e evitando contato visual. Quando Julie parou na porta de seu quarto, os olhares voltaram a se encontrar. Gabriel sorriu discretamente e piscou para ela, como era seu costume. Ela observou-o se afastar com passos pesados. A reação a suas perguntas a deixou incomodada.

Capítulo 13

Uma aula diferente

O dia amanheceu frio, cinzento e com ventania, prenunciando a chegada do Outono. Era um daqueles dias em que só temos vontade de ficar debaixo dos lençóis com um bom livro, um bom filme e uma caneca de café.

Quando o despertador tocou, Julie ativou a função “soneca”, virou para a janela e ficou pensando no caminho de volta ao lado de Gabriel. Agora ela sabia que não era a única escondendo segredos, fragilidades e desejos. Os dela eram simples, envolviam apenas a sua vida nas últimas semanas; os dele pareciam ser bem mais complicados.

Recordou que ele se autodenominou pansexual. Precisava saber o que era isso! Pegando o celular,

fez uma pesquisa rápida da palavra desconhecida. Seguindo um dos *links* ela leu:

"Pansexual é o indivíduo que aprecia e é atraído por todos os tipos de gêneros sexuais."

Ela continuou lendo sobre o assunto e, a cada nova informação, seu semblante se alterava mais. Confusa, pensou alto:

— Qual é o problema com aquele rapaz?

Julie deixou o celular de lado. Suas dúvidas em relação ao bailarino eram maiores agora do que antes da pesquisa.

Levantou e se arrumou. Naquele dia teriam uma aula diferente. Tomou os comprimidos e passou no refeitório para pegar alguma coisa para comer. Em poucos minutos já estava no prédio central. Alguns colegas comentaram:

— Hoje a aula será na sala de dança!

A pianista teve a impressão de receber um soco no estômago. O que eles iriam fazem em uma aula de dança? Ela se aproximou de outros alunos, que já estavam atentos às palavras do professor.

— A Música é a combinação de notas que agradam ao ouvido. Mas não é só isso! A música

também é importante na dança, pois ajuda a ditar os movimentos do bailarino. E é isso que vamos aprender e entender hoje!

Os estudantes de dança já estavam se aquecendo na enorme sala de dança, seguindo as ordens da professora. Julie foi uma das últimas a entrar, logo percebendo Gabriel à sua frente. Ao vê-lo, sentiu o corpo amolecer e seus livros e cadernos escaparam-lhe das mãos, fazendo barulho e traindo a atenção de todos.

A pianista ficou vermelha de vergonha. Não queria ser o centro das atenções nem irritar o professor daquela forma constrangedora. Nervosa, ela se abaixou para recolher o material. Gabriel aproximou-se para ajudar.

— Está tudo bem? — Ele perguntou, sempre sorrindo.

Ela apenas fez um sinal afirmativo. A proximidade do bailarino era tanta que ela conseguiu sentir o perfume dele, era inebriante e sedutor. Os olhares se cruzaram e Gabriel lhe deu um sorriso tranquilizador, entregando o material que havia recolhido. Ele permitiu que suas mãos

deslizassem suavemente sobre as da pianista. Ela rapidamente se endireitou, encostou o material ao corpo e foi sentar junto aos colegas de turma.

A sala era muito bem iluminada. As vidraças permitiam ver a movimentação de carros e pedestres na rua. O piso era de madeira e havia um enorme espelho, em que os bailarinos podiam se ver e policiar os próprios movimentos, bem como tudo o que acontecia ao seu redor.

Os bailarinos se posicionaram e o professor de música sentou-se ao piano, começando a tocar uma melodia escolhida previamente. Os movimentos dos alunos de Dança estavam em perfeita sincronia com a música desde os primeiros acordes. Passos, compassos e notas se encaixavam magistralmente. Era algo sedutoramente envolvente.

Gabriel estava absurdamente concentrado. Seus movimentos revelavam horas de prática e dedicação; ele era másculo e sedutor. O olhar do rapaz se distanciou, como se não enxergasse nada ao seu redor; como se não pensasse em nada. O sorriso deu lugar a uma seriedade profissional única e inédita para Julie, que o observava atentamente.

Ela estava enfeitiçada pela dança do rapaz.

O silêncio era interrompido pelos passos dos bailarinos, acompanhados pela música do piano. Os alunos novatos tentavam respirar o mínimo possível para não estragar o clima do momento.

Durante as evoluções, os bailarinos ficaram em frente à plateia improvisada. Gabriel estava na primeira fileira e encarava Julie com tal firmeza que a jovem se sentiu incomodada. Ele parecia dançar exclusivamente para a pianista, que engoliu em seco diante da intensidade dos próprios sentimentos. O coração da jovem batia descompassadamente e suas mãos começaram a suar; sentia a boca ressecando e, a cada movimento do bailarino, tinha a sensação de que borboletas estavam agitando as asas dentro de seu estômago. Em um determinado momento, tudo ao redor escureceu e Julie não enxergou mais nada.

Gabriel correu para socorrer Julie. O barulho de seu corpo caindo foi assustador, mas ver seu corpo inerte causava arrepios. A professora de dança ligou para a enfermaria e todos formaram um círculo ao redor da pianista inconsciente. O

bailarino permaneceu ajoelhado junto dela, preocupado.

Logo os enfermeiros chegaram elevaram a jovem para a enfermaria. Alguns minutos depois, Julie começou a despertar, sem entender onde estava e nem o que tinha acontecido.

— Ela abriu os olhos! — A voz familiar de Gabriel, carregada de aflição, foi uma surpresa para ela.

O médico e a enfermeira afastaram o bailarino para começar a avaliar a situação da paciente. Efetuaram as verificações de rotina, checaram os olhos com auxílio de uma lanterna e fizeram as perguntas de praxe. Quando estavam prestes a conectar o soro no braço da jovem, ela falou, com alguma dificuldade:

— Na veia não! — Afastando a camiseta, Julie revelou um cateter.

Entendendo a situação, a enfermeira conectou o soro no cateter. Espantado, Gabriel observava tudo e se perguntava: “Por que ela tem um cateter?”

Quando a enfermeira se afastou, o bailarino comentou:

— Você adora chamar a atenção! — Ele sorriu, tentando mostrar tranquilidade. — Está tudo bem?

— Sim, está! — Julie respondeu e fechou os olhos, estava embaraçada com toda aquela situação.

— Eu sempre soube que danço muito bem. Já ouvi suspiros de mulheres e homens. Mas esta é a primeira vez que desmaiam por mim! — Quando a jovem voltou a abrir os olhos, outro enorme sorriso se formou no rosto do bailarino. — Conseguiu elevar a minha autoestima, senhorita Julie Garrow!

— Pare de pensar que é o centro do universo, senhor Gabriel Taylor! — Ela reclamou e fechou os olhos mais uma vez.

— Eu pensava que era, mas descobri uma oponente a altura! O que aconteceu lá dentro? — A preocupação era perceptível na voz do bailarino.

— Nada demais. Eu não comi direito hoje e o meu organismo... — A desculpa esfarrapada foi interrompida por outra pergunta.

— E isso? — Ele perguntou, apontando para o cateter no peito de Julie.

Ela arrumou a camiseta, escondendo o acesso do soro e respondeu:

— Não é nada!

A jovem virou o rosto, fugindo do olhar de Gabriel. Não gostava de se sentir exposta dessa forma. Os dois permaneceram em silêncio e o bailarino começou a desconfiar de que havia algo mais sério acontecendo com a pianista; algo que ela estava escondendo.

Julie tinha medo de ver a piedade no olhar do rapaz. Apesar de sentir sua presença, não encontrava a coragem necessária para olhar para ele. Também não estava disposta a contar a verdade. Ele nunca saberia o que se passava com seu corpo, nem que tinha apenas alguns meses de vida!

Capítulo 14

Um pedido

Julie passou a manhã em observação na enfermaria. Estava com medo de que ligassem para sua mãe, informando sobre o ocorrido. Pela primeira vez desde que chegara a Julliard, era obrigada a pensar sobre sua morte. A sensação de vazio foi mais perturbadora do que ela imaginara ser possível. A ideia de deixar de existir nunca a incomodou antes, mas sentir as forças se esvaindo de seu corpo foi mais do que ela podia suportar. A pianista começou a chorar.

As lágrimas rolaram pelo seu rosto durante o percurso entre a escola e o consultório do médico que, quando soube do que acontecera, exigiu sua presença imediatamente. O doutor Carl Monroe queria entender os motivos para o desmaio de Julie.

A jovem estava tomada pela aflição e sentia o coração apertado. Seu choro demonstrava exatamente como se sentia. Ao entrar no consultório, se recompôs e enxugou as lágrimas. A recepcionista indicou que ela podia entrar, pois o médico já estava esperando.

— O que aconteceu, Julie? — Preocupado, o médico perguntou.

— Foi horrível... — E a pianista desabou.

Em tantos anos de doença, ela nunca perdera o controle. Mas, naquele momento, sua fragilidade estava exposta diante do médico. O choro compulsivo fez com que a jovem perdesse o ar e o coração do médico se apertou mais ainda. Mesmo estando habituado a lidar com a morte todos os dias, ver a garota naquele estado o emocionou e sentiu a garganta apertando.

— Calma, Julie! — Ele estava ao lado da paciente.

O médico pediu que a enfermeira trouxesse um copo de água, que Julie tomou com mãos trêmulas. Por alguns minutos, doutor Carl permitiu que ela desabafasse toda a sua amargura, medo e

desespero. Em seguida, ele pediu:

— Conte o que aconteceu. — Ele queria entender.

Julie respirou fundo e tentou se controlar.

— Eu acordei, tomei os medicamentos e comi qualquer coisa. Fui assistir a aula que, hoje, foi diferente... — A imagem de Gabriel dançando surgiu em seus pensamentos. — Então, comecei a me sentir estranha, meu coração começou a bater acelerado, minhas mãos suaram e a boca secou. Em seguida, perdi as forças do meu corpo e tudo foi ficando escuro.

— Julie, alguma vez você sentiu isso? — Ela disse que não. — Os medicamentos que você toma são muito fortes. A combinação da química com as emoções dos últimos dias pode ter causado isso.

— É assim que se sente quando se morre? — A pergunta foi como um soco no estômago do médico, que desviou o olhar, sem saber como responder.

Ela continuou falando:

— Sei que é uma questão de tempo e nunca pensei sobre esse assunto, mas quando aquilo

aconteceu... Pensei que estava morrendo. — Emocionada, Julie recomeçou a chorar. — Pensei que estava indo embora antes de conseguir me despedir da minha mãe e agradecer por tudo. Deu medo, sabe?

Diante do desabafo sincero, o médico não conseguiu segurar as lágrimas, que rolaram por seu rosto, acompanhando a dor de Julie.

— Eu só conseguia pensar: “Acabou! ” e, pela primeira vez, tive medo. Saber que tudo pode acabar assim provoca uma mistura de paz e sofrimento! — Limpando as lágrimas, a pianista respirou fundo e continuou: — Eu vou sofrer muito quando chegar a hora?

— Julie, você é especial de verdade! Eu não sei se você vai sofrer quando chegar a sua hora, mas garanto que vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que isso não aconteça. Eu te dou a minha palavra! — O médico voltou a sentar atrás de sua mesa. — Mas o fim nunca é igual para todos. Algumas pessoas se vão durante o sono, algumas estão andando ou trabalhando. E outras... Simplesmente partem!

— Hoje foi a primeira vez que pensei sobre o assunto. Mas, sinceramente, pensei mais na minha mãe ficando sozinha! — Os belos olhos verdes da garota ficaram opacos. — Nunca nem cogitei sobre o que acontece depois. O senhor acha que existe vida após a morte?

A pergunta fez o homem sorrir. Ele pensou por alguns instantes antes de responder.

— Sabe, Julie, a vida é como um livro que lemos com intensidade. Algumas vezes, lemos muito rápido para chegar à palavra “Fim”. Outras, lemos lentamente para desfrutar de tudo o que a história nos transmite e, quando chegamos a última página, sempre sabemos que vai existir outro livro! — O médico sorria com tranquilidade. — Depois dessa vida, teremos um novo livro para viver. Mas esse é um segredo que só vamos desvendar no momento certo!

— Doutor Carl, eu li o meu livro sem nenhuma emoção. Só agora, quando me faltam apenas alguns capítulos, estou começando a descobrir os mais diversos sentimentos. É uma pena que faltam poucas páginas para a palavra “Fim”! — Ela disse,

emocionada com as próprias palavras.

O médico começava a perceber o quanto era especial sua paciente. Pegando a ficha da jovem, ele ligou para a enfermeira e encaminhou Julie para fazer alguns exames. A jovem forçou um sorriso, sabendo que os próximos momentos seriam desagradáveis, apesar de necessários.

Após algumas horas, a enfermeira voltou, juntamente com Julie. Ela bateu na porta do consultório e foi autorizada a entrar.

— Como se sente? — O médico quis saber.

— Acho que estou bem! — A pianista aprendeu a disfarçar seu sofrimento e era isso que fazia naquele momento.

— Sua mãe já sabe, Julie? — O médico procurou o telefone de Ema na ficha da paciente.

— Por favor, doutor, não conte a ela! Se minha mãe souber do que aconteceu vai ficar desesperada e entrar no primeiro avião. Ela está resolvendo alguns assuntos antes de voltar. Eu estou bem e não foi nada grave. Peço que não diga nada a ela! — Julie não queria que a mãe sofresse como ela estava sofrendo.

— Tudo bem, eu prometo que não ligo. Mas vou te levar até a Juilliard! — A pianista estava pronta a recusar, mas o médico usou uma estratégia infalível: — Aceite minha carona ou eu ligo para sua mãe!

O médico sentia um carinho especial por Julie. Saber que ela estava sozinha na cidade o deixava mais preocupado com o estado da garota. Os dois percorreram as ruas movimentadas conversando animadamente. Ele disse que era divorciado e não tinha filhos; e que seu maior sonho era ser pai. Revelou que sua família era uma das patronas de Juilliard e que seu irmão estudara lá, mas que, atualmente, era um executivo do ramo musical.

Quando pararam na frente do elegante prédio, ele lhe entregou um cartão pessoal, pedindo para que ela ou a mãe ligassem diretamente para ele caso precisassem de alguma coisa. Especialmente se acontecesse alguma emergência médica.

Capítulo 15

Quem compôs

Julie percebeu uma movimentação incomum no piso do auditório e ficou curiosa por ver alunos, professores, funcionários e outras pessoas circulando por lá. Como passou o dia fora, não sabia do que se tratava. Aproximou-se e percebeu que estavam preparando o ambiente para um evento; já havia algumas cadeiras no palco, bem como um enorme piano de cauda preto.

Por estar sozinha, ela foi caminhando para perto do instrumento, como se atraída por um ímã. Subiu os degraus, encostou-se ao piano e ficou olhando para a plateia vazia, imaginando como seria tocar para uma sala cheia de pessoas. Ela sabia que isso não aconteceria; afinal, os alunos do primeiro ano não se apresentam de eventos.

O piano estava fechado e Julie levantou a tampa e tocou em uma das teclas. O som ecoou no espaço vazio. Naquele momento um dos técnicos de som apareceu.

— Você pode tocar para eu testar o som? — Ele pediu e sorriu para a pianista.

Julie arregalou os olhos como se perguntasse: “Posso?” e o homem autorizou com um aceno de cabeça. Ela sentou, respirou fundo e se concentrou. Assim que os dedos encontraram as teclas, seus olhos se fecharam. A jovem colocou a alma nas pontas dos dedos e tocou com sentimento, como se aquele fosse seu último momento com o instrumento que tanto amava.

A melodia ecoava no espaço e entrava no corpo, causando arrepios em quem ouvia. O técnico parou o que estava fazendo e passou a prestar atenção no que ela estava tocando. Outras pessoas também foram atraídas pela música, aproximando-se e se acomodando para ouvir.

A pianista estava em outro universo e não se dava conta do que acontecia ao seu redor. As notas que tocava penetravam a alma das pessoas que

estavam ouvindo. Gabriel estava entre seus espectadores. Quando viu Julie tocando, seus olhos se prenderam a ela; parecia estar hipnotizado pela melodia ou, talvez, pelo ar angelical da moça.

Nesse momento, Liza chegou e disse:

— É a Julie!

Sem desviar os olhos da jovem, Gabriel pediu silêncio, para que Liza não a incomodasse. Todos estavam absorvidos pelo recital improvisado, presos na melodia que saía do piano. Apenas momentos depois, o temido professor *Snape* entrou no auditório, dando início ao burburinho: "É o *Snape*!" O homem era temido até pelos alunos das outras áreas.

Sempre metódico e rigoroso, ele se posicionava contra qualquer coisa que fugisse das regras. Quando olhou para o palco, ficou espantado por ver uma aluna do primeiro ano tocando. A composição que chamara sua atenção pertencia a uma caloura. Ele queria falar alguma coisa, mas não pôde; também estava envolvido pela música e não conseguia parar de admirar a desenvoltura da pianista. *Snape* estava emocionado!

No palco, iluminada, Julie chorava enquanto tocava sua composição. Estava feliz por ouvir a melodia ecoando em um dos auditórios de Juilliard. Ao tocar a última nota, a pianista sussurrou um: “Obrigada!” e para sua surpresa cerca de quarenta pessoas começaram a aplaudir e assobiar, extasiados pelo momento sublime que tinham acabado de presenciar.

A jovem levou um susto e, quando olhou ao redor, percebeu que estava cercada por alunos, professores e outros funcionários que, emocionados, continuavam aplaudindo calorosamente. Gabriel e outro grupo assobiavam, aumentando a sensação de ovação e Julie sentiu-se invadida pela emoção.

— Quem autorizou a senhorita Garrow a tocar? — Gritou o professor do alto da escada.

O silêncio foi imediato. O homem foi descendo as escadas em direção ao palco e o coração de Julie foi tomado por outro sentimento, o medo. Foi então que o técnico de som se aproximou.

— Eu pedi que ela tocasse! — O funcionário sorriu para Julie e se voltou para o professor. — Eu

precisava saber se o piano estava afinado e pedi que ela me fizesse esse favor.

— A senhorita Garrow é uma aluna do primeiro ano. Em todos os anos de existência dessa escola nenhum primeiro-anista fez o que você acabou de fazer! — O homem declarou de forma autoritária.

— Eu vou ser expulsa por ter tocado, mas... — Julie estava em pânico pelo que poderia acontecer.

O professor mandou que ela se calasse fazendo um sinal com a mão.

— Acha que pode ser expulsa de Juilliard? — Ele perguntou em voz alta, para que todos ouvissem.

Uma nova onda de comentários surgiu no auditório diante da possibilidade. A pianista olhou para o chão e fez um aceno afirmativo com a cabeça. Ela pegou a mochila, pronta para sair dali, mas *Snape* continuou falando.

— Eu já ouvi muitas composições; já ouvi muitas pessoas tocando piano e acredito que temos os melhores pianistas nesta escola... — Ele fez uma pausa dramática, enfatizando o silêncio sepulcral no auditório. — Mas nunca ouvi ninguém tocar

como você acabou de fazer. Você colocou alma e vida em sua melodia. Acha que a Juilliard pode perder um talento como você?

Aplausos eufóricos irromperam novamente. O professor se aproximou de Julie e estendeu a mão para cumprimentá-la. Ela estava emocionada pelas palavras do homem, aliviada por não ser expulsa e comovida com as palmas que lhe dedicavam. Sua mão tremia ao segurar a mão do professor.

— Quem compôs essa melodia? — Curioso, o professor perguntou.

— Eu. Sei que ainda não está perfeita, mas... — Julie temia as críticas.

— Engano seu, senhorita Garrow! Ela está perfeita. Quero que vá ao meu escritório amanhã para conversarmos. Parabéns!

Ele nem mesmo permitiu que Julie falasse alguma coisa. Ela estava sentindo um êxtase inédito. A avaliação positiva feita por um professor tão exigente fez com que esquecesse os temores em relação à sua partida.

Alguns de seus colegas se aproximaram para cumprimentá-la. Entre eles, estavam Liza e Gabriel.

A atriz, eufórica, abriu os braços e abraçou a pianista.

— O *Snape* te deu parabéns! Sua composição é linda e estou muito feliz por você! Amiga, temos que comemorar o acontecimento... — Liza abraçou Julie e gritou para todos: – É MINHA AMIGAAAAAA!

Todos riram. Gabriel se aproximou e encarou Julie com aquele olhar penetrante e sedutor, deu um sorriso e sem que ela esperasse, beijou-lhe o rosto.

— Parabéns, senhorita Julie Garrow. Mandou bem!

A pianista ficou sem reação. Liza fez 'caras e bocas' para a amiga, dando a entender que o bailarino estava interessado nela. Gabriel se afastou e foi saindo, olhando para trás e sorrindo. Julie estava rodeada pelos colegas da escola, parabenizando-a pela apresentação. Mas seus olhos estavam presos em Gabriel, que não deixará de olhar para ela um só instante, mantendo o sorriso nos lábios enquanto se afastava. E aquele sorriso era algo que a prendia cada vez mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Pizza

Todos ainda estavam empolgados com o que aconteceu no final do dia; não se falava em outra coisa no residencial. Os comentários variavam: “Como ela teve coragem de tocar?”, “O *Snape* gostou da composição dela!” e “Até agora aquela melodia não sai da minha cabeça!”, entre outros. Ser o centro das atenções era algo novo para Julie; na verdade, era algo que ela nunca pensou que viveria.

Quando passava pelos corredores, era seguida por olhares, sorrisos e felicitações. Sem desejar, a pianista se transformara no foco das atenções de Juilliard. Quando entrou na sala de convivência do

seu andar, foi engolfada por uma onda de aplausos. Liza era a incentivadora do grupo e foi abraçar a amiga.

— Senhoras e senhores, a artista do momento da Juilliard, Julie Garrow! — A atriz brincou.

— Para com isso, Liza! — Julie estava vermelha, embaraçada com tudo aquilo.

Um dos colegas sorridentes perguntou:

— Você não teve medo do *Snape*? — Todos ficaram atentos à resposta da jovem.

— Juro que pensei que ia morrer! Ele desceu as escadas com uma cara... E quando ele se aproximou, eu pensei: “Vou morrer mais cedo!” — Julie brincou, imediatamente percebendo o que acabara de dizer.

Todos riram. Para eles, não passava de uma brincadeira; para Julie era uma verdade amarga, da qual seus colegas nem desconfiavam. Estavam conversando animadamente quando Gabriel chegou com quatro caixas e gritou:

— Entrega de Pizza! — Ele colocou as embalagens sobre uma das mesas.

Assim que se livrou das caixas, ele viu Julie,

que sorriu. Ele não conseguia entender a atração que sentia pela pianista, mas depois de ouvi-la tocar, tinha a certeza de que ela era muito especial.

— Obaaaaaaaaa! Demorou, sabia? Estava morrendo de fome! — Disse Thomaz, dando um beijo no rosto de Gabriel.

O rapaz abriu uma das caixas e “roubou” uma fatia, mas levou um tapa do bailarino, que disse:

— Onde estão os seus modos? Primeiro as damas. E a “celebridade”! — Gabriel apontou para Julie e fez sinal para ela se servir.

— Eu posso ser uma dama também! — Afirmou Thomaz, caminhando como uma mulher em um desfile de moda.

O grupo riu da brincadeira. O jovem tinha os trejeitos idênticos aos de uma mulher bem sensual. Ele agradeceu com uma reverência e se colocou junto da pizza, encarando Julie.

— A “princesa” não vai ser importar se eu comer primeiro, não é? — Ele disse e soltou uma gargalhada, fugindo com a fatia de pizza.

— Julie, perdoe a falta de educação. Ela não está habituada a dividir os holofotes da fama! —

Brincou Gabriel, fazendo cara de bravo para o amigo.

— Não mesmo! — Confirmou Thomaz, se jogando no sofá.

— Obrigada, eu não estou com fome! — Disse Julie, sentindo-se envergonhada.

— Nada disso. Você é a “estrela”! Não esqueça de que passou mal. Vai comer sim! — Ordenou Liza, com um ar maternal. — Quase nunca vemos você comendo. O que aconteceu hoje de manhã?

— Eu não comi nada de manhã e minha pressão baixou. Apenas um descuido meu. — Julie tentou disfarçar.

Liza pegou uma fatia de pizza e entregou a amiga.

— Pode ir comendo tudo!

Ela realmente se agia como Ema. O grupo reunido na sala riu da brincadeira. A noite estava bastante agradável; todos estavam conversando e Julie estava feliz por receber o carinho de seus novos amigos. Em sua cidade natal, seus únicos amigos eram as enfermeiras, médicos e outros funcionários do hospital. Era muito bom poder

estar entre pessoas de sua idade.

Gabriel não parava de encará-la; ele observava cada gesto. Aprendeu que, quando estava envergonhada, Julie olhava para o chão e colocava um dos cachos do cabelo atrás da orelha. Ela mexia os dedos como se estivesse sempre tocando e, vez por outra, tocava o local onde o cateter estava, em um comportamento repetitivo. Tudo aquilo contribuiu para aumentar sua curiosidade.

A pianista não usava maquiagem, era naturalmente linda. Sua boca era perfeita, como se houvesse sido desenhada por um artista; a pele branca contrastava com os magníficos olhos verdes.

Liza se aproximou do amigo e lhe sussurrou ao ouvido:

— Desse jeito ela vai acabar derretendo!

O comentário de Liza pegou-o de surpresa.

— Eu não sei como a Julie ainda não entendeu o jeito que você olha para ela! Seja mais discreto. Senão vai assustar a moça! — A atriz sorriu e em seguida fez sinal para o bailarino tentar disfarçar.

— Ela é especial. Tem algo de diferente. Não é como as outras garotas! — Gabriel declarou,

abraçando a amiga ruiva.

— Obrigada pela parte que me toca! — Liza fingiu estar chateada. — Eu sinto o mesmo. Julie é especial! Quase me arrisco a dizer que é especial em tudo, entendeu? Virgem, além de virgem, ela nunca beijou!

Surpreso, Gabriel olhou para ela, confirmando a ideia.

— Não a machuque, Gabriel. Ela não é como as outras! E eu não estou incluída nas “outras”... — Os dois riram do comentário.

— O que me deixa mais curioso é que, para ela, tudo parece ser a primeira vez... Ela usa um cateter! — Ele revelou e Liza ficou pasma. — Eu vi quando a levei para a enfermaria. O que poderá ser?

— Onde? — A atriz perguntou.

O bailarino apontou o local em seu próprio corpo. Liza estranhou e imaginou que deveria ser algo sério. Somente alguém com um problema de saúde precisaria de um cateter.

Enquanto o grupo seguia conversando, a expressão de Julie começou a se alterar. Quando sentiu as náuseas aumentando, ela se levantou e

correu para o banheiro. Preocupados, Gabriel e Liza a seguiram e, através da porta trancada, conseguiram ouvir a amiga vomitando.

Os dois se entreolharam e Liza afirmou:

— Ela sofre de bulimia! Ela comeu e veio vomitar. Ela quase não come, vive tomando comprimidos, que devem ser para emagrecer. Esse culto à beleza está acabando com a nossa vida. Nós, mulheres, sofremos muito!

Nada daquilo fazia sentido. Julie era especial demais para perder tempo se preocupando com padrões absurdos de beleza. Além do mais, ela nem mesmo usava roupas da moda! Mas, analisando bem, poderia ser! Ela usava muitas camisetas largas. Gabriel ficou preocupado com aquela possibilidade. Se fosse verdade, tinha que ajudar Julie a superar esse problema.

Capítulo 17

Certeza

Alguém bateu na porta do quarto. Julie estava no banheiro, tentando arrumar o cabelo. Nos últimos dias a queda estava tão intensa que ela temia que tudo voltasse a ser como no passado. Esforçou-se para disfarçar a situação com um lenço colorido. E as batidas insistentes continuavam.

— Um minuto! — Ela gritou.

Olhou-se no espelho e chegou à conclusão de que seu disfarce parecia estar na moda. Quando abriu a porta, se deparou com um sorriso sedutor e um par de olhos perturbadores, “O que Gabriel estava fazendo na minha porta? ” questionou ela vendo-o ali parado diante dela.

— Bom dia! Já está pronta?

Julie não entendeu a pergunta. “Pronta pra

quê?”, ela pensou. E o bailarino pareceu ler seus pensamentos.

— Vim buscar você para tomar café da manhã! E não aceito “não” como resposta. — Ele concluiu sem dar chance para a pianista se recusar a ir.

Ele deu uma conferida no quarto. Estava tudo arrumado, como se ninguém tivesse dormindo lá. Não havia nada fora do lugar e a cama estava impecavelmente feita.

— Precisa me dar o contato da sua empregada! Você mora mesmo aí? — Ele brincou e Julie confirmou com um aceno. — Podemos ir? Estou morrendo de fome!

Antes de sair, a pianista se lembrou dos remédios e voltou para buscá-los. Eram cinco comprimidos que chamaram a atenção de Gabriel. Ele percebeu que aqueles não eram suplementos alimentares. Os frascos eram iguais aos receitados pelos médicos e isso confirmava as suspeitas de Liza. Ou, talvez, o caso fosse ainda mais sério.

Julie arrumou tudo meticulosamente e os dois foram para o refeitório. Assim que pegaram as bandejas, Gabriel começou a pegar tudo em dobro,

para ele e para ela. Ela estava boquiaberta, mas reclamou quando Gabriel colocou cereais naturais em sua tigela.

— O que você está fazendo? Eu não como isso! — Ela disse e devolveu o prato.

Gabriel segurou a mão dela e colocou os cereais de volta na bandeja.

— Fibras fazem bem ao nosso organismo. Você está falando com quem entende do assunto e nada de reclamar!

A pianista se esforçou para segurar o riso e o bailarino percebeu.

— O que foi? — Ele perguntou encarando-a.

— Você parece a minha mãe falando! Mas eu não posso comer cereais que não sejam cozidos. E frutas frescas não são aconselháveis! — Julie foi devolvendo tudo o que estava em sua bandeja. — Leite e iogurtes somente pasteurizados.

— Você tem uma alimentação um pouco estranha! — Ele comentou, observando as ações da jovem.

— Sim. Alguns alimentos não me fazem bem! Não é nada de especial, mas desde pequena tenho

um estômago sensível a algumas coisas. — Ela afirmou, pegando uma tigela de pêssegos em calda.

— Isso é industrializado e engorda! — Gabriel não acreditava que ela comeria aquilo.

— Pêssego em calda é uma delícia! — Julie afirmou, colocado uma porção na bandeja dele.

Os dois se acomodaram em uma das mesas. A pianista comeu com bastante apetite, deixando Gabriel intrigado; em seguida, ela tomou seus cinco comprimidos. A jovem não parecia se sentir culpada por estar se alimentando; é verdade que ela não consumia alguns dos alimentos, mas sua bandeja estava cheia. Aquele não era o comportamento de alguém que tem medo de comida!

— Você come assim todos os dias? — O rapaz estava atônito.

— Nem sempre. Hoje eu acordei com fome! — Ela respondeu, colocando um pedaço de pêssego na boca. — Depois precisarei ir ao banheiro, você me apressou demais!

— Ao banheiro? Eu acho que não você devia fazer isso! — Julie não conseguiu entender o

comentário e ele continuou: — Nada de banheiro. Depois de comer, você tem que segurar.

— Gabriel, eu preciso ir ao banheiro! — Ela elevou o tom de voz. — Não vou aguentar segurar. Tem que sair!

— Vocês mulheres são capazes de tudo por conta da beleza! — Ele resmungou. — Você não precisa disso. Já é bonita naturalmente!

Julie arregalou os olhos diante do elogio inesperado. Nenhum outro rapaz a elogiara antes. Rapidamente, ela se levantou e saiu sem dizer nada.

Agora Gabriel tinha certeza. Julie sofria de bulimia! Nesse momento, Liza entrou no refeitório e se aproximou do bailarino, batendo-lhe no braço.

— Idiota! O que você disse a ela? A Julie passou por mim no corredor. Ela nem falou comigo! Estava vermelha e correu direto para o banheiro. — A atriz estava brava.

— Você tinha razão. Ela sofre de bulimia! Ela encheu a bandeja de comida, comeu tudo e, em seguida, disse que precisava ir ao banheiro. Quando eu reclamei, ela saiu correndo. — Gabriel relatou o que tinha acontecido.

— Eu sabia! Julie mostra todos os sintomas. Uma mulher conhece a outra! — Liza não conseguia acreditar, estava chocada. — Precisamos ajudá-la. Ela está sofrendo!

— Eu a obriguei a comer. Mas tudo o que eu colocava na bandeja, ela devolvia. Disse que tem o estômago sensível. Tão bonita e com uma cabeça tão complicada! — Ele disse meneando a cabeça.

— Bonita? Senhor Taylor, o senhor acha a Julie bonita? — Liza deu uma gargalhada que reverberou pelas paredes do refeitório.

— Qual é a piada, Liza? — A expressão do bailarino se alterou.

— Meu amigo, já nos conhecemos há algum tempo, e eu acho que você está interessado nela. Talvez 'interessado' não seja bem a palavra... Fascinado! Sim! Dá para ver nos seus olhos! — A atriz apontava o dedo para o rosto do rapaz. — Mas tome cuidado! Ela não é como as outras; nem mesmo como eu! Essa menina é frágil como uma flor ou uma peça de cristal. Caso a magoe, vai se ver comigo!

Gabriel levantou os braços como estivesse se

rendendo a um policial. No entanto, sabia que Liza tinha razão. Quando os dois estavam para sair do refeitório, Julie saiu do banheiro, limpando a boca. Ao ver que Gabriel a observava, a pianista saiu correndo, bastante embaraçada e sem coragem para encará-lo.

Em um gesto inocente da moça por estar envergonhada com o que o bailarino lhe tinha dito no refeitório, fez com que Gabriel e Liza tivessem mais certeza de que ela sofria de um grave transtorno alimentar.

Capítulo 18

A verdade

Segurando seu material junto ao corpo, Julie bateu três vezes na porta do escritório do professor *Snape.* Estava muito nervosa com aquele encontro, afinal, o homem era um dos profissionais mais conceituados de Juilliard. Receber um elogio dele em público significava muito. E, hoje, ele avaliaria seu trabalho como compositora.

— Pode entrar! — Ele autorizou.

Julie respirou fundo, fechou os olhos e abriu a porta. O homem estava sentando em uma poltrona de couro. Uma peça idêntica estava vazia, pronta para recebê-la. O escritório tinha uma mesa de apoio com computador, dois pianos de cauda, um móvel cheio de livros sobre música e uma mesa de trabalho. Penduradas na parede, a pianista notou

algumas pinturas clássicas.

Ao ver a aluna, o professor retirou os óculos que sempre teimavam em deslizar pelo seu nariz.

— Senhorita Julie Garrow! Sente-se. — Ele convidou.

Automaticamente, a jovem ocupou a poltrona vazia, apoiando o material no colo. O professor a observava.

— Postura! — Mediante a ordem, Julie endireitou a coluna. — Um músico sempre deve manter a postura!

— Sim, senhor! — Ela disse. Sentia medo daquele homem.

O professor cruzou as pernas e começou a bater os óculos sobre uma delas.

— Quando você entrou na minha sala pela primeira vez, eu me perguntei quem teria autorizado sua entrada nesta escola de artes. Acreditei que você não duraria muito tempo aqui! — Ele falou com sinceridade. — Você me deu uma resposta que me fez refletir. Nesse momento, eu pensei: “Essa garota tem algo de especial! ” Ontem, eu tive a certeza.

Julie ouvia cada palavra sem pestanejar, tentava segurar a sua respiração para não acompanhar os batimentos do seu coração.

— Estou habituado a ouvir bons pianistas. Mas tocar com a alma é muito raro. E foi isso que você fez ontem. Era como se você estivesse tocando pela última vez; como se a oportunidade jamais fosse se repetir em sua vida. — Julie engoliu em seco enquanto ouvia atentamente. — Então eu tive a confirmação de que você é especial. E que esconde algo. Diga-me, senhorita Garrow, há quanto tempo trabalha em sua composição?

— Dois anos! — Tímida, ela respondeu.

— Trouxe o seu trabalho? — O professor continuava analisando a pianista com atenção.

Julie tirou a partitura que vinha rabiscando de dentro de uma pasta. Estava cheia de riscos e observações. O professor ficou admirado com o trabalho da jovem; percebeu as mudanças feitas por ela com base no que ele havia ensinado em sala de aula. A jovem parecia absorver tudo o que ouvia como uma esponja seca que absorve toda a água.

Indo até um dos pianos, *Snape* posicionou a

partitura e começou a tocar. Estava fascinado com o que tinha diante de si. As passagens eram perfeitas, os tempos encaixavam com perfeição. Em todos os anos que atuara como professor, nunca encontrara um talento como o de Julie. Ela era uma autodidata que produzira uma obra magnífica. A jovem era como um diamante bruto e as últimas semanas apenas serviram para lapidar sua obra, sua arte.

Os dedos do homem deslizavam pelas teclas, vibrando a cada nota emitida. Quando terminou, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Respirando profundamente, ele voltou a olhar para a aluna, que observava cada reação do professor.

— Qual é o título da sua obra? — Ele perguntou. Não havia nenhuma observação na partitura.

Abaixando a cabeça, A pianista respondeu:

— “Lembrança de Julie”! — Seu tom de voz era melancólico.

— “Lembrança de Julie”? Parece uma despedida... Sim, a conexão entre o título e a peça é clara. É uma despedida! — Afirmou ele,

estranhando o caso.

Em pouquíssimo tempo aquele homem percebera a intenção da pianista. Julie traduzira seu “adeus” nas notas daquela melodia.

— Acredito que ainda vai compor muitas peças ao longo de sua vida. — Ele disse, querendo ver com a jovem reagiria.

Ela meneou a cabeça, indicando que não. O professor, então, se deu conta de que havia algo de muito grave acontecendo com aquela moça. Voltando a se acomodar em sua poltrona, ele devolveu a partira à Julie e continuou analisando-a em silêncio. Ela permanecia com os olhos voltados para o chão.

— Qual é o seu problema? — Ele perguntou diretamente.

Julie estava constrangida. Era a primeira vez que apresentava sua composição a alguém e ele entendera perfeitamente o significado das notas escritas naquelas folhas de papel. Não queria responder e limitou-se a olhar para as mãos, pousadas sobre as pernas, mantendo a mesma postura.

— Julie, qual é o real significado dessa composição? Eu realmente quero saber. Eu dou a minha palavra de que o que conversarmos aqui ficará apenas entre nós dois. Você fica mais tranquila dessa forma? — Ele prometeu à aluna, que o olhava desconfiada.

A pianista sentiu sinceridade na declaração de *Snape* e, mesmo com medo, falou abertamente.

— Eu tenho leucemia e estou na fase terminal! — Ela sentiu que um peso havia sido retirado de seus ombros.

O professor não sabia como reagir. Estava sem chão por ouvir que uma garota tão jovem e talentosa estava com os dias contados.

— Convivo com a doença desde os cinco anos de idade. Sempre soube que, algum dia, ela me venceria. Esta é a primeira vez que estou vivendo como uma garota normal da minha idade! — Julie forçou um sorriso, tentando mostrar naturalidade. — Vir para Juilliard foi um sonho que virou realidade. Mas meu único objetivo aqui é deixar minha composição perfeita. Quando alguém a tocar, ou ouvir, um pedaço de mim permanecerá

aqui quando eu partir!

— Percebo que seu plano está bem traçado e amadurecido. Quanto tempo você tem? — Perguntou o professor.

— Mais ou menos oito meses. Não tenho tempo a perder! — Ele sentiu como se um soco o acertasse no estômago. — Eu quero deixá-la pronta para que alguém possa fazer algo maravilhoso com a minha melodia!

— O que posso fazer para ajudá-la a realizar o seu sonho? — Ele perguntou, sendo extremamente sincero.

— Seja honesto comigo. E, por favor, nunca me olhe com piedade! — Julie pediu, sorrindo pela primeira vez desde que entrara na sala.

Professor e aluna passaram algum tempo conversando sobre a composição. O mestre *Snape* deu dicas de tempos e compassos que aperfeiçoariam a melodia; também acrescentaram algumas notas. Ele apresentou algumas outras ideias para a estudante e convidou-a para tocar junto com ele. Julie aceitou o convite imediatamente. Cada um sentou à frente de um

piano e os dois desfrutaram o prazer de tocar uma composição maravilhosa.

Capítulo 19

Uma tarde de compras

Todos estavam reunidos na mesma mesa durante o horário de almoço. Liza e Julie conversavam animadamente e duas outras alunas mexiam nos celulares, postando nas redes sociais; enquanto isso, os rapazes conversavam entre si. Apenas Gabriel estava ausente. Thomaz olhava de um lado para o outro, ansioso pela chegada do amigo.

Julie estava contando para Liza como havia sido sua reunião com o professor, deixando de fora a revelação sobre sua saúde, quando Thomaz gritou:

— Ele chegou!

Todos pararam o que estavam fazendo para ver de quem ele estava falando. Gabriel mantinha um ar misterioso enquanto se aproximava, chegando

junto do grupo um sorriso maroto no rosto se formou e um brilho especial no olhar. Ele se apoiou na mesa, mexeu as sobrancelhas e afastou os cabelos loiros do rosto.

— Adivinhem o que eu consegui para hoje à noite? — Ele disse mantendo o ar de superioridade.

O grupo se entreolhou e Thomaz bateu palmas, demonstrando saber do que o bailarino estava falando. Então, Gabriel pegou um envelope, aumentando a expectativa de todos.

— Convites para a estreia do filme do ano, ao lado dos atores participantes. E com direito a festa de pré-estreia. Adivinha quem vai? — Ele ironizou, muito satisfeito. — Eu!

Todos ficaram surpresos com aquela notícia.

— Você? Acha que vamos deixar você ir sozinho? Que horas será a exibição? — Perguntou Liza sabendo que o amigo tinha convites para todos.

— Temos que estar lá às dezenove horas para o desfile no tapete vermelho, fotos e... Ah! Traje de gala! — Ele informou. Olhando para Julie, ele completou: — Você também vai!

Ela levou um susto e tentou argumentar perplexa com a ordem dada pelo bailarino:

— Eu não posso... — Julie queria se esquivar do convite.

— Nem pense em recusar! — Liza ordenou sorrindo e olhando para Gabriel.

Julie estava vermelha por conta dos olhares sobre ela, mas Liza percebeu que ela também parecia estar preocupada.

— O que está acontecendo? Por que você não quer ir? — A atriz questionou tentando saber o real motivo para recusar o convite.

Envergonhada, Julie olhou para ver se ninguém estava prestando atenção a conversa delas e declarou o seu real motivo.

— Eu não tenho nenhuma roupa elegante. Só uso jeans, camisetas e blusas. Não tenho nada para um evento desse porte! — A pianista estava constrangida por revelar a verdade.

— Posso te emprestar alguma coisa. Ou, nós podemos fazer umas compras! O que prefere: compras ou empréstimo? — A ruiva sorria animada com a possibilidade de compras.

A pianista pensou por alguns segundos. Sua mãe deixara um cartão de crédito para alguma eventualidade ou emergência, que era o caso, mas não queria fazer nada sem a autorização de Ema. Então, Julie pediu licença e procurou um lugar tranquilo para falar com a mãe. O telefone tocou duas vezes e Ema atendeu.

— Está tudo bem? — Preocupada, ela perguntou, seu coração disparara ao ver o telefone tocar naquele horário.

— Sim, mãe! — Todas as vezes que ligava, a mãe agia da mesma forma e isso irritava a jovem. — Preciso de uma autorização!

— Para quê? — Ela ficou intrigada.

— Promete que diz sim? — Ema estava em silêncio, esperando mais informações. — Meus colegas conseguiram convites para o lançamento de um filme e uma festa de pré-estreia, mas o evento exige traje de gala e eu não tenho nada para usar. Queria saber se posso usar o cartão de crédito... É meio que uma emergência!

Ema sorriu, feliz porque a filha estava fazendo coisas normais para a sua idade. Agora tinha

amigos e festas para ir. Ela nunca participara nem mesmo de festas de aniversário e agora tinha interesse em comprar uma roupa nova!

— Sim... Acho que isso é uma emergência! — Emocionada, Ema começou a chorar.

— Mãe? A senhora está chorando? — Julie foi pega de surpresa.

— Não! Quero dizer, sim. Estou emocionada porque a minha filha vai para uma festa. É claro que pode usar o cartão. Quero ver fotos, combinado? — A mãe declarou.

— Combinado, mãe! Preciso avisar a Liza que posso fazer compras! Um beijo! Eu te amo, mãe!

Julie desligou antes que a mãe pudesse responder. A mulher mais velha sentia-se feliz e com o coração apertado ao mesmo tempo, pela primeira vez a filha estava agindo como qualquer outra adolescente, sentia-se feliz e também triste por apenas no final da linha da vida a filha estar a viver.

A moça estava animada com a possibilidade de poder sair com uma garota da sua idade para comprar roupa para uma festa, era quase como nos

filmes que tinha assistido, mas agora era de verdade e chegando perto de Liza sorrindo perguntou:

— Você pode fazer compras comigo? — A pianista perguntou, aproximando-se da amiga.

Liza sorriu ao abraçá-la. Olhando para o grupo, a atriz falou:

— Meninos, nos desculpem. Mas Julie e eu vamos às compras!

Todos encararam as duas jovens que, sorrindo, se despediram. Gabriel olhava para e Julie e pensava: “Impossível que ela fique mais bonita! ”

As duas percorreram muitas lojas à procura do vestido perfeito para Julie. Foi um veste e desveste sem fim. Um vestido era muito chamativo, outro muito decotado; vermelho demais, simples demais, pomposo demais e nada servia. Visitaram mais de dez lojas até que passaram por uma vitrine que exibia um elegante vestido preto de renda. A atenção das jovens foi atraída instantaneamente, ambas olharam uma para a outra sorriram e acenaram que tinham encontrado o modelo perfeito para a festa.

A camada interna era lisa e chegava à altura dos

joelhos; a camada externa era de renda e cobria braços e pernas, formando um vestido longo, com detalhes transparentes. Era o modelo perfeito para a festa. Julie experimentou o vestido e, quando saiu do provador, seus olhos brilhavam. A pele branca era destacada pelo tom negro do vestido, e vice-versa.

— Está perfeito em você! — A atriz gritou, batendo palmas.

— Você acha mesmo? Nem me reconheci quando me olhei no espelho. — A jovem nunca se imaginara daquela forma antes e estava surpresa.

— Está linda! Espera só até alguém te ver assim! — Liza brincou com um tom de malícia na voz.

— Como? É melhor eu não levar! — Julie deu sinais de desistência.

— Nem pense! Agora precisamos achar um par de sapatos de salto alto... Você já usou salto? — A atriz perguntou.

Julie respondeu com um aceno negativo e deixou a amiga abismada. “Onde essa garota viveu por todos esses anos?”, a ruiva pensou.

Após uma curta procura, encontraram um par de sandálias pretas com brilhantes que combinava perfeitamente com o vestido. Julie provou e, quando fez menção de descalçá-las, foi impedida. Liza fez um ar sério e fechou o rosto.

— Pode ficar com elas. Vai ter que aprender a andar com elas na marra. Imagina só se você cai no tapete vermelho?! — A ideia deixou a pianista aterrorizada e o seu rosto demonstrou que não queria passar por algo assim. — Exatamente! Vai andar assim até a escola!

Julie se sentiu ridícula por caminhar pelas ruas com um calçado de festa. Mas, mesmo andando de um jeito desengonçado, errando o passo a cada minuto, obedeceu a ordem dada pela atriz ruiva.

Liza riu e começou a ensinar a amiga a andar corretamente sobre saltos. Ela deu muitas dicas e falou sobre como se comportar adequadamente estando sobre um sapato elegante como aquele. Aos poucos, Julie foi se adaptando. As duas garotas caminharam pelas ruas de Nova York animadas, Liza contou de outros eventos que Gabriel lhe tinha proporcionado e o quanto as festas eram fantásticas, Julie mal podia acreditar no que

escutava. Quando chegaram à escola, a pianista já caminhava com a mesma naturalidade de quando usava tênis, com leveza. A atriz se sentiu muito orgulhosa de sua aluna.

Capítulo 20

Pré-estreia

— Quem é você? — Diante do espelho, Julie não conseguia se reconhecer.

A jovem parecia ser mais velha, com um ar de mulher e não de menina. Dentro daquele vestido e sobre aqueles saltos, seu comportamento era outro. Achou que estava muito exagerada e pensava sobre isso quando alguém bateu na porta. Envergonhada, ela foi atender. Era Liza, que usava um vestido vermelho muito elegante. Ao ver a amiga, a atriz arregalou os olhos e sorriu.

— Eu também achei que é demais! Melhor desistir... — A pianista estava com medo de passar vergonha.

— Você está deslumbrante! Espere até os outros te verem! — Liza estava pensando em Gabriel. —

Como você não tem o hábito de se vestir assim, acredito que também não saiba como se maquiar, certo?

Julie confirmou a suposição da amiga. Nesse momento a atriz mostrou seu estojo de maquiagem e mandou a pianista sentar. Poucos minutos depois, a pianista ostentava um novo olhar; o *gloss* rosa deixava sua boca mais chamativa, mas era discreto e elegante. A pessoa olhando para ela no espelho era uma desconhecida. Julie estava surpresa e assustada ao mesmo tempo, tinha medo de

— Vamos! Os rapazes estão nos esperando! — Chamou a ruiva, muito satisfeita com o próprio trabalho.

A dupla estava maravilhosa. Quando entraram na sala de convivência, todos pararam para olhá-las. Os rapazes vestiam ternos pretos com camisas brancas. Gabriel escolheu calçar tênis brancos, quebrando um pouco a formalidade do traje, completo com gravata preta brilhante. Ao notar que todos estavam olhando para a porta, o bailarino se virou e deu de cara com Julie. O jovem ficou hipnotizado; a pianista estava ainda mais linda,

seus olhos percorreram a beleza da moça, seu coração bateu forte e sua boca secou, fazendo-o engolir em seco e sorriu encarando a moça.

As outras amigas se juntaram às recém-chegadas, tiraram *selfies* e começaram a rir. O bailarino não conseguia desviar os olhos de Julie, admirando cada detalhe.

— Disfarça! Vai assustá-la... — Liza sussurrou ao seu ouvido e Gabriel riu do comentário.

— Vamos. O carro está nos esperando! — Ele avisou, olhando para o celular.

— Hum... Seu pai emprestou o carro grande? — Malicioso, Thomaz perguntou.

O grupo de amigos assistiria a *première* de uma produção norte-americana bastante aguardada e, logo depois, participariam de uma festa exclusiva, disputada por muitos nova-iorquinos. Teriam a oportunidade de se juntar aos atores, produtores, diretores e demais realizadores do filme.

Quando saíram do edifício, na rua, uma enorme limusine esperava pelo grupo, do lado de fora um motorista os aguardava para abrir a porta.

— Boa noite, senhor Taylor! — O motorista

cumprimentou Gabriel e abriu a porta para o grupo se acomodar no veículo de luxo.

Julie estranhou a familiaridade entre o bailarino e o motorista. Dentro do carro, o grupo estava animado, mas Gabriel parecia não se importar com o privilégio de estar em um ambiente tão sofisticado, agia como se tudo aquilo fosse normal. O rapaz só conseguia se concentrar na pianista sentada num dos bancos na lateral do carro. Julie, por sua vez, observava até os menores detalhes, fascinada pela oportunidade de toda uma vida, nunca se imaginará dentro de um carro desses, para ela apenas as estrelas dos filmes e famosos tinham o privilégio de desfrutar daquele luxo, o grupo percorreu as ruas de Nova York animados e festejaram durante todo o percurso.

A limusine parou diante do tapete vermelho, um segurança abriu a porta e o grupo saiu. *Flashes* foram disparados e Julie sentiu receio; não imaginava que uma estreia fosse algo tão grandioso. Os amigos caminharam até o cartaz promocional do filme e pousaram para os fotógrafos.

— Gabriel Taylor, seu pai aceitou sua opção de vida? — Um dos jornalistas gritou.

Todas as atenções se concentraram no jovem bailarino. Ele respirou fundo e ignorou a pergunta. O grupo continuava animado, debaixo de uma chuva de *flashes*. Segurando o braço de Liza, a pianista perguntou:

— Gabriel é famoso? A que opção o jornalista se referia? — Julie estava curiosa e um pouco assustada com tudo aquilo.

— É melhor não saber. É um assunto complicado de família. Talvez um dia o Gabriel te explique! — A atriz fugiu da resposta e voltou a sorrir para as fotos.

Enquanto se acomodavam, Gabriel cumprimentava algumas pessoas, inclusive os atores; ele certamente parecia ser famoso em algum nível. A pianista acompanhava cada movimento do rapaz; ele agia com muita naturalidade diante de toda a situação, desde o contato com o motorista até a pergunta desagradável do jornalista, a desenvoltura com que o rapaz falava com todos os presentes era surpreendente e revelava um Gabriel

diferente ao bailarino da Juilliard. Os detalhes estavam começando a fazer a jovem pianista se sentir desconfortável.

Quando as luzes diminuíram, Gabriel foi se sentar junto dos amigos. Liza havia manejado a situação de forma que o bailarino fosse obrigado a sentar perto de Julie. Funcionários do cinema entregavam pipoca aos convidados e Gabriel pegou um balde. Quando ele passou pela atriz, recebeu uma piscadela de olho e só então percebeu onde iria se sentar pelas próximas horas.

— Obrigado! — Ele moveu os lábios agradecendo. Ao sentar, sussurrou para Julie: — Está gostando? — E lhe entregou o balde de pipoca.

Cruzou a perna, sorriu para Julie que segurou o balde de pipoca e respondeu:

— É diferente. Assistir um filme como uma pessoa normal é uma coisa, mas ver o mesmo filme duas fileiras atrás do ator principal... Surreal. — Os olhos da jovem brilhavam, acompanhando o sorriso encantador.

— Prometo que apresento vocês na festa. Vai

poder tirar foto com ele e tudo! — Gabriel brincou com naturalidade.

— Como você o conhece? — Julie ainda tentava entender.

Para fugir da pergunta o rapaz disfarçou olhando para a tela e comentou:

— Silêncio. O filme vai começar! — Ele aproveitou a desculpa para escapar da conversa.

O bailarino percebeu que tudo aquilo estava despertando a curiosidade da pianista. Sentar ao lado dela era emocionante; para ela tudo era uma novidade e isso o deslumbrava. Os olhos da jovem não desgrudaram da tela durante toda a exibição, refletindo toda a emoção que ela sentia, enquanto alguns dos colegas da Juilliard observavam os convidados e os famosos, conversavam entre si, Julie estava realmente assistindo o filme e nem dava muita importância a tudo aquilo ao seu redor. Gabriel estava oficialmente encantado.

— Está gostando? — Ele perguntou baixinho, praticamente sussurrando junto ao ouvido de Julie.

Ela confirmou com um aceno positivo, nunca desviando os olhos do filme. E o bailarino passou

mais tempo assistindo a pianista do que o filme. Ela estava sensacional naquele vestido; seu corpo tinha um contorno sedutor, mas não perdera a delicadeza habitual. Quando vestem algo mais ousado, a maioria das mulheres perde a ingenuidade, pois a sensualidade fica mais evidente. Com Julie era diferente, seu rosto continuava sendo o da menina que o encantava.

— Que bom que está gostando, senhorita Julie Garrow! — Ele voltou a sussurrar, mas a jovem não lhe deu atenção.

Em determinado momento, os dois colocaram a mão no balde de pipoca ao mesmo tempo. Eles se olharam e o Gabriel deslizou os dedos suavemente sobre a mão de Julie. Ela arregalou os olhos e rapidamente puxou a mão, fazendo o bailarino sorrir.

Liza, que observava tudo, também sorriu. O jogo de sedução de Gabriel era divertido. Ele dava toda a atenção para a pianista, que fugia, tentando não ver maldade nas investidas do rapaz, não queria imaginar nada além de uma amizade, o seu medo de alguma forma a afastava do bailarino. Outras

pessoas, no entanto, dariam tudo para ter a atenção do jovem. Thomaz, por exemplo que observava atentamente o casal. Mas o bailarino estava interessado na jovem de preto ao seu lado, em ninguém mais.

Capítulo 21

Um tapa

Todos adoraram o filme. Até os críticos estavam encantados com a história. Os atores estavam felizes com o resultado de seu trabalho e os produtores estavam de parabéns. Julie ainda estava sentada; ela se segurou para não chorar durante a exibição inteira e, agora, estava extasiada com o fim da história. Quando tudo parecia perdido, uma mudança conduziu as coisas para um rumo diferente.

Gabriel pousou a mão no ombro da pianista, atraindo sua atenção.

— Está tudo bem? — O sorriso de Gabriel era tranquilizante.

A jovem acenou positivamente. Ele ofereceu-lhe a mão para ajudá-la a levantar e recebeu um olhar

desconfiado como resposta. Mas o olhar sincero ajudou a desarmá-la. Julie aceitou a ajuda porque ainda era difícil se equilibrar sobre os saltos. Quando levantou, seu corpo se inclinou em direção ao de Gabriel. O perfume do bailarino, com um toque amadeirado, era muito sedutor e provocou um arrepio no corpo da pianista.

Quando todos voltaram a se reunir do lado de fora da sala de cinema, Liza perguntou:

— Onde será a festa? — Estava curiosa para ver o local e tirar fotografias acompanhada pelas celebridades da noite.

— Aqui perto; podemos ir caminhando. O motorista vai nos buscar no final da festa. Tudo bem? — Todos concordaram.

E lá foram eles, caminhando em direção ao hotel onde aconteceria o evento exclusivo. Gabriel tomou a dianteira do grupo, sendo reconhecido pelo funcionário que sorriu e silenciosamente liberou a entrada dele e dos amigos. Julie percebendo pensou "Ele deve conhecer muitas pessoas importantes, ou, talvez, ele seja uma celebridade!", seus pensamentos foram dissipados com a festa que

estava acontecendo:

Quando as portas se abriram, a festa já estava rolando, regada a música, champanhe, muita animação, decoração fantástica, a moça nunca tinha ido a uma festa e a sua primeira vez era algo exuberante. Segurando o braço de Julie, Liza falou:

— Vamos ao banheiro! — A pianista concordou e seguiu a atriz.

— Ele está caidinho por você! — A ruiva comentou assim que entraram no banheiro.

A expressão de Julie indicava que ela não entendeu o comentário da amiga. Olhando para a pianista, Liza sorriu.

— Você já entendeu. Certo? — O olhar confuso da pianista fez com que a ruiva começasse a rir. — Eu não acredito! Julie Garrow, você ainda não entendeu que o Gabriel está encantado por você?

— Por mim? Ele é apenas um amigo, se é que podemos chamar assim! — A jovem respondeu, olhando-se no espelho.

— Posso te fazer uma pergunta? — Julie acenou afirmativamente. — Você já...?

A pianista arregalou os olhos, involuntariamente

confirmando que era virgem. Liza cobriu a boca com uma das mãos escondendo um sorriso.

— Jura? Eu não acredito! Quer dizer que... Você já namorou? — Novamente, Julie fez um gesto negativo, ficando vermelha.

Todo o sangue do corpo da moça foi depositado naquele momento no seu rosto, Liza estava surpresa e sentindo-se envergonhada com os olhares surpresos da amiga, comentou.

— Por favor, não conte a ninguém! Esse tipo de coisa nunca vai acontecer comigo. — Afirmou a pianista.

— Gabriel é meu amigo e eu o conheço bem. Sei que ele está interessado em você! Acho que você deveria dar uma chance ao rapaz. Ele pode parecer doido, mas é uma pessoa maravilhosa! — Liza incentivou a amiga.

Tentando disfarçar o assunto, Julie tentou mudar o rumo da conversa.

— Ele parece ser muito conhecido... Mal chegamos e ele já foi liberado para entrar; os atores pareciam conhecê-lo também. Isso sem falar em todas aquelas fotos quando chegamos ao cinema...

Ele é famoso aqui em Nova York? — A curiosidade de Julie podia ser percebida em suas palavras.

— Gabriel é muito rico. O pai dele é dono de um dos maiores grupos de comunicação e conta com rádio, televisão, jornais e cinema! — A expressão de surpresa da pianista era comparável à da atriz ao saber sobre sua virgindade. — O pai do nosso bailarino não aceita muito bem algumas das escolhas de vida do filho.

— Ele é rico e, ainda assim, mora no nosso dormitório? — Agora a pianista começou a fazer perguntas diretas.

— Acho que se você perguntar, o Gabriel vai te contar tudo. Ele é o melhor ser humano que eu conheço e o melhor amigo que se pode desejar. Quando ele ama então... — A atriz brincou, piscando para Julie.

Após mais alguns minutos, as duas retornaram à festa. Gabriel continuava se sentindo magneticamente atraído pela pianista; pegando duas taças de champanhe, ele ofereceu uma para a jovem.

— Eu não bebo! — Ela disse e desviou o olhar.

— Nem uma taça? — Ela negou veemente — Não bebe, nunca assistiu um musical, ficou encantada com o filme, quase não come... O que mais preciso descobrir sobre você?

— Não precisa descobrir mais nada! — Nervosa, ela respondeu e virou as costas.

Segurando a mão da jovem, o bailarino fez com que ela se voltasse para olhá-lo nos olhos.

— Dança comigo? — Ele pediu com toda a delicadeza, recebendo mais uma recusa.

— Eu prometo me comportar como um cavalheiro! — Ele afirmou e fez o sinal dos escoteiros.

Abaixando os olhos, Julie respondeu envergonhada.

— Eu não sei dançar! — Ela sentia o seu rosto esquentando ao fazer aquela declaração.

— Não sabe dançar? Sem problemas! Eu sou bailarino. Posso te ensinar! — Estendendo uma mão, ele disse: — Senhorita Garrow, me concede o prazer desta dança?

Finalmente, ela sorriu e aceitou o convite.

Estava tocando uma música lenta e suave, até parecia que o momento fora combinado com antecedência. Gabriel conduziu Julie até o meio da pista, segurou sua cintura com delicada firmeza, encostou o corpo ao dela e falou:

— Coloque os seus pés sobre os meus! — Ele sorria transmitindo confiança.

A pianista achou o pedido estranho e sua expressão pesou.

— Pode colocar! — Ele insistiu, ainda sorrindo.

Com medo, Julie fez o que ele pediu. Sustentando-a com o braço ao redor da cintura, Gabriel suspendeu-a levemente, Julie era leve, deslizando pelo salão da festa ele começou a descrever passos ao som da música.

— Um para o lado, dois para o outro. Um para trás e voltamos a repetir tudo. É simples!

A pianista sorria, olhando dentro dos olhos do bailarino. O clima entre os dois foi se intensificando. A respiração de Julie oscilava junto com os compassos da música e no mesmo ritmo do coração de Gabriel.

A iluminação fazia com que a pianista ficasse

mais sedutora e ele se deixou levar pela emoção. Inclinando-se na direção de Julie, Gabriel beijou-a apaixonadamente. Quando os lábios se encontraram, Julie arregalou os olhos, assustada e, sem pensar, ela empurrou rapaz e deu-lhe um sonoro tapa no rosto. O som ecoou no salão.

Vermelha de vergonha, sentindo o próprio rosto arder, Julie saiu correndo. Vendo acena, Liza correu para socorrer a amiga. Gabriel também queria ir atrás da pianista, mas foi impedido pela atriz.

— Não! Eu resolvo isso! Você podia ter sido mais delicado! Ela é virgem e acho que esse foi seu primeiro beijo! — A jovem ruiva repreendeu o amigo e correu para ajudar Julie, que chorava na entrada do hotel.

Encontrando a jovem, Liza abraçou-a, tentando transmitir alguma dose de conforto. Sem entender a reação da moça ao ser beijada por um rapaz como Gabriel, mas como amiga foi a consolar.

— Já passou, Julie. Todos os rapazes ficam idiotas quando estão apaixonados. — A atriz apoiou o rosto da pianista em seu ombro. —

Respira fundo. Foi o seu primeiro beijo?

Julie confirmou com um aceno de cabeça, confirmando as suspeitas da amiga.

— Ele gosta de você. E, no fundo, você também gosta dele! — Afirmou a atriz, segurando o rosto da outra jovem e olhando em seus olhos.

— Mas eu não posso! Eu não posso, Liza! Não posso amar e nem permitir que ele me ame!

Julie chorava, permitindo que sua emoção transbordasse. Não se ressentia apenas de um beijo roubado, havia algo mais escondido ali e Liza conseguia sentir. Os instintos da atriz diziam que apenas Julie conhecia seus reais motivos para agir daquela forma. E ela sentiu seu coração apertado, cheio de preocupação pela nova amiga.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

No jornal

No refeitório, Julie brincava com a comida, olhando fixamente para o iogurte, que mexia com a colher. Seus pensamentos ainda estavam concentrados no beijo roubado por Gabriel. A noite foi passada da mesma forma. Minutos e horas se arrastaram e ela continuou revendo a mesma cena em sua memória: flutuava sobre os pés do bailarino e ele lhe beijava. O frescor do hálito do rapaz e a suavidade de seus lábios despertaram algo desconhecido dentro da pianista, marcando seu coração profundamente.

Os seus pensamentos formavam um turbilhão. Sempre que recordava a dança e o beijo, seu coração disparava. Mas seu lado racional continuava gritando: “Eu não posso fazer isso! Eu

não posso sentir isso!”, no entanto, era incapaz de reprimir o sentimento.

— Estamos no jornal! — Disse a atriz, colocando um exemplar bem em frente ao rosto da amiga.

O tom de voz de Liza era contagiante e, mesmo sem sentir vontade, Julie sorriu. Estavam estampados em uma foto na publicação. O texto dizia: “Gabriel Taylor, o herdeiro da comunicação, acompanhado dos colegas de Juilliard”. A imagem retratava um grupo animado. O bailarino, entretanto, olhava apaixonadamente para a pianista.

— Você arrasou! — Liza apontava para a fotografia. — Viu como o Gabriel olha para você? Ele está apaixonado...

— Ele não pode e nem eu! — Julie afastou o jornal.

— Julie, isso é preconceito? — A atriz não queria acreditar na reação da amiga. — Ele gosta de você de verdade. Só porque namorou rapazes não serve para você?

— Não é nada disso! — A pianista afirmou, sem dar maiores explicações.

— Já contou para sua mãe? — Liza sorria, olhando para a foto do grupo.

— Nunca! Eu não posso falar para ela sobre o beijo! — Julie tinha medo de como a mãe reagiria se soubesse.

Liza achou que o comportamento da amiga desproporcional ao que aconteceu na festa, alguma coisa estava acontecendo com a moça e não era somente por conta de um beijo.

— Eu estava me referindo à festa. E foi só um beijo! Qual é o problema de uma garota de 16 anos beijar um rapaz? É completamente normal! Sua mãe também beijou rapazes quando era jovem! — A aflição de uma era o total oposto da despreocupação da outra. Então Liza se deu conta de algo. — Mas você não está assim só por causa do beijo, não é? Existe mais alguma coisa por trás dessa história!

O rosto de Julie imediatamente assumiu a costumeira coloração avermelhada. Estava pronta para levantar, mas a atriz segurou o seu braço.

— O que está acontecendo com você? Deixe-me ajudar! Sou sua amiga! — Liza pediu com toda a

sinceridade.

— Ninguém me pode ajudar. Eu não posso... — A pianista se corrigiu: — Eu não quero ter nada com o Gabriel!

— Entendi. Olha, o Gabriel já sofreu e ainda sofre com muita coisa. A sua amizade pode fazer bem para ele! — Liza comentou, demonstrando que conhecia bem o rapaz.

Julie queria ir embora, mas ficou curiosa ao ouvir as palavras da amiga. Queria saber que tipo de sofrimento o bailarino poderia conhecer. Ele era bonito, rico, talentoso e cheio de vida; que motivos teria para ser infeliz? Para descobrir, ela voltou a sentar.

— O que quer dizer com isso? Como eu posso ajudar o Gabriel? E como ele pode sofrer tanto assim? — Julie questionou esperando obter respostas.

— Gabriel é um dos herdeiros do maior grupo de comunicação deste país. O pai dele é dono de revistas, rádios, televisão e outros negócios. A mãe morreu quando ele ainda era muito novo e o pai sempre teve dedicação total aos negócios. Ele foi

criado pelos empregados, em meio a muito luxo, viagens e nenhum amor. — Liza acrescentava um tom dramático à narrativa. — O pai sempre quis transformá-lo no sucessor perfeito, mas Gabriel preferiu ser bailarino. Obviamente, o pai nunca aceitou essa escolha; o homem pensa que ser bailarino é coisa de *gay*.

— Então o pai não aceita nem a escolha da profissão e nem a sexualidade do Gabriel? — Julie quis ter certeza se havia entendido e Liza riu do comentário da amiga.

— Onde o Gabriel mora? — A atriz enfatizou a pergunta.

— Aqui! — Julie respondeu.

— Ele mora aqui, mas a casa dele é em Nova York! — Liza percebeu que Julie ainda não estava entendendo. — Quando o pai do Gabriel soube que ele queria ser bailarino e que namorava outros garotos, expulsou-o de casa! Por isso ele mora aqui. Mas, na realidade, ele tem uma casa enorme perto do Central Park.

A verdade chocou Julie. Ela não esperava que o rapaz tivesse uma história daquelas.

— Meu Deus. É muita crueldade fazer isso com o próprio filho! — A pianista nem sabia o que dizer. — Ele é sempre tão brincalhão e alegre... E passa por tudo isso?

— Sim! O pai tentou deserdá-lo quando soube das escolhas dele. Mas ele não conseguiu, porque a fortuna veio do lado materno. É por isso que o Gabriel mora aqui e não na fabulosa mansão dos Taylor! — Liza indicava que aquilo era um segredo. — Quando nos conhecemos, Gabriel não tinha aquele brilho nos olhos, tinha medo de viver, enfim, estava infeliz. Até ontem!

— O que você quer dizer com isso? — Julie indagou.

— Julie, o Gabriel está apaixonado por você. Quando ele te beijou e você reagiu daquela forma, eu vi nos olhos dele o medo de perder alguém especial. Por isso estou pedindo que você pense em dar uma chance para ele! — A atriz sabia o quanto a pianista era importante para o seu amigo.

Aquelas palavras fizeram Julie engolir com dificuldade. A verdade que ela escondia impedia que ela sequer pensasse em estar com Gabriel. Não

poderia se dar ao luxo de ser amada sabendo que partiria dentro de apenas alguns meses. Como ele ficaria quando ela se fosse?

— Eu não posso! Mesmo gostando dele, não posso! Ser sua amiga, sim. Mas nada além disso!

Julie se retirou e Liza ficou pensando em formas de ajudar aqueles dois a ficarem juntos. Tinha que haver um caminho! Era visível que eles se amavam. Gabriel precisava dela, mas Julie tinha medo de se machucar...

A atriz buscava uma solução, embora não conhecesse o verdadeiro problema, a raiz dos sentimentos de Julie.

Capítulo 23

Uma conversa com a mãe

O dia foi corrido e cansativo. Julie comeu qualquer coisa no refeitório e foi para o quarto. Tinha trabalhos para fazer e queria conversar um pouco com a mãe. Enviara as fotos do evento, mas ainda não tinham falado muito sobre ele. Sentando-se na cama, a pianista pegou o celular e respirou fundo ao se lembrar do beijo. Esse era o único detalhe que não queria revelar para Ema.

Pensou na conversa que teve com Liza e Gabriel voltou à sua mente. Não o viu durante o dia inteiro e, quando estavam prestes a se cruzar no refeitório, ele desviou o caminho, visivelmente constrangido. A atriz tinha razão, os olhos do bailarino estavam tristes. Após dois toques, Ema atendeu. Julie sorriu

ao ouvir a voz da mãe.

— Quero saber de tudo! Eu vi vocês com aqueles atores famosos. Você estava linda naquele vestido! Conte tudo... — Entusiasmada, Ema pediu.

— Foi mágico! Quando a senhora vier, vamos ver esse filme juntas. A história é linda! Eu preciso agradecer ao Gabriel por tudo o que ele proporcionou... — Quando percebeu que estava falando sobre o bailarino, Julie se calou.

— Eu vi que vocês apareceram no jornal! Uau! Minha princesa, em um jornal de Nova York... Ainda não consigo acreditar! Houve festa? — A mãe estava curiosa.

— Sim, mãe! Uma festa magnífica, em um hotel chiquérrimo. Serviram champanhe, mas eu não bebi. Também havia uma pista de dança. Tudo parecia um sonho! — A jovem estava feliz por relembrar. — E falando em sonhos... Mãe, eu andei de limusine!

— Jura?! — A informação surpreendeu.

— Mãe, é quase do tamanho do meu quarto! Nós estávamos em oito e havia espaço para muitas outras pessoas. Dentro do veículo tem de tudo, TV,

bar, luzes... — Julie estava encantada com as novas experiências. — E, inacreditavelmente, a limusine é do Gabriel. Quem diria que meu colega teria um carro daqueles?! Na festa, ele me chamou para dançar. Como eu não sei, ele pediu para eu pisar nos pés dele e me ensinou um pouco. Mãe, a sensação...

Novamente, a pianista se calou. Estava falando de uma forma muito entusiástica. Do outro lado da linha, a mãe percebeu a empolgação e sentiu um aperto no peito. Ema não fez nenhum comentário porque aqueles eram sentimentos naturais para a idade da filha.

— Que bom, minha menina! Quem poderia imaginar que Julie Garrow iria conhecer celebridades, andar de limusine, frequentar festas de gala?! Julie... Cuidado, minha menina! — Ema sentia o coração nas mãos.

— Cuidado com o quê, mãe? — A jovem estava não empolgada que não identificou a preocupação da mãe. — Deixe-me contar uma coisa! O Gabriel é muito rico e o pai não aceita que ele seja bailarino e que...

— E que...? — Ema incentivou a filha a continuar.

— Seja especial! Todo o artista é especial. Eu sou especial, mãe? — Julie perguntou, sorrindo por conta da brincadeira.

— Não, você não é especial! — Julie ficou séria. — Você é muito especial! É um ser humano maravilhoso...

— Mãe, não vale! — Deitada na cama, a pianista sorria, lembrando-se da noite. — Foi tudo maravilhoso. Tudo!

Alguém bateu na porta e Julie voltou a se sentar.

— Mãe, estão batendo na porta. Deve ser a Liza. Depois conversamos! — Ela já estava de pé. — Mãe, te amo muito. Estou morrendo de saudade! Um beijo!

Julie arrumou o pijama, calçou as pantufas de vaca e conferiu o cabelo quando passou pelo espelho. As batidas continuavam. Ela se assustou ao ver Gabriel chorando.

— Me perdoa! — Ele pediu.

O ar de desespero do bailarino deixou a jovem sem reação. Aflita, a primeira coisa que conseguiu

fazer foi puxá-lo para dentro do quarto, não queria que ninguém o visse ali na sua porta chorando e pedindo perdão. Fechando a porta, Julie pediu que ele sentasse, ele puxou uma cadeira e se acomodou, enquanto ela se sentou na cabeceira da cama, afastada do rapaz.

Gabriel limpou as lágrimas que escorriam pelo seu rosto e respirou fundo antes de falar.

— Eu não queria ofender você com aquele beijo. Perdoe-me, por favor! — Os olhos do rapaz tinham o brilho da esperança. — Eu sei que você não é como as outras garotas. Eu sei que não deveria agir tão rápido, mas eu estou...

— Gabriel, é melhor não dizer isso! — Julie o interrompeu, com medo.

— Eu gosto de você, Julie! — Ele estava sendo o mais sincero possível.

— Nós podemos ser amigos. Apenas amigos! — A pianista afirmou, sentindo o coração bater mais forte.

— Me dá uma chance de mostrar que não vou te machucar e nem fazer nenhum mal... — Ela voltou a interrompê-lo.

— Eu sei. Sou eu quem vai te machucar. Não vale a pena! Você já sofreu o bastante. Daqui a alguns meses, nem vai lembrar que eu existia! — Ela falava de forma emocionada, querendo dizer mais coisas.

Gabriel sentou-se perto dela, na cama; segurou-lhe a mão e encostou-a no peito. O coração do rapaz batia como se desejasse rasgar sua pele. A respiração ofegante mostrava o tamanho de seu desejo pela moça.

— Não acredito que você possa me fazer sofrer, mas eu aceito correr o risco. Deixe-me mostrar o que sinto por você, sem medo de sermos felizes! — Ele se aproximou um pouco mais, mantendo a mão feminina contra si. — Você é especial. Não acredito que vai me fazer sofrer! Só quero uma chance de mostrar o quanto você é especial!

Inclinando-se, Gabriel deixou que seus lábios tocassem suavemente os de Julie. Um arrepio de prazer percorreu o corpo da jovem, acompanhado de sensações totalmente inéditas para ela. Sem forças, ela entregou-se ao seu “primeiro” beijo apaixonado. Por instantes, os dois apenas

desfrutaram do beijo carregado de amor e desprovido de maldade.

Eles eram dois jovens apaixonados começando a descobrir o sentimento mais profundo que existe. Era a primeira vez que Julie amava alguém. Gabriel transformara a fascinação em algo palpável e verdadeiro, o amor. Quando percebeu o que ambos estavam fazendo, a moça afastou o bailarino.

— Eu não posso! — Julie baixou os olhos com medo que Gabriel visse a verdade em seus olhos.

Sorrindo, Gabriel a abraçou carinhosamente. Por alguns instantes, eles se permitiram ficar nos braços um do outro.

— Eu preciso ficar sozinha... — Ela pediu.

Percebendo a inquietude da pianista, o bailarino a soltou de seu abraço, levantou e dirigiu-lhe um sorriso.

— Me dê uma chance de provar que está errada! — Ele disse antes de sair.

Quando a porta se fechou, Julie sentiu que seu corpo estava tremendo e não lhe obedecia mais, desejava continuar abraçada ao bailarino. Sentia-se bem sentindo o toque e o beijo de Gabriel. Mas

sentia que aquilo era errado. Seus pensamentos foram facilmente embaralhados por um beijo de amor.

Capítulo 24

Quero você

A pianista não conseguia para de pensar no beijo trocado com o bailarino. Estava virando de um lado para o outro da cama, sem conseguir conciliar o sono. Começou a mexes no celular, esperando que o sono aparecesse. Sempre que fechava os olhos, se lembrava de Gabriel lhe pedindo uma chance e sentia o coração disparar.

A lembrança do toque em seus lábios corria por seu corpo como fogo líquido. Sensações completamente novas a assaltavam, fazendo sua boca secar. Julie decidiu tomar um pouco de água, mas encontrou sua garrafa vazia. Irritou-se por ter se esquecido dessa necessidade básica.

Vestiu o roupão, calçou as pantufas e abriu a porta, colocando a cabeça para fora para ter certeza

de que não havia ninguém no corredor. O silêncio era opressivo e as luzes diminuídas emprestavam um ar assustador ao ambiente. Com a garrafa em mãos, Julie se encaminhou para o bebedouro.

A jovem não queria ser vista em sua roupa de dormir, por isso tratou de ser rápida. Quando estava enchendo a garrafa, ouviu um barulho que a deixou assustada. Parou o que estava fazendo e olhou na direção do corredor, onde viu um vulto negro passando. Pensou em voltar imediatamente para o quarto, mas a curiosidade foi maior; quem continuaria acordado àquela hora?

Com o coração acelerado, Julie seguiu um novo barulho. O vulto lhe era familiar e estava se dirigindo para a saída. Correndo para se aproximar mais, ela conseguiu identificar Gabriel, que já estava nas catracas de segurança, prestes a sair. Como sua carteirinha estava no bolso do roupão, a pianista resolveu segui-lo.

— Onde você vai a essa hora? — Ela pensou alto.

O bailarino estava vestido como se fosse para uma aula de dança. Esquecendo-se de suas próprias

roupas, Julie continuou seguindo Gabriel. Ela percorreu corredores e desceu escadas, nunca o perdendo de vista. Logo saíram do prédio residencial e entraram no bloco das salas de aula. Gabriel olhava para os lados, temia ser flagrado por algum dos seguranças; os alunos eram proibidos de circular na área de aulas naquele horário.

Julie imitava tudo o que Gabriel fazia. Ela também não queria ser flagrada em um ambiente proibido, ainda mais usando pijama! Ela observou quando Gabriel entrou e acendeu a luz de uma das salas de dança. Curiosa, a pianista ficou atrás da porta, atenta a cada movimento.

Gabriel tirou a camiseta, ficando apenas com a bermuda colada ao corpo. Fez giros com a cabeça, braços e pernas, começando uma sequência de passos: *demi-plie, tendu en croix*, *jeté,* encerrando com *battement* com *developpes*. Depois do aquecimento, ligou o som, deixando a música fluir.

Julie estava tão atenta aos movimentos do bailarino que deixou a garrafa de água escapar das mãos, caindo no chão a garrafa acabou fazendo um barulho alto no silêncio da noite. Extremamente em

alerta, Gabriel desligou a música e foi até a porta, onde encontrou a pianista agachada e envergonhada por tê-lo seguido até ali.

— Desculpa! — Ela pediu, totalmente vermelha e embaraçada.

— O que você está fazendo aqui? — Gabriel olhou para os lados, conferindo se algum segurança apareceria e puxou Julie para dentro da sala. — Você está louca? Andando por aí desse jeito?!

Ele correu o olhar pelo roupão, pijama e pantufas de vaca. Tentando cobrir a roupa de dormir, a jovem cruzou os braços sobre o peito e provocou o riso de Gabriel.

— Adorei o seu pijama! Se nos encontrarem assim, podemos ser expulsos da escola! — Ele deslizou as mãos por seu peito desnudo e Julie seguiu o movimento com os olhos. — Quer tocar?

A pergunta arrancou a pianista de seu devaneio.

— Não! — Ela gritou, mostrando-se ofendida.

— Tem certeza? Você não consegue parar de olhar... Se quiser tocar, eu não vou me importar. Alguma vez tocou no corpo de um rapaz? — Havia um grau de malícia na pergunta.

Julie automaticamente fez um gesto negativo com a cabeça e gritou:

— Não quero tocar em você! — Ela virou as costas para ir embora.

O bailarino, em um movimento rápido, segurou o braço de Julie, virou-a de frente para ele e puxou-a contra si. O corpo da pianista se encaixou ao corpo seminu do rapaz. As mãos femininas encontraram a pele quente do peito de Gabriel, deslizando e experimentando a textura suave e delicada.

— Eu acho que você queria me tocar sim! Prometo que não vou morder e nem fazer nada que você não queira! — Ele disse sorrindo.

— Preciso ir embora! — Embaraçada, ela comentou.

Gabriel baixou os braços, mas Julie permaneceu no mesmo lugar. As mãos femininas continuavam acariciando o peito masculino.

— Não estou te segurando e você continua encostada em mim! — O sorriso mostrava que ele estava gostando da situação.

— Desculpe, não percebi! — A pianista baixou

os braços e caminhou até a porta.

Antes que ela pudesse abrir a porta, ele correu e apoiou as mãos na porta, prendendo a pianista entre seus braços e contra o próprio corpo.

— Eu sei o que você veio fazer aqui! — Ele declarou, usando um tom sedutor.

Virando-se de frente para ele, Julie percebeu que apenas um palmo de distância separava seus rostos e engoliu em seco.

— O que você quer dizer? — Ela tinha certeza de que ele conseguia ouvir seus batimentos cardíacos.

Sorrindo, Gabriel segurou o rosto feminino delicadamente e respondeu:

— Isto...

Beijou-a com uma intensidade apaixonada. Seus lábios deslizaram como se estivessem em uma dança coreografada. Uma de suas mãos se perdeu nos cabelos loiros da pianista, tornando o beijo ainda mais profundo. Com delicadeza e maestria, Gabriel deixou sua língua invadir a boca de Julie, que se entregou ao beijo e sentiu as mãos começarem a ganhar vida.

Logo a pianista estava abraçando o bailarino e puxando-o contra si. Os dois estavam entregues e o momento foi ficando mais sensual e elétrico.

— Quero você! — Julie sussurrou e os olhos do rapaz se iluminaram.

Ele abriu o roupão e ela deixou que caísse no chão, imediatamente retomando o beijo. Suavemente, ele começou a erguer a blusa do pijama. As mãos quentes tocaram a pele fria de Julie que gritou:

— PARAAAAAAAAAAAA!

O grito fez com que a pianista sentasse na cama, assustada e com o coração batendo a mil. Estava trêmula pelo que acabara de acontecer. Olhou para os lados, mas não encontrou Gabriel. Só então percebeu que tudo não passara de um sonho. Respirou fundo, tentando se acalmar e virou para pegar um copo de água. Vendo a garrafa vazia, desistiu da ideia da água. Nem ao menos cogitou a possibilidade de sair do quarto e ir até o bebedouro.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Feriado no parque

Conforme os dias passavam, as exigências em Juilliard aumentavam. Todos estavam um pouco estressados. Ema não conseguiu resolver tudo o que precisava para poder voltar a ficar junto de Julie. Seria um feriado prolongado e alguns colegas viajaram para ficar com suas famílias. Liza viajou com outra amiga e o restante da turma tinha compromissos pessoais.

Sentada no sofá, Julie olhava pela janela. Queria sair por Nova York e conhecer lugares novos, mas não sentia a menor vontade de fazer isso sozinha. Fazia mais de meia hora que o livro no colo da pianista estava aberto na mesma página. E ela continuava divagando.

— Um milhão de dólares pelos seus

pensamentos!

A voz de Gabriel assustou a jovem e ela deu um pulo no sofá. Julie viu o bailarino encostado na porta, encarando-a, e voltou a se concentrar no livro. Sentando-se aos pés dela, o jovem percebeu que, na verdade, Julie não estava lendo, apenas mantinha o olhar fixo na página à sua frente, evitando olhar para ele.

— Não viajou? — Ele tentou puxar conversa.

A pianista se limitou a fazer um aceno negativo com a cabeça.

— Pergunta idiota. Se você está aqui é porque não viajou! Eu preferi ficar aqui a ir para os Hamptons e ficar ouvindo a mesma coisa de sempre! — A frase captou a atenção de Julie que passou a olhar discretamente para Gabriel. — Poderia ter ido para casa, mas, sinceramente, passar o feriado cercado por um batalhão de empregados não era uma ideia atraente. Por isso fiquei aqui!

Vendo que a pianista estava prestando atenção nele, o bailarino puxou o livro do colo dela. Ao ver o título, fez um ar de reprovação.

— Uma pessoa que fica sofrendo porque o outro

vai morrer! — Ele respirou profunda e ruidosamente e apoiou a cabeça no sofá.

Devolveu o livro mostrando reprovação naquele tipo de leitura.

— “Como eu era antes de você” é lindo! Jojo Moyes conseguiu colocar no papel os sentimentos de ambos. Mas eu não poderia esperar outra reação de você! — Julie voltou a fingir concentração no livro.

— O que você quer dizer? — O rapaz não entendeu o comentário.

— Nada... — Ela respondeu friamente.

Puxando os livros das mãos femininas, Gabriel encarou-a e falou:

— O dia está lindo. Você conhece o Central Park? — O sorriso indicava que ele havia pensado em algo.

Ela gesticulou, indicando que não conhecia o local, mas seus olhos brilharam ao ouvir o nome. Levantando-se, Gabriel lhe estendeu uma mão.

— Vamos!

Desconfiada, Julie olhou para ele. O sorriso a piscadela que recebeu foram o combustível certo

para que a jovem aceitasse o convite e sorrisse de volta.

— Preciso passar no meu quarto! — Tímida, ela comentou.

— Nos encontramos em dez minutos. Eu também preciso colocar um casaco e pegar a minha carteira! — Julie concordou.

Em pouco tempo, a pianista estava buscando, em seu guarda-roupa, alguma coisa para vestir no passeio. Nenhuma peça chama a sua atenção. Estava usando uma calça jeans perfeita, então pegou uma blusa de malha branca com gola em V. notando que seu cateter estava exposto, pegou um lenço colorido e amarrou-o no pescoço, encobrindo o dispositivo médico. Depois de pegar a jaqueta de couro preta, parou para se admirar no espelho. Tinha uma aparência jovem e cosmopolita, semelhante às modelos de revistas lidas por Liza.

Escovou os dentes, arrumou o cabelo, passou um pouco de perfume e gostou do que viu no espelho. Antes de sair, verificou se estava com a carteira. Quando abriu a porta, Gabriel já estava esperando por ela.

— Uau! Essa produção toda é para um simples passeio no Central Park?! — O bailarino brincou, adorando ver que ela tinha se arrumado para ele.

— Acha que eu estou muito mal? — Julie perguntou, temendo passar vergonha.

— Você está linda! Eu estava só brincando. — Ele tranquilizou-a sorrindo e admirando-a.

— Às vezes eu não sei quando você está brincando e quando está falando sério! — Ela tentou fazer uma expressão magoada.

— A vida já é muito cinza. Eu prefiro brincar para colorir um pouco as coisas! — Ele confessou.

Os dois seguiram em direção ao Central Park. Pelo caminho, conversaram e descobriram muitos pontos em comum. Julie nunca teria imaginado que os dois gostavam da mesma música e de musicais em geral. Julie sonhava em ir a Paris e Gabriel considerava essa como sendo a sua viagem preferida. Eles eram como duas metades que se combinam e se completam perfeitamente. Até mesmo os temas paternos eram como um tabu para os dois!

Gabriel contou como era pertencer a uma

família importante e revelou que não tinha nada a ver com aquele mundo de dinheiro e poder. Julie, por sua vez, contou como era viver como uma pessoa anônima em uma cidade pequena. A atração entre os dois aumentava a cada segundo que passavam juntos.

Assim como muitos turistas, eles passearam pelos pontos mais famosos do Central Park, Julie tirava fotos para mais tarde enviar para a mãe, observava tudo com uma intensidade marcante e Gabriel admirava isso nela, nenhuma outra garota ficará tão fascinada com tudo o que via no maior jardim de Nova York. Em determinado momento, o bailarino falou:

— Posso te mostrar o meu lugar preferido daqui? — Ele perguntou, disposto a mostrar algo que mais ninguém conhecia.

Julie fez um sinal afirmativo. Gabriel segurou a sua mão e puxou-a para dentro do bosque. No início, a pianista travou, sentindo medo e ele a olhou, como se pedisse que ela confiasse nele. Lentamente, os dois seguiram pelo meio das árvores; até que encontraram uma clareira, com um

pequeno lago onde alguns peixes nadavam freneticamente. Ao sentirem a presença dos “intrusos”, os esquilos saltitaram; os pássaros cantavam uma melodia embalada ao sabor do vento.

— Que lugar lindo! — Exclamou Julie. Ela estava encantada com o lugar.

— Sempre que preciso pensar, ficar sozinho e, às vezes, até chorar, é para cá que eu venho. Desde pequeno! — Confessou Gabriel, sentando-se sobre uma pedra.

Julie o acompanhou e sentou-se ao lado do rapaz.

— Descobri esse lugar quando perdi minha mãe. Sempre vinha para cá para me sentir acolhido... — Ele se emocionava ao se lembrar da mãe.

— Ela morreu de câncer? — Julie lembrava vagamente de que ele mencionara o assunto.

— Sim. Foram meses angustiantes. Sempre esperávamos um milagre, mas ela já sabia que não venceria a doença. Quando ela se foi, senti como se arrancassem um pedaço de mim. Eu não entendia como era possível que tivesse perdido a pessoa que

mais me amava; e de quem eu mais precisava... Consegue imaginar, Julie? — Ele perguntou, olhando-a nos olhos.

Julie desviou o olhar, tentando disfarçar a emoção. Sabia bem sobre o que ele estava falando. Ela conseguia perceber os mesmos sentimentos em sua mãe sempre que olhava para durante os tratamentos ou quando os médicos pediam para conversar em particular. Sem conseguir segurar a emoção, a jovem começou a chorar.

— Não, por favor! Não chore! Você é linda demais para chorar ou sofrer...

O bailarino, então, abraçou a pianista, apertando-a de forma intensa e transmitindo segurança. Nos braços do rapaz, Julie sentia ter encontrado um porto seguro; e se entregou voluntariamente à sensação. Ao sentir que ela estava baixando a guarda, Gabriel a beijou e, dessa vez, foi correspondido.

Pela primeira vez, Julie sentia que precisava do bailarino e que, caso continuasse resistindo, só provocaria mais dor para ambos. Mesmo com medo de viver um amor com prazo de validade tão curto

quanto o deles, ela tinha a intenção de aceitar tudo o que a vida estava lhe oferecendo. Amar sempre fora um sonho misturado com medo, para ela era algo que não tinha direito e que lhe era proibido e, agora, recebera o presente de encontrar alguém especial, que queria estar ao seu lado. Sua única opção era aceitar.

Capítulo 26

A casa dos taylor

O casal passou um bom tempo passeando, registrando imagens e tudo o que achava interessante com os celulares. Caminharam ao redor do lago central e assistiram um pequeno concerto no auditório do parque. Por alguns momentos, os problemas dos dois desapareceram como em um passe de mágica. Ali, eram apenas dois jovens descobrindo o amor; não havia nada que pudesse interrompê-los ou atrapalhar o sentimento que nascia e brotava com toda a força.

Os olhos de Julie se arregalaram quando o bailarino segurou a mão dela como um casal de namorados faz, ela tentou puxar e Gabriel sorrindo segurou com força transmitindo coragem para aceitar as investidas dele, pequenos detalhes e

ações demonstravam que ele estava apaixonado pela pianista. A jovem estava vivendo tudo aquilo que se acostumou a ver nos filmes e aos poucos foi-se entregando. A felicidade que sentia estava estampada em seu rosto.

A tarde foi caindo e a temperatura diminuindo. Gabriel abraçou Julie, passou a mão em seus cabelos e beijou-lhe a testa carinhosamente.

— Você aceitaria outro convite? — Ele perguntou mantendo algum mistério.

A pianista ficou um pouco desconfiada, mas disse que sim. Acreditava que ele nunca seria capaz de lhe machucar ou fazer algo que ela não permitisse. Sorrindo, ele a guiou e começaram a caminhar para um dos bairros mais elegantes de Nova York, bairro dos milionários pertencentes as famílias tradicionais. Enormes casas antigas eram a imagem do poder econômico concentrado no local. Ali ficava o metro quadrado mais caro da cidade.

Gabriel parou diante de uma das construções mais chamativas da rua.

— Bem-vinda a casa dos Taylor em Nova York! — Ele disse, olhando para o casarão.

— Você mora aqui?! — Espantada, Julie perguntou.

A casa tinha quatro andares e janelas enormes com cortinas de veludo, devia ser uma das mais antigas da rua, tinha a imponência dos áureos tempos, a pedra trabalhada demonstrava alguma ostentação que era comum no passado e admirada por alguns nos dias de hoje. Era, sem sombra de dúvida, a residência mais imponente da rua. Gabriel puxou Julie para subirem as escadas. Ela tinha receio do que poderia encontrar atrás daquelas portas.

— Está tudo bem! Minha família viajou para a casa dos Hamptons. Só os empregados estão aqui. — Ele declarou tentando-a tranquilizar.

— Empregados?! — Ela exclamou enquanto subia as escadas.

A pianista estranhou quando Gabriel tocou a campainha da própria casa. Minutos depois, a porta foi aberta por um homem sisudo, vestindo um uniforme de mordomo. Ao ver o bailarino, a expressão do homem se modificou, dando lugar a um largo sorriso.

— Menino Gabriel?! — Ele estava surpreso com a presença do rapaz. — Feliz em vê-lo! Está tudo bem?

Existia alguma distância na forma do velho homem falar com o bailarino num sinal de respeito e de servidão, Gabriel sorriu e o homem desviou-se da entrada abrindo passagem para o jovem casal, o funcionário fez uma discreta reverência para a pianista.

— George, eu vim porque sei que toda a família viajou. Só assim posso ter um pouco de paz nessa casa. Essa é a Julie, minha namorada!

A apresentação fez com que a jovem sentisse um choque percorrendo-lhe o corpo. Ela nunca imaginou que, um dia, seria a namorada de alguém; e, em menos de vinte e quatro horas dera seu primeiro beijo, recebera uma declaração de amor e fora apresentada como a namorada do rapaz mais bonito da escola. Era muita emoção para um dia só!

Gabriel foi conduzindo a pianista pela casa, os olhos da moça tinham dificuldade em se adaptar a tanta informação e luxo naquela casa, obras de artes, espelhos, móveis antigos e seculares,

porcelanas, Gabriel sorriu perante o olhar assustado de Julie.

— Não digo para ficar à vontade porque nem eu fico à vontade aqui! — Ele comentou.

A casa parecia um verdadeiro museu. Por onde caminharam mais móveis clássicos, castiçais de cristal, quadros antigos, retratos de parentes posicionados nas laterais da escada e muitos tapetes. Era o tipo do lugar em que se caminha com medo de encostar e quebrar algo valioso. Porcelanas e bonecos que pareciam custar uma fortuna estavam espalhados por toda a residência.

Gabriel conduziu Julie até uma sala decorada em tons de dourado. Ela sentia medo até de respirar, toda a decoração era em tons de dourado desde o papel de parede, espelhos trabalhados e folheados a ouro, sofás com madeiras douradas e tecido dourado, aquilo era sinal e demonstração de poder de forma a ostentar para quem entrasse naquela sala, Julie se sentiu envergonhada por estar naquele lugar. O casal foi seguido pelo mordomo, que aguardava alguma ordem do bailarino. O jovem, comportando-se de maneira provocativa, se

jogou em um sofá enorme e recebeu uma expressão de repreensão do funcionário em resposta.

— Tenho que aproveitar enquanto eles não estão em casa! — O jovem explicou e fez o mordomo sorrir. — George, nos traga duas Coca-Colas!

Fazendo uma reverência, o empregado saiu sem dizer nada. Julie ainda estava de pé admirando o ambiente. Sentia-se deslocada, mas ao mesmo tempo gostava do que via, embora não se imaginasse morando em um lugar como aquele, se sentia num dos museus que desejava conhecer em Paris.

— Senta, Julie. Pode relaxar! — Ele disse e puxou-a pela mão. — Eu sei que a casa é assustadora. Bem... Na verdade é mais um símbolo do poder da minha família do que uma casa propriamente dita!

— Não consigo te imaginar morando aqui! — Ela disse e continuou olhando ao redor.

— Por isso que eu não moro aqui! Essa casa é dos meus avós. Meu pai também mora aqui, mas eu não consigo... — Ele respirou fundo, como se estivesse com dificuldade. — Este lugar me sufoca!

— Então, por que me trouxe aqui? — Surpresa, ela quis saber.

— Queria que você soubesse quem eu sou. Nunca trouxe nenhuma outra pessoa aqui! — Gabriel estava melancólico. O ambiente exercia muita pressão sobre ele.

— Nem mesmo Liza e Thomaz? — Ela estranhou.

— Talvez eu pudesse trazer a Liza. O Thomaz, não. — Gabriel riu, imaginando sua família conhecendo o outro rapaz. — Minha avó teria um infarto, meu pai me deserdaria imediatamente. E meu avô, provavelmente fingiria que nada estava acontecendo!

— E eu? Por que eu estou aqui? — Ela sorria nervosa, tentando entender.

— Você é especial! — Ele disse e se aproximou.

Sem que ela esperasse, Gabriel a beijou. Pela vontade do bailarino, ele passaria todo o tempo beijando a pianista; estava viciado no toque dos lábios dela! Ela estava ainda aprendendo a aceitá-lo sem demonstrar medo de suas carícias.

Foram interrompidos pelo mordomo, que tossiu para anunciar sua chegada. O jovem sorriu por ver a namorada embaraçada ao serem pegos em flagrante.

— Pode deixar aí, George. Daqui a pouco nos servimos! — O bailarino ordenou, mantendo os olhos fixos em Julie.

Era a primeira vez que Gabriel se sentia bem ali. Talvez fosse porque estava acompanhado da pianista, ela o tranquilizava. Sentia que ao lado da moça, ele ficava mais tranquilo, era o começo de um relacionamento onde tudo teria que ser mais calmo, mais lento, sem pressa e sem ultrapassar nenhum sinal. Julie Garrow merecia ser tratada com todo o cuidado.

Pegando a Coca-Cola para os dois, ele convidou:

— Vamos ao cinema? Que filme quer ver? — Novamente, Julie foi pega de surpresa.

— Mas acabamos de chegar! — Ela respondeu.

— E quem falou em sair? — Sorrindo, o bailarino lhe estendeu a mão.

Puxando-a, Gabriel a guiou pela grandiosa

residência até chegarem à escada que levava aos andares superiores e, também, ao piso inferior. Tomaram o rumo descendente. O jovem abriu uma porta e acendeu as luzes. Era uma pequena sala de projeção com vinte lugares, poltronas confortáveis, um bar abastecido com todos os tipos de bebidas, máquina de pipoca e uma tela gigante. Julie estava abismada.

Capítulo 27

Quem é

Estavam assistindo um filme que ainda não fora lançado em DVD, mas já fazia parte da coleção particular dos Taylor. Julie ficou feliz, pois, quando a produção estava em exibição nos cinemas, ela estava internada e não teve a oportunidade de ver. Quando Gabriel lhe deu o poder de escolha, ela não pensou duas vezes.

Os dois estavam abraçados, sentados na mesma poltrona, que era espaçosa e confortável o bastante para duas pessoas. Dividiam um balde de pipoca caramelizada, tomavam Coca-Cola e não desgrudavam as mãos.

A tarde estava perfeita com os dois sozinhos naquela casa enorme, sem ninguém para incomodar. Gabriel sabia que não teria outra oportunidade como aquela, pelo menos não na casa

da família. Ele acariciava o cabelo de Julie, que parecia hipnotizada pelo filme. Em um determinado momento, ela percebeu que o bailarino a olhava fixamente.

— Para com isso! — Ela pediu já com o rosto vermelho de vergonha.

— Não posso! — Ele disse sorrindo. — Você é linda demais! Eu poderia passar horas te olhando...

— Gabriel... — Ela não sabia como reagir aos elogios.

— Eu te amo, Julie Garrow! — Ele disse com os olhos brilhando.

Gabriel se aproximava mais enquanto falava e, ao terminar, beijou-a carinhosamente. A pianista correspondeu, entregando-se à paixão compartilhada com o bailarino. O clima romântico evocado pelo filme e a penumbra da sala constituíam o verdadeiro paraíso para qualquer casal namorar. No momento em que carícias trocadas eram o único foco da atenção dos dois, as luzes da sala foram acesas e uma voz rude foi ouvida.

— Seja bem-vindo à sua casa!

O casal se interrompeu imediatamente. Parado à porta estava um homem alto, encorpado, aparentando quarenta e poucos anos. Ele tinha algumas características visivelmente semelhantes à Gabriel e sua expressão indicava que não estava nem um pouco satisfeito com a cena que se desenrolava naquela sala. Ele observava Julie atentamente, seu olhar era tão intenso que se tornava perturbador.

— Seus avós e eu viajamos e você resolve aparecer? — O semblante do homem estava carregado.

— Eu vi justamente por saber que vocês não estavam aqui! — Levantando-se, Gabriel começou a se preparar para sair.

Julie, incomodada por ser alvo de olhares furiosos, não sabia o que fazer. Constrangida, arrumou a própria postura e permaneceu calada.

— Pelo menos é uma mulher dessa vez! Decidiu ser homem esse mês?! — Gabriel lhe dirigiu um olhar furioso. — Eu sou Christopher Taylor, pai do Gabriel. E você, quem é?

Antes que ela pudesse responder, o bailarino

tomou a dianteira e enfrentou o homem demonstrando não estar satisfeito com aquele interrogatória perante uma convidada.

— Eu não pergunto quem você leva para a cama. Pelo que me lembro, você andava enrolado com aquela assessora... Ainda é a mesma?

Christopher ergueu a mão para agredir o filho.

— Pode bater! Mas não se esqueça de eu tenho uma testemunha aqui; e que agora sou maior de idade. Se me bater, eu vou revidar. Agora, se não se importa, minha namorada gostaria de terminar de ver o filme e o senhor está incomodando! — O jovem gritou, enfurecido.

— Você está na minha casa! — O pai o segurou pela camiseta.

— Sua casa? Que eu saiba, esta casa pertence aos meus avós, assim como pertenceu à minha mãe! Eu nem sei por que motivo você ainda mora aqui... — Gabriel fez uma pausa, fingindo refletir. — Ahhhhh... Para conseguir a fortuna dos meus avós, pois, se sair daqui, ou se casar, você perde tudo!

— Gabriel, não me provoque! Você mora na

mesma cidade e passa meses sem aparecer... E, quando venho buscar alguns documentos de que preciso, encontro o meu filho agarrado com... seja lá o que ela for! — Christopher deu-lhes as costas.

— Se não me falha a memória, durante a última conversa que tivemos você afirmou que seu filho havia morrido! Morto não fala! Ou será que estamos em uma sessão espírita?! — Gabriel voltou a sentar junto de Julie, que estava muito assustada com a situação.

— Seu... — Christopher estava pronto a bater no rapaz, mas lembrou-se da presença da garota.

Sentado ao lado da namorada, Gabriel encarava o pai com olhos repletos de ódio. Julie se movimentou, mostrando estar desconfortável com tudo aquilo, indicando que queria ir embora.

— Vamos ficar e terminar de ver o filme! — Ele beijou-a na testa e voltou a olhara para o pai. — Pode sair!

Enfurecido, Christopher olhou para Julie e falou:

— Talvez você não conheça essa coisa que está ao seu lado, mas ele não é um homem de verdade.

Quer ser bailarino para viver se esfregando em outros homens! — Ele encarava o filho com raiva. — Há apenas alguns meses, era um rapaz quem estava sentado no seu lugar. Flagrei os dois se comportando como anormais. Por isso, se ainda não sabia quem ele é, acabou de descobrir. Deixe-o enquanto há tempo!

— SAIAAAAAAAAAAAA! — Gabriel gritou, assustando Julie com sua reação agressiva.

Sentindo-se humilhado, o bailarino não conseguiu conter as lágrimas. Christopher ria sarcasticamente, parecendo sentir prazer em atingir o filho daquela forma, ainda mais diante da pianista. Sem dizer mais nada, o homem saiu, deixando o casal a sós.

Gabriel virou-se de costas para que a jovem não o visse chorando, mas seu corpo tremia. Ajoelhando-se sobre a poltrona, Julie puxou-o para sentar junto com ela. Ele obedeceu ao comando, mas permaneceu estático, extremamente envergonhado por tudo o que acabara de acontecer.

— Desculpa te fazer presenciar isso! Agora você sabe o porquê de eu morar no dormitório e

não aqui.

Julie não fez nenhum comentário, apenas sentou-se no colo do rapaz e o abraçou carinhosamente. Sabia que ele estava sofrendo, mas não tinha a menor ideia do que dizer para consolá-lo.

— Ele não podia ter dito aquilo! Você não tem nada a ver com isso tudo. Ele poderia ter disfarçado, mas meu pai queria me humilhar, fazer com que eu me sentisse mal! — O bailarino a olhava nos olhos. — Eu tenho orgulho de ser quem sou!

Sem palavras e com o coração apertado, Julie voltou a abraçá-lo. Naquele momento, mais do que em qualquer outro, ela percebeu que os dois precisavam um do outro. Ambos tinham medos e feridas causadas pela vida e poderiam se apoiar mutuamente. Além disso, ela realmente estava gostando do bailarino.

Capítulo 28

Dormindo juntos

Constrangidos pelo ocorrido, os dois se aprontaram para deixar a casa o mais rapidamente possível. Compreendendo a situação, Gabriel nem pensou em tentar convencer Julie a ficar. Antes de saírem, o rapaz passou em seu antigo quarto, pegou alguns pertences e partiu. Já era noite. Percebendo que a pianista estava com frio, ele desistiu da caminhada de volta e chamou um Uber, que chegou dentro de poucos minutos.

O trânsito estava tranquilo e a viagem foi rápida. Entraram em Juilliard abraçados, como um verdadeiro casal de namorados; a expressão de felicidade fixa em seus rostos por estarem juntos era notória. No elevador, se olhavam intensamente. Os dois jovens estavam descobrindo o real

significado da palavra ‘amor’.

Quando as portas se abriram, Julie soltou a mão de Gabriel.

— Quero que todos saibam! — Ele disse e segurou sua mão novamente.

Apesar de um pouco temerosa, a pianista aceitou o gesto e sentiu-se segura com a própria decisão e em relação aos sentimentos do bailarino. Eles passaram pelo refeitório e pela sala de convivência, mas ambos estavam vazios.

— Acho que ninguém vai saber que sou a pessoa mais feliz do mundo! — Ele comentou com um sorriso radiante.

— É. Ninguém vai saber! — Julie comentou e uma ponta de alívio transpareceu em suas palavras. — Pena que não conseguimos assistir o restante do filme!

Sorrindo, Gabriel abriu a mochila e tirou uma pasta de CDs.

— Só precisamos de um computador! No meu quarto ou no seu? — Ele perguntou.

— Vamos apenas ver o filme, certo? — Ela perguntou, com medo de ficar sozinha com ele.

— Prometo! Você fica na cama e eu sento na cadeira... — Ele levantou a mão e fez o sinal dos escoteiros.

— Se dá a sua palavra, podemos assistir no meu quarto! — Essa seria a primeira vez que ficaria sozinha no quarto com um rapaz.

— Vou buscar meu computador e nos encontramos daqui a uns... Vinte minutos? — Ele perguntou, olhando para o relógio.

Julie confirmou o horário e entrou em seu quarto. Só então parou para pensar em tudo o que aconteceu durante o dia: o beijo no Central Park, ser apresentada como namorada e o encontro com o pai de Gabriel. Apesar do estresse, o confronto foi vantajoso. Assim, ela descobriu que o bailarino precisava de alguém ao seu lado, para ajudá-lo, assim como ela também precisava do apoio de outra pessoa nos últimos momentos da sua vida.

Lembrando-se de que em poucos minutos o bailarino estaria de volta, Julie tomou um banho rápido, vestiu pijama e roupão, calçou as pantufas de vaca e sentou na cama para esperar a sua chegada.

Três suaves batidas anunciaram a chegada de Gabriel. A pianista se olhou no espelho, respirou profundamente e abriu a porta.

— Você prefere batata, docinhos ou pipoca? — Ele perguntou, exibindo o estoque de lanches.

— Onde você conseguiu tudo isso?! — O espanto da jovem era notório.

— Meu quarto poderia ser a despensa deste prédio! Eu trouxe jujuba de morango, acho que você vai gostar. Mas posso trocar se quiser. — Ele brincou, exibindo o pacote como se fosse um pêndulo.

— Pode ser de morango! — Ela respondeu e ergueu os braços.

Gabriel depositou tudo o que tinha trazido sobre a mesa de estudo, em seguida posicionou o computador, inseriu o DVD, puxou uma cadeira para junto da cama e disse:

— Fique à vontade! — Ele indicou que a jovem se sentasse na cama. — Onde estávamos quando fomos interrompidos por aquele senhor? — Ele tentou lembrar.

Julie se acomodou na cama e segurou a mão de

Gabriel.

— Ele é seu pai. Mesmo estando errado, continua sendo o seu pai! — Ela tentava consolar tranquilizar o rapaz.

— Não, ele não é meu pai. Um pai não faz o que ele já fez comigo! Julie, você não imagina o que ele... — O assunto o desagradava e isso transparecia em seu tom de voz. — Por isso eu vivo aqui, bem longe dele!

— Gabriel, eu posso imaginar o que você sofreu. Mas... — O bailarino colocou a mão sobre os lábios dela, interrompendo-a.

— Não vamos mais falar sobre ele, certo? Vamos encerrar esse de dia de uma forma perfeita! Pode ser? — Sorrindo, a pianista fez um gesto afirmativo. — Vamos ver o filme!

Ela observava enquanto o jovem tentava encontrar uma posição confortável na cadeira, sentiu-se mal por estar deitada confortavelmente e Gabriel sentado na cadeira.

— Promete que se vai se comportar como o cavalheiro do filme? — Surpreso com o questionamento, ele respondeu que sim. — Então

venha sentar aqui na cama, do meu lado.

Sorrindo, ele aceitou o convite antes que Julie se arrependesse de tê-lo feito. A jovem encostou a cabeça no ombro do bailarino e os dois comeram pipocas, docinhos e trocaram carinhos durante o restante do filme.

Ele se comportou muito bem, mantendo a sua palavra e respeitando-a; sabia que, para ela, tudo era novidade, por isso respeitou seu espaço e não tentou apressar as coisas. Aquela era a primeira vez que ele namorava de verdade; todos os seus relacionamentos anteriores foram baseados em sexo e nada mais. Então, para ele, a experiência também era uma novidade; e ele estava gostando bastante do que sentia quando estava perto de Julie.

Assistiram o segundo filme até a metade e adormeceram abraçados. Durante a noite, Julie se aninhou ao peito de Gabriel, abraçando-o como se tivesse medo de perdê-lo. Ao ficar do lado dela, o bailarino sentiu uma paz tranquilizante. Dormiram juntos sem que nada físico acontecesse entre os dois; apenas aproveitavam o amor que nascia para marcar suas vidas. Mas ainda escondiam segredos

um do outro. Ela estava com os dias contados e ele disfarçava cicatrizes profundas atrás de um sorriso encantador.

* * *

Quando os primeiros raios de sol invadiram o quarto, Julie percebeu que havia dormido abraçada com Gabriel. Sorriu como uma criança que apronta uma travessura. E, ao mesmo tempo, sentiu uma onda de felicidade diferente de qualquer coisa que já sentira na vida. Instantaneamente, aconchegou-se mais ao bailarino e ficou observando enquanto ele continuava a dormir.

Capítulo 29

Assumindo

O início da semana devolveu a normalidade aos corredores da Julliard. Os alunos voltavam energizados pelos dias de descanso passados com a família. O horário de almoço continuava servindo como o momento de encontro dos amigos. Com o grupo reunido ao redor de uma mesa, Thomaz comentou:

— Alguém viu o Gabriel?

O grupo se entreolhou, pois ninguém sabia onde o bailarino estava. Liza reparou que Julie não estava no refeitório pela manhã e, agora, também estava ausente. Era uma coincidência que os dois ainda não tivessem aparecido até aquele momento.

Pegando o celular, Thomaz enviou uma mensagem para o amigo.

— Ele recebeu e visualizou, mas não responde! Ele estava na aula pela manhã? — Além de preocupado, ele estava curioso.

— Ele estava na aula da Grace! Talvez ele tenha saído, ou tinha algum compromisso. — Um dos rapazes comentou e voltou a se concentrar no vídeo que estava vendo com uma das meninas.

— O que é aquilo?! — Thomaz perguntou. O jovem estava abismado, olhando fixamente para a entrada do refeitório.

Liza se virou para ver do que ele estava falando, arregalou os olhos e começou a sorrir abertamente. Para a surpresa de todos, Julie e Gabriel estavam chegando, de mãos dadas. Olhares de inveja foram dirigidos à nova aluna que, em tão pouco tempo, conseguiu fisgar um dos rapazes mais desejados da escola. Muitas alunas, e também alunos, queriam estar no lugar da pianista. Inclusive Thomaz, que não se incomodou em tentar esconder sua irritação ao ver os dois juntos.

Liza, por sua vez, correu para abraçar a amiga.

— Parabéns! — Disse a atriz. Olhando para Gabriel, ela advertiu: — Cuide muito bem dela!

Caso contrário, precisaremos ter uma conversinha!

— Pode deixar. Prometo cuidar muito bem dela! — Ele sorria.

— Quero saber de tudo! De todos os detalhes! — Liza realmente estava muito feliz.

— Está todo o mundo olhando... — Julie, sempre tímida, estava envergonhada por ser o centro das atenções.

Subindo em uma cadeira próxima, Liza gritou:

— Atenção! Gabriel Taylor saiu do clube dos solteiros pegadores e entrou em um compromisso sério com a minha amiga!

A jovem ruiva começou a bater palmas para o casal e foi acompanhada pelos demais estudantes. Apenas Thomaz continuou afastado, captando a atenção da atriz.

— Vai ficar aí fazendo papel de “Donzela” ou vai dar os parabéns aos nossos amigos? — Liza tinha um olhar fulminante e não escondeu a sua reprovação a atitude do rapaz.

— Parabéns! — Ele disse, embora estivesse claramente contrariado.

— Obrigado, Thomaz! — Gabriel agradeceu e

lhe deu um abraço.

— Eu sei quando perdi. Mas estou de olho em você, *Miss Perfect*! — O jovem resmungou, encarando Julie.

Julie se sentiu desconfortável com a reação pouco amistosa do rapaz. Mas sabia que não devia ser fácil ver outra pessoa feliz ao lado de quem ele gostava. Gabriel puxou a pianista para junto de si, segurou o rosto dela e olhou bem dentro de seus olhos.

— Agora todos sabem que eu pertenço a você! Está feliz? — Ele sorriu e lhe acariciou o rosto.

— Sim... Mas devíamos ter preparado o pessoal. Especialmente quem tem sentimentos por você! — Ela comentou preocupada com Thomaz.

— Fique tranquila. Thomaz não me ama; ele só acha que é meu dono! Para mim, ele é só um amigo e ponto final. Estou com quem eu quero estar! — Ele afirmou com toda a segurança. — Vamos comer!

— Está parecendo a minha mãe! — Ela sorriu diante da ordem.

A pianista, então, lembrou que precisava

conversar com a mãe sobre as novidades. Não sabia como ela aceitaria a situação. Foi difícil, quase dramático, convencê-la a deixar a filha estudar em Juilliard e morar no dormitório. Contar que estava namorando estava em um patamar ainda mais crítico. Havia o risco de que Ema declarasse a Terceira Guerra Mundial!

Gabriel percebeu que havia algo complicado ocupando os pensamentos de Julie.

— Essa testa franzida significa que está pensando em alguma coisa séria... O que foi, Julie? — Ele perguntou, já ficando preocupado.

— Eu ainda não contei sobre nós para minha mãe! — Havia uma nota de receio na voz da pianista.

— Qual é o problema de você namorar? Acha que ela não vai gostar de mim? — Gabriel não entendia o temor da jovem.

— Não é isso, é que... — Ela se interrompeu e continuou pensativa.

Na realidade, Julie e Ema dividiam o mesmo temor. Tudo estava perfeito e ela estava feliz com Gabriel, mas por quanto tempo? Esse medo

assolava Julie, tudo na vida da pianista tinha um prazo de validade e sabia que ambos sofreriam quando chegasse a hora. Já conseguia ouvir as palavras da mãe em sua cabeça: “Isso é uma loucura!”. E era mesmo. Mas ela não conseguia negar a própria felicidade!

— Poste uma foto nossa no seu *Facebook*! Assim ela vai perceber que... Por falar nisso, ainda não mudei o meu *status* e nem postei nenhuma foto nossa... — Gabriel comentou e já foi pegando o celular.

Juntando-se a ela, o bailarino tirou uma foto dos dois; em seguida, fizeram caretas para a câmera e Julie logo se arrependeu, sentindo vergonha das imagens mais descontraídas. Gabriel postou as fotos do casal em seus perfis no *Facebook* e no *Instagram*, marcou a pianista e acrescentou a legenda: “Ao seu lado descobri o sentido da vida. Três dias de pura felicidade!”. Em questão de minutos as curtidas e comentários se multiplicaram.

— Estão adorando! — Ele comentou, mostrando a repercussão nas redes sociais.

— Você é louco! E ainda me marcou?! — Ela

reclamou e cobriu o rosto com as mãos.

— Estou apenas assumindo a minha felicidade por estar ao seu lado. E você deveria fazer o mesmo, senhorita Garrow! — Gabriel declarou e beijou-a diante de todos.

Para Julie, aqueles eram momentos únicos e especiais; ela estava fascinada a ponto de esquecer um pouco sua dura realidade. Quando estava com Gabriel, era como se o tempo parasse a sua caminhada para o ponto final de sua existência. Os três dias passados com o bailarino fizeram valer a pena a sua mudança para Nova York. Com ele, descobrira que a felicidade não se resume à música e ao piano. Jamais imaginara que em sua vida poderia haver espaço para viver o amor.

Capítulo 30

Vai contar!

A semana passava como de costume: aulas intensas e professores exigentes. Era semana de provas e quase todos estavam focados em tirar boas notas. Também aconteceram as audições para o espetáculo anual de arte, que envolvia todos os alunos da Juilliard.

Durante os últimos dias, Julie estivera concentrada em sua composição e Gabriel ensaiara até tarde. Apesar de conversar com a mãe todos os dias, a pianista continuava se desviando das cobranças de Ema e não explicara ainda a foto em que aparecia com o bailarino.

— Nós conversamos no fim de semana! — A jovem prometeu.

O fim de semana se aproximava e Julie sabia

que não conseguiria continuar fugindo da mãe. Deveria estar preparada para enfrentar o interrogatório. Gabriel também estava insistindo para que ela contasse a verdade; ele entendia que a namorada preferia esperar para contar tudo pessoalmente, só não entendia o porquê de tal preferência, sentia que existia algo errado que não conseguia compreender.

No sábado, logo cedo, o telefone de Julie tocou. Respirou fundo ao ver que a ligação era da mãe, pois, segundo seus cálculos, ela já deveria estar em Nova York.

— Bom dia, mãe! — Receosa, a jovem cumprimentou. — Como foi a viagem?

— Bom dia, minha princesa! A viagem foi tranquila. Estou te esperando no Veniero's Caffe. Nós precisamos conversar! Querida, você vai adorar este lugar! — Ema tentou amenizar o clima. — Venha rápido!

Julie desligou, sentou na cama e ficou pensando em como seria a conversa com a mãe. Voltou a pegar o celular e escreveu: "Bom dia. Vou conversar com minha mãe no Veniero's Caffe.

Beijo, te amo!”, enviou para Gabriel e foi tomar um banho rápido. Dentro de poucos minutos, já estava pronta. O dia estava frio e chuvoso, então ela optou por botas, calça jeans justa, blusa de malha cinza com uma gola grande, casaco de couro e um lenço colorido para dar o arremate final. Respirou fundo e seguiu para o café, no percurso tentava preparar um discurso para tranquilizar a mãe.

Veniero’s Pasticceria & Caffe é uma das pastelarias mais antigas da cidade de Nova York, famosa por seus doces deliciosos. Os clientes passam mais tempo escolhendo dentre as variadas opções do que propriamente comendo. O ambiente é tranquilo e possui um belo vitral no teto, que chama a atenção de todos os frequentadores. É o lugar perfeito para desfrutar de um bom café em um dia chuvoso. Quando colocou a mão na porta para abrir, respirou fundo procurando forças para enfrentar a conversa que iria ter.

Julie avistou a mãe assim que entrou no local, pois Ema estava sentada de frente para a porta. A mulher tinha uma expressão preocupada.

— Bom dia, mãe! — Olhando para as vitrines

repletas de iguarias, Julie reclamou: — É um crime vir aqui!

A moça beijou e abraçou a mãe carinhosamente, esperava de alguma forma ter uma conversa tranquila.

— Nem me diga! O *cappuccino* deles é delicioso; e o *tiramisu* é divino! — Analisando a filha, Ema comentou: — Você está diferente. Muito mesmo...

— Mãe! — A jovem achava que a mãe se referia a algo íntimo.

— Não é nada disso! É só que... Você está com um brilho diferente no olhar; como uma pessoa apaixonada. — Bastaram poucos segundos para que a mulher analisasse a pianista acertadamente.

— Gabriel é especial e me faz bem! Sinto que estou vivendo pela primeira vez. Não tenho vontade de morrer, nem mesmo penso sobre isso! É como se o amor que sinto se transformasse na vida que corre em minhas veias... — Julie “despejou” tudo instantaneamente e ficou envergonhada da própria declaração.

Ema ficou em silêncio. As palavras da filha a

assustaram, sabia que tinha de ser realista e a verdade seria dolorida, mas necessária para trazer Julie para a realidade.

— Você precisa terminar esse namoro! — Era duro falar aquilo, mas era daquela forma que a mulher se sentia.

Julie recebeu a ordem da mãe como um soco no estômago. Sentiu-se agredida sem dó e nem piedade.

— Mãe, como pode me dizer isso? — Estava surpresa com a reação de Ema.

— Será pior para vocês dois quando chegar a hora! Você já contou que sofre de uma doença terminal? Eu sabia que nunca deveria ter permitido essa loucura! Agora, você está aí, apaixonada por esse rapaz! Você apaixonada por um rapaz! Julie, será que ele vai continuar com você depois que conseguir o que quer? Será que vai ficar ao seu lado quando descobrir que você está morrendo? E você? Vai aguentar sofrer?

A pianista ficou em silêncio. Julie tinha pensado em tudo isso quando sentia algo estranho pelo rapaz, quando pensava nele se policiava para não

permitir que qualquer sentimento pelo rapaz invadisse a sua vida, todas as possibilidades tinham passado pela sua cabeça, mas desde que começou a namorar Gabriel, não tinha pensado na doença e nem no pouco tempo de vida que tinha. Continuava tomando os remédios por hábito, mas seu corpo estava bem. Tanto, que nem cogitara a hipótese de contar a verdade para o rapaz.

— Filha, eu sei como é amar. Também vivi isso tudo. Mas não é justo se envolver com ele e depois fazê-lo sofrer quando... — Ema se emocionou. — Eu vou sofrer ao seu lado! Você acha justo fazer a mesma coisa com ele?

Ouvindo o discurso da mãe, Julie começou a passar mal. Tonturas e náuseas a assaltaram enquanto a pergunta “É justo fazê-lo sofrer?” se repetia em sua mente. Ela estava sendo egoísta por amar! Começou a chorar copiosamente e a se sentir sufocada; precisava sair daquele lugar. Na ânsia de respirar livremente, a jovem puxava a gola da blusa, mas o ar parecia fugir dela. Em um ímpeto, levantou-se fazendo a cadeira cair. As tonturas aumentaram e as cores do vitral se embaralharam

diante de seus olhos. Logo, tudo ficou negro e o corpo da pianista foi ao chão, como um pedaço de madeira sem vida.

O silêncio tomou conta do ambiente e os demais clientes observaram a cena, estáticos. Quando Ema levantou para ajudar a filha, ouviu-se o grito vindo da porta:

— JULIE!

Ema reconheceu Gabriel não apenas como o rapaz da fotografia; fora ele quem encontrara na noite em que saíra para passear com a filha pela cidade. O jovem estava profundamente aflito por ver Julie desmaiada. Em meio a tudo isso, a mãe ligou para o hospital.

— Por favor, é urgente! Eu preciso falar com o doutor Carl Monroe. É a mãe de Julie Garrow!

Enquanto aguardava, ela observava o comportamento do rapaz ao lado da filha.

— Bom dia, doutor! Julie acabou de passar mal. Estamos no Veniero's Caffe. Ela desmaiou e não está dando sinais de que vai acordar! — A mulher estava começando a ficar desesperada.

— Ema, chame uma ambulância e diga para

levarem a Julie para o Mount Sinai Hospital. Estarei esperando por vocês lá! — O médico instruiu.

Agoniada com a situação, Ema gritou:

— Chamem uma ambulância, urgente! — Olhando para a filha, ela começou a chorar. — Por favor, minha filha! Não morre!

— Ela se recuperou bem da outra vez! — Gabriel comentou, mostrando um pouco de tranquilidade.

— Que outra vez? — Ema estava surpresa. Julie nunca mencionou ter desmaiado.

— Algumas semanas atrás... Ela não comeu nada pela manhã e passou mal; também desmaiou. Mas ficou bem! — Ele voltou sua atenção para a pianista e disse: — Eu sou Gabriel Taylor, o namorado da sua filha!

Ema sequer prestou atenção às últimas palavras do rapaz. Só conseguia pensar que aquela era a segunda vez que a filha desmaiava desde que se mudara para Nova York e que não contara para ela sobre a primeira vez. Julie estava demorando demais a recobrar os sentidos, aumentando a

preocupação de todos. Alguns minutos mais tarde, a ambulância chegou e logo estavam voando pelas ruas, em direção ao hospital.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

Ela piorou

Doutor Carl já estava esperando quando a ambulância deu entrada no hospital. Julie continuava desacordada e Ema chorava, não se preocupando em esconder o desespero. Os enfermeiros impediram que a mulher acompanhasse a filha na ala de emergência. O olhar do médico deixava claro que ele também estava com medo do que estava acontecendo com sua paciente; ele tinha o desejo de fazer o melhor pela jovem e estava disposto a tudo para conseguir isso.

As portas de vidro se fecharam, deixando Ema chorando e com medo do que estava por vir. Não conseguia esquecer a cena que presenciara: a filha desfalecendo diante de seus olhos. Será que tudo terminaria daquela forma? Será que não teria a

chance de se despedir e dizer o quanto a amava?

Estava tão aflita que não percebeu a aproximação de Gabriel. O jovem percebeu que havia algo de muito sério acontecendo.

— Ela já está lá dentro? — A pergunta arrancou Ema de seu desespero solitário.

Sem emitir nenhum som, a mulher abraçou o rapaz. Ela desejava receber forças para enfrentar o que estava acontecendo na sala de emergência.

— Está tudo bem! Deve ter sido apenas fraqueza. Da última vez ela não tinha se alimentado... — Gabriel tentou consolá-la. — Ela vai ficar bem!

— Eu não sei se ela vai aguentar! — A mulher desabafou, chorando no ombro do bailarino.

— É apenas uma fase. Bulimia tem tratamento! — Ele disse.

Só então Ema se lembrou de que estava buscando consolo em alguém que não conhecia a verdade sobre o que estava acontecendo com sua filha. Ela tentou se controlar, respirou fundo e limpou as lágrimas.

— Você tem razão. Vai ficar tudo bem! É

apenas desespero de mãe... — Ema dizendo aquelas palavras engoliu o choro.

Gabriel sorriu e foi procurar água para oferecer à mãe de Julie. Deixada sozinha, Ema se deu conta de que os sentimentos do rapaz eram reais e que não seria nada fácil quando ele descobrisse a verdade.

Os ponteiros do relógio se moviam lentamente enquanto Ema e Gabriel aguardavam notícias sobre o estado de Julie. O bailarino começava a ficar impaciente; já a mãe da pianista estava mais tranquila. Ela sabia que a demora significava que a filha estava melhorando. Naquele momento, o médico surgiu. Seu semblante estava carregado de preocupação, mas seu olhar mostrava a esperança de que Ema precisava.

— Como ela está, doutor? — Ela perguntou, aproximando-se do médico e foi imitada por Gabriel.

Forçando um sorriso, o homem respondeu:

— Está tudo bem, Ema! Julie está recuperando. Está tomando soro e recebendo a medicação. O desmaio foi causado por um pico de estresse e

ansiedade. — Ele sorriu e segurou a mão da mulher. — Você deve ser o Gabriel, certo?

O jovem confirmou com um aceno de cabeça e o médico sorriu.

— Ela perguntou por você no momento em que abriu os olhos! Julie foi transferida para o quarto e não quero que ela fique sozinha. Você quer vê-la? — Novamente, a resposta foi positiva. Ema estranhou o comportamento do médico. — Ótimo. Vá fazer companhia para a Julie enquanto eu converso com a mãe dela! A enfermeira vai acompanhá-lo.

Ema, então, compreendeu que o jovem não estava preparado para ouvir o que o médico tinha para dizer sobre sua filha. Pedindo licença, Gabriel seguiu a enfermeira e deixou os dois sozinhos; ele estava aliviado por saber que a namora da estava melhor. Enquanto isso, a mulher mais velha encarava doutor Carl desesperadamente.

— Nós precisamos conversar, Ema! — Ele afirmou com um tom de voz intenso.

Sempre que ouvia essa frase, o coração da mulher parecia que parava temendo o resultado da

conversa. Este era o sinal de que a filha estava piorando. Agora tinha certeza de que o desmaio de Julie tinha alguma causa mais profunda e seus olhos se encheram de lágrimas.

No consultório, o médico puxou uma cadeira para que Ema se acomodasse e foi se sentar atrás de sua mesa. Introspectivo, o homem buscava uma maneira de dar a notícia.

— Pode falar, doutor Carl! — A mulher dava indícios de que estava preparada para qualquer coisa.

— Eu sinto muito, Ema. A situação da Julie piorou... — A voz do médico estava embargada. — Precisamos iniciar mais um ciclo do tratamento com urgência para tentar fazer com que ela suporte até o final do ano!

A estimativa de tempo era muito curta e Ema desabou em pranto diante do médico. Faltava pouco mais de dois meses para o ano acabar. Sabia que a filha corria contra o tempo, mas não imaginava que fosse tanto assim! Comovido com a situação, o doutor abraçou a mãe da sua paciente, tentando consolá-la. Ema chorou amargamente nos

braços do médico.

Quando conseguiu se acalmar, Ema perguntou:

— Passar por todo esse sofrimento mais uma vez vai ajudar? — Ela buscava qualquer fio de esperança que pudesse existir.

— No momento, é o melhor que temos para oferecer. Precisamos tentar e esperar que... — Ele percebeu que não deveria mentir. — Vamos fazer isso para que vocês passem seu último Natal juntas e tenham tempo para se despedir.

A realidade era muito dura. Sentindo como se o chão estivesse se abrindo debaixo de seus pés, Ema precisou buscar forças onde elas já não existiam. Desejou poder trocar de lugar com a filha; que ao menos uma parte de seu sofrimento fosse transferida para ela. Julie estava, pela primeira vez, vivendo o amor, não era justo que tudo acabasse assim! Ao se lembrar de Gabriel, sua preocupação aumentou, chamando a atenção do médico.

— Ema, você precisa conversar com a Julie. Quando ela começou a se recuperar, não parava de repetir o nome do Gabriel... — Ele afirmou mostrando preocupação. — Ele precisa saber a

verdade!

— Meu Deus! Eu sabia que era um erro deixar a minha filha vir para cá! — Nervosa, Ema afirmou.

— Não pense assim! Julie está vivendo os melhores dias de sua vida! Mas o rapaz merece saber o que está prestes acontecer. Caso contrário, o relacionamento dos dois precisa terminar imediatamente! — O médico concluiu.

Ema sabia que a conversa que se seguiria seria a mais difícil que já tivera com a filha. Precisava aconselhá-la a fazer o que precisava ser feito. E qualquer uma das escolhas, contar a verdade ou terminar o namoro, seria igualmente complicada. Especialmente para alguém que, além de todos os outros problemas, estava vivendo seu primeiro amor!

Capítulo 32

Ponto final

A iluminação do quarto era suave. Sobre a cama, ligada aos equipamentos, Julie dormia tranquilamente. As máquinas emitiam sons irritantemente estáveis e eram as testemunhas perfeitas de que o episódio não havia sido um simples desmaio de fraqueza. Aproximando-se, Gabriel passou alguns minutos admirando a jovem. Com medo de acordá-la, o bailarino, delicadamente, segurou a mão que trazia o monitor cardíaco, beijou e permaneceu perdido em pensamentos. Um medo avassalador invadiu o espírito do jovem.

Sentindo a presença de alguém, Julie abriu lentamente os olhos. Estava tonta por conta dos medicamentos e todo o corpo estava dolorido; essa

sensação ela conhecia muito bem! A jovem virou o rosto bem devagar e viu Gabriel, parado ao seu lado como se lhe velasse o sono. Ao ver os olhos brilhantes da namorada, o rapaz sorriu.

— Acho que você deveria ser atriz. Possui uma queda natural para o drama e sabe como chamar a atenção! — Ele disse aquilo e deu um beijo na boca da jovem. — Acredito que não tenho problemas de coração, porque quase morri...

— Gabriel, nós precisamos conversar! — Ela falou seriamente.

— Não. Agora você precisa descansar e se alimentar para ficar bem o mais rápido possível! — A preocupação era perceptível na voz e nas palavras do bailarino.

— Eu estou bem. Agora eu estou bem! — Julie olhou nos olhos do rapaz.

Tomando uma respiração profunda, ela buscou forças para fazer o que precisava ser feito. Não seria fácil para nenhum dos dois, mas tinha certeza de que tomara a decisão correta. Gabriel fez menção de falar alguma coisa, mas Julie foi mais rápida e tomou a palavra.

— Preciso dizer algo importante e peço que me escute! — Ele sentiu um aperto no coração. — Gabriel, nós não podemos continuar namorando. Não é certo para nenhum de nós dois! Estamos apenas nos enganando.

Inicialmente, ele não entendeu o que a pianista estava tentando dizer. Em seguida, sua expressão se fechou.

— Você está terminando comigo? — Surpreso, Gabriel não entendia aquela atitude.

— É o melhor para nós dois! — Ela afirmou e virou o rosto para a janela, interrompendo o contato visual.

As palavras de Julie se cravaram como punhais no coração do bailarino. Ele sentia como se não pudesse caminhar, pois o chão havia desaparecido debaixo de seus pés. Não entendia o que estava acontecendo.

— OLHE PARA MIM! — Ele gritou. — Você está terminando comigo?! O que eu fiz de errado? Olhe nos meus olhos e diga que você não sente o mesmo que eu sinto por você!

Julie não tinha forças para mentir olhando nos

olhos dele. Ele perceberia! A jovem começou a chorar e Gabriel continuou encarando-a, sem conseguir entender o que estava acontecendo. Apenas algumas horas atrás ela dissera que o amava, como tudo poderia ter mudado dessa forma?

O jovem começou a andar de um lado para o outro. Passando a mão pelos cabelos, voltou a encarar a pianista. Não conseguia entender que motivos ela tinha para ser tão cruel com ele.

— Julie, por favor, me diga o que está acontecendo... — A voz do jovem estava embargada. — Eu sinto que você me ama do mesmo jeito que eu te amo. Então me explique, por que está terminando nosso namoro? O QUE EU FIZ DE ERRADO?

O grito reverberou pelo quarto, fazendo a jovem se assustar. Desesperada, ela começou a chorar. Os aparelhos começaram a emitir bipes irregulares, denunciando o coração batendo fora de compasso. A angústia da pianista encheu o quarto; o som agonizante era como um pedido de socorro que partia de suas entranhas. No auge de seu próprio

desespero, Gabriel entendeu que havia algo que Julie não estava lhe contando; suas atitudes estranhas tinham um motivo forte e ela não parecia disposta a revelar do que se tratava.

Naquele momento, ele percebeu a luza vermelha acesa ao lado da cama. A pianista apertou o botão de emergência para chamar a enfermeira. O choro compulsivo fazia com que a jovem sentisse falta de ar e tivesse sérias dificuldades para respirar.

Em questão de segundos, uma enfermeira irrompeu no quarto, pronta para socorrer a paciente. Olhando para Gabriel, ela ordenou:

— Saia imediatamente!

Vendo a aflição de Julie, o bailarino ficou estático; estava desesperado por vê-la chorando e se debatendo sobre a cama. Indo até a porta, a enfermeira gritou:

— Chamem o doutor Carl. Rápido! — A enfermeira novamente olhou para o jovem, ela falou severamente — Eu disse para sair!

A voz de comando fez com que o rapaz despertasse de sua letargia. Ele olhou para a enfermeira, demonstrando um misto de dúvidas,

preocupação e desespero. Sentindo compaixão, a mulher segurou-lhe pelo braço e voltou a pedir:

— Preciso que saia. Nós vamos cuidar dela!

Lágrimas grossas escorriam pelo rosto do bailarino enquanto era levado para fora do quarto. Seus olhos presenciaram a chegada de novos enfermeiros, enquanto Julie lutava para respirar. Seu mundo estava desabando! Não sabia o que estava acontecendo com a pianista e nem quais foram os seus motivos para romper o relacionamento dos dois, mas tinha certeza de que ela o amava! A pergunta que continuava se repetindo em sua cabeça era: “O que está acontecendo com Julie?”.

Doutor Carl veio correndo pelo corredor, seguido de perto por Ema. Gabriel ia perguntar o que estava acontecendo, mas foi interrompido pelo médico.

— Agora não! — Para Ema, o homem disse: — Entre rapidamente!

Vendo o desespero do jovem, a mulher indicou ao médico que falaria com ele antes de ir ver a filha. Ema sentiu uma dor profunda ao testemunhar

o sentimento do bailarino; ela compartilhava a mesma situação só que ele não sabia exatamente do que se tratava.

— Vá para casa, Gabriel. Não há nada que você possa fazer! — Ela acarinhou o braço do jovem e tentou transmitir um pouco de serenidade.

— Eu não posso! Ela está sofrendo lá dentro! — Chorando, o bailarino olhava para a porta do quarto. — Ela rompeu comigo sem nenhuma razão, de uma hora para outra...

O jovem não conseguiu concluir seu pensamento. Começou a soluçar incontrolavelmente. Ema se emocionou ainda mais diante da cena. Aquele jovem amava sua filha de verdade!

— Não há nada que você possa fazer nesse momento! Por isso estou pedindo que vá para casa, Gabriel! — Extremamente emocionada, Ema entrou no quarto e deixou o rapaz sozinho.

Naquele momento, o médico aplicava um calmante em Julie, que olhou para a mãe.

— Eu terminei tudo com ele. Coloquei um ponto final... — A jovem balbuciou antes de

PERIGOSAS NACIONAIS

adormecer.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Uma dor sem limites

Para Gabriel, o mundo tinha acabado! Ainda ontem trocara juras de amor com a namorada e, hoje, ela decidira dar um basta ao relacionamento. Pela manhã, a jovem o convidara a passar o dia com ela e mãe... O que aconteceu? Por que tudo mudou em tão pouco tempo? Ele passou horas vagando pelas ruas da cidade, pensando, tentando encontrar uma resposta. Mas seu sofrimento só aumentava.

Parou em um bar e comprou uma garrafa de Vodca. Nem se preocupou em pegar um copo e bebeu direto no gargalo, sentindo o álcool queimar sua garganta. O desconforto causado pela bebida era infinitamente menor do que a dor que fazia seu coração pesar. Precisava amortecer sua dor e

sofrimento e a bebida era uma opção tão boa quanto qualquer outra, talvez mais rápida em amenizar.

Continuou bebendo enquanto andava e, longe de ajudá-lo, o álcool apenas piorava sua situação. Quando chegou diante do residencial, em Juilliard, sentou-se no chão. Neste exato momento, um grupo de estudantes estava chegando e, entre eles, estavam Liza e Thomaz. Ao verem o estado do bailarino, aproximaram-se rapidamente.

— O que aconteceu, Gabriel? Está tudo bem? — A atriz perguntou, percebendo que o amigo estava estranho.

O jovem olhou para Liza com olhos vidrados. Ele exalava um forte odor de álcool, quando sentiram o hálito forte, os amigos fecharam o rosto demonstrando reprovação naquela atitude do bailarino.

— Você está bêbado! — Thomaz resmungou e arrancou a garrafa das mãos do amigo.

— EU NÃO ESTOU BÊBADO... — Gabriel gritou, mas sua fala difícil e os demais sintomas provavam o contrário.

Gabriel encarava Thomaz com um olhar furioso quando Liza se aproximou e tomou seu rosto entre as mãos.

— Eu sei que não está bêbado. Mas o que aconteceu? — Ela estava bastante preocupada. — Brigou novamente com o seu pai?

A última vez em que vira Gabriel naquele estado foi quando Christopher descobriu sobre o relacionamento do filho com outro rapaz. Depois de discutir e ser agredido pelo pai, o bailarino afogou as mágoas na bebida. Algo muito sério estava acontecendo para que o rapaz tomasse o mesmo rumo outra vez!

— Meu pai? — Gabriel buscou novamente a garrafa, mas ela estava fora de seu alcance.

— Ainda bem que a Julie não está aqui para ver você nesse estado! — Declarou Liza preocupada.

— Julie? Eu preciso ir ao hospital conversar com ela! — Gabriel tentou levantar e voltou a cair no chão.

— Como assim? Que hospital? — O bailarino olhou para Thomaz e acenou positivamente com a cabeça confirmando que a moça estava no hospital.

Liza e Thomaz se entreolharam, intrigados com a situação. A atriz ligou para Julie, mas a ligação foi dirigida para a caixa postal, aumentando ainda mais a sua preocupação. Ela desferiu um tapa no rosto do bailarino.

— O que aconteceu com a Julie? Onde ela está? — Agora, além de preocupada, a jovem ruiva estava nervosa.

— Eu não sei o que aconteceu! Ela terminou comigo sem mais nem menos. Parecia que ela estava morrendo naquela cama de hospital... — Ele começou a chorar, relembrando a cena. — Aqueles aparelhos todos! E quando me viu, ela terminou tudo!

— Gabriel, onde a Julie está? — Liza perguntou, temendo o que ouviria como resposta.

— Eu continuo ouvindo o “Pi,Pi,Pi,Pipipipi”. — O bailarino batia na própria cabeça, como se tentasse entender os fatos.

— Me ajude a levar ele lá para cima. Precisamos fazer alguma coisa! — Liza disse ao Thomaz mostrando preocupação.

Enquanto tentavam levantá-lo, Gabriel

continuava imitando o som dos equipamentos hospitalares. Com dificuldade, conseguiram levar o bailarino para o quarto e sentá-lo na cama.

— Pega um café bem forte; ele vai precisar! — A atriz pediu a Thomaz, que respondeu afirmativamente.

Rapidamente saiu do quarto para arrumar um café, enquanto isso no quarto, Liza começou a tirar a roupa de Gabriel, que dificultava seu trabalho por estar muito alterado. Quando finalmente conseguiu, ela conduziu o rapaz até o banheiro e, antes que ele pudesse reclamar, ligou a torneira de água gelada, fazendo-o gritar e tentar escapar. A ruiva não permitiu que ele saísse do *box* antes de recuperar um pouco da sobriedade.

— O banho frio vai te ajudar. Depois, você vai me explicar o que está acontecendo!

Após o banho forçado, já vestido e sentado na cama, Gabriel sentia-se envergonhado de seu estado. Bebia o café amargo enquanto Liza e Thomaz o encaravam atentamente. A atriz sentou-se aos pés da cama e, novamente, tentou descobrir o que estava acontecendo com o amigo.

— O que houve de tão grave para deixar você nesse estado? — Ela perguntou.

— Eu não sei. Juro que não sei! Julie foi tomar café da manhã com a mãe no Veniero's. Ela me mandou uma mensagem e eu fui encontrá-las. Mas, quando cheguei, estava havendo a maior confusão. Julie desmaiou outra vez e a mãe dela estava desesperada. Nós a levamos para o hospital... — O bailarino foi interrompido.

— Hospital?! A Julie está bem? — A atriz perguntou, aflita.

— Sim. A levamos para o Mount Sinai. O médico que estava lá já conhecia a Julie e acredita que é alguma coisa séria. Passamos muitas horas sem nenhuma informação... — Gabriel fez uma pausa, tentando desembaralhar as memórias prejudicadas pela bebida. — Quando eu entrei no quarto, ela estava ligada a um monte de máquinas; parecia que era alguma coisa muito séria. Então, a Julie abriu os olhos e terminou comigo.

— Como assim?! — Thomaz quis saber, surpreso com aquela sequência de acontecimentos.

— Ela terminou e eu fiquei sem chão. Ainda

não consigo entender! — O bailarino se sentia perdido.

— Mas ela é apaixonada por você... E disso eu tenho certeza! — Liza também não compreendia.

— Eu preciso ir ao hospital e tentar falar com ela novamente! — Gabriel foi impedido de levantar.

— Eles não vão deixar você entrar a essa hora; e muito menos nesse estado! Amanhã eu vou ver se descubro alguma coisa! — Liza tentou tranquilizá-lo.

A noite foi longa e complicada. Gabriel não conseguia parar de ouvir os bipes das máquinas e nem se desligar da lembrança de Julie passando mal, cercada por enfermeiros. A voz da pianista terminando o relacionamento dos dois continuava ecoando em sua cabeça. Aquilo tudo não fazia sentido!

Capítulo 34

Um desabafo

O dia amanheceu estranho, anunciando um outono frio e desagradável. Estavam no meio de Outubro e tudo parecia sem vida. Naquela manhã de segunda, Liza levantou-se cedo; não tinha conseguido dormir por conta do que Gabriel contou na noite anterior. Continuava relembrando que algo muito grave estava acontecendo com Julie e precisava descobrir o que era. Já arrumada, a atriz passou no refeitório e pegou uma fruta; estava ansiosa demais para comer qualquer outra coisa.

A jovem ruiva caminhou apressadamente, vencendo os quarteirões que a levariam ao hospital. Sabia que seria difícil que a deixassem entrar naquele horário, mas já tinha uma desculpa pronta caso tentassem impedi-la; seu sotaque sulista ajudaria bastante. Diante do edifício, sentiu um

calafrio percorrendo o corpo. Não gostava de hospitais e os evitava ao máximo, mas hoje teria que abrir uma exceção.

Na recepção, informou o nome da amiga e lhe indicaram em que andar ela estava internada. Quando as portas do elevador abriram, a apreensão da atriz aumentou. A enfermeira responsável pelo andar olhou-a com uma expressão desconfiada.

— Eu vim visitar a minha prima, Julie Garrow! — Liza disse, caprichando no sotaque. — Acabei de chegar e vim direto do aeroporto.

— Direto do aeroporto? — A enfermeira repetiu e a jovem fez um aceno, confirmando. — Não estamos no horário permitido para visitas.

— Por favor! Eu preciso falar com a minha prima. E ela está muito mal! — A preocupação na voz da atriz era inconfundível.

— Qual é mesmo o nome da sua prima? — A enfermeira perguntou.

— Julie Garrow! — Disse Liza, torcendo para ter a entrada liberada.

Verificando os registros da paciente, a enfermeira confirmou que a jovem sofria de um

câncer em fase terminal. Olhando para a jovem ruiva, a mulher disse:

— Ela não está bem. Mas considerando a gravidade do caso, vou liberar a sua entrada!

O comentário deu a Liza a certeza de que algo estava muito errado. Seguindo as indicações dadas pela enfermeira, a jovem encontrou o quarto da amiga. Assim que entrou, viu que o quarto estava escuro, mas conseguiu distinguir Julie, curvada sobre a cama, vomitando. Imediatamente a atriz correu para ajudar a amiga, que ficou visivelmente desconfortável por vê-la ali.

— Deixe-me ajudar! — Pediu Liza forçando um sorriso. — O que está acontecendo?

Ela ajudou Julie a deitar e retirou o recipiente em que a jovem havia vomitado um líquido amarelado e fétido, seu coração apertou entendendo que existia algo mais do que ela poderia imaginar. A pianista tinha a necessidade de desabafar.

— Se eu contar, promete guardar segredo? — Liza prometeu e Julie respirou aliviada. A jovem encarou a atriz e revelou: — Eu sofro de leucemia e estou em fase terminal.

PERIGOSAS NACIONAIS

Atônita, a ruiva arregalou os olhos. Não queria acreditar no que acabara de ouvir! Julie, a jovem talentosa que encantara todos em Juilliard, estava morrendo. Ainda assim, tentou falar com tranquilidade sobre o assunto para não demonstrar a sua preocupação e choque com a notícia.

— Como assim, Julie? — Liza ainda duvidava e esperava não ser verdade.

— Sofro de leucemia desde os cinco anos de idade. Convivi com a doença durante quase toda a minha vida. Sempre estive mais tempo no hospital do que em casa. Somente agora, em fase terminal, tive a oportunidade de realizar o meu sonho! — Os olhos da pianista estavam cheios de lágrimas, mas ela se recusava a demonstrar qualquer sinal de fraqueza. — Vim para Juilliard para passar o resto dos meus dias como uma pessoa normal e realizar o sonho de estudar na maior escola de arte do mundo!

Julie forçou um sorriso. Tentava mostrar tranquilidade e aceitação sobre a sua doença, pois via que Liza não estava recebendo a notícia muito bem. Com pernas trêmulas, a atriz se sentou na cama.

PERIGOSAS ACHERON

— Câncer em fase terminal... — A atriz tentava assimilar a informação, mas as palavras soavam estranhas.

— Sim! Na realidade, tenho apenas mais alguns meses... — A pianista sentiu um grande alívio por compartilhar seu segredo com alguém.

— É difícil de acreditar! Seu talento, sua disposição, sua vontade de viver... — Só então a atriz começou a entender. — Agora tudo faz sentido!

Liza começou a andar de um lado para o outro no quarto; tentava raciocinar e entender tudo o que acabara de ouvir. Julie, por sua vez, apenas observava a reação da amiga.

— Então, é por isso que você toma os comprimidos, vive vomitando e tem essa vontade inexplicável de viver tudo tão intensamente... — Parando de andar, a atriz encarou a pianista. — Foi por isso que rompeu com o Gabriel?

A pergunta teve o mesmo efeito que uma faca sendo cravada no coração de Julie. Não podendo mais suportar, a jovem começou a chorar. Liza correu para consolar a amiga e abraçou-a

carinhosamente. A jovem paciente aproveitou o momento para desabafar.

— Eu tinha tudo planejado na minha cabeça! Eu viveria meus últimos meses como uma pessoa normal: frequentaria a Juilliard, desfrutaria da minha paixão pela música juntamente com outras pessoas que amam a arte, teria tudo o que sempre sonhei... — Apertando o abraço, a jovem continuou: — Tudo estava perfeito; até que ele invadiu o que restava da minha vida e bagunçou o meu coração. Aconteceu a única coisa que era proibida para mim!

— Que coisa? — Liza perguntou, afastando-se para olhar nos olhos de Julie.

— Amar. Eu não poderia amar! Eu não podia, mas estou amando, e dói muito...

Agora as duas estavam chorando abraçadas. Liza sofria por descobrir uma verdade amarga. Julie sofria por amar Gabriel quando estava prestes a partir desta vida. Passaram algum tempo na mesma posição. A pianista desabafava aquilo que lhe custara esconder durante os últimos tempos.

— Ele foi a melhor coisa que me aconteceu na

vida. Eu amo o Gabriel e, justamente por isso, não posso tê-lo ao meu lado! — Era um desabafo muito doloroso e verdadeiro.

— Julie, esta decisão só ele pode tomar. Gabriel está completamente apaixonado e sofrendo como um louco por não saber o que fez de errado! — Liza limpou as lágrimas e encarou a amiga. — Ele merece saber a verdade!

— Eu não posso contar a verdade! E preciso que prometa que também não vai contar! — A jovem estava desesperada para a amiga guardasse seu segredo.

Mesmo contrariada, a atriz concordou. Na terça a pianista voltaria para as aulas e na quinta iniciaria o novo ciclo de quimioterapia. Tudo aquilo parecia irreal; uma grande mentira a respeito de uma garota que ainda tinha tanto para viver...

Capítulo 35

Começar tudo de novo

Mesmo com todas as tentativas de descobrir o que Julie não lhe contara, Gabriel não conseguiu arrancar nenhuma informação de Liza. A atriz era fiel e prometeu guardar o segredo da amiga. O clima entre o grupo de amigos estava muito pesado. A pianista estava de volta à Juilliard e, sempre que o bailarino se aproximava, ela se retirava. Logo, todos perceberam que o "casal sensação" não estava mais junto e ninguém entendia o que tinha acontecido para separar os dois apaixonados.

Na quarta, Julie assistiu aula o dia inteiro; os poucos momentos de folga foram passados em uma das salas de estudo. Ela estava totalmente focada em sua composição; tinha urgência em alterar a partitura de acordo com as dicas oferecidas pelo

professor. Cada mudança tornava a melodia ainda mais sublime. Aquela seria uma recordação eterna da jovem que a compôs.

Já era noite quando alguém bateu na porta do quarto. Julie temia que fosse Gabriel, mas a voz de Liza a acalmou instantaneamente.

— Sou eu, pode abrir! — Pediu a atriz.

Em uma fração de segundos, a pianista abriu a porta, puxou a amiga para dentro e voltou a trancar a porta, Liza e Julie se sentaram sobre a cama, o olhar receoso da atriz contrastava com o seu sorriso forçado de forma a dar alguma naturalidade a situação.

— Gabriel anda atrás de mim para descobrir o que eu sei! — Vendo a preocupação no rosto de Julie, a jovem ruiva completou: — Mas eu não contei nada! Sinto muito dó dele!

— Ele não pode saber... — Afirmou a pianista, também sentindo o coração apertado.

— Eu não concordo com o que você está fazendo! Respeito, mas não concordo. Ele merece saber... — Julie tentou interromper a amiga, mas ela continuou: — Todos estão preocupados com

ele. Até mesmo nas aulas de dança o Gabriel está ausente e distraído!

— Eu reparei... Ele não brinca mais, não sorri e está sempre isolado. Meu coração dói por vê-lo assim. Minha vontade é de correr para os braços dele e... — A pianista estava sofrendo tanto quanto o bailarino.

— E por que não faz isso? — Perguntou Liza, incentivando-a a mudar de atitude e seguir os próprios desejos.

— Porque, se continuarmos juntos, daqui a alguns meses ele vai sofrer ainda mais! — Julie respondeu, mantendo os olhos abaixados.

— Às vezes penso que tudo isso é um pesadelo ou uma mentira! O que mais me choca é a sua tranquilidade! — A atriz encarava a amiga.

Julie se sentou na cama e puxou as pernas para junto do peito, apoiando a cabeça sobre as mãos, seu olhar ficou distante olhando para o nada e desabafou.

— Sabe, Liza, não é fácil! Desde os cinco anos eu praticamente moro dentro de hospitais. Já fui submetida a todos os tipos de tratamento que

poderiam dar algum resultado; minhas veias não aguentam mais tanta química! — Afastando a camisola, a jovem mostrou o cateter. — Por isso tenho esse bendito dispositivo conectado ao meu corpo! Na realidade, eu estou exausta. De tudo! Não aguento mais ver o sofrimento da minha mãe, esperando que apareça um tratamento milagroso para me curar; não consigo mais suportar as pessoas olhando para mim com pena! Na verdade, saber que isso tudo está prestes a acabar me dá paz...

As duas amigas estavam extremamente emocionadas. E Julie continuou seu desabafo.

— Amanhã começa um novo ciclo. Recomeçam a injetar aquele veneno no meu corpo; os enjoos, a queda de cabelo... E tudo isso apenas para conseguir suportar mais alguns meses! Só aceitei continuar com o tratamento para poder passar mais tempo com a minha mãe, com vocês e poder ver o Gabriel, mesmo de longe! Mas a verdade é que estou exausta. Se fosse apenas por mim, eu interromperia o tratamento. — Um sofrimento profundo podia ser sentido nas palavras da pianista.

— Não posso dizer que te entendo. Sempre ouvimos que onde existe vida, existe esperança; mas não é bem assim! — A atriz olhava para o teto na tentativa de segurar as lágrimas.

Apesar da tristeza, Liza forçou um sorriso e abraçou a amiga. Em momentos como aquele não há muita coisa que possa ser dita e ela sabia. Assim, a ruiva tentou passar um pouco de força, consolo e calor humano através de seu abraço.

— Gostaria de estar com você amanhã! — A ruiva comentou. — Mas tenho prova e não posso faltar!

— Eu sei... — Julie respondeu com um sorriso.

— Você foi a melhor coisa que me aconteceu nos últimos tempos... Minha vida não será a mesma depois de ter conhecido uma tal Julie Garrow! — A atriz brincou e beijou o rosto da amiga.

As duas passaram mais um tempo abraçadas, olhando as luzes dos outros quartos pela janela, em silêncio. De qualquer forma, não havia muito mais a ser dito, Julie sentia-se confortável com o apoio naquele momento da sua primeira e única amiga de toda uma vida, nunca tinha tido uma amiga e no

final da sua vida, Liza era uma surpresa como um presente de despedida.

Julie levantou antes que o despertador tocasse. Arrumou a cama, separou a roupa que iria vestir e parou para observar o movimento na rua. As pessoas começavam a caminhar de um lado para o outro, iniciando mais um dia de estudo e trabalho. Dentro de algumas horas, ela também daria início a um novo ciclo de seu tratamento e precisaria de forças para recomeçar!

No banheiro, abriu a torneira de água quente e, pensativa, observou a névoa que começava a se formar. Seus pensamentos voaram para Gabriel, sabia que não poderia ter ele do seu lado naquele momento, mas dentro do seu coração o desejo falava mais alto.

Em pouco tempo estava pronta, olhando-se no espelho. Sorriu para a imagem refletiva e saiu para encontrar a mãe, caminhando silenciosamente pelos corredores ainda vazios naquele horário.

Quando chegou a rua, sentiu o frio matinal e automaticamente fechou o casaco com o intuito de

se manter quente, do outro lado da rua Ema esperava por ela ao lado de um táxi amarelo.

— Bom dia, meu anjo! — Disse a mulher, abraçando-a e beijando-lhe o rosto.

— Bom dia, mãe! — Uma sombra de tristeza e desânimo marcava o rosto da pianista.

— Vai dar tudo certo! O doutor Carl está nos esperando... — O estado da jovem fez o coração da mãe se apertar um pouco mais.

Julie deslizou pelo banco traseiro do táxi e a mãe sentou ao seu lado, segurando-lhe a mão em uma tentativa de transmitir coragem para recomeçar, o semblante triste da moça era uma mistura de recomeço do sofrimento e a ausência da pessoa que ela desejava que estivesse do seu lado.

Do outro lado da rua, no banco traseiro de um carro com motorista, Gabriel observava as duas. Liza lhe enviara uma mensagem dizendo: “Amanhã, às 8h, ela tem um compromisso importante. Fale com ela! A mãe vai buscá-la na frente da escola. ” Ele precisava saber e entender o que estava acontecendo; desde que ela rompera o namoro, se recusava a conversar com ele e sempre

desviava o caminho para não ter que enfrentá-lo. Isso terminaria hoje!

O bailarino seguiu o táxi que levava mãe e filha. Ficou surpreso ao estacionar em frente ao mesmo hospital em que a pianista ficara internada. Não entendia o que estava a acontecer, quais motivos logo cedo levariam Julie a entrar no hospital acompanhada pela mãe, seu coração apertou e uma aflição invadiu o seu espirito, agora ele estava com medo do que poderia descobrir. Julie estava triste, mesmo de longe ele conseguia sentir e perceber, seu rosto estava pesado e o brilho que ela tinha parecia ter desaparecido, a mãe continuava a abraçá-la, como se estivesse transmitindo energia.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36

Vai dar tudo certo!

Mesmo com um pouco de movimento na entrada do hospital, Gabriel viu quando mãe e filha entraram sozinhas no elevador. Ficou observando para ver em que andar o elevador pararia. Em questão de segundos, ele descobriu o número do andar e foi confirmar que tipo de tratamento era oferecido lá. Havia um mapa do hospital na entrada e, quando conferiu o número do andar, ficou chocado. O letreiro dizia: “ONCOLOGIA – Tratamento”. Seu coração disparou cavalgando com a aflição de ler aquelas palavras.

Sem perder mais tempo, ele se dirigiu ao elevador, que dividiu com mais algumas pessoas. Os segundos até chegar ao andar onde encontraria Julie foram uma verdadeira tortura.

Involuntariamente, começou a se lembrar dos últimos meses de tratamento da mãe, sua luta contra o câncer que não conseguiu vencer e o sofrimento de toda a família. O peso das lembranças tornava difícil respirar.

As portas do elevador se abriram para um espaçoso *hall*. No posto de enfermagem do andar, enfermeiras sorridentes o recepcionaram transmitindo um pouco de serenidade, não só a ele, como a todos os visitantes e pacientes. Forçando um sorriso, Gabriel falou:

— Bom dia. A minha namorada acabou de dar entrada. Gostaria de saber para onde ela foi encaminhada. — Ele estava inquieto com toda a situação.

— Qual é o nome dela? — Quis saber uma das enfermeiras.

Gabriel estava distraído observando tudo ao redor e seus pensamentos voaram no tempo. A enfermeira voltou a perguntar:

— Qual é o nome da sua namorada? — A voz da mulher trouxe o rapaz de volta ao tempo presente.

— Julie Garrow! — Ele disse, batendo com os dedos no balcão.

Ao ver os registros da paciente, a enfermeira forçou um sorriso.

— Ela acabou de entrar na sala quatro e está sozinha. A mãe foi falar com o médico! — Ela informou.

— Sala quatro? — Ele repetiu esperando receber uma indicação mais específica.

— Naquele corredor! — A enfermeira mostrou. — Que bom que veio dar apoio a sua namorada...

Gabriel não estava mais prestando atenção. Seguiu na direção indicada sentido o coração acelerar a cada passo; as mãos estavam geladas, calafrios percorriam todo o corpo e o ar tinha dificuldade em entrar. Ao localizar o número da sala, respirou profundamente, buscando a coragem necessária para entrar e encarar Julie.

A pianista estava sentada em um poltrona, conectada à máquina ao seu lado, que ministrava e monitorava a aplicação da quimioterapia. Com as costas voltadas para a porta, a jovem parecia dedilhar os braços da poltrona. Seus olhos estavam

fechados e ela parecia não notar o que acontecia ao seu redor. Julie estava ausente daquele lugar, permitindo que seus pensamentos fossem ao encontro da pessoa que ela mais queria ao seu lado. A expressão da jovem trazia um ar de aceitação.

O bailarino ficou em silêncio, observando-a com o coração apertado. Ele não sabia o que poderia dizer em uma situação como aquela. Lágrimas quiseram rasgar sua pele ao ver Julie daquela forma, frágil e desprotegida. Mas ele precisava ser forte para transmitir ânimo para a jovem. Ele se aproximou sorrindo e, suavemente, afastou uma mecha loira do rosto da pianista.

Ao sentir o toque, Julie foi trazida de volta de seus pensamentos e tomou um susto ao ver o bailarino ao seu lado.

— Não me chamou para a festa?! — Gabriel agachou-se ao lado da jovem e beijou-lhe a mão. — Poderia ter me contado a verdade. Eu estaria aqui do seu lado!

— O que você está fazendo aqui? Quem te contou que eu estaria aqui? — Ela só conseguia imaginar que Liza ou sua mãe tinham contado a

verdade a Gabriel. Todo o seu corpo tremeu quando o sentiu tocar a sua mão.

— Ninguém! Quando me acalmei eu percebi que havia alguma coisa não encaixava nessa história. Então, segui você e sua mãe até aqui. — Ele depositou outro beijo na mão da pianista. — Por que não me contou a verdade?

— Q-q-que verdade? — Julie gaguejou, assustada com a presença de Gabriel.

— Toda a verdade. Sobre este hospital, o tratamento que está fazendo e o que você tem... — O bailarino olhou para o maquinário do lado dela. — O que você tem? Eu sei que é câncer, mas...

— Leucemia! — Ela disse, com os olhos cheios de lágrimas.

— Não contou com medo que eu deixasse você? — Ele perguntou, secando uma lágrima que escorria pelo rosto da jovem. — Vai dar tudo certo! Eu estou aqui...

— Você não deveria estar aqui... — Tocando os lábios dela, Gabriel impediu que continuasse a frase.

— O meu lugar é ao lado da minha namorada. E

você continua a ser a minha namorada, *Miss Perfect*!

Antes que Julie pudesse responder, Gabriel beijou-a apaixonadamente. As lágrimas escorriam livremente e o corpo da pianista tremia de emoção; sentia-se bem por ter o bailarino ao seu lado, abraçando-a como se nada pudesse separá-los, nem mesmo a morte!

— Ai! — Ela reclamou ao sentir o cateter sendo pressionado.

— Desculpa! Está tudo bem? — Ele perguntou, temendo tê-la machucado.

— Tudo. Foi apenas a pressão! — Julie indicou o local onde havia uma fina mangueira preenchida com um líquido amarelo.

— Eu não queria que você soubesse. Não queria que me visse assim! — Declarou a jovem.

Gabriel sorriu e passou a beijar as lágrimas que insistiam em rolar pelo rosto da pianista, sentindo o seu sabor salgado. Por fim, ele beijou-lhe a boca mais uma vez. Segurando o rosto de Julie entre as mãos, ele afirmou:

— Eu não vou perder você. Demorei muito para

encontrar alguém que me devolvesse o sentido da vida; do amor... Eu te amo, Julie Garrow!

Emocionado, o bailarino voltou a beijá-la apaixonadamente, transmitindo, naquele gesto, todo o seu amor, esperança e força.

Na porta, Ema observava tudo. As lagrimas da mulher rolavam pelo rosto, naquele momento percebeu que o amor dos dois era forte demais para que ficassem separados. O jovem casal compartilhava o tipo de amor que muitos passam a vida inteira procurando sem, no entanto, encontrar. Sua filha tinha o privilégio de viver algo maravilhoso, sincero, puro e verdadeiro antes de partir, exatamente como sempre sonhara.

Capítulo 37

Um dia difícil

A manhã de Julie foi mais tranquila do que ela esperava. A presença de Gabriel a tranquilizava. O jovem passou o tempo inteiro fazendo o possível para distraí-la contando histórias de sua e infância e de como aprontava na época de escola. Ele contou que só desenvolveu disciplina e responsabilidade quando começou a dançar.

Ema também estava aliviada por contar com a presença do rapaz. As histórias espirituosas davam leveza ao ambiente e distraíam Julie que, dessa forma, não viu as horas passando. Para a pianista, ouvir falar sobre Paris, Londres, Sidney, Tóquio e outros lugares paradisíacos, era como sair daquele hospital, voando nas palavras de Gabriel, que contava tudo com riqueza de detalhes.

No final da sessão, Julie estava esgotada; sentia como se suas forças tivessem sido drenadas. Gabriel estava pronto apoiá-la e em pequenos atos demonstrados por ele tornava mais forte essa vontade. O carro dos Taylor estava esperando por eles na porta do hospital. O motorista abriu a porta e a jovem deslizou pelo banco de couro, sendo seguida pelo namorado. Automaticamente, a pianista encostou a cabeça no peito do bailarino, que a abraçou carinhosamente. A cena tocou Ema profundamente.

O carro percorria as ruas de Nova York, seguindo para o hotel em que Ema estava hospedada. Ainda apoiada no peito de Gabriel, Julie dormia. Sempre que recebia as doses de quimioterapia, ela ficava assim; algumas horas depois, começariam os enjoos, acessos de vômito e dores por todo o corpo. A mãe conhecia bem o processo, mas o bailarino estranhava tudo; volta e meia, o rapaz buscava o olhar de Ema, buscando saber se o que estava acontecendo era normal.

Quando o carro parou diante da porta do hotel, Gabriel chamou Julie:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Princesa, chegamos ao hotel! — Ele beijou-a nos lábios e forçou um sorriso para disfarçar o nervosismo que sentia.

O bailarino desceu do carro primeiro para ajudar a namorada. Quando ficou de pé, a pianista sentiu as forças desaparecendo e desfaleceu. Imediatamente, o jovem segurou-a no colo. A jovem estava triste por demonstrar tanta fragilidade.

— É apenas um ensaio para o casamento! Todo noivo carrega a noiva no colo. Ainda bem que você não é pesada! — Gabriel sorria, mas, na realidade, sentia vontade de chorar.

Seu coração estava despedaçado por ver Julie daquela forma. No entanto, não se permitiria fraquejar diante dela, precisava de transmitir força e ajudar a enfrentar tudo aquilo.

— Desculpe... — Ela pediu. Seu tom de voz estava muito fraco.

— Não se desculpe! Que outra chance eu teria de te carregar você no colo na frente da sua mãe? Vai ficar tudo bem... — A naturalidade de Julie ainda o desconcertava.

PERIGOSAS ACHERON

Vendo a situação da jovem, os funcionários do hotel correram para abrir as portas. Ema indicou a direção dos elevadores e os três subiram para o quarto andar. Já no quarto, Gabriel colocou Julie sobre a cama com toda a delicadeza possível e tentou arrumar os travesseiros para que ela ficasse confortável.

Nesse momento, a jovem sentiu a primeira onda de náusea. Veio tão forte que ela não conseguiu se controlar e vomitou um líquido amarelo e fétido diretamente na camiseta do namorado. Dando-se conta do que acontecera, os olhos de Julie se encheram de lágrimas; estava envergonhada por tê-lo sujado quando ele só queria ajudar.

Imediatamente, Gabriel tirou a camiseta, ficando nu da cintura para cima.

— Se estava com vontade de ver o meu corpo, só precisava pedir! — Ele brincou. — Você está bem? — Ele estava preocupado com o bem-estar de Julie e não com uma peça de roupa.

— Obrigada, Gabriel! — Ema veio socorrer a filha. — Isso sempre acontece. Ela começou a passar mal mais cedo porque tomou uma dosagem

mais forte hoje.

A mulher ofereceu água para Julie, mas ela recusou. Acomodando-se contra os travesseiros, a jovem dobrou-se em posição fetal e deixou que as lágrimas corressem soltas. Rapidamente, a mãe pegou um edredom e cobriu a filha.

— Está tudo bem! — Ela tentou amenizar o constrangimento que a pianista sentia por ser vista naquele estado por Gabriel.

Ema foi ao banheiro para lavar a camiseta do bailarino. Enquanto isso, ele se manteve ao lado de Julie, acarinhando seu rosto silenciosamente. O carinho ajudou a acalmar a pianista. Gabriel tirou os sapatos e deitou ao lado da namorada. Ao sentir sua presença, ela se aconchegou ao peito do rapaz e adormeceu tranquilamente.

Quando saiu do banheiro, Ema se deparou com a cena. Desconfortável, o bailarino deu indícios de que se levantaria, mas a mãe de Julie impediu que ele saísse.

— Pode ficar! Ela vai dormir por algumas horas. Quando acordar, vai sentir muita náusea... — A mulher secou as lágrimas para não assustar Gabriel.

Ela só demonstrava fragilidade quando a filha não podia ver.

— Ela está triste e exausta! — O jovem falou. — Perdeu o brilho característico de Julie Garrow!

— Durante os próximos dias ela vai continuar assim. Depois vai se recuperar e ficar bem até a próxima sessão. E o ciclo se repete! — Ema se obrigou a sorrir. — Ela sofreu muito enquanto vocês estavam separados. Mesmo muito abatida, ela está feliz porque você está aqui!

Gabriel sorriu, pois, mesmo sendo um momento muito complicado, ele estava aliviado por estar ao lado da namorada. Ele pegou o celular e digitou uma mensagem, tentando não se mexer para não acordar a pianista.

— Pode ir para casa! — Ema disse, ainda o observando. — Eu cuido dela!

— Se não for incômodo, eu gostaria de ficar! — Ele pediu, seu tom de voz era de quem iria implorar se fosse necessário. — Estava apenas pedindo ao motorista para pegar algumas coisas para mim. Também avisei a Liza!

No início da tarde, Julie continuava adormecida.

Quando o telefone tocou, Ema correu para atender. Ao desligar, ela olhou para Gabriel e avisou:

— Seu motorista está subindo! — O jovem sorriu, mas não se mexeu.

No instante em que a mulher foi abrir a porta, ouviu-se o grito:

— MÃEEEEEEEEEEEEE!

Desesperada, Julie sentou-se, cobrindo a boca com as duas mãos. Agindo rapidamente, o bailarino pegou a lixeira do quarto e colocou diante do rosto da namorada. Com lágrimas nos olhos, ela enfiou a cabeça no recipiente e colocou para fora tudo o que ainda havia dentro de seu corpo. O rapaz segurava os cabelos loiros dela, afastando-os do rosto delicado. Ema se aproximou em seguida, trocando de lugar com Gabriel.

— Calma está tudo bem! — A mãe consolava a jovem. — Em alguns minutos isso vai passar e vai ficar tudo bem! Gabriel, pegue o remédio que está em cima da mesa e traga para mim!

Era um frasco de xarope com tampa em formato de copo. O jovem prontamente atendeu ao pedido.

Na porta, o motorista estava parado, carregando muitas sacolas e sem saber como agir. Vendo o homem estático, Gabriel perguntou:

— Trouxe tudo o que pedi? — O deu uma resposta afirmativa e entregou as sacolas que trazia.

Sem se preocupar com o motorista, o bailarino fechou a porta, colocou as embalagens sobre a mesa e voltou para junto de Julie.

— Saia daqui! — O grito de Julie foi abafado pelo balde.

— “Na saúde e na doença”! Por isso, trate de se acalmar! — Ele afirmou e depositou um beijo na cabeça da jovem.

— Isto é nojento! — A pianista se envergonhava da situação.

— Que nada! Você me conheceu em uma fase tranquila, mas eu costumava beber até ficar exatamente nesse estado! — Ele parou para pensar em quantas vezes ficara bem pior que aquilo... — Os empregados cuidaram de mim muitas vezes. Depois, eu me sentia envergonhado, tinha dores de cabeça horríveis e ficava com gosto de guarda-chuva na boca!

— Eu não bebi! — Julie reclamou.

— Não, você não bebeu. Colocou direto na veia e mostrou que é muito egoísta para dividir... Mas fico feliz em saber, pois desconfio que sua mãe não revelaria os seus defeitos. — O jovem piscou para Ema.

Com a cabeça dentro do balde, Julie riu das palavras de Gabriel. Internamente, Ema agradeceu por Gabriel levar a situação na brincadeira, tornando-a mais leve.

— Eu estou horrível! — A pianista voltou a reclamar.

— Concordo! Esse balde não fica bem em você! — O bailarino disse e trocou o balde por uma toalha que estava em uma cadeira próxima. — Mesmo bêbada você continua linda!

Os três riram da brincadeira e o clima ficou mais tranquilo. Gabriel vestiu uma camiseta branca para se cobrir. Ele pedira que o motorista trouxesse uma sopa de um dos melhores restaurantes da cidade para Julie; para ele mesmo e Ema, encomendara uma massa.

O resto da tarde foi passada entre filmes e

pausas para que Julie pudesse aliviar o estômago. O jovem mostrava que estava disposto a dividir bons e maus momentos com a namorada, amparando-a em tudo o que precisasse. O que ele não sabia é que as dores estavam apenas começando.

Capítulo 38

Um convite

Era uma noite fria na cidade de Nova York, mas o movimento continuava tão intenso quanto fora durante todo o dia. Pessoas circulando em direções contrárias, carros em um trânsito caótico, faróis, buzinas, fumaça; um cenário digno de filme. No quarto, Gabriel olhava para o relógio; fazia duas horas que Julie vomitara tudo o que conseguiu comer, assistiu um pouco do filme e, agora, dormia tranquilamente, aninhada ao seu peito.

Ema aproveitou a presença do bailarino para sair um pouco; precisava comprar alguns itens pessoais e medicamentos para a filha. Foi conferir como estava a pianista e o rapaz indicou que a jovem estava dormindo. A mulher sentiu o celular vibrar em seu bolso; era uma mensagem do doutor Carl.

“Boa noite, Ema. Como está a Julie? Suportando bem o início do tratamento? ”

Ema sorriu, tocada pela preocupação do jovem médico, e respondeu imediatamente:

“Boa noite, doutor Carl. Ela está bem, dentro do possível. Mas acredito que a presença do namorado, que passou o dia ao lado dela, é a verdadeira razão... Estou vigiando os dois! ”

Ao enviar a mensagem, voltou a olhar para o casal deitado na cama. Julie estava totalmente apoiada no rapaz, que não se mexia para não a incomodar. Gabriel, carinhosamente, afastava uma mecha de cabelo que insistia em cair no rosto da pianista e não parava de contemplá-la, visivelmente apaixonado. Uma nova mensagem fez o celular voltar a vibrar.

“Acredito que o dia tenha sido exaustivo. Mas, aceitaria jantar comigo? Pode ser no restaurante do seu hotel. ”

O convite foi uma surpresa inesperada. Ema sentiu seus pensamentos entrando em uma espiral de confusão; não sabia o que responder. Nesse momento, Julie acordou e, mesmo com a pouca luz

do ambiente, percebeu o nervosismo da mãe.

— Está tudo bem, mãe? — Perguntou a jovem, um pouco rouca por ter acabado de acordar.

Um pouco trêmula, Ema deixou que o telefone caísse ao chão, pegou nele e colocou no bolso sentindo-se envergonhada.

— Sim, está tudo bem! — A mulher se aproximou da pianista, com medo de que ela precisasse de alguma coisa. — O que você está sentindo, Julie?

Gabriel já estava em estado de alerta, pronto para pegar o balde, toalhas ou qualquer outra coisa de que a namorada necessitasse.

— Eu estou bem! Não precisam se preocupar comigo... — Julie forçou um sorriso para os dois. — Você estava muito concentrada no celular. Com quem estava falando?

A mulher não sabia ao certo o que responder diante de Gabriel. Então ele decidiu dar um pouco de privacidade as duas, levantou-se lentamente da cama e ajudou Julie a encontrar uma posição confortável na cama.

— Se não se importam, eu vou dar uma

passadinha lá embaixo! — Ele disse, já calçando os sapatos e vestindo a jaqueta.

Antes de sair, o bailarino deu um beijo na pianista e fechou a porta. Ao perceber que estavam sozinhas, Julie sentou devagar na cama e encarou a mãe.

— O que foi? — Perguntou a mulher, notando o olhar inquisidor da filha.

— Quem mandou mensagem? — A jovem tinha a expressão de quem não desistiria de descobrir o que queria saber.

Ema conhecia a filha e sabia que mesmo doente não ia desistir de saber o que estava acontecendo, as duas não tinham segredos uma para a outra.

— Doutor Carl me convidou para jantar aqui no restaurante do hotel! — Envergonhada, Ema confessou.

— E o que a senhora respondeu? — Ema indicou que não sabia o que dizer ao médico. — MÃEEE?! — Julie gritou, utilizando as poucas forças que tinha.

A mulher se levantou; parecia querer fugir do

assunto.

— Pode mandar uma mensagem aceitando! — A pianista ordenou. — Se a senhora não responder, eu respondo no seu lugar!

— Julie! O doutor Carl deve estar preocupado com você. Ele viu como eu fiquei. Esse convite foi só uma questão de educação. Ele não espera que eu aceite! — Ema argumentou de forma a recusar o convite.

— Senhora Ema Garrow, que tipo de desculpa está inventando para si mesma para não aceitar o convite?! — Julie se acomodou melhor e continuou. — Mesmo se foi uma questão de educação, aceite! Doutor Carl parece ser uma companhia agradável para um jantar. Mas alguma coisa me diz que existe algo mais por trás disso!

— Julie, desde quando você se tornou uma especialista em relacionamentos? — Ema estava surpresa com o comentário da filha.

— Mande uma mensagem aceitando. Se não fizer por você, faça por mim! — A pianista pediu delicadamente e sorrindo.

O pedido da filha provocou um aperto no

coração da mãe. Sentando-se na cama, emocionada, Ema olhou para Julie.

— Mãe, aceite! Faz muitos anos desde que a senhora saiu para jantar com alguém. Não desperdice a oportunidade que a vida está lhe dando! — A jovem segurou a mão da mãe. — Quando chegar a minha hora, eu vou ficar mais tranquila s souber que a senhora tem alguém! Pode ser o doutor Carl ou outra pessoa. Mas, no momento, a senhora está solteira e pode muito bem ir jantar com um médico bastante interessante!

Emocionada, Ema tentou, novamente, argumentar.

— E você? — A mulher perguntou preocupada.

— Prometo que não vou morrer esta noite! — A mãe reprovou o comentário espirituoso. — O Gabriel pode ficar comigo. Nós comemos alguma coisa aqui no quarto mesmo. Agora, mande uma mensagem dizendo que aceita o convite, se arrume e fique linda e poderosa!

— Julie, se eu aceitar, será apenas para falar sobre você! — Ema afirmou.

— Você vai jantar com um homem bonito,

inteligente e divorciado para falar sobre mim?! Nem pense nisso, Ema Garrow! — Julie reclamou. — Vou pedir que o Gabriel demore mais um pouco lá embaixo; assim a senhora tem tempo de se arrumar!

A pianista mandou uma mensagem de voz, pedindo que o namorado demorasse cerca de uma hora para voltar, porque a mãe tinha um compromisso e precisava usar o quarto. Embaraçada, Ema digitou uma mensagem em seu próprio celular:

“Aceito o seu convite. A que horas? ”

Após enviar, começou a se preocupar. Será que fizera a coisa certa? Em poucos segundos, recebeu a resposta:

“Ainda bem que aceitou! Às 8:30, no restaurante do hotel! ”

Ema sorriu e encarou a filha, sentindo medo pelo que acabara de fazer. Ela passou os últimos sete anos em dedicação total e exclusiva à filha e ao trabalho. Aceitar um simples convite para jantar era um grande passo para ela. Mas, será que era uma boa ideia se envolver com o médico de Julie? Ou,

simplesmente aceitar um convite? A dúvida pairava nos pensamentos de Ema, que ao mesmo tempo estava impressionada pelo convite.

Capítulo 39

Uma noite maravilhosa

A mulher que saiu do banheiro era simplesmente deslumbrante. Ema vestia um elegante vestido preto de veludo, tinha os cabelos loiros presos, valorizando a curva do pescoço; usava discretos brincos dourados que faziam conjunto com o fio de ouro com pingente de três brilhantes. Sendo dona da melhor loja de roupas da cidade em que moravam, ela sabia como se produzir. Ainda insegura, ela parou diante de Julie.

Ao ver a mãe, a jovem sorriu e bateu palmas.

— Acho que não devia ter aceitado! — A mulher desabafou enquanto se olhava no espelho. — Eu devia ter me vestido de forma mais discreta.

Ele é seu médico, afinal de contas!

— A senhora está linda... — Julie sentou na cama. — Ele parece ser um homem interessante e a senhora é solteira!

— Julie?! Eu não vou ter esse tipo de conversa com a minha filha... — Envergonhada, Ema reclamou.

Alguém bateu na porta e Ema foi atender, feliz por escapar do escrutínio da pianista. Era Gabriel que sorriu, apreciando a elegância da mulher.

— Ele já chegou! — O bailarino informou.

— Comportem-se vocês dois! E obrigada por cuidar da minha filha! — Ema depositou um beijo no rosto de Gabriel.

— Mãeeee! — A mulher ficou estática ao som da voz da pianista. — Arrasa!

A jovem senhora enrubesceu e saiu para o jantar. Quando a porta se fechou, Gabriel olhou para a namorada e sorriu.

— Enfim sós! O quarto é só nosso! — Ele comentou e puxou uma barra de chocolate que tinha escondido atrás das costas.

O bailarino pulou sobre a cama e caiu perto de

Julie, beijando-a carinhosamente.

No elevador, Ema observava seu reflexo no espelho. Estava nervosa; fazia tempo que não aceitava um convite como aquele e jamais imaginara jantar com o médico da filha. As portas se abriram para o saguão do hotel e ela viu Carl esperando-a, observando uma vitrine próxima.

— Espero não ter me atrasado muito... — Ela comentou sorrindo.

Ao ouvir a voz da mulher, o médico se virou para vê-la.

— Valeu a pena esperar cada minuto! Vamos jantar? — Ele convidou, recebendo um aceno positivo.

Os dois caminharam para o elevador olhando-se, mas sem pronunciar uma única palavra. Em poucos minutos chegaram à cobertura, onde foram conduzidos até a mesa reservada. Após mais alguns segundos de silêncio, Carl comentou:

— Obrigado por aceitar o meu convite! — As palavras suaves do médico fizeram o coração de Ema disparar.

— Agradeça a Julie. Foi ela quem me

incentivou a aceitar... — A mulher encarava-o. — Já faz algum tempo que deixei de fazer isso!

— Jantar? — Ele brincou, fazendo Ema sorrir. — A condição de Julie certamente toma muito do seu tempo. Mas deve pensar em você também!

— Pensar em mim? É difícil quando se é sozinha. Eu tenho uma loja na nossa cidade; preciso acompanhar os tratamentos e consultas da Julie e, também, cuidar da casa. Sobra pouco tempo para mim! — Só então a mulher percebeu que não tinha uma vida própria.

O garçom trouxe a carta de vinhos e o médico escolheu uma das opções mais caras, fazendo o outro homem sorrir.

— E o pai da Julie? Sua família? — Carl perguntou.

— Eu engravidei durante a faculdade e o pai de Julie não quis assumir. Meus pais não aceitaram a situação e eu acabei me mudando para longe deles e cortando relações com o passado. O meu presente era a minha filha. — Ema tomou um gole de água e perguntou: — E o senhor, doutor?

— Nós não estamos no consultório e eu não

estou usando jaleco. Meu nome é Carl; apenas Carl. — Ele disse e piscou o olho para Ema. — Eu estudei Medicina contra a vontade dos meus pais. Eles queriam que eu continuasse administrando o negócio da família. Sempre fui apaixonado pela medicina e, quando casei, ela não aceitou me dividir com minha verdadeira paixão. Hoje, meu objetivo na vida é ajudar pessoas!

— É bonito ouvi-lo falar assim! — Ema percebeu que os dois eram semelhantes. — Ambos somos focados no bem-estar dos outros. Minha prioridade é a Julie; a sua é a profissão!

— É isso mesmo. Mas deixamos a vida passar por nós! Você é formada em quê? — O médico estava curioso com aquela mulher.

— Economia! No entanto, em uma cidade pequena, meu diploma não significa muita coisa. Meu sonho era trabalhar em um escritório conceituado! — Ela desviou o olhar para as luzes dos edifícios ao redor. — No momento, minha formação serve apenas para organizar as contas de casa e da loja...

— Mas não é o seu sonho? — O olhar intenso

de Carl fez com que Ema forçasse um sorriso.

— Atualmente eu tenho apenas um sonho e ele não vai ser realizado! Então, de que vale a pena sonhar? — Suas palavras estavam carregadas de tristeza e desilusão.

— Você ainda é muito nova. Pode sonhar e... — Carl segurou a mão dela sobre a mesa.

Ema sentia-se bem na presença do médico, mas afastou a mão discretamente, involuntariamente deixando-o constrangido por ter tomado aquela iniciativa.

— Seu convite me fez lembrar que além de mãe, também sou mulher, mas... — Ele interrompeu-a.

— Mas o seu foco é a sua filha. Ema, eu me preocupo com a Julie. E me preocupo também com você! Desde a primeira vez que a vi entrar no meu consultório, percebi a mulher forte e interessante que é. Não quero parecer ousado ou abusado! — Ema sorriu diante de tais palavras. — Não nego que me senti atraído por você. Contudo, eu a respeito como mãe da minha paciente!

— Carl, ouvir estas palavras de um homem como você é muito interessante. Mas, neste

momento, com a minha filha morrendo, não consigo nem considerar a ideia de um relacionamento! — Olhando nos olhos do médico, ela continuou: — É como se parte de mim também estivesse morrendo. Dentro de alguns meses, eu retorno à minha cidade e você vai continuar com sua vida aqui. E...?

— A vida vai se encarregar de complementar esse “E...?”. Agora, eu quero conhecer Ema Garrow! — O médico sorriu e ergueu a taça de vinho em um brinde.

Ema espelhou o gesto, embora não soubesse exatamente a que ambos estavam brindando. Apenas um deles tinha certeza do que queria. Carl estava interessado em conhecer a mulher à sua frente e, quem sabe, fazer parte da sua vida; queria descobrir até onde poderiam chegar. Estava encantado por ela desde o momento em que a encontrará pela primeira vez, chorando pela filha, em seu consultório.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 40

Um pedido

Durante o restante da semana, Gabriel e Julie se adaptaram à nova rotina. Quando voltaram para a escola, haviam retomado o namoro e tudo estava bem entre o casal, aparentemente não existiam mais segredos para os afastar. A preocupação do bailarino com a pianista era visível. Liza ficou feliz por saber que o amigo sabia de toda a verdade e que, mesmo em um momento tão difícil, ele fazia parte da vida de Julie. Era lindo ver o amor dos dois; todos ao redor do casal conseguiam ver que seus sentimentos eram verdadeiros.

Gabriel não conseguia esquecer uma conversa em especial que tivera com a namorada:

"— Meu sonho é conhecer o mar! Ir a uma praia, colocar meus pés na areia e ficar ali, apenas

observando o mar... — Ela comentou, com a cabeça apoiada no peito do rapaz.

— Uma praia? Esse é o seu desejo? — Ele perguntou, surpreso.

Sorrindo, Julie confirmou."

A lembrança daquela conversa se repetia constantemente, era um sonho tão simples para ele e para Julie era como se fosse o desejo mais impossível de realizar. Gabriel sabia que realizar aquele sonho de Julie bastava esquecer o seu orgulho e por fazer a namorada sorrir tudo valia a pena, tomando uma decisão, o bailarino pegou o celular e fez uma ligação.

— Bom dia! Eu preciso pedir um favor... Está em casa agora? — Ele desligou após ouvir a resposta.

Por Julie, ele estava disposto a qualquer coisa; até mesmo um sacrifício como aqueles! Pediu a um amigo que avisasse Julie que ele precisara sair para resolver alguns assuntos pessoais e saiu da escola apressadamente. Caminhando pelas calçadas da cidade, ele pensava em como seu pedido seria recebido. Já fazia anos que não pedia nada a

ninguém e, agora, estava prestes a pedir um enorme favor.

O bailarino parou diante da casa dos Taylor, olhando de alto a baixo. Respirou fundo, subiu as escadas e tocou a campainha. Em poucos segundos, o mordomo abriu a porta.

— Bom dia, menino! — George cumprimentou e afastou-se para que o jovem pudesse entrar.

Gabriel forçou um sorriso e entrou. Tinha péssimas memórias da última visita que fizera, quando seu pai o humilhara na frente da namorada.

— Seus avós estão na biblioteca à sua espera! — O mordomo informou, recolhendo a mochila e o casaco do jovem.

Gabriel subiu as escadas em direção à biblioteca. Bateu na porta e recebeu autorização para entrar. A voz que partira de dentro do cômodo era segura e autoritária. Mais uma vez, o jovem buscou a coragem necessária para o que estava prestes a fazer.

Lá dentro, um casal austero o esperava. Sandy Taylor, no auge dos setenta anos de idade, era uma mulher bem cuidada; vestia uma camisa de seda

branca, *tailleur* pérola, joias valiosas nos dedos, pulsos e pescoço, e penteado de festa. Encarou o neto sem demonstrar qualquer indício de sentimento. Sentado atrás de uma mesa, Gregory, o avô, dobrou o jornal que tinha em mãos. Mesmo sentado, era um homem alto e elegante; usava camisa branca, calça social preta e um lenço de seda azul marinho. O casal encarava o neto sem emitir nenhum som.

— Bom dia. Obrigado por abrirem espaço na vossa agenda para me receber! — O comentário do jovem era, ao mesmo tempo, suave e sarcástico.

— Sempre tivemos tempo para você. Apenas encontramos alguma dificuldade para entender as suas excentricidades. Sempre fomos avós amorosos com você! — Sandy forçou um sorriso.

O jovem tinha vontade de responder, mas sabia que estava naquela casa para pedir um favor, então se controlou e respondeu o mais educadamente.

— Compreendo que sempre me encaixaram entre seus compromissos. E que minha escolha de ser bailarino e das pessoas que namoro parece uma

excentricidade para vocês. Mas não estou aqui para discutir isso! — Gabriel afirmou e acomodou-se em uma das poltronas.

— Você é igual a sua mãe! Assim como não entendíamos algumas ideias dela, não conseguimos entender as suas. Mas amamos você! — Disse Gregory, encarando o rapaz.

— Às vezes tenho dificuldades em entender o seu amor. Quando meu pai tomou aquela atitude, vocês ficaram do lado dele, que não é nada de vocês, e aceitaram que ele expulsasse o seu neto de casa... — Gabriel meneou a cabeça em reprovação.

— O que queria que fizéssemos? Seu pai está à frente dos negócios da família e flagrou você com... — Gabriel interrompeu a avó.

— Todos nós sabemos que não vale a pena repetir essa conversa! — O bailarino queria encerrar aquele assunto de vez.

— Então, o que precisa dos seus avós? Dinheiro? — Gregory falou, retirando os óculos.

— Tudo para vocês se resume a dinheiro... Não! Eu não preciso de dinheiro. O que minha mãe me deixou é suficiente para mim e, como vocês sabem,

os milhões na minha conta estão intactos. Não vim pedir dinheiro! Eu vim pedir um favor para uma pessoa muito especial!

Surpresos, os avós se entreolharam. Estavam curiosos com o que o rapaz poderia pedir.

— Eu vim pedir emprestada a casa nos Hamptons. Gostaria de levar algumas pessoas para passar o fim de semana. — Ele sabia que agora viriam as perguntas e cobranças.

O casal se entreolhou e em seguida encararam o neto, seus olhares vinham carregados de perguntas e de reprovações.

— E quem pretende levar para lá? Não quero nem pensar em ter minha casa invadida por um monte de jovens mal-educados! — O pedido causara verdadeiro horror a Sandy.

Gregory olhou para a mulher com um ar de reprovação perante a sua forma de se expressar ao neto.

— Deixe o Gabriel explicar o motivo desse pedido! — O homem voltou a encarar o rapaz, esperando uma explicação.

Gabriel sabia que, antes de autorizar qualquer

coisa, o avô iria querer ouvir a verdade. Desde criança, ele sempre se entendeu melhor com Gregory.

— Eu não vou levar nenhum dos meus amigos; nunca pedi sua casa para isso! — O bailarino fez uma pausa e tomou coragem. — Minha namorada está doente, tem leucemia e começou mais um ciclo mais forte de quimioterapia. Ela sonha em conhecer o mar. E eu gostaria de levar ela e a mãe para passar o fim de semana na praia.

— Namorada?! — Os avós perguntaram em uníssono.

— Foi apenas isso que vocês ouviram? — O bailarino perguntou.

Sentando-se ao lado do rapaz, o avô bateu em sua perna e disse:

— Ouvimos tudo, mas ficamos surpresos quando mencionou “namorada”! Gabriel, aquela casa é sua, assim como todos os nossos bens. Mas precisamos saber quem é ela. — O homem estava interessado em saber mais.

O bailarino pegou o celular e mostrou as últimas fotos dos dois.

— Julie é um ser especial, diferente e apaixonante. Ela é uma das melhores pianistas que já passaram pela Juilliard. Começamos a namorar e descobri que ela sofre de leucemia! — A voz do jovem estava embargada pela emoção. Os avós imediatamente se lembraram da filha, vítima da mesma doença. — Ontem, depois da sessão de quimioterapia, ela falou que desejava ver o mar e sentar-se na praia. Mesmo fraca, com dores e vomitando, ela não para de sorrir. Eu preciso realizar esse sonho dela!

As lágrimas começaram a rolar pelo rosto do jovem, que as limpou instantaneamente. Não queria mostrar fraqueza diante dos avós. Gregory ficou emocionado ao ouvir as palavras do neto, ver o rosto de Julie o fez lembrar-se de tudo o que passaram com a filha.

— Por isso vim pedir a casa emprestada. Elas são do interior e nunca viram o mar... — Gabriel foi interrompido pela avó.

— Elas? — Questionou a mulher curiosa.

— Sim, Julie se mudou para Nova York. A mãe dela, Ema, está passando alguns dias aqui para

cuidar da filha! Vocês conhecem o médico da Julie, o doutor Carl Monroe... — O bailarino se lembrou da namorada ligada àquelas máquinas e passando mal no dia anterior. — Eu preciso ajudá-la a se distrair. Gostaria de levá-las à praia.

Por conta dos acontecimentos dos últimos anos, os avós estavam afastados do neto, agora, ali estava diante deles para pedir algo muito especial e simples ao mesmo tempo. O casal idoso estava curioso para saber mais sobre mãe e filha. A situação enfrentada pela moça os lembrava de que a ferida que aquela doença maldita causara neles ainda não cicatrizara.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 41

Um desejo realizado

As aulas continuavam a todo o vapor em Juilliard. Apesar do desconforto causado pelo tratamento, Julie estava determinada a melhorar sua composição. Com esse objetivo em mente, passou dois dias consecutivos na companhia do professor. Os novos arranjos estavam maravilhosos e a pianista estava cada vez mais satisfeita; sua obra estava quase terminada. No entanto, ainda faltava alguma coisa, algum detalhe para que tudo ficasse perfeito; ela só não sabia ainda o quê!

Na sexta pela manhã, Gabriel estava esperando a namorada no refeitório. Assim que a viu chegando, ele sorriu. Já tinha uma bandeja repleta com tudo o que a jovem podia comer. Aproximando-se, Julie beijou-o carinhosamente,

muito feliz com cuidado com que ele lhe tratava.

— No final da tarde, nós vamos viajar! — Ele disse, surpreendendo a jovem. — Você, eu e sua mãe. Também convidei o doutor Carl, mas ele só pode ir no sábado.

— Aonde nós vamos? — Ela perguntou curiosa.

— Segredo! Mas não se preocupe. Sua mãe já está organizando tudo! — Ele garantiu e empurrou a bandeja na direção da pianista. — Agora, trate de comer tudo!

A ansiedade e a curiosidade da surpresa que Gabriel tinha preparada a deixará muito empolgada, ao ponto que ela tinha a sensação de que o dia não acabaria nunca! A todo o momento, Julie olhava o relógio, na esperança de que as horas passassem mais rápido. Estava curiosa para saber onde passariam o fim de semana. Gabriel não falara mais nada sobre o assunto e a mãe se recusava a dar qualquer informação.

Finalmente, o dia acabou! O bailarino esperava a namorada na entrada da escola, com uma enorme bolsa de viagem. Mesmo agora, ele se recusava a revelar para onde estavam indo, mesmo perante

toda a insistência da moça. O carro dos Taylor parou diante deles e o motorista saiu para abrir a porta.

— Vamos? — Chamou o bailarino, cultivando o suspense.

— Você não vai contar? — Ele balançou a cabeça negativamente e isso irritou a namorada. — Quer mesmo que eu aceite viajar sem saber para onde?

— Confie em mim, você vai gostar! — Gabriel afirmou.

Ema já estava no veículo. Olhando para a mãe, Julie disse:

— Aposto que a senhora também não vai contar para onde nós vamos, certo? — A jovem não cabia em si de curiosidade.

— Sinto muito, prometi guardar segredo! Prometo não atrapalhar vocês. Amanhã o Carl vai nos encontrar e me levar para passear. Não vamos passar muito tempo juntos... — A mulher se interrompeu e fez um sinal indicando que ficaria de boca fechada.

Aquela curiosidade era angustiante, ser a

única que não sabia de nada, quando a mãe e o namorado sabiam.

— MÃAEEEE! Não é justo eu não saber de nada! — A jovem fingiu ficar emburrada.

— Está sendo sequestrada, senhorita Garrow! — Gabriel brincou, fazendo todos rirem.

Até chegar aos Hamptons, percorreriam pouco mais de cento e cinquenta quilômetros. A pouca iluminação noturna contribuía para aumentar o mistério. Ainda assim, Julie mantinha os olhos grudados na janela, tentando identificar a paisagem; não parava de dedilhar sobre as pernas, repetindo mentalmente as notas de sua composição. Ema lia um livro e Gabriel assistia a um filme na Netflix.

Quando a viagem estava chegando ao fim e na entrada da cidade, uma placa dizia: “Sejam bem-vindos aos Hamptons”. Quando identificou as letras, a pianista soltou um grito que ecoou na lataria do carro.

— NÃO ACREDITO! — Ela abraçou e beijou o namorado. — Obrigada, obrigada, obrigada!

Como estava distraído, Gabriel foi pego de surpresa e não conseguiu entender a euforia da

namorada.

— Hamptons! Você me trouxe aos Hamptons... Eu vou poder ver o mar! — Julie estava muito feliz e continuou a abraçá-lo. — Obrigada!

— Uau! Se eu soubesse que você reagiria assim, teríamos ido a Paris! — Ele brincou, arrancando novos sorrisos das duas mulheres.

— O hotel fica perto da praia? Mãe, imagina só poder dormir ao som do mar? Deve ser maravilhoso... — A jovem sorria como uma criança que acaba de ganhar um presente.

— Na realidade, não vamos ficar em um hotel! — Gabriel declarou.

— Não vamos? — Julie estava surpresa.

Antes que ele pudesse dar mais informações, o carro entrou no caminho que conduzia à casa de praia dos Taylor. Ema e Julie observavam a mansão que se erguia mais à frente, completamente iluminada. A propriedade parecia pertencer às páginas de uma revista especializada sobre celebridades, fofocas e frivolidades de pessoas ricas. Estacionaram diante das escadas que levavam até uma enorme porta de madeira, que foi aberta

por uma empregada uniformizada.

A pianista foi a primeira a sair do carro. Julie respirou profundamente o mais que pode e sentiu o aroma que era inebriante; uma mistura de cheiros de terra, natureza e maresia. O frio era intenso e o som das ondas, ao longe, era como uma melodia que embala pensamentos. Mas, diante da enorme casa, Julie sentiu medo de volta a encontrar o pai de Gabriel. Entendendo o medo da namorada, o jovem tratou de tranquilizá-la:

— Durante este fim de semana, a casa é apenas nossa! — Ele segurou a mão da pianista e a conduziu pelas escadas.

Ema seguiu o casal, também admirando a construção majestosa. Lá dentro estava quentinho e confortável. A decoração seguia o mesmo estilo da casa de Nova York, apenas com tons mais claros. A sala principal tinha janelas panorâmicas, que mostravam um enorme alpendre e tinham a praia como plano de fundo. Mãe e filha se sentiram um pouco oprimidas pela ostentação de riqueza que encontraram ali.

A residência de verão era decorada com

caríssimas obras de arte, móveis e tapetes luxuosos. A lareira acesa tornava o lugar mais agradável, amenizando o frio que poderia tentar se infiltrar, bem como emprestando um ar de sofisticação ao ambiente. Julie segurou firme a mão de Ema.

— Fiquem à vontade. A casa é nossa! — Disse Gabriel sorrindo e tentando as deixar bem à vontade na casa.

Os olhos de Julie foram atraídos para um piano de cauda brilhante, localizado próximo à janela, sob um lustre de cristal. Tratava-se de uma peça de colecionar. Como se estivesse hipnotizada, a jovem se aproximou do instrumento e passou a admirá-lo.

— Pode tocar! — A voz de Gabriel lhe causou um sobressalto.

Sorrindo, o bailarino se aproximou, levantou a tampa do piano e indicou o banco para a namorada. Como ela não se mexeu, o rapaz puxou-a pela mão.

— Toca para mim. Por favor! — Ele pediu.

Julie estava mais nervosa agora do que no dia de sua primeira apresentação. Com o corpo trêmulo, a jovem se acomodou. Timidamente, testou uma das teclas e o som ecoou pela casa. A partir daquele

instante, foi como se pianista e instrumento estivessem conectados. Julie tocou uma das composições de Chopin, encantando a todos com uma execução perfeita da melodia. O resto da noite foi animada e descontraída, uma mesa com iguarias foi preparada para os receber, todas as instruções dadas por Gabriel do que Julie podia comer foram atendidas, Julie estava encantada com tudo, principalmente por realizar o seu sonho de ver o mar.

Capítulo 42

Eu sempre te vou amar

O dia amanheceu lindo. O sol brilhava entre nuvens, acentuando a beleza do céu azul. O vento frio, no entanto, indicava que o tempo estava prestes a mudar. Gaivotas sobrevoavam a praia, cantando no compasso ditado pelas ondas que morriam na areia; o vento assobiava, completando a composição da natureza, perfeita em todos os detalhes.

No alpendre da casa dos Taylor, Julie observava tudo atentamente. Desejava gravar a cena em sua memória, absorvendo tudo: os sons, os aromas e sensações, da mesma forma que experimentava o cheiro exalando da caneca de chocolate quente em

suas mãos. Um arrepio de emoção tomou o corpo da jovem e ela sorriu, feliz por ter seu desejo realizado.

Gabriel abriu a porta do anexo em que ficava seu apartamento. Os avós construíram aquele espaço para que o jovem tivesse mais liberdade quando chamasse amigos para passar alguns dias na mansão. Era um ambiente simples e moderno, ideal para pessoas de sua idade. Passou alguns segundos observando a namorada, que olhava fixamente para o horizonte.

Julie usava uma calça justa, camiseta branca e um casaco de malha cinza e azul com uma gola tão grande que parecia pertencer a outra pessoa. Chegando perto dela silenciosamente, o bailarino a abraçou por trás e a jovem, automaticamente, recostou a cabeça em seu peito.

— Já valeu a pena acordar e ver este cenário perfeito! — As palavras da jovem estavam carregadas de emoção.

— Imagine se tivesse acordado com esse cenário e ao meu lado... — Gabriel sorriu maliciosamente.

O comentário vez a jovem corar imediatamente e reclamar.

— Gabriel! — Estava chocada ao perceber as intenções do namorado e sentia um misto de medo e desejo.

— Julie? — Ele riu, abraçando-a ainda mais. — Já tomou o café da manhã?

— Não. Estava esperando você... Este lugar é lindo! — Ela comentou.

Gabriel beijou-a carinhosamente. Quando os lábios se tocaram, os dois se entregaram. Por alguns momentos, o mundo pertenceu só aos dois. As bocas disputavam pelo prazer que podiam provocar. Gabriel apertou a namorada contra si, sentindo o próprio corpo ganhar vida diante da intensidade da paixão compartilhada. E assim continuaram até ouvir uma voz atrás deles.

— Nem vou dizer “Bom dia” porque daqui dá para ver que o dia de vocês está perfeito! — Ema brincou.

Envergonhada por ser flagrada pela mãe em um momento íntimo, a pianista escondeu o rosto no peito do bailarino, que não conseguia parar de

sorrir.

— Bom dia para você também, Ema! — Gabriel disse rindo por terem sido flagrados.

Encaixando o rosto no braço do namorado, completamente ruborizada, a pianista cumprimentou a mãe.

— Bom dia, mãe! Você estava dormindo e eu não quis te acordar. Vim ver o mar e o Gabriel acabou de chegar... — A jovem começou a falar, totalmente sem jeito.

— Eu nem fiz as perguntas e você já está se entregando?! Vamos comer? O lugar e o clima abriram meu apetite! — Ela brincou, encarando os jovens que estavam em um clima muito mais quente que o tempo.

O grupo entrou na casa e Gabriel as levou para um dos recantos mais acolhedores da mansão dos Taylor's, no jardim de inverno havia um verdadeiro banquete. Dois dias antes, Gabriel entrou em contato com as empregadas e informou o que Julie podia comer; dessa forma, prepararam um cardápio especial para a jovem. A comida era colorida e tinha um aspecto delicioso. Mais uma vez, a

pianista se emocionou com o cuidado demonstrado pelo bailarino e o abraçou carinhosamente.

— Eu sempre vou te amar! E quando eu não estiver mais aqui, meu amor continuará sendo seu. Até a eternidade!

Ema se emocionou com as palavras da filha e com o carinho do rapaz. Gabriel puxou Julie contra sim, como se, assim, pudesse abafar a verdade de sua partida. Tentando amenizar o clima, Ema falou:

— Podemos comer agora? — Todos riram e se acomodaram. Gabriel beijou a mão da namorada e começou a se servir.

Os três comeram um pouco de tudo que estava disposto na mesa. Até mesmo Julie, que sempre sofria durante o tratamento, comeu com vontade. Durante a refeição, o celular de Ema tocou, anunciando o recebimento de uma mensagem. Ela visualizou e sorriu. Vendo a cena, a filha emitiu um sonoro “HUMMMMMMMM” e começou a rir.

— O Carl... Quero dizer, o doutor Carl vai chegar ao fim do dia!

Sorrindo, Gabriel comentou:

— Nesse caso, teremos tempo para passear.

Podemos ir ver as casas de algumas celebridades, passear pelo porto e ver os barcos que estão ancorados. É uma pena que o barco dos meus avós está em manutenção! — Ele tomou um pouco de suco. — Voltamos para almoçar e receber o doutor Carl.

Ema sentiu-se um pouco desconfortável por estar ansiosa para rever o médico.

— Por mim tudo bem! — Ela comentou, sentindo a pele do rosto esquentar. Julie, que estava comendo um brioche, acenou positivamente.

Após o café da manhã, os três entraram em um Jeep sem capota que estava estacionado na porta da frente. Era um carro preto e bem masculino. Julie estranhou; sempre imaginara Gabriel conduzindo um conversível vermelho, talvez uma Ferrari ou um Austin Martin.

— O que foi? Eu sou um bom motorista! — O bailarino comentou ao perceber as mulheres encarando o carro.

— Eu imaginei outro tipo de carro! — Julie brincou sorridente.

— Confesso que só escolhi esse porque somos

três pessoas! — Ele disse e apontou para a garagem, onde se via uma fileira de carros esportivos.

Julie e Ema riram. Não estavam habituadas àquele tipo de ostentação. Tinham uma vida confortável em sua cidade, com dois carros na garagem e uma loja de roupas, mas o seu poder econômico estava a anos-luz de distância do de Gabriel.

Capítulo 43

Noite, fogueira e amor

O dia estava calmo, exatamente como o mar. As ondas suaves embalavam os barcos no porto. Gaivotas voavam em sua busca sem fim. As pessoas caminhavam tranquilamente, assim como Julie, Ema e Gabriel. Naquela época do ano, poucas pessoas visitavam a região e tudo tinha um ambiente calmo e pacato, bem diferente do verão que fervilhava de movimento.

Conheceram o comércio local, composto por edifícios relativamente simples que abrigavam marcas de alto padrão. Em seguida, foram almoçar no iate clube que, a exemplo da cidade, não estava muito movimentado, proporcionando ao trio uma refeição tranquila. Durante a alta estação, o movimento lá chega a ser caótico, com pessoas

ricas e famosas desfilando grifes, joias, beleza e poder.

Sentados no alpendre, os três aproveitavam os raios de sol. Ema estava satisfeita por ver a filha realizando um de seus sonhos. A felicidade nos olhos de Julie lhe acalmava, apesar da certeza de que tudo estava terminando.

— O que está pensando? — A jovem perguntou, sorrindo para a mãe.

— Quem diria que nós duas estaríamos em Hamptons?! De uma pequena cidade no coração da América para o reduto de milionários... — Ema comentou, virando o rosto para o sol.

Os três riram do comentário e Gabriel respondeu:

— Esperem até ver isso aqui no verão! — Mãe e filha se entreolharam, constrangidas. — É uma briga para conseguir até a mesa mais escondida! Julie, você vai amar passar o verão aqui! Vou te trazer muitas vezes!

Assumindo uma expressão muito séria e carregada, a jovem tirou os óculos de sol e olhou nos olhos do bailarino.

— Essa viagem é única! — Mesmo usando um tom sério, ela se forçou a sorrir.

O que ela realmente queria dizer é que não teria a oportunidade de retornar, mas enterrou a tristeza e disfarçou o desconforto, Gabriel não percebeu o sentido que a moça tinha dado a sua frase, dizendo que era a única vez que ela estaria naquele lugar.

Com o cair da tarde, o vento gelado que vinha do mar começou a invadir a costa, aumentando consideravelmente a umidade do ar e a sensação de frio. Ema sorriu ao receber uma nova mensagem de Carl, avisando que chegaria dentro de mais algumas horas e que pretendia jantar apenas com ela em seu restaurante preferido. Julie ficou muito feliz ao perceber a animação da mãe.

A noite chegou, embalada pela melodia das ondas, constante e harmoniosa, que transformava tudo ao redor em romance e melancolia. Embrulhada em uma manta e bem acomodada em uma poltrona, Julie observava Gabriel acender uma fogueira no meio do alpendre; pequenos espetos repletos de *marshmallows* aguardavam que o fogo

estivesse pronto. Ela olhou para o céu, observando as estrelas que cintilavam como longínquas luzes natalinas. Nesse momento, uma estrela cadente passou.

— Eu desejo... — Ela começou, mas Gabriel colocou a mão sobre seus lábios, impedindo que terminasse a frase.

— Não fale! Guarde segredo ou sele com um beijo para que seu desejo se realize! — Ele disse aquelas palavras e beijou-a apaixonadamente.

— Tenho certeza de que meu desejo vai se realizar! — Julie abraçou o namorado e sorriu.

Novamente, Ema chegou durante o momento romântico compartilhado pelo casal. A mulher tossiu para anunciar sua presença. A pianista abriu os olhos e encarou a mãe, que usava um belo vestido vermelho, cabelo preso e echarpe em tons rubros e negros. A jovem começou a bater palmas e o namorado se virou para ver o motivo de tanta empolgação. Ao analisar a mulher, o rapaz assobiou em aprovação.

— Podem parar! — Ema pediu, envergonhada.

— Vai, doutor Carl! — O bailarino gritou e riu.

Julie levantou e caminhou para junto da mãe.

— A senhora está linda... — A jovem abraçou a mãe e sussurrou: — Aproveite bastante. Quem sabe ele não lhe faz companhia depois que eu partir?!

Ema afastou a filha e meneou a cabeça negando a sugestão.

— Depois de você partir... Eu vou continuar sozinha! — Uma lágrima furtiva denunciou a tristeza acarretada pelos pensamentos.

— Sem choro, Ema Garrow! Está noite é especial. A senhora está linda e eu acredito que o doutor vai concordar comigo! — Abraçando a mãe, a jovem percebeu que Carl as observava à distância. — Na verdade, acho que ele já concorda!

As duas se separaram e Ema se virou para olhar o médico que, só então, se aproximou, com um belo sorriso estampado no rosto. O homem beijou Ema no rosto, cumprimentou Julie e acenou para Gabriel.

— Você tem toda a razão, Julie. Sua mãe está maravilhosa! — Ele comentou, deixando transparecer o interesse que sentia pela mulher.

— Cuide bem dela e não voltem muito tarde! —

A jovem brincou.

— Julie, eu é que sou a mãe! Por acaso trocamos de lugar?! — Ema comentou, um tanto embaraçada.

— Agora sabe como eu me sinto! — A pianista brincou. — Hoje, quero que seja a filha e se divirta sem preocupações. Eu estou bem. Aproveite a noite!

— Se cuida, meu anjo... — A mulher depositou um beijo no rosto da filha.

Carl e Ema se despediram com um aceno e Julie caminhou para junto do namorado. Gabriel se levantou e abraçou a jovem, puxando-a contra si e expondo um sorriso malicioso.

— Enfim sós! — Ele disse.

— Gabriel... — A jovem repreendeu-o.

— Eu não vou fazer nada! Vou continuar cuidando e respeitando você. Mas já que temos a casa só para nós... — Ele disse e colocou uma música para tocar no Iphone. — Dança comigo?

Sorrindo, Julie estendeu os braços e voltou a abraçar o namorado, aquela vez Julie não estava com os seus pés sobre os do rapaz como da

primeira vez que dançaram, ela sorriu ao recordar e encostou o rosto no peito do bailarino. Os dois balançavam o corpo ao som da música, que era complementada pelo som do vento, das ondas e do crepitar da madeira na fogueira. Era uma noite especial para eles. Gabriel segurou no queixo de Julie e o seu olhar penetrou no olhar dela, o rapaz olhava no fundo dos olhos da namorada, que brilhavam bastante carregados de emoção. Ela sentia o coração bater fora do compasso e engoliu em seco.

— Nervosa? — Ele questionou com certa dose de malícia.

— Um pouco... — As palavras saíram com dificuldade.

— Julie, eu te amo! Não vou fazer nada que você não queira. Sei que está doente e... — O bailarino tinha um tom de voz tranquilo, que transmitia segurança.

— Eu te amo, Gabriel! — Julie devolveu, olhando diretamente em seus olhos.

O sentimento dos dois foi selado com um beijo. As mãos do bailarino percorreram o corpo da

pianista, fazendo com que sua pele arrepiasse e ela se sentisse amada. Entre todos os seus sonhos, esse era o que ela mais desejara e acreditara que nunca poderia viver. Naquele momento, a jovem entendeu que seu amor por Gabriel era maior do que ela conseguiria entender enquanto vivesse.

A noite foi passando e os dois comeram, namoraram ao som da música e tiraram fotos. Quando a temperatura baixa começou a deixar Julie desconfortável mesmo estando protegida pela manta e pelos braços do namorado, ele se levantou e estendeu-lhe a mão. Sem pronunciar uma única palavra, a jovem aceitou.

Capítulo 44

Uma noite para recordar

Gabriel levou Julie para seu apartamento. Ela observou o espaço, cuja decoração tranquilizante e masculina era inspirada no mar. O ambiente era amplo, rústico e contava com muita madeira. A mesa de centro era um antigo leme de veleiro; dois barcos pesqueiros foram transformados em sofás e pranchas de *surf* viraram prateleiras. Além da uma pequena cozinha e banheiro, ela podia ver uma mesa de bilhar e, mais adiante, diante de uma enorme janela, cinco degraus formavam uma plataforma onde havia uma cama de tamanho considerável.

Enquanto a jovem andava pelo quarto, Gabriel

acendia pequenas velas que, em conjunto com luar, criaram uma iluminação sedutora. Ele observou com atenção a reação da namorada.

— Esse é o meu ‘universo particular’. O que achou? — Ele perguntou.

— Eu gostei! — Julie prestava atenção em todos os detalhes.

— Quero te mostrar algo! — Parado no último degrau, o rapaz estendeu a mão à namorada.

Aproximando-se, Julie subiu os degraus, apoiada pelo namorado e arregalou os olhos. Estava abismada! A vista da praia era simplesmente deslumbrante. A lua se refletia na superfície marinha; a arrebentação criava um corredor de espuma ao longo da orla e as estrelas cintilavam no manto negro do céu noturno. O cenário mágico encantou a pianista.

— O que você acha? — Ele sorria vendo a namorada maravilhada com aquele cenário.

— Estou sem palavras! — Julie continuava boquiaberta.

A jovem encostou o rosto na janela, embaçando o vidro com sua respiração. Gabriel aproveitou para

desenhar um coração naquele local e abraçou-a por trás, apoiando-a contra si. Mantendo o olhar na praia, Julie encaixou o rosto no pescoço do namorado. Em resposta, o bailarino a beijou e ela sentiu o roçar de sua barba por fazer, arrepiando-se.

— Eu nunca fiz... — Ela tentou dizer, mas se interrompeu.

— Não precisa fazer se não quiser! — Ele afirmou, tranquilizando a jovem. — Não vou ultrapassar os seus limites.

— Você quer? — Julie perguntou e se virou para ver a expressão do namorado.

Gabriel ficou sem palavras, mas seu corpo o denunciava. O primeiro beijo de Julie foi com ele; a primeira vez também seria. O rapaz sentia o peso da responsabilidade e não queria que ela sentisse medo ou qualquer tipo de vergonha. O bailarino estava trêmulo. Sorrindo, Julie encostou a cabeça no peito dele.

— Seu coração, assim como o meu, está gritando que sim! Promete ser carinhoso e paciente comigo?

Emocionado, Gabriel apertou-a contra si. Julie

descalçou os sapatos e tomou a iniciativa do beijo. As sensações e desejos se ampliaram de forma incontrolável; a respiração acompanhava o ritmo das batidas do coração e a pele começava a suar.

Timidamente, as mãos de Gabriel ganharam vida, passando a percorrer o corpo de Julie. A cada toque, ela sentia como se a pele estivesse pegando fogo. Com delicadeza, o rapaz tirou a camiseta da namorada, revelando que ela estava tão excitada quanto ele. A exposição fez com a jovem corasse. O bailarino jogou os tênis para longe e arrancou o casaco e a camiseta, expondo o corpo esculpido por horas de treinamento. A pianista deslizou as pontas dos dedos sobre o peito e abdômen do namorado.

As bocas ganharam vida enquanto os corpos lutavam para se livrar do restante das roupas. Abraçando-a intimamente, Gabriel pressionou o corpo da namorada contra o vidro da janela. Sentindo o frio em suas costas, Julie emitiu um sonoro suspiro. Imediatamente, o bailarino parou e olhou para ela, preocupado.

— Está tudo bem? — Ele temia tê-la machucado e o som da sua voz era de preocupação.

Julie sorriu e corou.

— Sim. É que a janela está fria! — Ambos riram do deslize momentâneo.

Gabriel puxou-a para junto da cama; seus olhos percorriam o corpo feminino quase inteiramente despido e ele sentiu o desejo aumentando mais do que imaginava ser possível. Caindo sobre a cama, ele posicionou-se sobre a namorada e mergulhou em seu olhar. Lá fora, o vento continuava soprando; dentro do quarto, tudo era mágico, intenso e sedutor.

Os lábios voltaram a se encontrar e descobriram o prazer de estar um com o outro. Julie sentia tudo intensamente, assim como Gabriel. O sangue corria mais rápido nas veias, a temperatura corporal aumentava e o desejo dos dois apenas crescia.

A pianista fechou os olhos enquanto os lábios do bailarino passeavam por seu corpo. Ela queria memorizar cada momento, cada detalhe, para poder se recordar sempre da sensação de se entregar ao amor de sua vida sem medo de ser feliz. Ele continuou explorando o corpo feminino até retirar sua calcinha de renda, a única peça de roupa que

ainda estava no caminho dos dois. A visão do corpo inteiramente nu deixou-o ainda mais excitado. Voltando a deitar-se sobre ela, Gabriel fez com que ela abrisse os olhos.

— Você tem certeza? — Ele perguntou. Ela sorriu, tranquilizando-o e respondeu que sim acenando.

Com toda a gentileza e preocupação de quem ama, Gabriel entregou-se a Julie, assim como ela se entregou a ele. Tudo foi perfeito! Nem em sonhos mais perfeitos ela conseguiu imaginar sua primeira vez com alguém que a amasse tanto quanto Gabriel.

Um suspiro de prazer denunciou que o amor dos dois estava consumado. A entrega do casal resultou em horas de amor. Lá fora, o mundo continuava girando. Mas para ele tudo tinha parado num toque de mágica. Dentro daquele quarto, os minutos se transformaram em horas de puro amor e prazer.

Ambos adormeceram nus, nos braços um do outro.

Julie dormia tranquilamente sentindo-se segura e em seus sonhos, ela estava num jardim bem cuidado; borboletas esvoaçavam por entre as flores,

o sol brilhava tão intensamente que lhe cegava quando tentava olhar para o céu. Seu corpo sentia-se beijado pelos raios de sol que a envolviam calorosamente e, apesar de estar sozinha, sentia a energia de amor e carinho que lhe invadia, afastando a solidão. Naquele momento, não sentia mais dor, tristeza e nem mesmo a preocupação com quem tinha deixado para trás; estava feliz e serena, em um lugar onde o silêncio gritava e transmitia uma paz que nunca tinha sentido. Suas mãos deslizavam na folhagem e a brisa tocou seu corpo, balançando o vestido branco. Então, sentiu-se leve. Tudo tinha ficado para trás.

Percorreu o campo verdejante, alegre e saltitante; seus pés pareciam não tocar o chão. O cansaço da doença tinha desaparecido e uma leveza incomum invadia todo o seu ser. Tentou pensar: “Que lugar é esse?”, mas a tranquilidade que sentia fez o pensamento desvanecer como um sopro de vento. Foi tomada por uma onda de alegria e lembranças de Ema, Gabriel, Liza e tudo o que ficou para trás não causava nenhum tipo de sofrimento, apenas ilustravam o quanto tinha sido

PERIGOSAS NACIONAIS

amada de verdade!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 45

Um novo medo e uma conversa difícil

Apesar do frio do lado externo da casa, o quarto era aquecido pelos raios de sol que entravam pelas vidraças e pelo aquecimento central da casa. A luz que aquecia o casal sobre a cama parecia uma celebração ao amor de ambos. Aconchegada ao corpo de Gabriel, Julie parecia dormir tranquilamente.

A claridade despertou o bailarino. Quando percebeu que a namorada estava deitada sobre ele, parou de se mexer e passou a admirá-la. Carinhosamente, ele afastou uma mecha de cabelo do rosto da jovem e, ao tocar em sua testa, percebeu que ela estava ardendo em febre.

— Julie? — Ele chamou preocupado. — Julie?

Ela respirava normalmente, mas não abria os olhos ou exibia qualquer outra reação. Isso deixou o rapaz apavorado; seu coração disparou, acompanhando a aflição que sentia. Levantando-se apressadamente estava pronto a sair do quarto e pedir ajuda, então percebeu que estava nu. Vestiu uma calça de moletom e correu, sem se preocupar com mais nada.

O sol brilhava intensamente, mas o ar estava gelado. Descalço, Gabriel percorreu o alpendre e entrou na casa apressadamente. Ema estava tomando café da manhã e se assustou com a entrada intempestiva do rapaz.

— Ema, ligue para o doutor Carl imediatamente! — Sua voz ecoou pela casa.

Levantando-se, a mulher segurou o bailarino pelos braços, sacudindo-o.

— Onde ela está? O que aconteceu com a Julie? — Ela perguntou em aflição.

Gabriel percebeu que teria que contar que os dois passaram a noite juntos; que Julie se entregara a ele e que, mesmo sabendo que ela estava doente,

viveram uma noite de amor. Engolindo em seco, ele baixou os olhos e respondeu.

— No meu apartamento! — A sua voz saiu baixa, como se ele estivesse confessando um crime.

Ema largou o rapaz e correu em direção ao apartamento. Invadindo o quarto ela se aproximou da filha. Ajoelhou-se sobre a cama desarrumada, testemunha do que acontecera durante a noite, e, tocando na testa da jovem, confirmou que temperatura estava muito alta.

Entrando no banheiro, Ema pegou uma toalha de rosto e levou para a cozinha. Pegou três pedras de gelo e envolveu na toalha, voltando para perto da filha, que continuava inerte.

— Vai ficar tudo bem, Julie! — Ela falou, aplicando o gelo sobre a testa da jovem.

Os passos de Gabriel soaram atrás dela. Sem desviar os olhos da pianista, Ema se dirigiu ao rapaz.

— Ligue para o doutor Carl. Ele precisa vir para cá com urgência! — Apavorado, Gabriel não se mexeu. Então, a mulher gritou: — AGORA! Julie está morrendo!

Ao se dar conta do que tinha acabado de dizer, Ema se virou e encontrou o bailarino aterrorizado, com olhos muito arregalados.

— Gabriel, a febre é um sintoma da doença. Ligue para o Carl imediatamente!

Assim que encontrou o número do médico na agenda do celular, o jovem ligou para ele e contou o que estava acontecendo com a namorada.

Algum tempo depois, Carl entrou na mansão da família de Gabriel. A empregada que o atendeu estava angustiada e rapidamente indicou ao médico para onde ele deveria ir. No alpendre, o bailarino andava de um lado para o outro, ainda descalço e sem camisa; estava em choque desde que ouvira a frase dita por Ema.

— Gabriel, onde está a Julie? — O médico perguntou.

Com uma mão trêmula, o rapaz apontou para o apartamento e o homem correu para socorrer sua paciente. Quando entrou, viu Ema debruçada sobre a filha, chorando. Em silêncio, Carl se dirigiu até lá; abrindo a maleta, ele pegou um termômetro. A mãe o encarava como se implorasse que salvasse a

vida da pianista. Usando o estetoscópio, o médico constatou que tanto a respiração quanto os batimentos cardíacos de Julie estavam muito fracos.

Desesperada, Ema olhava alternadamente para a filha e para Carl. Ainda sem dizer nada, o homem pegou uma seringa e alguns medicamentos em sua maleta e injetou tudo no cateter da paciente.

— Vai ficar tudo bem, Ema! — Tentou tranquilizá-la. — Logo a medicação começará a fazer efeito.

Descartando a seringa utilizada, o médico pegou uma pequena lanterna e levantou uma das pálpebras da jovem, repetindo o procedimento no outro olho, para testar os reflexos pupilares. Em seguida, ele verificou o pulso de Julie, que lentamente retomava a normalidade.

— A pulsação está voltando. Agora precisamos esperar que a febre ceda. Ema, mantenha a compressa fria para acelerar o processo! — Ele levantou da cama. — Nós sabemos que essa é uma das possibilidades no quadro da Julie. Precisamos esperar que a situação dela se normalize para podermos tomar qualquer decisão. No meio tempo,

não podemos esquecer que, lá fora, está um rapaz desesperado que também precisa de ajuda!

Ema recomeçou a chorar. Carl se aproximou, acarinhou-a e lhe deu um beijo na tentativa de acalmá-la. Então, o médico saiu do apartamento e foi encontrar Gabriel. O homem sentia o coração apertado no peito; sabia que a conversa que teria com o jovem seria muito difícil, mas o bailarino precisava saber toda a verdade. Estava na hora!

Carl sabia que não seria nada fácil revelar a gravidade da situação de Julie para Gabriel. O jovem achava que a namorada ainda tinha chances de vencer o câncer. Seria um choque descobrir que, na realidade, ela estava em fase terminal, literalmente correndo contra o tempo. O médico se aproximou do rapaz, buscando forças para dar a má notícia. Não era a primeira vez que ele fazia o papel de mensageiro da morte, mas tinha a sensação de que dessa vez seria mais complicado.

O bailarino se virou para Carl com os olhos cheios de lágrimas, esperando ouvir que a namorada estava bem.

— Como ela está, doutor? É culpa minha? —

Ele perguntou e irrompeu em prantos.

Carl sentiu a garganta fechando; não conseguia forçar as palavras a deixarem sua boca! Aquele era um jovem apaixonado que, após viver uma noite de sonhos com o amor de sua vida, se condenava por acreditar que, de alguma forma, fizera a jovem piorar inesperadamente. Uma onda de emoção inesperada invadiu o médico.

— Ela... — O homem buscava as palavras com cuidado. — Vai melhorar um pouco. Agora precisamos regularizar sua temperatura diminuindo a febre!

— Eu juro que não queria fazê-la sofrer! Eu não sabia que ela não podia... — Batendo no peito, o jovem chorava em total desolação. — Diga o que eu posso fazer para que ela melhore! É horrível vê-la daquele jeito!

— Não existe mais nada que possamos fazer no momento. Gabriel, nós precisamos conversar! — Carl apontou para algumas poltronas próximas a eles.

Os dois caminharam em silêncio e se sentaram frente a frente. O bailarino olhava para o médico

sem imaginar o que estava prestes a ouvir. Carl, por sua vez, não sabia como o rapaz reagiria, mas não podia permitir que ele continuasse se culpando pelo estado de Julie, quando o jovem não tinha feito nada de errado. O homem tossiu. “Como eu vou contar? ”, ele se perguntava em seus pensamentos, respirou fundo buscando coragem.

— Gabriel, a Julie é uma jovem muito especial. Desde o primeiro minuto em que a vi, entrando em meu consultório, eu sabia que estava diante de alguém fantástico. Acho que todos sentem isso quando olham para ela! — Carl não conseguiu disfarçar a emoção.

O bailarino baixou a cabeça, imediatamente se lembrando de seu primeiro contato com a pianista em Juilliard. Ele sentiu exatamente o que o médico descrevera. Julie era tão especial que chegou a irritá-lo um pouco.

— Eu sei! — Em meio ao choro, Gabriel sorriu. — Quando a vi pela primeira vez, senti que estava diante de alguém incomum; achei-a tão especial que a apelidei de “*Miss Perfect”*. E ela é mesmo perfeita!

— Pessoas como ela passam em nossa vida para deixar marcas; para nos fazer sentir o desejo de sermos melhores! Julie precisa descansar... — O bailarino o interrompeu automaticamente.

— Ela ficou assim por temos feito...? Eu prometo que não faço mais nada! Ela pode descansar aqui. Ou, se for necessário, posso pedir que mandem um jatinho de Nova York! — O jovem deixava claro que estava disposto a colaborar para que a namorada melhorasse logo.

— O que eu quero dizer é que ela precisa descansar para sempre. Gabriel, o corpo de Julie não suporta continuar o tratamento para a leucemia; já são doze anos de sofrimento! — O bailarino começou a ficar mais alterado. Ele não estava ciente desses detalhes. — O organismo dela está indicando que não vai conseguir continuar lutando por muito tempo.

— Mas ela está fazendo quimioterapia para melhorar. Não é?! — Carl não tinha como escapar de uma pergunta direta.

Inclinando na direção do jovem, o médico passou as mãos no rosto e respirou profundamente.

— Não! — O médico respondeu de forma direta.

Aquela palavra de apenas três letras teve o mesmo efeito de uma bomba na cabeça de Gabriel. O jovem sentiu ânsias como se seu estômago houvesse sido esmurrado por um boxeador profissional. O jovem encarou o homem à sua frente, querendo acreditar que ouvira errado.

— Julie está em fase terminal. O tratamento que estamos fazendo serve apenas para garantir que ela tenha tempo de se despedir da mãe, de você e dos amigos! — Carl tentava se manter forte ao dar a notícia.

— Julie está morrendo? Como a minha mãe? — A voz do bailarino se alterou e as lágrimas começaram a rolar como rios que rasgam a terra.

— Sim. Julie tem só mais algum tempo no máximo se conseguirmos, alguns meses de vida. Talvez ela suporte até o início do ano, se continuarmos o tratamento. — O médico tentava transmitir um pouco de esperança.

Com um olhar petrificado, Gabriel se levantou, passando as mãos pelo cabelo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela sabe? — O médico acenou positivamente. — Morrendo?! MORRENNDDOOOOOOOOOO?!

Enfurecido, Gabriel segurou os braços do médico, colocando-o de pé.

— Você está dizendo isso para me castigar porque nós fizemos amor, não é? Diga! Diga que só quer que eu prometa que não vamos voltar a fazer... DIGAAA! — Descontrolado, o jovem sacudia o médico. — Eu prometo não vai acontecer mais nada entre nós. Mas me diga que a Julie não está morrendo. Por favor!

— Eu sinto muito! — Carl respondeu.

— NÃAAAAAAAAAAOOOOOOOOOOOOOO! — Ao emitir o grito sofrido, o bailarino caiu de joelhos.

Encostando o rosto no chão, o jovem chorou. A sensação de perda e impotência de quando a mãe morreu estava se repetindo em sua vida. A dor de não poder fazer nada voltava para assombrá-lo.

Agachando-se junto ao rapaz, o médico colocou uma mão em suas costas.

PERIGOSAS ACHERON

— Deixe-me! — Gabriel falava com a voz carregada de lágrimas e sofrimento. — Eu preciso ficar sozinho, por favor!

O médico respeitou a vontade do bailarino. Com o coração nas mãos, levantou-se e caminhou de volta ao apartamento. O rapaz permaneceu no mesmo lugar, aos prantos. A notícia que recebeu foi muito diferente da que esperava... Erguendo o rosto, o jovem olhou para o céu. A luz do sol parecia abraçá-lo.

— De novo não, por favor! Deus, se você existe, não leve a Julie embora da minha vida...

Em um misto de dor, medo, fúria e dor, Gabriel correu em direção ao mar. Ao deixar o alpendre, seus pés afundaram na areia, que parecia tentar segurá-lo no lugar. Mesmo com dificuldade, ele continuou a corrida desenfreada. A água gelada tocou suas pernas, mas não conseguiu amenizar a dor que lhe corroía por dentro. Tentou afogar a dor insuportável e continuou avançando até não sentir o chão debaixo dos pés. Então, gritou com todas as forças, extravasando o sentimento ruim que se apossara de seu coração.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 46

Um pedido de ajuda

Assim que o helicóptero pousou, Julie foi acomodada em seu interior, sendo seguida pelo trio aflito. Carl controlava qualquer mudança na pulsação da jovem, que se tinha dificuldades para se manter consciente. Ema abraçava a filha, não sabendo de que outra forma poderia ajudar; Gabriel, bastante assustado, tinha os olhos cheios de lágrimas.

Poucos minutos atrás, ainda no quarto, a pianista forçou um sorriso no momento em que acordou, tentando tranquilizar a todos. Agora, no entanto, parecia que tudo acabaria a qualquer momento, que a jovem estava prestes a emitir seu último suspiro. A viagem deu a sensação que estava demorando uma eternidade, o grupo respirou quando ao longe

avistou Nova York e em pouco tempo Julie estaria recebendo socorro.

Quando pousaram, já havia uma equipe esperando para receber a paciente. Rapidamente, a jovem foi admitida no hospital e encaminhada para a ala de urgência, acompanhada de perto por Carl e Ema. Gabriel permaneceu no corredor, sentado com a cabeça apoiada nas pernas. Ele chorava escondido de todos.

Os funcionários do hospital não se incomodaram com a presença do jovem. A pedido do doutor Carl, ninguém se aproximou para incomodá-lo. As horas passaram sem que o rapaz se desse conta, até que sentiu um toque no ombro. Quando ergueu a cabeça, os olhos de Gabriel estavam inchados e vermelhos. Agachando-se ao lado dele, Carl aconselhou:

— Gabriel, vá para casa! — Ele respondeu que não. — Julie está sendo bem cuidada e está descansando. Ema está com ela, por isso não podemos deixar você entrar.

— Deixe que eu a veja. Só por um minuto! — O bailarino implorou.

— Apenas se me prometer que vai para casa depois. — Gabriel aceitou o acordo.

Os dois seguiram em silêncio pelo corredor. As enfermeiras olhavam para o jovem com pena e dó do seu sofrimento, pois sabiam de quem se tratava e como estava a sua namorada. Atravessaram uma porta automática e, através de uma janela envidraçada, Gabriel viu Julie. A jovem estava deitada, conectada a muitas máquinas. Ema estava ao seu lado, usando roupa e máscara cirúrgica.

Encostando o rosto no vidro, o bailarino chorou em silêncio. Estava desolado por não poder fazer nada.

— Ela está descansando e você precisa fazer o mesmo! — Falou o médico, muito emocionado.

— Ela está sentindo dor? — O jovem quis saber, mantendo o olhar fixo na namorada.

— Ela está medicada, dormindo e sendo monitorada. No momento, não sente nenhuma dor. — Carl tranquilizou o rapaz e colocou uma mão sobre seu ombro. — Agora, preciso que cumpra o que me prometeu e vá para casa. Descanse! Julie precisa que você esteja bem!

Olhando para o médico, o bailarino secou as lágrimas que não paravam de rolar.

— Ela não vai...? — Ele não conseguiu concluir a frase.

— Ainda não. Ela quer viver mais um pouco. Quer desfrutar do amor que acabou de conhecer! Essa é apenas mais uma fase da doença! — O médico tentava aliviar algo impossível de ser aliviado.

Sem dizer mais nada e tomado por uma aflição sem precedentes, Gabriel saiu correndo pelos corredores do hospital. Desceu as escadas apressadamente e correu com todas as forças que ainda tinha. Precisava respirar, precisava de espaço e ali se sentia sufocando. O frio que o recebeu na rua causou um pouco de alívio. Sem saber exatamente para onde ir, o jovem recomeçou sua corrida, dessa vez, pelas ruas de Nova York.

Mais rápido do que imaginou ser possível, chegou à casa da família. As luzes acesas indicavam que todos estavam em casa. Subiu os degraus e passou a esmurrar a porta. O mordomo abriu pronto para repreender quem quer que fosse,

mas não teve tempo para isso; Gabriel empurrou o homem para o lado e avançou para dentro.

Seguindo as vozes, o jovem correu para a sala de jantar. Seu pai e avós estavam jantando com alguns amigos e todos se assustaram com a entrada intempestiva do rapaz, que caminhou diretamente até Christopher.

— Eu faço o que quiser, mas me ajude! — Surpreso com a atitude do filho, o homem se levantou. — Por favor, me ajude!

As lágrimas que rolavam pelo rosto do bailarino fizeram com que a família entendesse que o assunto era sério e se aproximaram do jovem.

— O que aconteceu, Gabriel? Você se envolveu em algum problema com a polícia? — O pai mostrou preocupação.

O jovem negou e tentou explicar, mas o choro misturado com nervosismo dificultava a tarefa.

— A Julie está no hospital! — Christopher olhou para os sogros sem saber de quem o filho estava falando. — A minha namorada está morrendo! Por favor, me ajude!

Os convidados se entreolharam. Sandy,

assustada, cobriu a boca com uma das mãos. Ninguém sabia ao certo o que dizer.

— Me ajude a salvá-la, por favor! Eu faço o que quiser! Eu largo a dança, abro mão dos meus sonhos, vou para uma faculdade de Administração... Eu faço qualquer coisa! Mas, por favor, me ajude a salvá-la! POR FAVOR! — Gabriel implorava, não se importando em esconder as lágrimas.

O rapaz desesperado se ajoelhou aos pés do pai, demonstrando desespero e todos estavam chocados com o estado do rapaz, Christopher colocou-se junto do filho e tocou no rapaz.

— Onde ela está? O está acontecendo, Gabriel? — Christopher questionou.

— Julie está no Hospital Mount Sinai! — Imediatamente associaram o nome do hospital ao câncer da jovem, já que se tratava de um centro de referência para o tratamento da doença. — O médico diz que ela está em fase terminal e que tem poucos meses de vida! Pai, nós temos dinheiro e podemos pagar os melhores médicos, os melhores tratamentos, levar ela para qualquer lugar...

— Quem está cuidando dela? — O avô quis saber.

— O doutor Carl Monroe! — O jovem respondeu.

— Ela está em boas mãos, Gabriel! Como você sabe que ela está morrendo? Pode ser só um câncer mais simples e ela pode ser tratada... — O pai tentou acalmá-lo.

— NÃAOOOOOOO! — A voz do bailarino reverberou pela sala. — Eles dizem que não há mais nada a fazer! É como o câncer da mamãe... Eu não posso perdê-la também! Por favor, me ajuda!

Lembrando-se do sofrimento da filha, Sandy encostou a cabeça no ombro do marido e começou a chorar. Doía muito ver o neto vivendo a mesma situação.

— Gabriel, se acalme. Ficar assim não vai ajudar nem a você e nem a ela! — Olhando para os convidados, ele disse: — Fiquem à vontade!

Pai e filho deixaram a sala de jantar abraçados. Lembranças do que acontecera anos atrás invadiram os pensamentos do empresário. Christopher subiu as escadas amparando o filho;

sabia exatamente o que o rapaz estava sentindo. Pela primeira vez, pai e filho tinham algo em comum. Infelizmente, dividiam o mesmo sofrimento.

Capítulo 47

Uma conversa franca

Gabriel abriu a porta do quarto com raiva e se jogou contra o saco de pancadas pendurado no meio do aposento. Socou e socou vezes sem conta, descarregando a frustração, dor e medo de perder a namorada. Christopher permaneceu silencioso, apenas observando o filho; sabia que ele precisava liberar ao menos uma parte dos sentimentos negativos que estavam lhe consumindo.

Lembranças do passado vieram à tona. O empresário recordou tudo o que havia guardado desde a perda da mulher. Quando o médico disse que não podiam fazer nada para que a esposa melhorasse, ele também quis acabar com tudo ao seu redor. Entendia bem porque o filho estava se comportando daquele jeito.

— Gabriel, na realidade, isso não vai ajudar muito. — Ele se aproximou do jovem. — Colocamos a raiva nos punhos, mas a dor que sentimos não alivia o nosso sofrimento!

O bailarino parou e apoiou a cabeça no saco de pancadas, fechando os olhos.

— E como arrancamos esta dor? Esta incapacidade de ajudar a quem amamos? — Ele perguntou, na esperança de ouvir um conselho.

— Não arrancamos! Tentamos sorrir quando, na verdade, queremos chorar... — Christopher estava emocionado.

— Eu não vou conseguir sorrir! Eu não vou... — Disse Gabriel, mostrando-se angustiado.

O pai se aproximou e colocou a mão no ombro do filho. O jovem encarou o homem mais velho, só conseguiu abraçá-lo e chorar como uma criança de colo. Aos poucos, Christopher abraçou o filho em resposta, apertando-o como se quisesse proteger uma criança assustada, que corria para a cama dos pais depois de ter um pesadelo.

— Sorrir é necessário. Não por você e sim por ela! Ela precisa acreditar, mesmo sabendo que é

mentira, que você vai ficar bem... — O empresário sabia bem como era aquilo.

Muitas vezes, quando o fim estava chegando, Chris se viu obrigado a sorrir para confortar a esposa. Nesses momentos, ele sussurrava ao seu ouvido: “Vai ficar tudo bem!”.

— Pai, eu não posso deixar que ela morra! — Gabriel tentava respirar, mas não conseguia. — Como eu vou viver sem ela?

Christopher sorriu e levou o filho para perto da cama e sentou. Gabriel se sentou no chão e puxou as pernas para junto do corpo, apoiando a cabeça sobre os joelhos.

— Quando perdemos o amor da nossa vida, não conseguimos mais viver. Aprendemos a sobreviver, um dia de cada vez! — Sentindo um arrepio, o empresário prosseguiu: — Tem dias que acordamos ouvindo a voz dela ao nosso lado e pensamos: “Foi só um pesadelo! ”, mas, quando olhamos, ela não está lá.

Pela primeira vez, Gabriel estava surpreso com as palavras do pai.

— Depois, nos culpamos porque não demos o

melhor de nós, ou não tentamos de tudo para ela se curar. A culpa e a saudade corroem a nossa carne. Tudo se transforma em veneno que, então, passa a correr em nossas veias. Para conseguir continuar vivendo, estabelecemos um foco e não nos desviamos dele... — Christopher estava chorando. — O pior é quando o nosso filho nos lembra, a cada minuto, através de gestos, palavras e atitudes, do amor que perdemos. É nesse ponto que nos afastamos, para tentar não sofrer mais...

— Pai! — O jovem tentou falar, ao perceber o desabafo do pai.

— Sabe, Gabriel, quanto mais sofremos, mais nos afastamos de quem amamos. Mesmo depois de tantos anos, eu não consegui superar a morte da sua mãe. Não me pergunte se você vai conseguir superar a perda dessa moça, porque eu não sei! — O homem bateu na perna do filho. — De uma coisa tenho certeza: se ela é o amor da sua vida, como eu acho que é, aproveite cada minuto ao seu lado; transforme os minutos em horas, as horas em dias e guarde bem dentro do seu coração as lembranças para que, depois, você possa sobreviver!

Pai e filho choravam abertamente, sem medo de mostrar suas fraquezas. Finalmente compartilhavam algo. Infelizmente, era algo doloroso!

— Como é mesmo o nome dela? — Christopher perguntou, olhando para Gabriel.

— Julie! — Ele respondeu, voltando a secar as lágrimas.

— Julie está em boas mãos com Carl Monroe. Ele é um bom médico, ótimo profissional e o hospital é referência. Podemos procurar outros especialistas, disponibilizar o avião, ou até levá-la para fora do país. Mas, você já se perguntou se é isso que ela quer? — A pergunta pegou o bailarino de surpresa.

— É claro que é isso que ela quer! — As palavras vieram carregadas de raiva.

O empresário riu por causa da petulância do filho e meneou a cabeça. No entanto, entendia o rapaz, pois ele também pensava assim.

— Gabriel, há quanto tempo a Julie sofre com essa doença? — O pai quis saber.

— Doze anos! — O jovem percebeu que aquele

pequeno número representava muito tempo.

— Doze anos? — Christopher se surpreendeu e Gabriel confirmou. — Quando sua mãe estava nos piores momentos, ela só queria que tudo terminasse logo. Foram apenas seis meses, mas o sofrimento foi tão profundo, que ela só queria descansar. Você acha justo que essa garota continue sofrendo?

A pergunta teve o mesmo efeito de um tapa desferido no rosto do bailarino.

— No fim, o corpo da sua mãe não suportava mais, nem o psicológico. Ao todo, foram dois anos lutando contra o câncer. Quando ela cansou de lutar, eu aceitei. Porque sabia que aquela não era vida nem para sua mãe, nem pra mim e nem pra você, que era apenas uma criança! A batalha dessa garota já completou doze anos! Pense em como deve ter sido a sua vida! Ela deve estar cansada. Por conta de nosso egoísmo, queremos mantê-las aqui...

— Eu sou egoísta por querer tê-la do meu lado?! — O comentário do pai deixou-o atônito.

— Todos somos egoístas quando queremos segurar alguém que está sofrendo do nosso lado.

Mesmo desejando sofrer no lugar da pessoa que amamos, somos egoístas! Elas precisam sentir paz e descansar! — Gabriel foi tocado pelas palavras do pai. Afinal, ele já tinha passado por tudo aquilo. — Eu prometo que vou ajudar no que puder, mas pense, Gabriel! Será que ela quer continuar sofrendo?

— Pai... Eu a amo de verdade! — O bailarino afirmou sinceramente.

— Eu sei. E tenho certeza de que ela também te ama. Mas o amor não é uma prisão. Não podemos perpetuar o sofrimento de alguém apenas para que nós sejamos felizes! Mesmo sofrendo, eu quis manter a sua mãe ao meu lado. Até o dia em que ela me pediu: “Deixa-me partir! ”.

Gabriel se ajoelhou e abraçou o pai. Os dois choraram suas dores, compreendendo o sofrimento que tinham em comum.

Capítulo 48

Uma oferta de ajuda

A noite passou lentamente. A todo instante Gabriel verificava se Ema ou Carl lhe mandaram alguma mensagem. Tentou dormir, mas conseguiu apenas rolar na cama. Não parava de pensar que Julie estava morrendo. Uma pessoa especial como ela não deveria ser obrigada a passar por isso! O bailarino não conseguia imaginar sua vida sem a namorada e sentia uma angústia terrível. Esperava que o dia amanhecesse para voltar ao hospital. Enquanto aguardava, mandou mensagem para Liza, contando sobre a situação da pianista.

Nova York amanheceu fria e nebulosa, indicando que poderia chover a qualquer momento. O vento frio anunciava um inverno rigoroso. Os moradores acabam aprendendo a distinguir os

sinais do clima local. Gabriel abriu as cortinas e encostou a cabeça no vidro gelado; o contato com sua respiração quente embaçou a vidraça. Afastando-se um pouco, ele escreveu com o dedo: “Te amo, Julie”. Agora, precisaria enfrentar a realidade! Tinha esperanças de ver a namorada naquele dia e não estava disposto a ouvir um “não” como resposta.

No banheiro, ele abriu o chuveiro e, enquanto esperava a água esquentar, observou seu reflexo no espelho. Seu corpo chamava a atenção de homens e mulheres; elasticidade e disciplina ajudaram a aperfeiçoar o que já era naturalmente belo. Mas de que lhe serviria a beleza se o que realmente lhe importava estava vivendo em uma contagem regressiva? Em um acesso de fúria, o jovem socou a bancada de mármore, fazendo tudo o que estava em cima balançar perigosamente. Queria poder fazer alguma coisa para mudar aquela situação!

Na sala de jantar, Christopher lia o jornal atentamente. Quando Gabriel entrou e cumprimentou o pai, ele descartou o pedaço de papel e ofereceu toda sua atenção ao filho.

— Como foi sua noite? — O empresário perguntou.

— Não consegui dormir. O senhor vai mesmo ajudar a Julie? — O bailarino encarava o pai.

— Gabriel, essa jovem está em ótimas mãos! Se houver alguma coisa que possamos fazer, vamos ajudar... — O homem tomou um gole de café. — Precisamos ser cuidadosos para não constranger a mãe dela com nossa oferta. Mas minha resposta é a mesma. Vamos ajudar no que for necessário!

Gabriel sorriu e tentou se alimentar, mas a comida parecia um pedaço de pedra em sua boca, tornando difícil engolir alguma coisa. Ele continuava verificando o horário; queria ir logo ao hospital e descobrir como Julie estava se sentindo. Pai e filho comeram em silêncio e, quando saíram, o motorista já os esperava.

— Peter, vamos para o Hospital Mount Sinai! — Ordenou o empresário, causando espanto no funcionário.

Chegaram em pouco tempo, pois o hospital não ficava longe da casa dos Taylor. Diante do edifício, Christopher sentiu um aperto no coração. Anos

atrás passara algum tempo ali, acompanhando a esposa e não tinha boas memórias do lugar.

Pai e filho subiram para o andar em que Julie estava internada. Encontraram Ema e Carl, os dois conversavam próximo ao posto de enfermagem e se aproximaram do casal.

— Bom dia, doutor Carl. Como ela está? — Ansioso, Gabriel cumprimentou a mãe de Julie com um aceno de cabeça.

Quando se virou, o médico encontrou o pai do jovem e sua expressão se modificou. Voltando a olhar para o bailarino, ele respondeu:

— Julie passou bem a noite, apesar do quadro complicado. Hoje a febre baixou. Acredito que logo teremos boas notícias! — Então, o médico se dirigiu ao empresário: — Como vai, Christopher?

— Quanto tempo, Carl! — Em seguida, o empresário olhou para Ema e se apresentou. — Muito prazer. Meu nome é Christopher Taylor. Sou o pai do Gabriel!

Ema aceitou a mão que ele lhe estendia, mas sentiu-se desconfortável por ser o foco dos olhares de dois homens.

— Prazer... — Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Ema foi interrompida.

— Estou aqui para oferecer ajuda. Se houver alguma coisa que possamos fazer para salvar ou ajudar a Julie, dentro ou fora do país, pode contar com a nossa família! — O empresário sorria amavelmente.

Carl ficou irritado com a oferta e respondeu por Ema.

— Acha que a equipe médica deste hospital não está fazendo o melhor para Julie? — O tom de voz do médico deixava claro o seu desagrado.

— Não, Monroe! Sei que este hospital é uma referência no assunto. Por isso apoiamos com generosas doações. Mas caso exista mais alguma coisa que possa ajudar, Gabriel, eu e o restante da família... — O homem foi bruscamente interrompido.

— Como sempre, você vem exibir o dinheiro e o nome dos Taylor! O que vai fazer em seguida? — Carl não parecia gostar muito do empresário. Na verdade, ele estava bem desconfortável.

— Carl, nossas divergências não são

importantes! O assunto aqui é a saúde da namorada do meu filho! — Havia um tom de arrogância na voz do empresário.

— O poderoso Christopher Taylor ainda consegue se preocupar com alguém? Acho que não entendi suas verdadeiras intenções... — A raiva do médico começava a ficar evidente. — Está duvidando da minha capacidade como médico?

Christopher deu um passo na direção de Carl.

— Não duvido da sua capacidade, mas você também não conseguiu salvar a minha mulher! — A acusação foi feita em tom de mágoa.

O médico olhou para Ema e informou:

— Ema, eu preciso ver outros pacientes. Gostaria da sua autorização para que o Gabriel possa ver a namorada. — A mulher sorriu e deu uma resposta positiva. — Um coração apaixonado precisa ser tranquilizado!

O alívio preencheu o coração do bailarino. Segurando a mão da “sogra”, o jovem balbuciou um “Obrigado!”. Carl olhou para Christopher, mas não fez nenhum comentário, preferindo conduzir Gabriel para ver Julie. Observando os dois se

afastarem, Ema comentou:

— O seu filho tem um coração enorme! — A mulher se obrigou a sorrir.

— Ele é a imagem da mãe! Na verdade, é a cópia perfeita dela. Generoso, apaixonante e intenso... — O jovem estava radiante por poder rever a namorada. — Ele foi a melhor coisa que eu fiz na vida! Aceita tomar um café comigo?

Ema, mais uma vez, forçou um sorriso e aceitou o convite. Enquanto caminhavam para a cafeteria do hospital, os dois fizeram o percurso no mais absoluto silêncio. O que Julie comentara a respeito do pai de Gabriel fazia com que a mulher se sentisse desconfortável ao seu lado.

Capítulo 49

Um desabafo

A cafeteria era frequentada por médicos, familiares de pacientes, enfermeiros e funcionários do hospital. Christopher abriu a porta e deu passagem a Ema, que sorriu diante da delicadeza. O empresário pediu um café forte e ela preferiu um chá. Ele pagou e recebeu uma bandeja com as bebidas. Os dois sentaram em uma mesa ao fundo do salão, onde poderiam conversar com tranquilidade e privacidade.

Ema começou a girar o saquinho de chá em sua xícara quase em um movimento inconsciente.

— Imagino que não seja fácil! — O empresário forçou um sorriso. — Quando minha esposa estava no fim de sua vida, eu tinha tantas perguntas... Para a maioria, eu ainda não tenho uma resposta!

— A diferença é que a Julie é um pedaço meu... — Ema abria o coração com alguém que poderia entender um pouco de sua dor. — Julie sempre aceitou a situação. Eu, não! Sempre me perguntei o que fiz de tão errado para minha filha sofrer desse jeito!

— Acredito que ainda não tenha achado a resposta... — Ema acenou negativamente e Christopher continuou: — Quando a mãe do Gabriel morreu e ele me encarava, perguntado por ela, seus olhos pareciam me acusar de alguma coisa!

O comentário fez a mulher sorrir tristemente.

— Eu acredito que poderia ter feito algo mais para salvá-la. Talvez eu devesse ter procurado outro médico, ou outro país... Talvez ela ainda estivesse aqui! — A mãe de Julie conseguia entender o empresário completamente. — Por isso ofereci ajuda. Meu filho está sofrendo e...

— Não confia no doutor Carl Monroe? — Ema indagou e tomou um gole de seu chá.

Christopher sorriu com a pergunta direta e mexeu seu café.

— Carl é um bom médico, um grande profissional. Mas nós não nos entendemos muito bem... — O empresário afirmou.

As lembranças do passado desfilaram, como cenas de um filme, diante dos olhos de Christopher. Por alguns instantes, ela voltou a ser jovem. Lembrou-se de como se sentiu ao ver a mulher mais magnífica do mundo. Sophie usava um vestido floral e um sorriso encantador. Ela havia sido convidada para um encontro marcado por colegas de faculdade. Já a virá algumas vezes, mas nunca esteve tão perto antes. Seus olhos eram cheios de vida e atraíam Christopher como um ímã. Quando percebeu que estava sendo observada, ela sorriu.

— Ela tem namorado. Pode esquecer qualquer ideia! — Um amigo de Chris sussurrou.

— Que ideia?! — Ele brincou.

— Chris, ela é filha de um casal milionário de Nova York. O namorado é filho de uma das famílias mais tradicionais da cidade. E você não é nada! — O amigo arrastou o jovem de volta à realidade.

— Sou mais eu do que qualquer herdeiro riquinho! — Chris mantinha os olhos fixos na jovem.

Naquele instante, Carl se aproximou do grupo, sentou ao lado de Sophie, arrancou um beijo da namorada e falou algo ao ouvido da moça. Chris não parou de observar nem por um instante.

— Segura a tua onda. Não vai querer arrumar problema com essa gente! — O amigo advertiu.

— Essa mulher vai ser minha. Pode escrever!

As palavras de Christopher refletiam seu desejo. Em pouco tempo, Sophie rompeu o namoro de anos para se casar com o jovem ambicioso, sedutor e loucamente apaixonado. Carl nunca perdoou a rejeição. Quando descobriram o câncer, o ex-namorado era um dos membros mais promissores da equipe comandada por um médico renomado e foi o primeiro a atendê-la.

Voltando ao presente, o empresário sorriu, olhando para Ema.

— Quando ofereci minha ajuda, não tinha a intenção de desprestigiá-lo ou diminuir suas qualidades profissionais. Mas meu filho está

desesperado e... — Ele se interrompeu antes de dizer: “não quer perder a sua filha!”.

— O Gabriel é um bom rapaz. Deve estar orgulhoso! — Ema elogiou com sinceridade.

— Durante esses anos, acabei me afastando demais do meu filho e deixei de enxergar suas qualidades. Acredito que ele herdou tudo isso da mãe! — Christopher revelou.

— Por que se afastou dele? — Ema estava curiosa.

Julie contou como conheceu o pai do namorado e, no momento, ela ficou chocada com o desenrolar da história.

— Gabriel é uma fotocópia da mãe. Ele tem o mesmo olhar, sorriso, delicadeza e simpatia. Para mim era um tormento ficar junto dele, pois me lembrava de que o amor da minha vida não estava mais aqui! — O empresário não gostava de falar sobre a vida pessoal, mas Ema o deixava à vontade. — Ele sempre foi muito delicado e tem a capacidade de fazer com que as pessoas o amem. Eu queria um filho parecido comigo para que não sentisse a presença de Sophie em todos os

momentos.

— É bom sentir a presença de quem amamos! — A mulher sorriu.

— Sim, mas apenas quando isso não nos atormenta! Eu queria que Gabriel fosse igual a mim! Mas quanto mais exigia isso dele, mais ele ficava igual à mãe. E logo depois veio a história do *ballet.* Eu não queria um filho bailarino! Aos poucos, um abismo se abriu entre nós... — Falando em voz alta, o empresário percebeu que tinha uma visão muito distorcida do filho. — As escolhas dele foram muito diferentes de tudo o que eu imaginei.

— Nós planejamos a vida dos filhos como se eles fossem nossos. Mas não são! — Ema sorriu ao se lembrar de tudo o que imaginara para Julie antes de descobrir que ela estava morrendo.

— Só reconheci um pouco de mim no Gabriel quando, ontem, ele veio me pedir ajuda para salvar a sua filha! — Christopher estava emocionado. — Em dezenove anos, essa foi a primeira vez que percebi que nós dois temos a mesma capacidade de amar e sofre por amor.

Ema tocou a mão do empresário, buscando

consolá-lo, e ele se obrigou a sorrir em agradecimento.

— Ontem à noite, Gabriel chorou ao me pedir ajuda. Ele prometeu que deixaria a dança se eu ajudasse. E a dança é a maior paixão de sua vida! Quando vi meu filho sofrendo... — Christopher teve que fazer uma pausa para respirar. — Eu percebi o tamanho do meu egoísmo ao querer que ele fosse moldado à minha imagem. Entendi que, por ele, posso fazer qualquer coisa!

— Entendo perfeitamente. Se pudesse, eu daria a vida pela minha filha! — Ema começou a chorar.

O empresário pegou um lenço branco e ofereceu à mulher, que secou as lágrimas e sorriu em agradecimento. O homem se sentia angustiado por não poder fazer nada por ela e nem pelo filho. Era desesperador saber que tudo estava terminado, Ema sabia que não existia nada para fazer, inclusive os sonhos que tinha em relação à filha, ainda tão jovem.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 50

Para sempre

O quarto estava quente, os aparelhos emitiam bipes constantes. Na cama, Julie parecia uma personagem de conto de fadas, aguardando um beijo para despertar. As mãos da jovem estavam quietas junto ao corpo; os dedos não se movimentavam, dedilhando o piano imaginário, como era seu costume. Gabriel não conseguia afastar os olhos da namorada; tinha esperanças de que ela abrisse os olhos, sorrisse e dissesse: “Vai ficar tudo bem!”. Mas isso não acontecia.

Dando a volta na cama, o jovem se aproximou e sussurrou:

— Estou aqui! Julie, acorda. Por favor! Eu já sei de tudo, mas preciso que me ensine a viver sem você!

O rosto sereno causava certa irritação ao bailarino. Mesmo depois de tanto sofrimento, ela mantinha uma aura de perfeição e tranquilidade. O rapaz sentou na cadeira e apoiou os cotovelos na cama. Delicadamente segurou a mão da jovem, beijou-a e começou a traçar suas veias com os dedos.

— Não é justo entrar na minha vida e sair dela sem mais nem menos! Julie, como vou viver sem você? — Gabriel esperava uma resposta. — As últimas horas foram insuportáveis. A dor em meu peito só aumenta, assim como meu amor por você. Mesmo sabendo que temos pouco tempo para ficar juntos... Estamos nos últimos compassos de uma dança, mas eu não quero parar de dançar!

A frequência dos bipes aumentou. Na tela, a representação dos batimentos cardíacos da pianista ficava mais forte. O quarto e todos aquelas máquinas deixavam o rapaz apreensivo, mas ele tinha o impulso de continuar falando, mesmo sabendo que a jovem poderia não estar ouvindo.

— Eu te amo como nunca pensei amar alguém! Ainda mais sendo uma garota! Diga que está me

ouvindo! — O pedido soava como uma ordem. — Quando te vi pela primeira vez, senti algo diferente, especial... Você estava nas escadas com a Liza, me vendo dançar. Ao perceber que você estava olhando para mim, eu pensei em parar, mas uma voz dentro de mim dizia que eu devia continuar. Eu dancei para você naquele momento! Tudo o que eu fazia te irritava... Nosso primeiro beijo, nossa primeira vez. Julie, você está marcada em mim como uma tatuagem!

Ao ouvir as palavras sinceras, uma lágrima rolou pelos olhos da pianista. O som da voz de Gabriel a acordara, mas, por medo de encará-lo, manteve os olhos fechados. Percebendo as lágrimas da namorada, o bailarino levantou e beijou seus lábios ternamente. Ela fechou os olhos com mais força, arrancando um sorriso do rapaz.

— Já fez o papel de Bela Adormecida, agora pode abrir os olhos! — Ele brincou.

— Me perdoa... — A voz de Julie estava muito baixa e ela falou com dificuldades, ainda com os olhos fechados.

— Te perdoar? Pelo quê? — Ele estava surpreso

com o pedido.

— É por minha culpa que você está vivendo essa situação... — Gabriel cobriu a boca da jovem com os dedos.

— Julie Garrow, eu viveria tudo de novo, todas as vezes que me fossem possíveis! Você foi a melhor coisa que já me aconteceu! Agora, por favor, olhe para mim!

Lentamente, os olhos brilhantes foram revelados, encantando o bailarino sorria para a namorada. A expressão de Gabriel mudou instantaneamente, ficando iluminada e radiante.

— Eu te amo, Julie Garrow! — Ele declarou.

— Eu ouvi há pouco...

Emocionado, ele abraçou e apertou a namorada contra si. A emoção da jovem fez que os aparelhos apitassem com intensidade e o namorado a soltou rapidamente.

— Está tudo bem? — Julie acenou positivamente. — Nós não devíamos ter feito aquilo!

A pianista não conseguiu entender o comentário do namorado.

— Por que não falou que poderia piorar? — Diante da expressão de confusão da jovem, Gabriel esclareceu: — Sexo. Não devíamos ter dormidos juntos!

— Não, Gabriel! Eu não piorei por isso... — Ela entendeu que o bailarino se culpava. — Nós passamos a noite juntos porque eu queria guardar aquele momento comigo, para sempre!

— Sempre?! Esta palavra não nos pertence... — O sofrimento do jovem era palpável.

— O “Para sempre” é nosso! Quando sentir o vento te tocar, serei eu. Eu vou estar na música quando você dançar! E quando sonhar comigo, eu estarei ao seu lado! — Julie acariciou o rosto do namorado com mãos trêmulas.

— Como consegue ficar tranquila sabendo que...? — Ele não conseguiu concluir a frase.

— Talvez seja porque estou vivendo tudo o que sempre sonhei... — Julie pensou no amor que os dois compartilhavam. — Na verdade, estou vivendo mais do que tudo que sonhei! Eu queria passar alguns meses vivendo como uma jovem normal, estudando em uma conceituada escola de

Arte; mas veja só o que eu consegui! Gabriel, já são doze anos sofrendo. Eu não aguento mais!

— Carl me contou! — Gabriel disse.

— Então, você entende! Eu queria apenas viver como alguém normal e a vida me deu você para eu saber o que é amar! Vai ser mais difícil partir agora. Mas eu vou, por fim, descansar. E sei que sempre serei uma boa lembrança para você! — Julie estava em paz.

— Julie, eu não estou preparado para te perder! — As palavras de Gabriel estavam carregadas de dor e medo.

— Eu sei como você se sente. Eu não estava preparada para te amar. Acho que o medo é parecido! — Ela sorria, olhando-o nos olhos.

Julie se afastou um pouco e o namorado deitou ao seu lado. Os dois deram as mãos e ficaram em silêncio. Não existiam palavras suficientes para expressar o que se passava em seus corações. O sentimento que os unia era muito forte, mas não conseguiria vencer a morte.

A moça estava em paz de alguma forma, sentia que estava perto o fim e de alguma forma tentava

transmitir essa sensação a quem estava junto dela, especialmente para a mãe e Gabriel, o sonho que tinha tido depois de se ter entregue ao bailarino, ajudava a acreditar que existia algo mais depois que fechasse os olhos e isso dava a certeza que não era um adeus e sim uma breve partida para se juntarem mais tarde.

Capítulo 51

Não quero!

Nos últimos quatro dias, Julie conseguira recuperar uma parcela de sua energia. A jovem só falava em voltar para Juilliard, surpreendendo a todos. Ela quase morrera e, agora, insistia em receber alta para voltar a estudar. Carl e Ema estavam aliviados e preocupados com a vontade expressa pela jovem.

Desde o fatídico fim de semana, os cabelos da pianista caíam em grande quantidade e, com a retomada da quimioterapia, o processo se agravaria.

Ema ligou para Gabriel contando o que estava acontecendo. Precisaria da ajuda do namorado da filha.

— Por favor, Gabriel, preciso que esteja aqui bem cedo. Essa sempre foi a pior parte para Julie!

— Ema implorava.

— Claro que pode contar comigo! Estarei aí bem cedo! — Gabriel sentiu uma aflição crescente.

O bailarino ficou pensativo após a ligação. Estava em sua cama, no dormitório da escola, vestindo apenas calça de moletom e meias. Em meio aos pensamentos, ouviu uma batida na porta. Liza e Thomaz sorriam forçadamente e Gabriel se afastou para que os dois entrassem. Todos se acomodaram e o dono do quarto sentou, puxando as pernas para junto do peito. Ele estava visivelmente preocupado.

— Como ela está? — Liza perguntou, com medo da resposta.

Thomaz apenas encarava o amigo.

— Aparentemente bem, mas... — Gabriel parou de falar e ficou pensativo.

— Mas...? — Thomaz esperava mais detalhes.

— Amanhã ela vai cortar o cabelo. A quimioterapia já está fazendo efeito e, para ela, esse é o pior momento. Por isso a mãe dela pediu que eu esteja lá para apoiá-la. — Os olhos dele estavam cheios de lágrimas.

Thomaz e Liza olharam se entreolharam, compadecidos com o sofrimento do casal.

— Amanhã nós podemos ir com você... Você quer? — A atriz ofereceu, olhando para Gabriel e Thomaz.

— Sim. Eu vou precisar porque não sei como vou reagir! — Gabriel chorava, mas tentava disfarçar as lágrimas. — Julie está muito mal e eu não sei como vou conseguir ser forte por ela.

Os três passaram algum tempo abraçados. Thomaz e Liza tentavam transmitir um pouco de esperança e positividade para o bailarino, Julie tinha de alguma forma tocado a todos na sua breve passagem na Juilliard, até quem não conhecia muito bem a jovem ficava chocado com a história da sua doença.

No hospital, Carl e as enfermeiras esperavam que Ema convencesse a filha a cortar os cabelos. Ema olhava o relógio a cada instante, desejando que Gabriel chegasse para ajudá-la, a longa conversa com a filha não tinha dado em nada, então esperava a ajuda do rapaz para demover a ideia da

filha.

Julie passou dez anos sonhando com as longas mechas loiras e achava muito difícil se desfazer delas, imaginar cortar o seu cabelo era uma ideia que não tinha qualquer sentido para a moça naquele momento.

— Não! Eu não vou cortar! — A pianista virou o rosto para que não vissem suas lágrimas.

— Julie... — Ema tentou argumentar.

— Não, mãe! Eu aceito os remédios e todo o resto, mas não vou cortar o cabelo de novo! — Se dirigindo à enfermeira, a jovem disse: — Pode levar tudo isso embora!

Julie encarou a tesoura e a máquina para que fosse usada para cortar o seu cabelo, Carl sentou-se ao lado da paciente, segurou sua mão e começou a falar.

— Julie, eu sei que é difícil. Mas seus fios vão continuar caindo cada vez mais e... — Ela interrompeu o médico.

— Ele pode cair, mas eu não vou cortar! — A jovem chorava.

Nesse momento, ouviram uma batida na porta.

Uma das enfermeiras recebeu Gabriel, cujo sorriso foi diminuindo ao ver quantas pessoas estavam no quarto. A mulher impedia a passagem do rapaz e chamou o médico.

— Doutor? — A enfermeira esperava que o médico autorizasse a entrada do rapaz, acompanhado por Liza e Thomaz.

O médico vendo Gabriel e os colegas da escola de Julie, fez sinal permitindo a entrada do grupo no quarto, percebendo o clima tenso no quarto, o bailarino se aproximou para beijar a namorada e ela virou o rosto para que ele não a visse chorando.

— Eu também te amo! — Ele comentou e olhou para Ema.

— Oi, Julie! — Liza e Thomaz falaram ao mesmo tempo.

A pianista encarou a mãe com olhos raivosos antes de se voltar para os amigos, sabia que a presença deles tinha o dedo de Ema.

— Vocês não deveriam estar assistindo aula? — Julie perguntou com um sorriso contrariado no rosto.

— Não está feliz em nos ver? — A atriz

perguntou, fingindo tristeza.

— É bom te ver, Liza! — A jovem respondeu e ganhou um abraço. — Você também! — Ela disse para Thomaz.

— Estamos aqui para te apoiar. Em tudo! — Liza sussurrou.

Olhando para cada pessoa em seu quarto, Julie falou:

— Eu não vou cortar o cabelo! — A garota estava decidida e isso era perceptível na sua voz.

Diante da firmeza na atitude da namorada, Gabriel tomou uma decisão imediata.

— Tudo bem! Já que você tem tanta certeza... Mas não posso desperdiçar o trabalho que todos tiveram! — O bailarino sentou e pegou a máquina das mãos da enfermeira. — Acho que vou ficar bem com um visual novo!

Sem pensar duas vezes, Gabriel passou o aparelho rente ao couro cabeludo. Instantaneamente, fios loiros começaram a cair no chão. Presenciando a cena, Julie gritou:

— NÃO! PARA! — A pianista estava triste.

Quando Gabriel se virou para a namorada, uma

faixa sem cabelos percorria a cabeça por onde passou a máquina, Julie ficou chocada com aquela visão.

— Por que fez isso? Não precisava fazer isso só para tentar me convencer! Sinto muito, Gabriel. Mas eu não vou cortar o meu cabelo! — Julie começou a chorar e o namorado correu para perto dela. — É a primeira vez que tenho cabelo de verdade. Quando era criança, meu cabelo começava a crescer, mas os ciclos de quimioterapia eram muito próximos e eu logo ficava careca. Por mais de dez anos fui obrigada a usar gorros, bonés e lenços...

Ema chorava ao recordar aqueles momentos.

— Eu vou morrer, mas me recuso a abrir mão do meu cabelo de novo. Sei que ele vai continuar caindo, mas não me importo. Sempre quis ter cabelos longos e, agora, vocês querem arrancar um dos meus sonhos?! — Olhando para o médico, com lágrimas, a garota perguntou: — Vou ficar curada se raspar a cabeça?

Carl sentiu a garganta apertando diante da pergunta. Ele balançou a cabeça para os lados,

indicando que não.

— Então, já que vou morrer, escolho levar meu cabelo comigo! — Voltando a olhar para o namorado, ela concluiu: — Sinto muito, mas não vou cortar!

Abraçando a amiga, a atriz brincou:

— Ainda bem que eu não fui a primeira a sentar naquela cadeira. Porque nós decidimos que íamos fazer tudo o que Gabriel fizesse! — Elas sorriram. — Eu admiro você!

— Vocês são doidos! Muito obrigada! — Disse Julie, bastante emocionada.

— Então... Vamos terminar? — O bailarino pediu ajuda para a enfermeira.

A enfermeira, assim como os outros, estava emocionada com a atitude de Gabriel e dos amigos, especialmente depois de ouvir a paciente abrindo o coração e falando sobre momentos tão difíceis.

Pouco a pouco, os belos cabelos loiros do bailarino caíram no chão. Ele estava satisfeito com sua decisão. Agora, Julie tinha certeza de que ele estava disposto a tudo para ajudá-la na reta final de sua caminhada.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 52

Central park

Pouco a pouco, a rotina tentava se infiltrar na vida novamente. Todos tentavam esquecer a contagem regressiva que assombrava Julie, mas era quase impossível. Quando ela voltou para Juilliard, todos já tinham conhecimento de sua situação. Para a jovem era terrível presenciar os olhares de pena que lhe dirigiam quando pensavam que ela não estava prestando atenção. A pianista só queria terminar seus dias como uma pessoa normal. Mas o único que a tratava da mesma forma era o professor *Snape*, com quem passava algumas horas diárias, finalizando sua composição.

Naquela manhã, os dois estavam no escritório do professor. Em determinado momento, ele pegou um envelope pardo de uma das gavetas e entregou à

pianista.

— O que é isso? — Julie questionou.

— Pode abrir. Acho que vai gostar! — O homem respondeu, tirando os óculos.

Abriu o envelope e retirou uns documentos do seu interior. Um enorme sorriso surgiu no rosto da jovem. Emocionada, ela custava a acreditar no que estava escrito nas folhas de papel em suas mãos.

— Sim! “Lembrança de Julie” é uma obra devidamente registrada. Parabéns! — O homem bateu palmas, mostrando satisfação. — Agora, a sua obra é eterna, da maneira como você sempre sonhou, senhorita Garrow. Seu trabalho está perfeito! Assim encerramos nossa parceria, mas, antes de nos despedirmos, gostaria de propor um desafio!

Julie assumiu uma expressão que era a mistura perfeita entre surpresa e curiosidade.

— Quero que toque sua composição, acompanhada por uma orquestra, em nosso auditório. Aceita? — Era a primeira vez que ela via o homem sorrir.

Sem emitir um único som, a jovem se levantou e

abraçou o professor, manifestando sua aceitação.

— Muito bem, senhorita Garrow! Em algumas semanas, todos conhecerão a sua obra prima! — Ele declarou emocionado.

Todos estavam reunidos na mesa habitual do refeitório quando Julie entrou, eufórica. Liza e Gabriel estranharam a expressão radiante, acompanhada pelo enorme sorriso. Quando a jovem se aproximou, os outros amigos ficaram constrangidos.

— Gente, eu vou morrer, mas vocês podem continuar vivendo! — A pianista falou em um tom descontraído, embora, no fundo, estivesse irritada por não saberem como reagir à sua presença.

— Julie! — Gabriel não gostou do comentário.

— Gabriel, é muito ruim quando as pessoas se incomodam com a sua presença e demonstram medo de se comportar normalmente perto de alguém que vai morrer! — Ela disse, furiosa com a situação.

Quando percebeu que todos no refeitório estavam olhando para ela, Julie começou a chorar e se retirou. O bailarino pegou sua mochila e foi atrás

da namorada. A jovem tentou correr, mas não teve forças para tanto. Com falta de ar, ela encostou-se a uma das paredes, tossindo e tentando forçar os pulmões a respirar normalmente.

— Calma! Fica calma... — O bailarino puxou-a para um abraço. — Você precisa entender que as outras pessoas não têm a mesma força que você! Eu não tenho!

— Eu só quero ser uma garota normal! — Julie falou, escondendo o rosto no peito do namorado.

— Você pode ser tudo, menos normal! *Miss Perfect*, você é um exemplo a ser seguido. Por isso todos ficam com receio quando você chega! Por isso eu me apaixonei por você! — Gabriel a beijou carinhosamente, olhou nos seus olhos e sorriu. — Vamos sair daqui?

Julie concordou e abriu um sorriso para ele.

— E para onde quer ir? Paris, Rio de Janeiro...? Você escolhe! — O jovem perguntou, indicando os desejos da namorada eram ordens a ser cumpridas.

— Quero passear no Central Park! — O pedido surpreendeu Gabriel. — Mas quero passear em uma daquelas charretes puxadas por um cavalo branco!

— Uau! Eu ofereço Paris e ela me pede um cavalo branco no Central Park! — Julie olhava para o namorado como uma criança ansiosa para ganhar um presente. — Que seja o cavalo no Central park, então!

Os dois percorreram os corredores de Juilliard abraçados, como qualquer casal normal faria. Um táxi vazio passava na porta da faculdade quando eles saíram e, dentro de poucos minutos, estavam em uma das entradas do parque. O frio intenso incomodava um pouco, mas Julie demonstrava apenas felicidade.

— Acho que foi uma péssima ideia vir para cá! — Gabriel falou, mantendo-a junto de seu corpo.

— Não diga isso... — Julie ficou introspectiva.

Os dois passaram algum tempo sobre a ponte do lago, observando as copas das árvores balançadas pelo vento e os patos nadando no lago, Julie ficou pensativa e Gabriel percebeu. Ela encarou-o olhando bem fundo dos seus olhos.

— Gabriel, quero que me prometa uma coisa! — A pianista falou, automaticamente encostou a cabeça no peito do namorado, envolvida por seu

abraço.

— Prometer o quê? — Atônito, o rapaz perguntou.

— Promete que vai correr atrás do seu sonho?! Prometa! — O pedido era também uma ordem.

Sentindo um aperto no coração, o bailarino abraçou a namorada, não queria responder aquele “pedido”, apenas queria ficar para sempre assim como ambos estavam naquele momento.

— Você pede cada coisa, *Miss Perfect*! — Julie se afastou e encarou o rapaz.

O peso do olhar doce de Julie era mais do que o bailarino podia suportar e ele tentou desviar o olhar, mas a jovem segurou-o pelo queixo e voltou a olhar no fundo de seus olhos.

— Quero que, quando eu não estiver mais aqui, você continue vivendo o seu sonho. Não quero que desista da dança e de ser feliz. Por isso, prometa! Vamos lá, senhor Gabriel Taylor! Prometa! — O sorriso brilhante aliviou um pouco da tensão do momento.

— Julie... — A tristeza era perceptível na expressão do rapaz.

— Por mim! Prometa por mim! — A pianista implorava, embora continuasse tranquila.

Emocionado, Gabriel não conseguiu conter as lágrimas, seus dedos gelados limparam as lagrimas.

— Não quero que chore, apenas que faça uma promessa! — Julie insistia.

— Eu prometo... — O bailarino disse, abraçou a namorada e deixou que as lágrimas rolassem, demonstrando fragilidade.

O casal passou algum tempo abraçado. Aquela promessa seria a tábua de salvação de Gabriel. Mesmo enfrentando a dor da perda, o namorado cumpriria o compromisso que assumira com ela.

— Tira uma foto! — A jovem pediu, novamente surpreendendo-o, e já fazendo uma pose. — T-I-R-A uma foto!

Naquele instante, uma brisa inesperada fez o cabelo da jovem esvoaçar e seu rosto foi iluminado por um raio de sol, destacando o sorriso de alguém que se sentia em paz. Julie estava tranquila, feliz com o que vivera até o momento e o com o pouco que ainda lhe restava. A foto não refletia uma paciente em estado terminal, mas sim uma garota

cheia de vida, decidida aproveitar cada minuto intensamente.

Surpreso com o resultado, Gabriel lhe mostrou a imagem.

— Está perfeita! Use-a! — O jovem concordou com um aceno de cabeça ao pedido dela.

Passaram o resto da tarde entre fotos beijos e abraços. Gabriel atendeu ao desejo da namorada e levou-a para passear de charrete, com direito a cavalo branco, como ela pediu. Para escapar um pouco do frio, o condutor lhes deu mantas quentinhas para cobrir as pernas. Enquanto o animal trotava pelo parque, Julie encostou o rosto no peito do rapaz e adormeceu, feliz.

Capítulo 53

O concerto

Uma semana passou desde o convite do professor e tudo já estava organizado. O estado de saúde de Julie inspirava pressa. A composição da jovem foi ensaiada e a orquestra estava pronta. Na entrada do auditório, Ema estava parada diante de um enorme *banner* com a fotografia da filha. Um arrepio percorreu o corpo da mãe ao encontrar a filha sorrindo e recepcionando os convidados. Até mesmo os patrocinadores mais importantes de Juilliard foram prestigiar "a mais nova estrela de Nova York", como a jovem era descrita.

Trajando um belíssimo vestido preto, Ema lutava para manter as emoções controladas. O cabelo preso deixava o pescoço à mostra, completando o visual elegante. Subitamente, ela

sentiu um toque no ombro. Era Christopher, com um belo sorriso no rosto.

— Ema! — Ele cumprimentou-a. A voz do homem era rouca e sensual.

— Boa noite, senhor Taylor! — O “senhor” fez com que o homem fechasse o sorriso. Imediatamente, Ema se corrigiu. — Christopher...

— Não é assim tão difícil! — Olhando para o *banner,* ele comentou: — Sua filha está linda! Parece...

— Pensei exatamente a mesma coisa quando vi a foto! — Ela disse, emocionada.

— Acredito que será uma grande noite! — O empresário falou e olhou ao redor. — O doutor Monroe não veio?

— Ele não poderá vir. Motivos profissionais... Mas não, também não esperava sua presença! — Ema sorria, sendo observada pelo pai do bailarino.

— Há dias Gabriel não fala em outra coisa. Além disso, nossa família é uma das patrocinadoras da instituição. E estando presente, eu poderia voltar a vê-la! — O tom de voz sedutor deixava claro que o homem estava interessado.

O aviso sonoro indicava que o recital estava prestes a começar. Os presentes começaram a entrar e se acomodar no auditório. Christopher ofereceu o braço à Ema que, mesmo envergonhada, aceitou, exibindo um sorriso tímido. Atrás deles, uma voz conhecida gritou:

— PAIIIII!

Gabriel corria na direção dos dois. O jovem usava terno preto, camisa branca e gravata cheia de pedras cintilantes. Ele abraçou o pai e deu um beijo carinhoso em Ema.

— Trouxe? — O bailarino perguntou com olhos brilhantes.

Christopher bateu no peito, demonstrando que tudo estava de acordo com o plano. Gabriel abriu um sorriso enorme e o pai lhe entregou uma caixa. Ema observava os dois, extremamente curiosa. Os olhos do bailarino tinham um brilho incomum ao abrir a embalagem. Quando ele mostrou o conteúdo para a mulher, ela cobriu a boca com as mãos, abismada.

Era uma corrente com pingente em formato de Clave de Sol, cravejado com brilhantes de um lado.

Do outro lado, havia uma inscrição: “Amor Eterno”. Ema começou a chorar.

— Acha que ela vai gostar? — Nervoso, Gabriel perguntou a opinião do casal por serem mais velhos.

— É linda! Ela vai amar! Muito obrigada, Gabriel! — Ema estava muito emocionada com o gesto do rapaz.

O segundo sinal sonoro fez com que o trio se apressasse para encontrar seus lugares. No centro do palco, os músicos afinavam os instrumentos. Um enorme piano de cauda brilhava, chamando a atenção de todos. Alguns minutos depois, as luzes diminuíram de intensidade e o maestro caminhou até ao centro do palco, sendo aplaudido por todos. O homem cumprimentou a plateia e os músicos.

Em seguida, um foco de luz iluminou a entrada. Julie parecia uma princesa em um belo vestido branco. Sua entrada emocionou a todos. A jovem cumprimentou os músicos, o maestro e sentou-se ao piano. O contraste entre o preto do instrumento e o branco do vestido era hipnótico.

Os instrumentos começaram a tocar, em

seguida, a pianista iniciou sua participação. O auditório estava envolto em uma atmosfera de magia e perplexidade. Todos estavam comovidos com o talento da jovem pianista e por saber que, muito em breve, sua história chegaria ao fim. Os alunos de Juilliard choravam ao assistir a magnífica apresentação da *Miss Perfect.*

Emocionada, Julie tocava as teclas do piano e, também, os corações da plateia. Ema não podia estar mais orgulhosa ao presenciar a filha realizando um de seus sonhos. As lágrimas da mulher chamaram a atenção de Christopher, que lhe ofereceu um lenço e um sorriso tranquilo.

A certa altura do espetáculo, o maestro se dirigiu ao auditório e fez um anúncio surpreendente.

— Pela primeira vez, vamos tocar uma composição de Julie Garrow, chamada “Lembrança de Julie”!

O silêncio tomou conta de cada fila do auditório. A orquestra se preparou e um foco de luz foi posicionado sobre a pianista. Com dedos trêmulos, Julie começou a tocar sua obra prima. O som do

piano invadiu o coração de cada um. A composição era a combinação perfeita entre vida e despedida. Quando os violinos se uniram ao piano, cada espectador se arrepiou, as notas ganhavam vida e por momentos Julie sentiu o seu corpo a flutuar embalada na sua melodia, naquele momento ela se encontravam num êxtase que estava refletido em seu rosto, a intensidade da melodia era a mesma intensidade com que tinha vivido a sua vida.

Ema e Gabriel choravam, emocionados demais para conseguirem se conter. A melodia parecia falar diretamente com a alma dos que a ouviam. O talento e simplicidade de Julie emocionaram toda a plateia. A jovem estava orgulhosa de seu trabalho e extremamente feliz.

Por cerca de doze minutos, a pianista compartilhou seus sentimentos com o público. Cada célula, nervo e músculo do corpo da jovem exalava a despedida harmônica que era expressa através de seus dedos habilidosos. A mensagem que transmitia incentivava todos a viver a vida, correr atrás dos sonhos e objetivos, sentir intensamente e amar com profundidade, amar com

paixão!

Naquela noite mágica, as notas compostas e arranjadas por Julie ganharam voz. A onda de emoção que varreu o auditório foi tão forte que todos, sem exceção, tiveram que secar algumas lágrimas, umas mais furtivas que outras.

As almas foram tocadas pela mensagem da canção, por momentos um filme passou pela sua memória, ela viu momentos de felicidade junto da mãe, as pessoas que conheceu no hospital nos seus momentos de internação, quem a auxiliava nos seus momentos complicados, as festas de aniversário passadas no hospital, o carinho da mãe e os momentos que passaram juntas, apenas momentos felizes povoaram as suas lembranças, os dias de Juilliard e os amigos que conheceu e fez, por fim Gabriel, todos os momentos juntos passaram diante dela, conforme via as cenas a moça sorria e dedilhava freneticamente as teclas do piano, seu corpo se arrepiou, seu coração disparou querendo sair do peito e um pensamento surgiu “Chegou ao fim a sua missão Julie Garrow, parabéns mesmo sofrendo você sorria e imanava amor ao seu redor,

agora é tempo de descansar”, uma paz invadiu o seu coração e aos poucos ela se aproximava do termino da sua melodia “Lembrança de Julie”.

Quando a pianista terminou a sua execução e se levantou, foi aplaudida de pé. Feliz, a jovem observava a plateia, procurando entre as filas até localizar a mãe e o namorado. Ao vê-los, também de pé, orgulhosos de sua conquista, Julie não conseguiu segurar a emoção. Nesse momento, a jovem sentiu algo molhado escorrendo de seu nariz. Seus olhos cruzaram com os de Gabriel, cujo semblante se alterava muito rapidamente, demonstrando pânico. O namorado começou a correr em sua direção e ela entendeu que algo estava errado.

A jovem passou a mão pelo rosto. Era sangue. O vestido branco ganhava o colorido das gotas vermelhas que não paravam de cair. Julie sentiu uma paz extraordinária invadindo lhe o coração, juntamente com uma tranquilidade que nunca experimentara antes. A plateia olhava para ela com uma expressão de desespero e a jovem queria gritar que estava bem, mas não teve forças para isso.

Em questão de segundos sua visão começou a embaçar e o colorido das imagens foi escurecendo. Antes de adormecer, ela ouviu uma voz que gritava: “Julie! Julie! Por favor, me ajudem... Julie, por favor, fica comigo!”

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 54

A despedida

A maca que levava Julie passou voando pelos corredores da ala de urgência. Ela estava inconsciente e sua situação era bastante complicada. Paramédicos e funcionários do hospital faziam o possível para socorrer a paciente. A jovem lutava pela vida. A equipe percebia que ela queria mais tempo. Por vezes, sua pulsação desaparecia e, como por mágica, voltava a surgir. Aumentaram seu suprimento de oxigênio e aplicaram todos os medicamentos possíveis. Todos estavam familiarizados com a história da pianista e sofriam junto com ela.

Gabriel, Ema, Christopher e alguns amigos de Julie entraram apressadamente no hospital. Carl já os aguardava. A expressão do médico deixava claro

que não havia mais nada que ele pudesse fazer. Ao ver o médico daquela forma, Ema se desesperou; uma dor comparável à morte brotou em seu interior e ela abraçou o empresário, que a amparava.

— NÃO! — Ela gritou em sua agonia.

Os olhos acusadores de Carl faziam com que Christopher não soubesse bem o que fazer. Ainda assim, ele buscou consolar a mãe de Julie. Os olhares dos homens denunciavam a batalha silenciosa que era travada entre eles.

— Sinto muito, Ema! Ela está lutando e eu acho que sabemos o que ela quer fazer antes de partir... — O médico engoliu em seco.

— Eu quero ver a Julie! — Chorando, Gabriel implorou. O desespero na voz do bailarino angustiaria qualquer pessoa que o ouvisse.

A única certeza que o bailarino tinha naquele momento era de que precisava estar com Julie. O jovem estava sem chão, envolvido em um manto de dor e sofrimento. Carl confirmou que ele teria seu pedido atendido.

O grupo se encaminhou para o quarto onde Julie fora colocada. Os diversos aparelhos conectados ao

corpo da pianista emitiam os bipes usuais. Julie parecia dormir, longe da nuvem de desespero que cercava aqueles que a amavam.

Vendo a filha daquela forma, Ema chorou dolorosamente. Carl se manteve firme em sua posição de médico. Então, Christopher tomou para si a tarefa de confortar a mulher e colocou uma mão sobre seu ombro, oferecendo apoio. Ela se virou e encostou o rosto no peito do empresário, encharcando sua camisa com lágrimas.

No auge de seu desespero, Gabriel se ajoelhou ao lado da cama e segurou a mão da namorada.

— Julie! — Ele sussurrou, como se fizesse uma prece; esperando que um milagre acontecesse.

As lágrimas quentes molharam a pele fria da mão da pianista.

— E agora? Diz para mim! Você sempre tinha uma resposta... Como vou continuar andando sem você do meu lado? Eu não vou saber viver sem você!

Christopher sentiu a angústia do filho. Diante dele, o rapaz repetia a cena que ele protagonizara na morte da esposa. Ema continuava apoiada em

seu corpo, então o empresário olhou para o teto, tentando controlar a emoção.

— Ema, aproveite para se despedir! — Carl disse ao se aproximar da mulher.

Em prantos ela negou estar preparada para dizer adeus. Nesse momento, Julie emitiu um suspiro mais alto, chamando a atenção de todos. Lentamente, as pálpebras da jovem se moveram e seus olhos se abriram, aliviando, em parte, a tensão dentro do quarto.

Os olhos semiabertos permitiam uma visão embaçada daqueles que a cercavam. Ela pensava: “Sorria! Eles precisam saber que você está bem para que fiquem tranquilos!” e, apelando para suas últimas forças, a pianista sorriu.

— Meu amor! — Gabriel secou as lágrimas e sorriu para a namorada.

Julie continuou sorrindo, mas fechou os olhos. Era como se não tivesse energia suficiente para fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Nunca sentira tanta dificuldade para fazer algo tão simples...

— Minha menina, descanse! — Ema disse,

sentindo o sofrimento da filha.

Julie acenou com a cabeça, indicando que estava, de fato, pronta para descansar. A mãe se aproximou rapidamente, beijou o rosto da jovem e acariciou-a com mãos trêmulas.

— Eu estou bem! — Julie disse.

Sua voz fraca e sussurrante deixou todos arrepiados. Não soava mais como antes, suave e melodiosa. Agora, a voz da pianista estava impregnada com algo assustador. Apenas algumas horas atrás tudo estava bem. Mas as coisas podem mudar muito rapidamente...

— Mãe... Não sofra... Nem pense... Que podia... Fazer algo mais! — Julie estava cansada; parecia ter corrido uma maratona. — Minha hora chegou! Prometa... Que vai seguir... Com a sua vida... E ser feliz... Prometa!

Ema não conseguiu se controlar e chorou, sentindo uma tristeza profunda. Julie segurou a mão da mãe com forças que pareciam surgir do nada. Percebendo a intenção da jovem, Ema fez um aceno positivo com a cabeça.

— Eu cumpri... A minha missão... Agora

chegou a... Hora de partir... Amo a senhora... E sei que fui amada! — A pianista olhou para Gabriel, que chorava como uma criança. — Mãe, eu vou em paz... Eu vivi nos últimos... Meses o que... Não vivi a vida... Toda. Amei... E me amaram!

Erguendo a mão, a jovem tocou uma das lágrimas do namorado. Ele articulou a palavra 'não' e Julie voltou a sorrir.

— Não posso mais... Ficar... Você foi... O meu primeiro e... Único amor... Quando ouvir o vento... Ou uma nota... Musical... Serei eu... Dizendo... Te amo! — A cena era de partir o coração até da pessoa mais insensível. — Vou estar... Cuidando de... Vocês! Gabriel... Prometa que...

A pianista teve um acesso de tosse que assustou a todos. Imediatamente, Carl se aproximou de sua paciente.

— Não se esforce. Descanse, Julie! — Seu tom era gentil.

— Eu preciso falar... Obrigada, doutor... Por tudo! — O médico sorriu e meneou a cabeça em agradecimento. Ela voltou a olhar para Gabriel. — Prometa que vai... Continuar... O seu sonho... E se

tornar... Um grande... Bailarino!

O peito da pianista começou a emitir um chiado estranho e seus olhos se fixaram nos olhos de Gabriel, não se desviando até ouvir a resposta do rapaz.

— Como eu posso prometer algo e, ao mesmo tempo, não prometer? — Ele perguntou, beijando a mão da namorada.

— Promete! — O tom de voz mais firme provocou um novo acesso de tosse.

— Prometo, mas não me abandone! — Ele disse em um tom de desespero.

Lágrimas rolaram pelo rosto da jovem.

— Agora posso partir... Em paz... Eu te amo, mãe... Vivam a vida... Com intensidade. Amem... Como se não... Existisse amanhã... Digam que amam... Olhando nos olhos! — Olhando nos olhos do bailarino, ela pôde ver o reflexo de seu amor. — Construam seus sonhos... Corram atrás deles... Mas, não abandonem... Quem mais importa na vida... Eu vivi a vida... Que me permitiram... Viver... Fiz tudo com a intensidade... Que o meu corpo permitiu!

Todos estavam atentos às palavras de alguém muito especial, que viveu seus sonhos, mesmo precisando lutar contra o mundo.

— Vivam, como se aquele... Minuto, hora e dia... Fosse o último... Amem como se o amanhã não existisse e... Não coloquem a culpa... Por não serem felizes... Nos outros! — Julie estava exausta com o esforço para falar. — Eu vou partir com... A consciência de que eu vivi o meu sonho!

O olhar de Julie ficou parado, observando o grupo reunido ao seu redor. Gabriel se levantou e beijou-a na boca. Quando os lábios se tocaram, Julie sorriu e suspirou. Com seus lábios ainda se tocando, o bailarino recomeçou a chorar, dando-se conta do que acabara de acontecer.

Julie conseguiu realizar seu último desejo e morreu amando verdadeiramente. Os monitores revelaram a verdade que todos temiam: o coração da pianista parara de bater. A comoção tomou conta do quarto. Gabriel chorava junto ao rosto de Julie; Ema correu para junto da filha e foi contida por Carl. O médico conferiu os equipamentos e anunciou o horário da partida de Julie Garrow, uma

PERIGOSAS NACIONAIS

garota muito especial!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 55

Adeus, Julie!

O anfiteatro da Juilliard estava lotado por estudantes, professores e funcionários da escola e do residencial. Julie era querida e admirada por todos! Alguns dias atrás, a mesma plateia estava reunida para o primeiro e último concerto da pianista. Hoje, eles estavam ali para prestar suas homenagens à Julie Garrow. A escola autorizou a realização do velório da aluna do primeiro ano que, em uma passagem rápida, deixou uma marca indelével em todos que tiveram o prazer de conhecê-la.

Um caixão branco guardava o corpo da pianista, que usava o mesmo vestido escolhido para sua apresentação musical. Ela parecia estar dormindo; tinha uma expressão serena e tranquila; repetindo

na morte a maneira como viveu sua curta passagem pela vida.

Sentada em uma das poltronas colocadas diante do esquife, Ema se sentia destroçada. As palavras proferidas pelos estranhos que a cumprimentavam ajudam a amenizar a dor; mas, cada vez que olhava para o corpo da filha, era engolfada por uma nova onda de devastação.

O silêncio tomou conta do lugar quando Gabriel chegou. Todos observavam a reação do bailarino. Desde a morte da namorada, ele estava tomando calmantes receitados pelos médicos, pois seu sofrimento atingiu níveis absurdos. Assim sendo, ele não percebeu os olhares que lhe dirigiram. Ainda conseguia sentir o último beijo trocado com Julie. O rapaz parecia um zumbi, destituído do sorriso e da energia que lhe eram características.

Christopher, Liza e Thomaz apoiavam o bailarino. O jovem olhava fixamente para o corpo da namorada, inerte, aguardando a despedida final.

O empresário foi o primeiro a cumprimentar Ema, dando-lhe um abraço afetuoso, na tentativa de confortá-la. Liza e Thomaz foram os próximos,

ambos sem saber o que dizer. Quando Gabriel olhou para a mãe da pianista, não foi capaz de controlar a emoção.

— E agora? — Ele perguntou, querendo ouvir alguma receita milagrosa, capaz de extirpar a dor de seu peito.

Ema meneou a cabeça, indicando que também não sabia o que fazer. Como ele, a mulher não tinha ideia de como viver sem Julie, a dor de ambos era intensa e os dois não sabiam como seria viver sem ela.

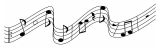
— Ela nos ensinou tanta coisa... Mas esqueceu de ensinar como viver sem sua presença... — Gabriel olhou para o corpo inerte da namorada. — Me diz o que fazer, *Miss Perfect*!

Abraçados, Ema e Gabriel olhavam para a pianista. Juntos, aproximaram-se do caixão. Tinham a impressão de que a jovem acordaria a qualquer momento, sorrindo, conversando e encantando-os, como sempre fizera. O bailarino tocou a mão da jovem, mas, ao sentir a pele gelada, se afastou rapidamente, chorando com desespero renovado.

Ema continuava abraçando o rapaz e Christopher tentou socorrer o filho. No entanto, Gabriel fez um sinal negativo para o pai e, debruçou-se sobre o caixão. Nesse momento, uma das lágrimas do rapaz caiu sobre o rosto de Julie, escorrendo pela pele pálida.

— Adeus, Julie! — Ele sussurrou junto ao ouvido da jovem: — Adeus, não! Em breve estarei junto de você...

O bailarino depositou um beijo carinhoso nos lábios da pianista e, quando se erguia, um brilho chamou sua atenção. A joia que comprara para presenteá-la no dia do recital estava no pescoço de Julie, como um símbolo de seu amor. De certa forma, ela levaria um



pedaço dele consigo.

O avião dos Taylor esperava no hangar, bem como o comandante e a tripulação. Logo a limusine estacionou e o motorista correu para abrir a porta. O primeiro a sair foi Christopher, vestindo terno preto, camisa branca e gravata preta; de óculos

escuros, demonstrava compartilhar do sofrimento de Ema e Gabriel. Estendendo a mão, para ajudar a mãe de Julie a sair do carro; ofereceu-lhe o braço e caminharam juntos em direção à aeronave. Após um rápido cumprimento à tripulação, os dois embarcaram.

Em seguida, Gabriel, Liza e Thomaz saíram do carro e seguiram para o avião. Os cinco já estavam acomodados quando o empresário avisou ao comandante que teria de esperar mais dez minutos por um sexto passageiro. O comandante acenou, confirmando.

Dentro da aeronave, o silêncio era melancólico. O corpo de Julie fora encaminhado para sua cidade natal, em um voo comercial, logo após o encerramento do velório. Como Ema não tinha condições de tomar nenhuma decisão, a secretária de Christopher resolveu todos os detalhes e, naquela manhã, o grupo seguia para o sepultamento da jovem.

Um táxi amarelo estacionou diante da aeronave e Carl saiu. Christopher tocou a mão de Ema e avisou:

— Ele chegou. Já vamos partir!

Ema sorriu francamente em agradecimento. O empresário levantou-se e foi sentar em outra poltrona. Ao embarcar, o médico encarou Christopher, cumprimentando-o de maneira forçada. Em seguida, o homem sentou ao lado de Ema, abraçou-a e beijou-lhe carinhosamente na boca. Aquele gesto deixou Christopher desconfortável, mas ele não conseguiu identificar o que estava sentindo; só sabia que não gostava do que estava vendo.

Toda a viagem foi no mais absoluto silêncio, ninguém ousava dizer uma palavra e todos estavam mergulhados em seus pensamentos, o silêncio era quebrado pelo choro de Ema ou de Gabriel que mesmo dopado sempre que ficava mais consciente chorava amargamente com a lembrança da partida de Julie.

Depois de algumas horas voando tranquilamente, aterrissaram na pequena cidade onde Ema e Julie moravam. Conferindo o relógio, o empresário confirmou que estavam dentro do cronograma estabelecido e já havia um carro à sua

espera. O vento frio varria a paisagem e o céu nublado parecia estar pronto para a cerimônia que se seguiria.

— Temos que ir, Gabriel! — Christopher chamou o filho.

Ema olhou para o bailarino, buscando lhe transmitir um pouco de força. O jovem colocou os enormes óculos escuros para disfarçar os olhos inchados de chorar; respirou fundo e segurou a mão de Liza, que lhe oferecia apoio.

O grupo foi recepcionado por uma forte rajada de vento, que arrepiou a todos. Estranhamente, o ar carregava um aroma floral, que fez com que Gabriel se lembrasse das palavras de Julie: “Quando sentir o vento ou uma nota musical, serei eu dizendo que te amo!”. Sorrindo, o rapaz falou:

— Ela está aqui!

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Ema o abraçou carinhosamente. Ambos tentavam transmitir força ao outro. O grupo todo se emocionou, lembrando-se das últimas palavras da pianista, na hora de sua partida.

Alguns minutos depois, estacionavam diante do

cemitério da cidade. Os amigos da mãe de Julie esperavam para apoiar a mulher e se despedir da pianista. O caixão fechado esperava pelo grupo, que caminhou em silêncio em direção à última morada do corpo da jovem.

A cerimônia foi simples e rápida. O pastor leu alguns Salmos, falou palavras emocionantes sobre a jovem, Liza cantou uma música em homenagem à amiga e sua voz ecoou pelo cemitério, emocionando a todos. Gabriel pegou uma singela rosa branca, beijou-a e colocou sobre o caixão, começando a chorar por ser obrigado a se despedir de seu grande amor. Uma chuva fina começou a cair sobre, fazendo o ar gelado se impregnar nas roupas e parecia que tocava nos ossos.

Olhando para o céu, o bailarino sentiu as lágrimas se misturando com as gotas congelantes. De um momento para outro, flocos de neve caíram sobre o grupo reunido. Gabriel começou a rir e gritou:

— Obrigado por estar aqui, Julie Garrow!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 56

Ponto final

Uma semana se passou desde o enterro de Julie. A casa estava silenciosa demais e Ema não conseguia fingir que a jovem estava em Juilliard. Passava horas assistindo aos vídeos caseiros da filha. Agora, prestando bastante atenção, conseguia perceber que a jovem sempre tivera olhos tristes; uma tristeza que só desapareceu quando ela foi estudar na Juilliard. E, mais tarde, quando estava com Gabriel.

Era insuportável para uma mãe saber que não iria mais ver o rosto da filha, ouvir sua voz ou o piano soando pela casa. Estava difícil suportar a ausência.

O celular de Ema vibrou, indicando que uma nova mensagem fora recebida. Ela ficou surpresa

ao descobrir o remetente.

“Como está, Ema? Quando quiser voltar para Nova York para buscar as coisas da Julie, meu jato estará à sua disposição. Se precisar de alguma coisa, me chame. Sei que ficar sozinha pode parecer uma ideia maravilhosa e assustadora ao mesmo tempo.

Christopher.”

Sentindo-se feliz pela delicadeza do pai de Gabriel, a mulher escreveu uma resposta imediatamente.

“Tentando me organizar. Principalmente minha cabeça e meu coração!

Como está o Gabriel?”

Para Gabriel, os dias eram cinzentos. Desde que voltaram do enterro, ele se mudara de volta para casa dos Taylor e passava os dias trancado no quarto, com todas as janelas fechadas. Não comia e mantinha o olhar fixo no nada. Quando alguém falava com ele, simplesmente virava as costas e se retirava com os seus pensamentos, muitas vezes o seu corpo estava presente, mas ele estava muito

longe ou recordando os momentos vividos com Julie. O cheiro do quarto começava a incomodar. O bailarino estava tão deprimido que nem se incomodava em tomar banho. No fundo, não estava de luto, mas sim, se enterrando vivo dentro do quarto.

Christopher conversara mais com o filho nos últimos dias do que em todos os anos após a morte da esposa. Mas, após o falecimento da pianista, as barreiras entre os dois pareciam ter se reerguido. Entendia muito bem como o rapaz se sentia, porque tivera o mesmo comportamento quando perdera a esposa.

Entrando no quarto de Gabriel, o empresário se sentiu incomodado com a escuridão e o ar carregado de sentimentos e odores.

— Gabriel! — O homem sentou na cama.

Tocou no ombro do filho e o rapaz se afastou como se tivesse levado um choque, queria ficar sozinho e não queria falar, preocupado e sem ligar a atitude do rapaz, Christopher falou.

— Você não pode continuar assim! Eu soube que não comeu nada hoje! Acho que Julie não

queria que isso acontecesse. E você prometeu que iria atrás do seu sonho... — Ele tentava animar o bailarino.

Gabriel se virou para olhar para o pai. Seus olhos tinham olheiras negras e o brilho vivaz tinha desaparecido. A barba por fazer indicava que o rapaz havia desistido de se cuidar. Christopher estava olhando para uma pessoa completamente diferente.

— É verdade. Ela disse para eu ir atrás do meu sonho! — O jovem comentou e passou a olhar para o teto, não emitindo mais nenhum som.

O empresário entendeu que o filho queria ficar sozinho e se retirou do quarto.

Os pensamentos de Gabriel estavam concentrados nas palavras ditas pela namorada, que serviram como um impulso para ele levantar da cama e ir até o banheiro. Ele não se reconheceu no reflexo que lhe retribuía o olhar. Encarando-se no espelho e com pensamentos rondando a sua cabeça como urubus sobrevoando a carniça, o rapaz comentou decidido.

— Eu vou atrás do meu sonho! — O jovem

afirmou.

Gabriel pegou um frasco de perfume e bateu com força contra a bancada da pia. Apenas um pedaço do vidro ficou em sua mão. Então ele encostou o dedo no vidro e pressionou, liberando uma gota de sangue. Sorrindo, o jovem voltou a encarar o espelho.

— Eu vou atrás do meu sonho... — Uma lágrima escapou de seus olhos cansados. — Estou indo para perto de você, Julie. Você é o meu sonho!

Em um ato de desespero, o bailarino cortou o pulso. Sentiu a picada de dor enquanto o vidro abria caminho entre a pele e encontrava as veias, aumentando o fluxo de sangue fugindo de seu corpo. Tremendo, repetiu a ação no outro pulso. Sorrindo largamente, abandonou o pedaço de vidro no chão.

Gabriel deslizou com as costas contra a parede até sentar no chão, deixando um rastro vermelho do sangue por onde tocou. O sangue continuava fluindo, levando embora a vida do rapaz. Os olhos começaram a ficar vidrados e seus pensamentos voaram para os momentos passados com Julie: o

primeiro encontro, o beijo roubado, ela tocando na sala de estudo, os olhares trocados, a noite de amor...

— Eu estou indo! — Ele afirmou sorrindo.

Algum tempo depois, o mordomo entrou no quarto trazendo uma bandeja com a refeição para o rapaz. Ao acender a luz, o homem viu Gabriel sentado no chão do banheiro, em meio a uma poça de sangue vermelho vivo. A bandeja escapou de suas mãos e ele saiu correndo.

— SENHOR CHRISTOPHER, O GABRIEL SE MATOU! — O homem gritava ecoando na enorme casa.

O empresário estava jantando com os sogros quando a voz do mordomo reverberou por todos os cômodos da casa. Correu imediatamente para o quarto, subindo as escadas o mais rápido que podia. No caminho, encontrou o mordomo, pálido, trêmulo e com olhos arregalados.

— O que aconteceu? — O empresário perguntou.

— Lá dentro! Ele... Se matou! — O mordomo apontava para o quarto do rapaz.

Christopher invadiu o quarto, apressando-se para socorrer o filho. Vendo aquela cena medonha no banheiro o homem ajoelhou-se ao lado do rapaz e deu-lhe um tapa vigoroso no rosto, acordando-o.

— Que loucura foi essa? — Gabriel voltou a fechar os olhos e o pai lhe bateu novamente. — Fica comigo, Gabriel! Ouve a minha voz e fica comigo!

O tom de voz parecia uma ordem. Seu grito alcançou a compreensão do bailarino, que respondeu baixinho:

— Terminou. Eu vou para perto dela!

— Não... Chame uma ambulância. RÁPIDO! — O homem gritou para o mordomo.

Tremendo, o empregado cumpriu a ordem dada pelo patrão. Christopher pegou duas toalhas e enrolou-as nos pulsos do filho. Sentiu um desespero sem medidas ao pensar que poderia perdê-lo. A pulsação do rapaz estava muito fraca. Pegando o filho no colo, o empresário correu para a rua.

Gabriel sentia seu corpo ficando leve. Seu sofrimento já não parecia tão grande. Agora, só

queria dormir. Começou a sentir frio e resolver se entregar àquela sensação. Sorriu ao pensar que, muito em breve, tudo teria terminado e poderia se encontrar novamente com Julie. Ele não conseguia viver sem ela! Seu corpo estava cedendo. Uma paz incrível invadiu seus pensamentos e o rosto da pianista surgiu diante de seus olhos, meneando a cabeça, como se dissesse “Não!”.

— Eu já estou indo! — Gabriel falou, olhando para a namorada.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 57

Pai e filho

— Julie, Julie! — Gabriel repetia constantemente.

Ele não parava de chamar a pianista. Os paramédicos não sabiam quem era Julie, mas tinham certeza de que ela significava muito para o paciente. Tentaram acalmar Gabriel, pois ele estava muito agitado. Felizmente, o rapaz foi socorrido a tempo. Os cortes profundos mostravam que ele estava decidido a se matar.

No corredor do hospital, Christopher estava aflito. Seu celular vibrou e ele visualizou a mensagem:

“Tudo bem? Obrigado por disponibilizar o avião. Estou indo para Nova York amanhã para buscar as coisas da Julie”.

Nos últimos dias, ele e Ema trocavam mensagens constantes. Carl estava muito ocupado com o consultório e o hospital e tinha pouco tempo para lhe dar atenção. Mesmo distante e ocupado com os negócios, o empresário sempre arrumava tempo para lhe mandar uma palavra de conforto.

Nesse momento, o homem sentiu a necessidade de ouvir a voz de Ema. Sentia-se bem quando conversavam e, agora, ele precisava de seu apoio. Fez a ligação e foi atendido no segundo toque.

— Eu precisava de você aqui neste momento! — Ele respirou fundo, como se precisasse de ajuda.

— O que aconteceu? — Ema ficou preocupada com o tom de voz dele.

— Gabriel tentou-se matar... — Ao fechar os olhos, Christopher se lembrou do filho coberto de sangue. — Ele cortou os pulsos. Estou no hospital.

— Meu Deus, Christopher! Sinto muito. Amanhã estarei aí e... — Ema não sabia muito bem o que dizer.

— Quero te ver, mas vou estar aqui no hospital! — Informou o empresário. Era um momento impróprio, mas ele se sentia atraído por ela. — Meu

motorista vai te esperar, levar para Juilliard e ficar à disposição para o que for preciso.

— Chris, obrigada pelo carinho! Vou para o hospital assim que resolver tudo na Juilliard. — Ela queria dizer que ficaria ao lado dele, mas poderia parecer muita ousadia. Por isso, decidiu encerrar a ligação. — Tenha uma boa noite, se possível!

— Faça uma boa viagem. Espero por você amanhã! — O empresário se despediu.

Assim que desligou, uma das enfermeiras se aproximou.

— Senhor Christopher, o Gabriel já foi levado para o quarto e está acordado! — Ela informou com delicadeza. — Ele não está emocionalmente bem. O médico vai conversar com o senhor.

Ele entendeu o que a mulher queria dizer. Os dois caminharam até o quarto em silêncio. Gabriel estava deitado com o rosto virado para a parede, olhando para o nada. As faixas ao redor dos pulsos denunciavam a tentativa de suicídio. O empresário sentiu o coração apertado.

— Gabriel...? — O homem esperou alguma reação, mas nada aconteceu. Ele se aproximou e

sentou em uma cadeira. — Eu lamento que tenhamos que passar por tudo isto para entender o quanto você é importante para mim! Eu nunca fui um bom pai; não aceito algumas das suas escolhas e nem entendo muito bem a sua vocação. Mas não suportaria te perder! Você é muito importante para mim...

O bailarino continuava com o olhar vidrado em lugar nenhum.

— Quando vi você perdendo a vida, entendi o que a Ema sentiu; e que eu não queria sentir. Egoísmo? Eu não sei... Mas sei que eu te amo, filho. Sendo bailarino ou outra coisa qualquer, tendo uma vida pautada pelos meus padrões ou não, isso não importa! O que me importa é você! — Christopher estava emocionado e segurou a mão do filho. — Perdão, Gabriel! Perdão pelo amor que não te dei, por não estar ao seu lado e, principalmente, por não ser o pai que você merece!

O rapaz começou a chorar. As lágrimas escorriam por seu rosto e molhavam o travesseiro.

— Como vou conseguir viver sem ela? — Ele perguntou, ainda sem olhar para o pai.

— Eu não sei se você vai viver ou simplesmente sobreviver. Quando sua mãe se foi, eu aprendi a sobreviver. Se você vai continuar a amar? Sim! Quando um amor é verdadeiro, continuamos amando... — Chris segurava as lágrimas. — Mas, depois, aprendemos a lidar com a dor, a ausência e tentamos colocar várias coisas no lugar da pessoa amada, sem conseguir substituí-la. Temos momentos de felicidade e, de uma hora para outra, pensamos: “Como seria bom se ela estivesse aqui!” e recomeçamos a sofrer.

— Por que me deixou viver se vou continuar sofrendo? — Gabriel não entendia.

— Porque eu te amo! Eu te salvei porque todo pai faz isso. E porque sei que não era o que a Julie quereria. Ela desejava que você vivesse e fosse atrás do seu sonho... Dessa forma, você vai honrar o amor que vocês compartilharam! — O pai segurou o rosto do filho e olhou-o nos olhos. — O seu sonho não é morrer! Gabriel, eu espero que você honre o desejo de alguém que te amou muito!

— Você honrou? — A pergunta tinha um tom condenatório.

Christopher desviou o olhar e soltou o rosto do filho.

— Não. Eu não honrei! — Olhando para o jovem, o empresário continuou: — Eu não sou tão forte como você...

— Eu não sou forte, sou fraco! — Gabriel alterou o tom de voz.

— Você é forte. Quando eu te condenei, você me enfrentou e correu atrás do que queria. Quando achou que tinha perdido, teve esta coragem... — Ele tocou os curativos do jovem. — Eu nunca tive! O que fez é um ato de coragem e não de covardia!

— Pai, eu não vou saber viver sem ela! — Chorando, o rapaz reclamou.

— Vai, sim... Nem que seja por ela. Se a ama de verdade, como diz, vai viver e correr atrás do seu sonho. E eu estarei na primeira fila, aplaudindo você!

Então, Christopher abraçou o filho. Emocionados, os dois choravam. As palavras do pai alcançaram o coração do rapaz. Ambos naquele momento tentavam encontrar um caminho para se consolar e ajudar um ao outro, apesar de todo o

sofrimento que se fazia sentir naquele quarto, a morte de Julie e o ato desesperado de Gabriel tinha servido para unir pai e filho.

Capítulo 58

As cartas

O quarto estava organizado como se Julie tivesse saído para assistir aula e fosse voltar em algumas horas. O cheiro do perfume dela ainda estava no ar. As fotografias tiradas com Gabriel, a mãe e os amigos da Juilliard estavam nos mesmos lugares, bem como o recorte de jornal com a fotografia do lançamento do filme. A emoção invadiu Ema e ela não conseguiu segurar as lágrimas. Precisaria ser muito forte para conseguir guardar as coisas da filha!

Abriu o guarda-roupa e pegou a mala. Delicadamente, foi guardando os pertences da pianista, roupas, sapatos e tudo o que trouxeram de casa para que a jovem vivesse o sonho de “ser uma garota normal”. Ainda se lembrava de quando ela

pedira que a mãe a deixasse viver seu último desejo... Ema quisera manter a filha somente para ela, mas estava satisfeita por saber que a filha partira exatamente como desejara, após realizar seu sonho e ao lado de um grande amor!

O notebook estava fechado, pousado sobre a escrivaninha, mas algo chamou a atenção de Ema; alguma coisa saía de dentro da máquina. Quando abriu, a mulher se deparou com dois envelopes. Um trazia a inscrição “Mãe” e o outro “Ao meu amor, Gabriel”. As lágrimas voltaram a rolar em seu rosto.

Com as cartas encostadas ao peito, sentou-se na cama. Ao mesmo tempo em que desejava ler a carta, tinha medo de não aguentar o que estava escrito. Respirando fundo, tomou coragem para abrir o envelope. Desdobrando as folhas, foi assaltada por um novo turbilhão de emoções ao reconhecer a letra da filha.

“Querida mãezinha!

Talvez não tenhamos tido tempo para nos despedir como merecíamos... Antes de mais nada, quero agradecer pela mãe que tive, pela sua luta,

pelo seu amor e, acima de tudo, por sempre ter estado do meu lado em tantos anos de sofrimento. A senhora sempre foi uma "mãe coragem"! Quantas vezes chorou longe de mim para eu não ver o seu sofrimento? Mesmo com os olhos vermelhos e inchados, sorria de forma tranquila, me dando forças. Obrigada por tudo!

Quero que saiba que, se a vida voltasse atrás, o único pedido que faria seria: "Deixem que eu volte a ser filha de Ema Garrow"! Você foi a melhor mãe, amiga, companheira e confidente. Amo você enquanto escrevo esta carta e, para onde for, o nosso amor vai nos acompanhar..."

As palavras de Julie eram fortes. Ema estava com a visão embaçada pelas lágrimas.

"... Mãezinha, parti e deixei você sozinha. Quero que saiba que sei que fez tudo por mim, que deixou de viver a sua vida para ficar do meu lado, deixou de viver, namorar e sair para ficar cuidando de mim. Agora, quero que viva! Imagino que esteja dizendo: "Como vou viver sem você?". Pois bem, se não viver por você, viva por mim e em minha memória.

Não quero que fique trancada em casa, dentro do meu quarto recordando o passado e pensando o que podia ter feito de melhor para mim. Esqueça isso! Fez tudo o que estava ao seu alcance e também o que não estava. Agora é o seu tempo de viver e ser feliz. Sim, mãe, quero que seja feliz como eu fui! Descobri o significado do amor ao lado do Gabriel, o único sonho que não queria viver, eu vivi nos últimos meses da minha vida. Não queria amar e amei. Por isso sei o significado de ser realmente feliz, e quero o mesmo para a senhora!

Por isso, não peço e sim ordeno que seja feliz! Carl gosta da senhora e sei que sente carinho por ele, mas...”

Ema teve que comentar o conteúdo da carta:

— Sempre pensando nos outros. Até mesmo na despedida! — A mulher voltou a ler a carta.

“... reparei como o pai do Gabriel olha para você, com admiração e interesse. Então, seja feliz, mãezinha!

Por favor, não transforme o meu quarto num museu em minha memória! Doe todas as minhas

coisas, são apenas objetos que outros podem usar. Quero que se lembre de mim quando o vento soprar, uma estrela brilhar, o céu estiver azul com aquele sol brilhando lá fora, quando ouvir o som de um piano, eu vou estar aí mesmo sem estar. Então não me feche em um quarto cheio de objetos. Mesmo que não esteja fisicamente aí, eu vou estar sempre ao seu lado!

Pense em mim como um espírito livre. Mesmo que seus olhos não me vejam, eu vou estar sempre aí. Sei que o tempo não vai mudar o amor que sentimos uma pela outra! Quando tomar sorvete, lembre-se de mim; quando pensar em chorar, não o faça, porque eu sempre vivi sorrindo, mesmo no sofrimento. Antes de chorar, sorria, será a melhor forma de lembrar-se de mim.

A música que compus, "Lembrança de Julie", está registrada no meu nome e no seu. Por favor, use-a a favor de outras pessoas com câncer, doe ou faça algo em minha memória com a partitura que está dentro da primeira gaveta. Aí também estão todos os registros da composição. Deixei uma pessoa cuidando para que a minha obra seja

difundida por todo o mundo. Quando o som do piano tocar cada nota, será como se parte de mim continuasse vivendo. Que o amor que eu coloquei na minha obra possa ajudar outras pessoas a sorrir e a sonhar!

Mesmo dentro dos hospitais, recebendo doses brutais de remédios, eu sonhava e vivi o meu sonho. Viver esses meses na Juilliard foi a realização de um sonho. Assistir ao musical "O Fantasma da Opera", ir à festa de lançamento de um filme, aparecer no jornal, viver em Nova York, ver o mar, foram sonhos que desejei e pude viver antes de partir. Até mesmo amar eu consegui! Vivi com medo de ser feliz, por isso quero que seja feliz.

Deixei uma carta para o Gabriel, sei que ele vai precisar... Deixo-a incumbida de entregar. Mesmo que ele não queira ler agora, entregue-a. Para muitos podem ser somente palavras, mas para ele vai ser uma certeza de que o que vivemos foi verdadeiro e intenso, que nos marcou para sempre e, onde estivermos, o nosso amor sempre vai existir.

Mãe, não sofra pela minha partida. Meu

sofrimento terminou. Eu já não aguentava mais os tratamentos e tudo que sentia quando aqueles venenos entravam no meu corpo. Não se revolte com Deus porque eu parti. Apenas cumpri a minha missão aqui, que foi amar e ser amada. Eu te amo eternamente e sempre vou estar aí espiritualmente e dentro do seu coração.

Com amor eterno pela minha mãezinha...

Julie Garrow

PS: Seja feliz, e isto é uma ordem!"

Ema não chorava de tristeza, mas de felicidade por sentir o amor e os bons sentimentos que pautaram a curta vida de sua filha. Julie partiu, mas sua presença era tão real como se ainda estivesse viva.

Segurou a carta de Gabriel e lembrou o que tinha acontecido com o rapaz. Sabia que ele estava precisando das palavras contidas na carta fechada. Naquele momento de tristeza e desespero, toda a ajuda seria importante para ele recuperar o sentido de viver. Saiu apressadamente carregando os pertences da filha, o motorista ajudou-a

acomodando tudo no porta malas, quando entrou no carro Ema falou apressada.

- Por favor, vamos rapidamente para o hospital!

Segurando as cartas contra o peito, a emoção era muito grande e principalmente que alguém assim como ela precisava da carta escrita por Julie.

O carro parou diante do hospital. Ema agradeceu ao motorista com um sorriso forçado e caminhou para a entrada. Suas últimas lembranças do local eram traumáticas, mas sabia que alguém lá dentro precisava de sua ajuda!

Na recepção informaram o andar em que Gabriel estava internado. No corredor, descobriu em qual quarto o rapaz estava. Como a equipe a conhecia, conseguiu autorização para visitar o rapaz. Antes de bater, a porta se abriu. Christopher saía do quarto quando se deparou com ela, o homem sorriu surpreso ao ver Ema diante dele, tocou nas suas mãos e comentou.

— Ele dormiu! — Informou o empresário.

Automaticamente, ele abraçou a mulher e fechou os olhos. Ema lhe dava forças e, ao lado dela, sentia-se bem. O abraço fez com que ela

percebesse o quanto o empresário estava feliz por encontrá-la.

— Aceita tomar um café? Estou precisando! — Ele convidou sem deixar de sorrir.

Caminharam lado a lado até a cafeteria. Ema foi se sentar enquanto Chris pegou dois cafés. O homem sentou-se à sua frente pouco tempo depois.

— Ainda bem que você veio! — Ele tomou um gole de café e continuou: — Esses dias estão sendo complicados. Gabriel não aceita a morte da Julie e, desesperado, tentou tirar a própria vida e quase conseguiu...

— Eu vim por isso mesmo! — Ema interrompeu o empresário, abriu a bolsa e pegou a carta, colocando-a sobre a mesa. — A Julie antes de... Escreveu duas cartas. Uma delas é para o Gabriel.

Empurrou o envelope na direção do empresário, que encarava o papel branco com uma expressão assustada. Não tocou o envelope, como se fosse algo sagrado.

— Será que ele deve ler? — Questionou o pai do rapaz, preocupado.

— Eu li a minha e ajudou um pouco! Pode

perguntar ao médico, mas ele vai gostar de saber o que a Julie queria lhe dizer. — Ela comentou.

— Você pode entregar a carta? — Receoso, o homem pediu. — Ele vai gostar de vê-la!

Ema concordou prontamente. Sabia que pai e filho estavam apenas começando a se aproximar. E o conteúdo da carta ajudaria o rapaz a superar o momento difícil que estava vivendo. Ela entendia muito bem a dor que o rapaz sentia!

Tomaram o café em silêncio. Os olhares se encontravam, mas o momento era complicado demais para que entrassem em outros assuntos. Seguiram para o quarto onde Gabriel estava internado, assim que terminaram a bebida.

Christopher abriu a porta para Ema e sentiu seu perfume; era o mesmo que sua falecida esposa usava. “Será que me sinto bem ao seu lado, porque você me lembra dela?”, ele pensou, gostando da coincidência.

Gabriel dormia imóvel, aparentando tranquilidade. As faixas nos pulsos denunciavam o que tinha tentado fazer. Com o coração apertado, Ema retirou a carta da bolsa e sentou-se ao lado da

cama.

Os minutos passavam e a mulher observava o bailarino dormindo. Continuava se lembrando de momentos em que o rapaz estivera com sua filha. Pensou em quando se conheceram na Veniero's, recordou os momentos em que a filha foi amparada por ele enquanto vomitava após a quimioterapia, quando ele raspou o cabelo e quando se deu conta da gravidade da situação da namorada, na casa de praia. Ela se emocionou ao se lembrar do amor do jovem casal.

O bailarino se mexeu e abriu os olhos devagar. Vendo a mãe de Julie, começou a chorar.

— Eu já te vi melhor do que isso! — Ela secou as lágrimas que rolavam pelo rosto do rapaz, seguindo em direção ao travesseiro. — Eu trouxe algo para você. Hoje de manhã, quando fui arrumar as coisas da Julie, encontrei uma carta que ela escreveu para você.

Quando ia entregar o envelope, Ema fez uma pausa.

— Eu entrego se me prometer que, depois de ler, vai se comportar! — Seu tom de voz era sério e

doce carregado de carinho de uma mãe.

Gabriel disse que sim e Ema entregou a carta. Levantando-se, ela segurou o braço de Chris e conduziu-o para fora do quarto, deixando o rapaz sozinho.

As mãos do bailarino tremiam. Suas lagrimas queimavam a pele do rosto e o medo de ler o conteúdo da carta era assustador. Tomando coragem, abriu o envelope, puxou a folha de papel e começou a ler:

"Gabriel, meu amor,

Busquei forças dentro de mim para escrever estas palavras. Nem sei muito bem como começar uma carta que ambos sabemos ser de despedida, mas preciso contar algumas coisas.

Primeiro, você foi a melhor coisa que me aconteceu e, também, o que eu desejei que não acontecesse. Sempre soube que minha passagem aqui seria curta. O sonho que realmente queria viver, era ser uma jovem "normal" e fazer o que eu mais amo, a música. Mas eu não planejava me apaixonar!

Eu queria apenas tocar. Tocar e terminar a

minha composição para deixar algo no mundo. Eu via os filmes e achava o amor lindo, mas aquilo não era para mim; estava consciente disso. E um dia você surgiu, arrogante, fascinante e, acima de tudo, maravilhosamente cheio de vida. Confesso que senti inveja... Você cheio de vida e eu terminando a minha.

Você invadiu o meu mundo perfeito e bagunçou tudo. Com você eu vivi meu primeiro beijo e senti tudo aquilo que os filmes e livros descrevem. Do seu lado descobri o amor e me entreguei sem nenhum arrependimento. Aquela foi a melhor noite da minha vida!

Nos amamos e vamos sempre nos amar. Eu sempre vou estar ao teu lado! Por isso estou escrevendo esta carta, para que você entenda que o nosso amor não acabou com a minha partida. Nem a sua vida! Quero que continue a viver, não apenas por você, mas por mim. Eu estarei em cada nota e, quando você dançar, estará dançando comigo ou para mim. Não desista de viver, porque se eu tivesse a chance, viveria e seria feliz!

No fim da minha vida, enquanto sentia os

medicamentos queimando minhas veias, só conseguia pensar em uma coisa: "Deixe-me ficar mais um pouco ao lado dele!" E eu fiquei! Quando pensava que tudo ia acabar, você entrava no quarto do hospital e tudo ficava iluminado. Eu sou a luz que vai acompanhar todo o seu caminho agora. Estarei sempre perto de você.

Imagino que agora tudo esteja negro... Enquanto escrevo está carta, penso sobre o depois... O que existe depois que o coração deixar de bater? Eu não sei, mas quero ter a certeza de que as pessoas vão pensar e dizer: "A Julie amava a vida e viveu como sonhou". Se existe algo além disso, só vou descobrir depois, a única verdade que conheço agora é que vivi o que me permitiram. Por isso te peço que viva e ame a sua vida!

Quando o sol aquecer sua pele, lembre-se de quando fizemos amor. Quando a neve te tocar, lembre-se do nosso passeio no Central Park. Quando comer um dos meus doces preferidos, pense que são meus beijos em sua boca. E quando o seu coração bater, lembre-se de que eu vivo dentro dele.

Viva por nós dois. Viva dançando, porque você fica lindo quando o seu corpo se move ao som da música. Juilliard vai promover um concurso para escolher os melhores bailarinos e quero que você participe com a minha canção! Faça isso por nós... Eu te amo, você foi o meu príncipe encantado, o meu sonho escondido transformado em realidade, melhor do que eu ousei sonhar! Obrigada por me ter amado! Quero que tenha a certeza de que eu te amei e vou sempre amar.

Da sua Julie Garrow

PS.: Amor eterno"

Terminar a leitura foi um bálsamo e um tormento. O jovem amassou o papel contra o peito e chorou, libertou tudo o que estava preso dentro dele. O choro do rapaz ecoou no quarto e chamou a atenção de Ema e Christopher que invadiu o quarto preocupado com o filho.

Vendo o estado do filho, o empresário ficou sem reação. Aproximando-se, Ema abraçou Gabriel carinhosamente e era exatamente disso que ele precisava. Ambos entendiam a dor da partida de Julie e ambos tinham o coração despedaçado pelo

sofrimento. Aquele abraço estava carregado de uma cumplicidade que só eles conseguiam entender.

Capítulo 59

Voltando à vida

O ar gelado da rua era um despertador natural e fazia qualquer vestígio de sono desaparecer. Ao deparar-se com o edifício da escola, o rapaz respirou fundo e absorveu aquela mistura de ar gelado, poluição e cheiro característico de Nova York. Entrou na escola puxando as mangas da camiseta e do casaco para esconder as marcas avermelhadas nos pulsos. Fazia alguns dias desde que estivera ali pela última vez. Ele costumava ser um dos primeiros alunos a percorrer os corredores, mas hoje seria diferente. Naquele horário, todos os ambientes fervilhavam com pessoas.

Subiu as escadas rapidamente, pois estava atrasado e a primeira aula de dança estava em andamento. Segurou-se antes de abrir as portas;

estava se sentindo observado. Virou-se e, como uma visão, Julie estava lá, observando-o, parada no primeiro lance de escadas. Tentou se aproximar, mas a imagem se desvaneceu como fumaça. Nos últimos dias, o bailarino experimentava um misto de desejo e alucinação; às vezes, ouvia a voz da pianista, outras, sentia carícias em seu rosto, mas, quando abria os olhos, não a encontrava mais.

Os colegas já estavam posicionados nos seus lugares. Ao vê-lo chegando, alguns sorriram e todos exibiram olhares curiosos. A professora se aproximou para recebê-lo.

— Bem-vindo, Gabriel! Sentimos a sua falta. — A mulher o olhava com um sorriso terno. A tristeza nos olhos do bailarino era inconfundível.

— Obrigado, senhorita Jules. Vou me preparar! — O jovem disse e, cabisbaixo, caminhou para o canto da sala.

— Estamos escolhendo a coreografia para o concurso desse ano! — A mulher informou, reassumindo a altivez natural de uma bailarina profissional.

Engolindo em seco, Gabriel se voltou para

encarar a professora.

— Eu não vou participar! — Ele falou e sua voz fez eco pela sala.

Os outros alunos se limitaram a olhar uns para os outros. Gabriel era o melhor bailarino da escola; durante os anos, ele se transformara em referência, uma revelação no *ballet.* A declaração teve o efeito de uma bomba para os colegas.

— Não vai participar? — Incrédula, a professora repetiu.

Ele balançou a cabeça negativamente e se aproximou da mulher.

— Julie me pediu para participar, mas não me sinto com forças para... — O rapaz foi interrompido.

— Sem forças?! — Ela alterou o tom de voz e encostou a mão no peito do rapaz. — A força de um bailarino vem do coração, da essência de sua alma. A dor do corpo não supera nossa vontade de dançar! Aplique sua tristeza na dança, porque dançar é uma mistura de alma, amor, paixão, tristeza e, por fim, técnica.

A reação da mulher surpreendeu o jovem

bailarino, mas ela ainda não tinha terminado. Pegou a mochila e o casaco do rapaz e jogou-os no chão, gesticulando para que os outros alunos saíssem do meio da sala.

— Dance! — A ordem deixou Gabriel sem reação. — Dance! Escolha uma música no seu Iphone e dance!

— Mas... — Ele foi interrompido novamente.

— Eu não perguntei se você quer. Está em uma sala de dança e eu, como sua mestra, estou ordenando que dance! — Quando fez menção de se afastar, ela voltou a impedi-lo. — Coloque sua tristeza, seu amor e toda a sua paixão na dança.

Gabriel sentia seu corpo tremer. Tirou os tênis e procurou uma música. Ao ver "Lembrança de Julie", ele deu o *play,* sendo atentamente observado por todos. Quando os primeiros acordes do piano foram ouvidos, o jovem fechou os olhos e respirou. Os movimentos tomaram conta de seu corpo e ele dançou. Cada passo encaixava perfeitamente em cada nota. Entre movimentos firmes e dinâmicos, a coreografia surgiu. Seu corpo parecia ser manipulado pela música, executando passos leves,

seguros e fortes, porém delicados, o jovem hipnotizou a plateia.

A professora observava atentamente cada gesto do jovem. A melodia era uma mistura de melancolia, tristeza, muito amor e inspirava o bailarino a se mover, expressando sua dor e sofrimento. Quando a música terminou, Gabriel respirava fortemente. Os colegas de turma estavam sem reação e o silêncio era rei e senhor na sala, apenas a respiração ofegante denunciava a vida dentro daquela sala. Ao olhar para a professora, o rapaz viu-a sorrindo.

— Você tem razão! — A mulher batia palmas e caminhava na direção do estudante. — Você não vai participar com o grupo...

A declaração pegou todos de surpresa. Segurando o ombro de Gabriel, a senhorita Jules afirmou:

— Eu sempre soube que você era uma revelação e o que acabamos de presenciar confirma a minha opinião. Esse ano você vai concorrer na categoria solo! — Todos estavam atônitos. — Gabriel, você colocou sua alma nesta apresentação e, por isso, vai

concorrer sozinho. Treine!

— Não posso! — O rapaz olhava para o chão tristemente.

A professora colocou a mão no queixo do aluno e levantou seu rosto, seu olhar materno e ao mesmo tempo distante fizeram Gabriel entender que o seu sofrimento era tão intenso quando a dança e a mulher comentou a sua declaração.

— Não só pode, como deve! Se não fizer por você, faça por ela! Julie ficaria muito feliz em vê-lo dançar. Ela sempre ficava nas escadas, admirando-o; ela gostava de vê-lo dançar! Apresente-se em homenagem a ela! — A mulher sorria. Antes de se afastar, ela comentou: — Parabéns!

Os colegas do bailarino começaram a aplaudi-lo. O jovem estava emocionado com a demonstração de carinho e com as palavras da professora. Ouvir a professora que tinha percebido Julie escondida nas escadas observando-o quando dançava era como uma certeza que ela ficaria feliz por ele competir como a professora ordenará, no fundo do seu coração ele sabia que precisava aceitar o desafio!

O comentário se espalhou tão rápido quanto um

rastilho de pólvora. Normalmente, os concorrentes na categoria solo eram bailarinos formados ou que já pertenciam a uma companhia de dança, pela primeira vez um estudante iria participar. Gabriel era o melhor e o mais respeitado na Juilliard, mas nunca se imaginara em tal posição diante de uma plateia. Medo e ansiedade ameaçaram tomar conta de seus pensamentos, mas ele ouviu uma voz especial em sua cabeça.

— Dance para mim. Dance por mim!

A ternura e a suavidade da voz da pianista lhe deram a certeza de que deveria seguir em frente, o seu corpo se arrepiou escutando a voz de Julie mesmo que no seu imaginário, a doçura caraterística dela invadiu o seu corpo e foi como uma energia invadindo todo o seu eu. O bailarino teve a certeza que daria o seu melhor em memória de alguém que acreditava nele acima de tudo!

O refeitório cheio era animado por conversas e risadas. Ao ver Gabriel parado na porta, todos se calaram e encararam o rapaz, que puxou as mangas da camiseta, tentando esconder as linhas avermelhadas nos pulsos. Os colegas estavam

compadecidos por seu sofrimento, mas também sentiam curiosidade a respeito da tentativa de suicídio. E, agora, queriam saber sobre sua participação no concurso.

Os amigos mais próximos estavam felizes por ver o bailarino de volta. Liza e Thomaz se aproximaram para recepcioná-lo.

— Bem-vindo, Estrela da Juilliard! — A atriz brincou e abraçou o amigo.

— Estrela?! —O jovem questionou, esperando uma explicação.

— Sim. Não se fala em outra coisa a não ser "o *Show* que o Gabriel deu!" — Thomaz confirmou e deu tapinha amigável no ombro do bailarino. — Sinto inveja e admiração!

— Ficamos sabendo que o seu solo na aula da Jules foi "apaixonadamente arrepiante e carregado de emoção". Palavras dela própria. Este é o comentário do momento! Mas... — A atriz adotou um tom tranquilo. — Como você está? Estamos preocupados com você!

Sorrindo, Gabriel abraçou os amigos. Sentira muito a sua falta nos últimos dias. Por saberem da

relação difícil que ele tinha com Christopher, os dois preferiram se afastar para não causar mais problemas. Após alguns segundos compartilhando o abraço triplo, Liza fez um comentário espirituoso.

— Parecemos três “mulherzinhas” na TPM. Vamos parar com isso! — Ela ordenou e arrancou risos dos rapazes.

— Acho que sim... Todos estão olhando para nós! — Thomaz comentou e olhou ao redor. — Não é que eu não goste de ser o centro das atenções, mas, nesse momento, definitivamente... Não!

— Senti falta de vocês! — O bailarino sorria.

Após tudo o que acontecera, Gabriel teve a sensação de que não conseguiria voltar a sorrir, mas a energia sincera dos amigos fazia com que ele erguesse a cabeça e percebesse que, apesar do sofrimento, ainda existia uma luz no fim do túnel. A esperança de viver estava lá.

Aproximando-se da mesa, o bailarino cumprimentou o restante do grupo e recebeu palavras de carinho e olhares amáveis. Alunos de outras mesas lhe ofereceram o mesmo tratamento e

ele se sentiu amado e admirado. As demonstrações de afeto eram muito mais importantes do que ele pudera imaginar.

— Agora, conte tudo! Que história é essa de solo? Como foi que isso aconteceu? Não se fala em outra coisa! — A atriz mostrou um vídeo no celular. — Alguém filmou e mandou para todo mundo!

Gabriel estava abismado por tamanha repercussão em tão pouco tempo.

— Nem eu sei! Sempre treino sozinho, mas nunca tive qualquer pretensão de fazer um solo! — Gabriel estava surpreso com a própria apresentação. — Quando Jules me pediu para dançar, eu coloquei a música da Julie para tocar. Foi como se o meu corpo ganhasse vida e eu estivesse dançando para ela!

— Essa coreografia não foi ensaiada?! — Thomaz perguntou, sem conseguir acreditar.

— Não! A senhorita Jules disse para eu colocar a alma na dança e meu corpo assumiu o controle. Os passos foram surgindo enquanto eu pensava na minha dor e sofrimento... — Gabriel prestava

atenção na gravação.

— Qualquer um que veja este vídeo vai afirmar que a coreografia foi meticulosamente preparada! Os movimentos estão perfeitos e se encaixam perfeitamente na melodia da Julie... — Liza comentou. — É difícil acreditar que você não praticou!

O bailarino estava surpreso pelas palavras da atriz. Ela continuou a comentar:

— Eu acredito em você! Mas qualquer outra pessoa não pensaria da mesma forma! — Liza sorria.

— É. Até eu tenho que concordar que está quase perfeito! Agora, eu tenho um solo para apresentar em algumas semanas e... — Gabriel estava com medo dos próximos acontecimentos em sua vida.

— Podemos te ajudar! — Thomaz ofereceu.

Ao redor da mesa, todos mostravam seu apoio ao bailarino.

— E se... — Gabriel estava com medo de compartilhar sua ideia.

O grupo o encarava, curioso para saber o que fervilhava naquela mente criativa. Olhando para

todos, ele disse:

— Todos nesta mesa eram amigos da Julie. Por que não prestar uma homenagem a ela? Eu fui seu namorado e Liza sua melhor amiga; mas todos conhecemos bem a pessoa especial que ela era... — O bailarino mordeu um lábio. — Que tal oferecer um espetáculo com o título da música que ela compôs... “Lembrança de Julie” ?!

Os olhos dos amigos começaram a ganhar brilho e um sorriso se formou em cada rosto. Imediatamente, começaram a planejar e imaginar como poderiam incluir suas áreas de estudo e contribuir com o plano do bailarino.

— Gostei da ideia! E que tal...? — As ideias da atriz brotavam livremente.

—Vamos nos reunir depois das aulas e compartilhar o que poderemos fazer. Vou precisar da ajuda de todos! — Um novo ânimo surgia para Gabriel. — Não consigo me imaginar preparando uma apresentação sozinho... Posso contar com vocês?

— Nem precisa perguntar! — A atriz respondeu e deu um beliscão no braço do bailarino.

— É óbvio que sim! — O comentário de Thomaz surpreendeu a todos: — Todos éramos amigos da Julie e sabemos como ela era especial! Agora poderemos demonstrar o quanto sentiremos sua falta.

A onda de aprovação e concordância alcançou a todos. A mente preenchida por um turbilhão de ideias fez com que os amigos sentissem dificuldades em se concentrar na aula. Queriam voltar a se reunir para compartilhar sugestões e colocar mãos à obra. Em breve, homenageariam alguém que fez a diferença na vida de todos!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 60

Uma visita inesperada

Gabriel e os amigos estavam preparando tudo minuciosamente para apresentar um grande espetáculo. As semanas seguintes foram focadas em preparar um grande espetáculo não para a plateia que iria assistir e sim com o intuito de oferecerem uma grande homenagem a Miss Perfect que fazia tanta falta, mas que ao mesmo tempo parecia que ainda estava junto deles. Talvez Gabriel não vencesse o concurso, mas daria o seu melhor e honraria a memória de Julie!

A vida seguia seu curso, assim como um rio que vai desbravando a terra até encontrar o mar. Apesar do sofrimento, saudade e lembranças que assolavam o bailarino, a carta deixada pela namorada lhe servia de combustível para lutar e

cumprir a promessa que lhe fizera, lia diariamente as palavras de Julie, quando ficava sozinho no quarto era aquele pedaço de papel que o ajudava a aguentar a dor, na tela do celular a imagem deles sorrindo no Central Park, por vezes via sem conta as imagens guardadas e as mensagens guardadas que trocavam.

Ema também tentava voltar à normalidade. Passava cada vez mais tempo na loja, pois já não tinha motivos para voltar para casa; também não sentia vontade de fazê-lo. Sempre arrumava desculpas para se manter ocupada. Algumas vezes apelava para a limpeza, outras para a contabilidade e, em grande parte dos dias, recorria a pesquisas de novas marcas e fornecedores na *internet.*

Naquela noite, sentia-se particularmente cansada. O frio intenso lhe motivou a voltar para casa mais cedo, vestir o pijama e se aconchegar no sofá, com um balde de pipoca, para assistir a um bom filme. No entanto, logo descartou a ideia, pois era exatamente o que fazia na companhia da filha. Talvez devesse apenas se deitar e ler um livro!

A casa escura sem vida. Apesar da doença, era

Julie quem iluminava tudo ao redor. Para Ema, era um verdadeiro calvário voltar para aquele vazio que a filha deixará para trás. Fechou a porta e subiu para o quarto; já tinha comido mais cedo alguma coisa na lanchonete, perto da loja, e não tinha apetite para uma refeição mais completa. Sabia que precisava seguir em frente, mas não descobrira ainda o porquê!

Após o banho quente, vestiu um pijama felpudo, sentou na cama e abriu um livro que folheou sem nenhuma atenção. Pouco depois, o celular vibrou anunciando uma mensagem, pegou no aparelho e sorriu ao ver a mensagem de Christopher no celular.

"Já jantou? Estou preocupado com você! "

Os dois passaram a trocar mensagens diárias e conversar por horas ao telefone.

"Sem fome... E você? O que está fazendo? Ainda no escritório? "

O hábito enchia Ema com um novo alento. Carl sumira de sua vida desde o enterro de Julie, quase não se falavam; ele estava sempre nos plantões ou participando de algum projeto e não sobrava tempo

para mais nada. O celular voltou a vibrar.

“Não. Vou jantar com alguém muito especial! ”

Imediatamente, a expressão de Ema se transformou; ela ficou triste. Sentia-se muito bem com a atenção que o empresário lhe dedicava e sentiu ciúmes da tal “pessoa especial” com quem ele tinha um compromisso. Para não demonstrar seu incômodo, voltou a responder.

“Então, tenha um bom jantar! Boa noite. ”

Imediatamente, o empresário respondeu:

“Está me dispensando? ”

Ema mordeu o lábio pensando no que responderia sem demonstrar o ciúme que parecia fora de lugar.

“Não. Só não quero atrapalhar o seu compromisso! ”

Ela respondeu e continuou olhando para a tela do celular que, segundos depois, voltou a vibrar.

“Imagino que ainda não tenha jantado. Por isso, tomei a liberdade de encomendar algo para você em seu restaurante favorito... Dentro de alguns segundos, vão bater em sua porta! ”

Assim que acabou de ler a mensagem, a mulher ouviu o toque da campainha. Ela sorriu, pois, o empresário estava falando a verdade. Vestiu um roupão e desceu as escadas com pressa, olhando-se no espelho no caminho. Ao abrir a porta, teve uma surpresa agradável: Chris lhe estendendo a sacola do restaurante. Seus olhos se arregalaram surpresa com o empresário na sua frente.

O sorriso maravilhoso de Christopher foi o bastante para que a mulher o abraçasse, apertando-o com força. O homem estava bastante satisfeito com a recepção.

— O que está fazendo aqui? Está muito longe de Nova York! — Ema sorria feliz.

— Como disse, eu vim jantar com uma pessoa especial! — O homem lhe deu uma piscadela. — Podemos entrar? Está muito frio aqui fora!

— Claro! Desculpe-me! — Ema permitiu que o homem saísse de seu abraço e deu-lhe espaço para entrar.

Christopher caminhou diretamente para a cozinha, pois já estava familiarizado com a casa por conta do enterro de Julie. Ema estava surpresa por

ter o empresário em sua casa.

— Eu não acredito! — Ela comentou em voz alta.

Chris parou e encarou-a:

— E por que não acredita? — Ele quis saber.

— Chris, você saiu de Nova York e passou três horas em um avião! Como eu não vou me surpreender? — Os olhos da mulher brilhavam.

— Gostou da surpresa? — Ema balançou a cabeça afirmativamente. — É isso o que importa. Todo o resto é um mero detalhe... Vamos jantar? Eu estou com fome e acredito que você também!

Com um sorriso estampado no rosto, Ema começou a arrumar a mesa. Sentado em uma das cadeiras, o empresário não cansava de observá-la. Era uma mulher bonita, mas havia algo mais; algo que o cativara desde o primeiro momento em que a virá.

— Pedi o mesmo prato que comemos quando fomos jantar lá! — O empresário comentou.

Instantaneamente, a mulher se lembrou do momento a que ele se referia. O jantar acontecera apenas dias após o enterro de Julie. Emocionada,

ela cobriu a boca com a mão, tentando conter o choro.

Percebendo a situação, Chris puxou-a contra si, em um abraço carinhoso. Ema encaixou o peito no rosto do empresário e chorou, sentindo-se amparada e consolada. O casal passou alguns minutos assim, até que o homem ergueu o rosto feminino e beijou-lhe os lábios. Ambos se entregaram ao momento. Então, a mulher se deu conta do que estava acontecendo e se afastou.

—Desculpe, mas... — Chris tentou justificar seu comportamento. — Eu sei que você e Carl estão juntos, mas não quero falar sobre o assunto.

— Está tudo bem. Acho que eu precisava de uma demonstração de carinho! — Envergonhada, Ema se virou, procurando duas taças de vinho. Só então complementou: — Carl e eu somos apenas amigos!

O comentário aumentou exponencialmente a curiosidade do empresário.

— Carl não gostou que eu aceitasse sua ajuda e se afastou. Não conversamos há mais de três semanas! — Ema se virou e colocou as taças sobre

a mesa. — Quando eu fui para Nova York para buscar as coisas da Julie, aceitei viajar em seu avião e não fui vê-lo assim que cheguei...

— Ele continua o mesmo! — Christopher sorria maliciosamente. — Sorte a minha...

— O que quer dizer com isso? — Ema não entendeu a reação do empresário.

— Que eu posso conhecê-la melhor... — O homem caminhou em direção a Ema e encostou o corpo ao dela. — E que não estou fazendo nada errado, já que ambos somos livres!

— Acho que estou com fome. Vamos comer antes que esfrie? — Sentindo a pele do rosto esquentar, ela tentou fugir da situação.

— Vamos jantar! — Chris respirou fundo e sorriu. Segurando a mulher pelo braço, ele disse: — Nunca desisto do que eu quero... Mas vamos comer!

O jantar foi agradável e o casal conversou bastante. A companhia de Chris era exatamente o que Ema precisava naquele momento. O empresário se sentia bem ao lado daquela mulher forte e segura; ele era fascinado por mulheres como

PERIGOSAS NACIONAIS

Ema. Naquela noite, os dois se aproximaram bastante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 61

Lembrança de Julie

Aquela era uma das noites mais aguardadas do cenário artístico de Nova York. Especialistas, escolas renomadas e celebridades estavam presentes para a realização do concurso que revelava grandes talentos da dança em todo o mundo. O *Youth America Grand Prix* era um evento importantíssimo e apenas os melhores conseguiam passar pelas eliminatórias, sendo avaliados por um júri rigoroso, competente e seletivo.

Ganhar o concurso era o sonho de muitos jovens, pois poderiam conquistar uma bolsa de estudo nas melhores escolas de dança, ingressar em companhias renomadas de *ballet* e, principalmente, receber o reconhecimento por sua dedicação à

dança. Jovens e adultos colocavam seus sonhos à prova durante esse período do ano.

Gabriel estava ansioso. Sabia que a concorrência seria grande e que seu sobrenome não teria qualquer peso na hora da decisão dos juízes. Ser uma estrela local também não ajudaria, por isso, o bailarino dedicou muitas horas treinando até a exaustão. Já que representaria o nome de sua escola, deveria fazer o melhor possível.

Chegara o dia das apresentações solo. Aquela era a prova de fogo dos bailarinos. Em uma das coxias do teatro, Gabriel se aquecia. O jovem vestia um casaco bordado com brilhantes, camisa branca com mangas bufantes e *collant* marcando as pernas musculosas. A professora Jules passava algumas instruções ao rapaz, que parecia estar em outro lugar.

Uma voz conhecida arrancou Gabriel de seus devaneios. Os olhos do rapaz brilharam com lágrimas de emoção.

— Sei que você vai arrasar! — Christopher afirmou. Era a primeira vez que o pai veria o bailarino em ação.

— Está mesmo aqui? — O jovem acreditava estar vivendo um sonho por ter o pai presente em um momento tão importante.

O homem fez um aceno afirmativo com a cabeça e falou:

— Eu prometi! Cometi, vezes sem conta, o erro de não estar presente em suas apresentações. — Chris estava emocionado. — Espero ainda esteja em tempo de recuperar tudo o que perdi!

O jovem abraçou o pai, sentindo-se nas nuvens por ter seu desejo secreto virando realidade. Sempre sonhara em ver o pai na plateia, participando de suas apresentações e conquistas, mas sempre ficava frustrado, pois o empresário nunca ocupava a cadeira que lhe era reservada. O vazio, durante anos, contribuiu significantemente para aumentar o afastamento entre pai e filho. Mas hoje era diferente! Aquela noite seria importante em muitos aspectos.

— Obrigado! — O jovem agradeceu.

— Filho, me perdoa, por não entender e nem aceitar o seu sonho! — Pediu o empresário abraçando o filho fortemente.

— Será que eu também posso abraçar o astro da noite? — Ema perguntou, emocionada com a cena entre pai e filho.

A presença da mulher fez Gabriel ficar ainda mais radiante.

— Você também veio?! — O bailarino abraçou a mãe de Julie.

— Como eu poderia faltar se a homenageada é para a minha filha? — Afastando-se, ela observou o rapaz. — Você está lindo! Onde estiver, tenho certeza de que Julie está muito orgulhosa!

— Eu queria que ela estivesse aqui! — Ele murmurou e uma lágrima escapou de seus olhos.

Ema secou a lágrima, sorriu e segurou o rosto do jovem.

— Ela está aqui! — Ela colocou a mão na altura do coração do bailarino. — Ela está bem aqui. E vai entrar com você naquele palco!

— Eu sei... — Gabriel voltou a abraçar Ema.

— Brilhe naquele palco, Gabriel! — O pai tocou o ombro do filho. Voltando-se para Ema, ele disse: — Vamos?

Antes que o casal se afastasse, o bailarino

chamou o pai de volta.

— Obrigado por realizar o meu maior desejo! — O jovem piscou um olho. — Vocês estão juntos?

Chris sorriu e respondeu apenas:

— Conversamos depois. Dê o seu melhor naquele palco e mostre que é um Taylor!

Sem dizer mais nada, Chris voltou a se aproximar de Ema, enlaçando-a pela cintura. Observados por Gabriel, os dois caminharam lado a lado, o rapaz sorriu ao ver o pai e Ema assim juntos.

O momento da apresentação de Gabriel se aproximava rapidamente e seu nervosismo aumentava. O coração acelerava, as mãos transpiravam e ele repassava a coreografia em sua mente. Executando movimentos simples, o rapaz se assegurava de que seu corpo se mantivesse aquecido e bem encaixado, como um jogo de quebra-cabeças.

Os outros competidores possuíam nível altíssimo e faziam apresentações de qualidade ímpar. A professora Jules observava atentamente

todos os participantes. Em determinado momento, ela se aproximou de Gabriel.

— Vão anunciar a sua entrada! — A mulher sorria incentivando o aluno. — Mostre sua técnica, mas não se esqueça de direcionar sua alma, seu coração e seu sentimento por Julie para cada parte de seu corpo, dos fios de cabelo até as pontas dos pés! Arrase!

O bailarino abaixou a cabeça, mostrando aceitar o conselho. Nesse momento, viram o competidor que acabava de deixar o palco; o rapaz estava triste por ter errado passos que lhe garantiriam pontos importantes na competição.

E o grande momento chegou.

— Gabriel Taylor, da escola Juilliard, apresentando-se com o tema “Lembrança de Julie”!

As palmas ecoaram por todo o teatro. As luzes foram diminuídas enquanto o bailarino caminhava até o centro do palco. Ele olhou para o teto e sussurrou.

— É para você, Julie! — Em seguida fechou os olhos e se concentrou.

Um foco de luz foi posicionado sobre Gabriel

no exato momento em que os primeiros acordes do piano soaram. Seguindo as instruções da professora, o rapaz realizou o casamento perfeito entre emoções, movimentos corporais e melodia.

A plateia estava hipnotizada pelos passos executados pelo bailarino. Tomados pelo silêncio, os espectadores seguiam cada detalhe com atenção absoluta. As luzes aumentavam e diminuíam de intensidade, acompanhado os movimentos do jovem. As sequências de *pliés, développés, grand fouettés en tournant, dégagés, grands rond de jambes, rond de jambe en l'air, coupés, battements tendus, attitudes,* e *arabesques* eram comparáveis a um perfume, que invade os sentidos e nos faz sonhar.

Chris observava o filho, pasmo com a mestria e desenvoltura do rapaz. Emocionado ao extremo, o empresário apertou a mão de Ema, que sorria, percebendo que o homem estava encantado pelo filho.

Enquanto dançava, Gabriel sentiu o perfume de Julie, como se ela dividisse o palco com ele. Lembrou-se das palavras repetidas pela namorada e

da primeira vez que dançou para ela. O bailarino já não estava mais no palco, estava junto da pianista, mais uma vez, apresentando-se para ela.

— Estou dançando para você! — Ele sorria enquanto a jovem o observava de perto.

— Eu sei. Acho que escrevi minha partitura para este momento! — A voz suave era como um bálsamo para os ouvidos de Gabriel.

— Lembra-se da primeira vez que dancei para você? — Julie riu. — Você desmaiou! Por favor, não desmaie agora, porque não posso parar de dançar para te socorrer!

— Agora é o momento do salto, Gabriel! — Os olhos da pianista brilhavam.

Inesperadamente, o bailarino saltou e fez uma pirueta, impressionando a todos. A namorada continuava em seus pensamentos e diante dele.

— Sempre um exibicionista! — Ela não parava de sorrir.

— Aprendi com você, *Miss Perfect*! — Ele brincou.

Na plateia, Liza aproximou-se de Thomaz e sussurrou:

— Reparou em como ele está dançando? — Ela continuava com os olhos fixos no rapaz e o amigo estranhou a pergunta. — É como se Julie estivesse no palco com ele... Gabriel está dançando para ela!

A atriz sentiu um arrepio percorrer todo o corpo. Tinha certeza de que a amiga estava lá.

— Em... 3, 2, 1! Agora! — Liza sorria, conferindo o relógio.

No fundo do palco, começaram a surgir imagens de Julie. Momentos do casal e beijos apaixonados foram exibidos diante de todos. Ema se emocionou bastante e Christopher apertou sua mão, oferecendo conforto e carinho.

Gabriel concentrado na dança, absorvendo a energia que emana da música, da plateia e de Julie, à sua frente. Quando a música terminou, o bailarino estava prostrado no chão; aquele movimento finalizava sua apresentação. No telão, uma foto da pianista estava acompanhada da frase: “Viva o seu sonho intensamente. Julie Garrow”.

O bailarino foi aplaudido de pé. Na coxia, todos pararam suas atividades para acompanhar a apresentação de Gabriel. O júri estava abismado

com a técnica e a emoção, magistralmente combinadas naquela *performance*.

A emoção de Gabriel contagiou todos que o assistiram. Em segundos, os gritos puxados por Liza, Thomaz e os outros amigos do bailarino, foram ouvidos, clamando, em uníssono: “Já ganhou! Já ganhou!”

Capítulo 62

Viva intensamente

Ainda estava frio. A neve acumulada na entrada e as caixas amontoadas denunciavam a bagunça que dominava o interior da casa de Ema. Christopher colocava rótulos, indicando o que cada caixa guardava antes que os funcionários da empresa de mudanças as colocassem dentro do caminhão. Ema trazia uma das embalagens do quarto da filha, entregando-a para o empresário.

— É a última? — Ele perguntou e a mulher respondeu afirmativamente. — Ainda bem que a casa é grande, porque esta é a terceira última caixa que você me entrega!

A brincadeira fez com que a mulher risse e o abraçasse.

— Preparada para uma nova vida ao meu lado?

— Ele perguntou, olhando nos olhos de Ema.

Ela confirmou e os dois trocaram um beijo apaixonado. Três semanas atrás, em uma cerimônia discreta, Chris e a mãe de Julie uniram suas vidas. Agora, ela se mudaria de uma cidadezinha no interior, deixando para trás a vida simples e pacata, para recomeçar em Nova York, ao lado do empresário responsável por uma grande empresa. Eram muitas mudanças, mas ela estava preparada para todas.

No andar de cima, Gabriel estava sentado na cama que pertencera a Julie. Observava o quarto em que a jovem viveu. Cada canto do quarto tinha a marca da forte presença da pianista. Colocando a mão no bolso, ele pegou a medalha que ganhou no concurso. Sorrindo, lembrou que tinha algo importante a fazer, e desceu as escadas com pressa.

Quando chegou ao andar de baixo, deparou-se com o pai beijando Ema e tossiu para anunciar sua presença.

— Vocês vão ficar sempre assim? — Ele fingiu uma expressão de desgosto e arrancou risos do casal. — Preciso sair por um momento.

— Para onde vai? — O pai quis saber.

Ema apertou o braço de Chris e voltou a olhar para Gabriel.

— Quer que eu vá com você? — Ela forçava um sorriso.

— Não é preciso! Eu vou sozinho... Mãe! — Gabriel disse emocionado e deixando Ema sem palavras.

Os dois se abraçaram e a mulher beijou o rapaz no rosto. Olhando-o nos olhos, ele articulou silenciosamente: “Meu filho!”. Em seguida, o bailarino saiu pela porta da frente. Christopher perguntou:

— Acha que eu devia ir com ele? — Novamente, o homem tinha medo de tomar uma atitude errada.

— Essa despedida ele terá que fazer sozinho! — Ema colocou a mão no peito, vendo o rapaz se afastando.

— Quando vamos contar a novidade para ele? – Perguntou o empresário.

— Será que ele vai gostar de saber que vai ter um irmão ou uma irmã? — O sorriso iluminou o

rosto de Ema e Christopher acariciou sua barriga.

O táxi parou diante da porta do cemitério e Gabriel saiu. O silêncio do lugar era quebrado pelo o vento, pelo canto de alguns pássaros, que cantavam envergonhados, e pelo som dos seus passos ecoando na neve. Parou ao chegar diante do túmulo onde o corpo de Julie estava.

— Obrigado! — Ele disse, sentindo um misto de amor, tristeza e saudade.

O pedaço de mármore preto e frio continha letras douradas que diziam: “Julie Garrow — De 1999 a 2016 — Filha adorada, pianista maravilhosa e um ser inesquecível. Gratos por poder conviver com você”. A fotografia foi uma das últimas a ser tirada no Central Park, durante o inverno daquele ano. Julie estava radiante. Aquele foi também um de seus últimos momentos na cidade de Nova York. Com cuidado, Gabriel retirou a camada branca de neve que cobria a fotografia; e lá estava ela, encarando-o com um belo sorriso. Ainda era capaz de ouvir suas palavras dizendo: “Promete que vai correr atrás do seu sonho? Prometa-me!”. Como

não prometer algo a uma pessoa especial como ela, em seus momentos finais de passagem na nossa vida?

Apesar de quase um ano ter se passado, Julie ainda estava muito presente na vida de Gabriel. Os momentos que passaram juntos lhe davam ânimo para continuar lutando pelos seus sonhos. Com alguma dificuldade, ele retirou uma medalha de dentro do casaco e a colocou sobre a lápide.

— Eu consegui, Julie Garrow. Eu venci o concurso de dança e, como prometi, estou te entregando minha medalha de campeão em forma de agradecimento. Muito obrigado! — As palavras foram embargadas pelas lágrimas.

O tempo passava, mas a dor ainda era constante em seu jovem coração. As lágrimas rolavam, queimando seu rosto. Em contraste com o frio cortante, o calor do amor que ele sentia permanecia guardado dentro do peito.

— Eu dancei para você naquele palco! E sei que, onde estiver, você me viu dançando! — Ele respirou fundo e limpou as lágrimas no casaco. — Você continua me fazendo falta! Sua ausência

ainda me faz sofrer... Mas, como prometi, dancei para você com a minha alma!

Afastando o excesso de neve que recobria o túmulo, ele depositou um buquê de flores ao lado da medalha. A foto da garota bela e sorridente aumentava o aperto em seu coração. Tomando outra respiração profunda, ele continuou:

— Ninguém imaginou que eu usaria a sua composição. Mas eu queria que, de alguma forma, você estivesse presente. Quando as notas da sua melodia ecoaram pelo teatro, senti como se você estivesse ao meu lado. Foi mágico! Pude ouvir sua voz dizendo: “Força, Gabriel! Mostre o quão especial você é!”. E eu venci. Por mim e por nós. — A respiração do rapaz ficou mais pesada.

Ele permaneceu ali, diante da foto de Julie, que parecia encará-lo de volta.

— Eu vim me despedir. Vou passar uma temporada na Europa estudando dança! Por que você partiu tão rápido? Julie, você saiu no começo da festa e se esqueceu de me ensinar uma forma de continuar me divertindo sem você... — Em uma carícia, ele deslizou os dedos sobre a imagem da

moça. — Eu nunca vou esquecê-la. Sempre irei te amar! Obrigado por acreditar em mim!

Gabriel, com dificuldade, começou a se afastar, caminhando sobre a neve. Voltou a olhar para o túmulo, em uma despedida silenciosa. Suas recordações de Julie não se resumiam àquele lugar. Ela era feita de alegria, amor, felicidade, paz e, acima de tudo, muita luz, mesmo sabendo que iria morrer. Ele foi apenas um acontecimento que não fazia parte dos planos estabelecidos para Julie Garrow, a moça que teve o dom de mudar para sempre a vida de alguém; e que continuaria sendo parte dele, mesmo sem estar presente...

Quem era Julie Garrow? Era alguém que viveu sua vida e seus sonhos intensamente. Mesmo aqueles dos quais tinha medo, como o amor!

Notes

[←1]

Esse é o nome artístico da atriz e cantora. Seu nome de batismo é Barbara Joan Streisand. Confira a biografia oficial de Streisand no site: https://www.biography.com/people/barbra-streisand-9497402 (texto em Inglês).

PERIGOSAS NACIONAIS

[←2]

Senhorita Perfeita.

PERIGOSAS ACHERON